

DEREK LANDY

Sr. Ardiloso Gottês

BRINCANDO COM FOGO



NÃO TENTE FAZER
ISSO EM CASA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

DEREK LANDY

Sr. Ardiloso Cortês

BRINCANDO COM FOGO



NÃO TENTE FAZER
ISSO EM CASA



DEREK LANDY

Tradução de

EDMO SUASSUNA

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Landy, Derek

L255b Brincando com fogo / Derek Landy; tradução de Edmo Suassuna. v. 2
— Rio de Janeiro: Galera Record, 2009.

— (Sr. Ardiloso Cortês; v. 2)

Tradução de: Playing with fire Sequência de: Sr. Ardiloso Cortês ISBN 978-85-01-07900-8

1. Novela irlandesa. I. Suassuna, Edmo. II. Título. III. Série.

CDD: 828. 99153 09-0775

CDU: 811. 111(41)-3

Título original em inglês:

SKULDUGGERY PLEASANT: PLAYING WITH FIRE

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-07900-8

Este livro é dedicado à minha família; porque, caso contrário, eles não iam parar de reclamar. .

Nadine: calor humano, gentileza e consideração. Eu tenho todas essas qualidades.

Audrey: a maior emoção da sua vida provavelmente é o fato de eu ser seu irmão.

Ivan: palavras sem significado como “brilhante”, “incrível” e “inspirador” já foram usadas para me descre-ver, mas nem estão perto de ser o suficiente.

Se qualquer um de vocês pensou que haveria alguma coisa sincera ou emocionada nas suas dedicatórias, permitam-me um momento para rir silenciosamente de vocês. Porque a emoção sincera está reservada para minha vovó.

Chic, este livro também é dedicado a você, por to-do amor e apoio que você me demonstrou ao longo dos anos. Eu te amo muito mais do que qualquer um dos seus outros netos, juro.

MEIO PENDURADA

Valquíria Caos atingiu o parapeito e rolou, sem conseguir parar o movimento, e com um ofegar de pânico desapareceu por sobre a borda.

A torre da igreja era alta e imponente, se erguendo sobre a cidade de Dublin. A brisa noturna era fresca e carregava fragmentos de risadas das ruas abaixo. A queda seria muito longa.

Um homem vestindo um casaco esfarrapado andou até a borda e espiou para baixo. Ele sorriu maliciosamente.

— Isso é um insulto — afirmou ele. — Eles não sabem o quanto sou perigoso? Eu sou muito, muito perigoso. Sou um matador. Sou uma *máquina* treinada para matar. E, ainda assim, eles mandaram *você*. Uma *criança*.

Valquíria sentiu que os dedos estavam escorregando da borda. Ignorou as provocações do homem de pé acima dela e olhou ao redor, em busca de algo em que pudesse se segurar. Olhou em todas as direções, menos para baixo. Para baixo era onde a rua ficava, onde a longa queda e a parada súbita estavam. Ela não queria olhar para baixo. Não queria ter nada a ver com *para baixo* agora.

— Quantos anos você tem? — continuou o homem. — Treze? Que tipo de adulto responsável mandaria uma menina de treze anos para me impedir? Que tipo de lógica é essa?

Valquíria se balançou suavemente na direção da torre, plantando os pés contra um pequeno suporte. O

medo começou a correr por ela e a menina percebeu que estava ficando congelada. Valquíria fechou os olhos contra a onda de paralisia que se aproximava.

O homem era Vaurien Patife, atualmente procurado em cinco países por várias acusações de tentativas de assassinatos. Ele se agachou junto à

beirada e sorriu, feliz.

— Estou transformando o assassinato numa forma de arte. Quando eu . . . quando *mato*, estou na realidade pin-tando um quadro muito, muito grande, usando sangue e, e . . . sujeira. Sabe?

Abaixo de Valquíria, a cidade cintilava.

— Sou um artista — continuou Patife. — Algumas pessoas não apreciam isso. Algumas pessoas não reco-nhecem o verdadeiro talento quando o veem. E isso não é problema. Não estou magoado. Minha hora vai chegar.

— Serpênteo tentou trazer os Sem Rosto de volta — Valquíria conseguiu dizer. Os dedos dela estavam ardendo e os músculos da perna gritavam de dor. — Nós o derrotamos. Vamos derrotar você também.

Vaurien riu.

— O quê, você acha que quero que os velhos deuses andem pela terra novamente? É isso? Acha que Nefasto Serpênteo era o meu líder? Eu não sou um dos seus discípulos malucos, está bem? Sou independente.

Valquíria tinha uma única chance, mas precisava permanecer calma para se aproveitar dela. Seus poderes, mesmo que limitados, eram Elementais: a manipulação de terra, ar, fogo e água. Mas, neste seu estágio do treinamento, eles não funcionavam quando ela estava em pânico.

— Então, se você não quer que os Sem Rosto re-tornem — retrucou ela —, o *que* você realmente quer? Por que está fazendo isso?

O adversário balançou a cabeça.

— Você não entenderia. É coisa de gente grande.

Quero apenas algum reconhecimento pelo meu valor, só isso. Não é pedir muito, é? Mas é claro, você não saberia.

É apenas uma criança. — Ele deu de ombros. — Ah, bem. Hora de morrer. — Patife estendeu os braços para empurrá-la.

— Você já matou alguém? — perguntou Caos rapidamente.

— O quê? Não ouviu o que eu disse, de como vou transformar o assassinato numa forma de arte?

— Mas você nunca chegou a *matar* ninguém de verdade, não é? Eu li sua ficha.

Vaurien olhou furiosamente para a menina.

— Tecnicamente, é, tudo bem, talvez eu não tenha matado ninguém mesmo, mas chegou a hora. Você vai ser a minha primeira vítima.

A menina se preparou, controlando a respiração.

— Encontre o espaço onde tudo se conecta — murmurou ela. Patife franziu o cenho.

— O quê?

Valquíria se impulsionou para cima com as pernas, soltando a mão direita da beirada e sentindo o ar contra a palma. Ela o empurrou como tinha sido ensinada, e o ar tremeluziu e atingiu Patife, atirando-o para trás. Valquíria agarrou a borda do parapeito, com as pernas balançando soltas no ar. Ela grunhiu e se puxou para cima, e depois jogou o braço esquerdo por sobre a borda e se ergueu até subir. Valquíria se levantou, enquanto braços e pernas tremiam com o esforço, e andou para longe da borda. O

vento soprava seu cabelo negro pelo rosto.

Patife já estava se levantando, e Valquíria viu a raiva dominar seu rosto. A menina estalou os dedos, gerando uma fagulha que segurou na mão. Tentou se concentrar para transformar a fagulha numa chama, mas seu adversá-

rio estava correndo na direção dela como um trem de carga. Valquíria saltou e jogou os dois pés para a frente.

Suas botas atingiram o peito do vilão, que caiu novamente, estatelado. Ele se virou para a menina no momento em que ela lhe acertou um chute na

mandíbula. Seu corpo se torceu e ele rolou para trás, se levantou e perdeu o equilí-

brio, caindo novamente. Vaurien cuspiu sangue e olhou com raiva para Valquíria.

— Sua pirralha — rosnou ele. — Sua *pirralha* arrogante e artilosa. Você não sabe com quem está se metendo, sabe? Vou me tornar o maior matador que o mundo já conheceu. — Patife se levantou lentamente, limpando o lábio ferido com a manga. — Quando acabar com você, vou entregar seu corpo mutilado e sangrento para seus mestres, como um aviso. Eles mandaram você me enfrentar sozinha. Da próxima vez, terão de mandar um batalhão. Valquíria sorriu, atijando a raiva de Patife.

— *O que diabos é tão engraçado?*

— Em primeiro lugar — disse a menina, cada vez mais confiante —, eles não são meus *mestres*. Eu não tenho um *mestre*. Em segundo lugar, eles não precisam de um batalhão para derrotá-lo. E, em terceiro lugar — e este realmente é o ponto mais importante — quem foi que disse que eu vim sozinha?

Patife franziu o cenho, se virou e viu alguém vindo por trás dele: um esqueleto de terno preto. Tentou atacá-lo, mas um punho enluvado atingiu seu rosto, um pé acertou sua canela e um cotovelo se chocou contra seu peito. O bandido caiu, formando um montículo desajeitado.

O Sr. Artiloso Cortês virou-se para Valquíria.

— Você está bem?

— Vou matar vocês dois! — Patife uivou.

— Cale-se — respondeu Artiloso.

Patife se lançou para a frente e Artiloso moveu-se contra ele, agarrando seu braço estendido e girando o oponente, e então o parou abruptamente

acertando o antebraço na garganta dele. Patife deu um salto mortal no ar e aterrissou dolorosamente. Ardiloso voltou-se para Valquíria novamente.

— Estou bem — respondeu ela. — Mesmo. Patife levou as mãos ao rosto.

— Acho que você quebrou o meu nariz! — A dupla o ignorou.

— Ele fala muito — afirmou Valquíria. — Mas acho que ele não sabe o que todas essas as palavras querem dizer.

Patife levantou-se num pulo.

— Eu sou o Matador Supremo! Eu transformo o assassinato numa forma de arte!

Ardiloso bateu nele novamente e Patife deu uma giradinha antes de cair.

— Vaurien Patife — anunciou o detetive. — Pelo poder a mim conferido pela Regra de Justiça do Santuário, estou lhe prendendo pela tentativa de assassinato de Alexander Remetente e Sofia Labuta em Oregon, Coturno Ode e Aneleiro Janota em Sydney, Gregory Castelão e Bartolomeu. .

Patife tentou um último ataque desesperado, que Ardiloso interrompeu com um soco bem forte no nariz. O

Matador Supremo balançou, caiu e começou a chorar.

2

ASSASSINO À SOLTA

O carro era um Bentley Tipo R Continental ano 1954. Ele cortava a noite silenciosa de Dublin como um tubarão negro, reluzente e poderoso. Era um belo carro. Valquíria tinha passado a amá-lo quase tanto quanto Ardiloso o amava. Eles viraram na O'Connell Street, passaram pela Spire e pelo monumento Pearse. Patife estava sentado no banco de trás e reclamava que os grilhões estavam apertados demais. Eram quatro horas da madrugada. Valquíria lutou contra um bocejo.

A essa hora, há um ano, ela estaria na cama, debaixo dos cobertores, sonhando com . . . bem, com o que quer que fosse que sonhava naquela época. As coisas eram muito diferentes agora, e ela tinha sorte de conseguir algumas horas de sono por noite. Se não estivesse encarando malucos como Patife, Valquíria estaria treinando o uso de magia, e se não estivesse treinando magia, estaria treinando luta com Ardiloso ou Tanith Low. Nos dias de hoje, sua vida era muito mais empolgante, muito mais divertida e muito mais perigosa. Na verdade, uma das maiores desvantagens da nova vida era o fato de Valquíria raramente sonhar com os anjinhos. Quando dormia, eram os pesadelos que apareciam. Esperavam pacientemente, e estavam sempre dispostos a brincar.

Mas aquele era o preço a ser pago, Valquíria argumentou. O preço de uma vida de aventura e empolgação.

Os donos do Museu de Cera fecharam o lugar depois dos eventos do ano anterior e organizaram uma versão improvisada do Santuário dos Anciãos em outro lugar da cidade. O novo prédio erguia-se silenciosamente ao lado dos vizinhos, humilde e monótono, e suas portas principais estavam sempre fechadas, trancadas e seladas.

Mas Valquíria e Ardiloso nunca tinham usado as portas principais, de qualquer maneira.

Eles estacionaram na área de carga e descarga atrás e levaram Patife pela porta dos fundos. Os corredores eram mal iluminados, e o trio passou por entre as solitá-

rias figuras históricas e ícones do cinema que tinham sido abandonados, juntando poeira. Valquíria passou a mão na parede para encontrar o interruptor, e a porta se abriu ao seu lado. Ela foi na frente, descendo os degraus, e sua mente voltou ao verão do ano anterior, quando ela entrou no vestibulo do Santuário, coberto de cadáveres.

Hoje, porém, não havia cadáveres à vista. Dois Talhadores mantinham guarda diante da parede oposta, vestidos de cinza da cabeça aos pés, com as foices amarradas nas costas e elmos fechados virados diretamente para a frente. Os Talhadores trabalhavam como os protetores da lei e soldados do Santuário. Silenciosos e letais, eles ainda provocavam arrepios em Valquíria.

As portas duplas à esquerda do grupo se abriram e o novo Grande Mago, Túrido Grêmio, entrou por elas.

Ele parecia estar na casa dos sessenta, com cabelos grisalhos e cada vez mais raros, rosto enrugado e olhos gélidos.

— Vocês o encontraram, então — comentou Grêmio. — Antes ou depois que ele conseguisse matar alguém?

— Antes — respondeu Ardiloso. Grêmio grunhiu e fez um gesto para os Talhadores. Eles deram um passo à frente e Patife se encolheu na direção oposta. Os soldados seguraram o criminoso firmemente pelos braços e ele não resistiu. Vaurien até mesmo parou de choramingar sobre o nariz quebrado enquanto era levado.

Valquíria olhou novamente para Grêmio. Ele não era um homem amistoso de forma alguma, mas parecia especialmente constrangido perto dela, como se ainda não tivesse certeza se deveria levá-la a sério. O Grande Mago

costumava se dirigir diretamente a Ardiloso, e só dava uma olhada em Valquíria quando ela fazia alguma pergunta.

— Surgiu uma situação que exige a sua atenção — anunciou Grêmio. — Por aqui.

Ardiloso caminhou ao lado do Grande Mago, mas Valquíria os seguiu dois passos atrás. Grêmio tinha assumido a posição de líder do Conselho dos Anciãos, mas ainda precisava selecionar os dois feiticeiros que governariam a seu lado. Era um processo longo e árduo, aparentemente, mas Valquíria achava que sabia quem seria a primeira opção de Grêmio. Ele era um homem que res-peitava o poder, afinal de contas, e havia poucos no mundo mais poderosos que o Sr. Êxtase.

O trio chegou a uma sala com uma longa mesa, e o Sr. Êxtase se levantou — careca, alto e de ombros largos, com olhos de um azul penetrante.

— Trago notícias perturbadoras — anunciou Êxtase, indo direto ao ponto, como de costume. — Parece que o Barão Vingança foi libertado das instalações de confinamento na Rússia.

Ardiloso ficou em silêncio por um momento.

Quando finalmente falou, o fez lentamente.

— E como foi que ele saiu?

— Violentamente, pelos relatórios que estamos recebendo — comentou Grêmio.

— Nove Talhadores foram assassinados, além de aproximadamente um terço dos prisioneiros. A cela dele, como todas, estava atada de modo seguro. Ninguém poderia ter sido capaz de usar magia em nenhuma delas.

Valquíria ergueu uma sobrancelha e Ardiloso respondeu à sua pergunta velada.

— O Barão Vingança era um dos infames Três Generais de Malevolente. Terrivelmente fanático, extremamente inteligente e muito, muito perigoso. Eu

o vi *olhar* para um colega meu e este. . se rompeu.

— Rompeu?

Ardiloso assentiu com um aceno da cabeça.

— Para todos os lados. — O detetive se voltou pa-ra Grêmio.

— Nós já sabemos quem o libertou?

O Grande Mago balançou a cabeça negativamente.

— De acordo com os russos, uma das paredes da sua cela estava rachada. Ainda sólida, mas rachada, como se algo a tivesse atingido. É a única pista que temos no momento.

— A localização da prisão é um segredo muito bem guardado

— afirmou Êxtase. — Ela é bem escondida e bem guardada. Quem quer que esteja por trás disso, teve acesso a informações internas.

Grêmio fez uma careta.

— Isso é problema dos russos, não nosso. A única coisa com que temos de nos preocupar é capturar Vingança. — Acha que ele virá para cá, então? — perguntou Valquíria.

Grêmio olhou para ela e a menina viu que ele cerrou o punho. O Ancião provavelmente nem percebeu o que estava fazendo, mas isso sinalizou a Valquíria que ele ainda não gostava dela.

— Vingança voltará para casa, sim. Ele tem história aqui. — O Grande Mago olhou para Ardiloso. — Já mandamos nosso pessoal aos aeroportos e docas de todo o país, na esperança de impedir que ele venha para cá. Mas você sabe melhor que ninguém o quão difícil é. . conter o Barão.

— De fato — murmurou Ardiloso.

— Creio que podemos presumir — continuou Grêmio — que, se o Barão Vingança já não está aqui, en-tão chegará em breve. Você o prendeu oitenta anos atrás.

Estou confiando em você para repetir o feito.

— Farei o melhor possível.

— Faça melhor que isso, detetive.

Ardiloso observou Grêmio por um momento antes de responder:

— É claro, Grande Mago.

Grêmio o dispensou com um aceno seco e, no que eles estavam caminhando de volta pelos corredores, Valquíria falou.

— Grêmio não gosta de mim.

— Isso é verdade.

— Ele também não gosta de você.

— Isso é um mistério.

— Então, e quanto a Vingança? É uma má notícia?

— A pior. Não acho que ele tenha se esquecido da vez em que joguei um maço de dinamite nele. Isso não o matou, é claro, mas definitivamente arruinou o dia dele.

— Ele está todo cheio de cicatrizes agora?

— A magia pode livrar uma pessoa da maioria das cicatrizes *físicas*, mas gosto de pensar que lhe deixei marcas emocionais.

— E que tal medi-lo na escala dos Vilões do Mal?

Dez sendo Serpênteo, um sendo Patife?

— O Barão, infelizmente, eleva a escala até o onze.

— Sério? Porque, você sabe, isso é um a mais de maldade.

— É, de fato.

— Então estamos com problemas.

— Ah, sim — concordou Ardiloso, de maneira sombria.

3

VINGANÇA

A primeira coisa que o Barão Vingança fez ao botar o pé em solo irlandês foi matar alguém. Preferia ter chegado sem incidentes, descer do barco e desaparecer na cidade, mas foi obrigado a agir. Ele fora reconhecido.

O feiticeiro o tinha visto, distinguido sua figura em meio à multidão no desembarque. Vingança tinha se distanciado do tumulto, levando o feiticeiro a um lugar quieto, sem movimento. Foi uma morte fácil. Ele pegou o mago de surpresa. Depois de uma rápida luta, o braço de Vingança estava envolvendo o pescoço da vítima.

Ele nem precisou usar mágica.

Depois que se livrou do corpo, Vingança caminhou Dublin adentro, gozando novamente a liberdade após tantos anos.

Ele era alto e seu peito era largo, com uma barba do mesmo cinza-metálico dos cabelos. Suas roupas eram escuras, com os botões do terno polidos até brilharem, e suas botas estalavam nas calçadas iluminadas. Dublin tinha mudado drasticamente desde que ele esti-vem lá pela última vez. O mundo tinha mudado drasticamente.

O Barão ouviu passos silenciosos atrás de si. Parou sem se virar. O homem de preto teve de contorná-lo para ficar diante dele.

— Barão — saudou o homem.

— Você se atrasou.

— Estou aqui, e isso é o mais importante. Vingança olhou o homem nos olhos.

— *Eu não tolero insubordinação, Sr. Crepúsculo. Talvez você tenha se esquecido disso.*

— *Os tempos mudaram — respondeu Crepúsculo, evasivo.*

— *A guerra acabou.*

— *Não para nós.*

Um táxi passou, e os faróis iluminaram temporariamente o rosto pálido e os cabelos negros de Crepúsculo.

— *Sanguíneo não está com você — notou ele. Vingança continuou andando, com Crepúsculo a seu lado.*

— *Ele se juntará a nós em breve, não tema.*

— *Tem certeza que podemos confiar nele? Aprecio o fato de ele ter soltado você da prisão, mas levou oitenta anos para fazê-lo.*

Se Crepúsculo fosse qualquer outro homem, tal comentário seria o ápice da hipocrisia, já que ele mesmo também não tinha levantado um dedo para ajudar Vingança. Mas Crepúsculo não era qualquer outro homem. Crepúsculo mal era um homem, e, assim sendo, a lealdade não fazia parte da sua natureza. Um certo nível de obediência, talvez, mas não a lealdade. Por causa disso, Vingança não nutria nenhum ressentimento em relação a ele.

O ressentimento que ele nutria quanto a Sanguíneo, por outro lado. .

A respiração de Crepúsculo ficou difícil. Ele pôs a mão no bolso do casaco e puxou uma seringa, em seguida metendo a agulha no antebraço. O homem pressionou o êmbolo, forçando o líquido des-colorido na sua corrente sanguínea e, alguns instantes depois, estava respirando regularmente outra vez.

— *Fico feliz em ver que você ainda está no controle — observou Vingança.*

Crepúsculo guardou a seringa.

— *Eu não lhe seria muito útil se não estivesse, seria? O que precisa que eu faça?*

— *Haverá alguns obstáculos para o nosso trabalho, alguns inimigos que, sem dúvida, teremos de enfrentar. O detetive-esqueleto, por exemplo. Aparentemente, ele tem uma nova aprendiz agora; uma garota de cabelos escuros. Você vai esperar por eles do lado de fora do Santuário e vai segui-los e, quando ela estiver sozinha, você a trará para mim.*

— *É claro.*

— *Viva, Crepúsculo.*

Houve um momento de hesitação.

— *É claro — repetiu Crepúsculo.*

4

A BELA, A FERA

Eles deixaram o Santuário e atravessaram a cidade de carro, até que chegaram a uma rua de feios prédios de apartamentos. Ardiloso estacionou o Bentley, enrolou o cachecol ao redor da mandíbula, puxou o chapéu bem baixo e saiu. — Percebi que você não mencionou que fui atirada para fora de uma torre hoje à noite — Valquíria comentou enquanto eles atravessavam a rua.

— E precisava mencionar? — inquiriu Ardiloso.

— Patife me atirou de uma torre. Se *isso* não precisa ser mencionado, então o que precisa?

— Eu sabia que você daria um jeito.

— Era uma *torre* — Valquíria entrou num prédio de apartamentos com Ardiloso logo atrás.

— Você já foi jogada de lugares mais altos — afirmou Ardiloso.

— Sim, mas você sempre estava lá para me pegar.

— Então você aprendeu uma lição importante; haverá momentos em que eu não estarei lá para pegar você.

— Viu, isso me parece uma lição que você poderia ter me *ensinado*.

— Bobagem. Desse jeito você nunca mais esquecerá.

Ardiloso removeu o disfarce enquanto a dupla subia as escadas. Ao alcançar o segundo andar, Valquíria parou e se virou para o detetive.

— Isso foi um teste? — indagou ela. — Quero dizer, sei que ainda sou nova nesse ramo, ainda sou uma principiante. Você demorou a chegar para me testar, para ver se eu seria capaz de me virar sozinha?

— Bem, mais ou menos — respondeu Ardiloso. — Na verdade, não, não foi nada disso. O cadarço do meu sapato estava desamarrado. Foi por isso que demorei. Por isso que você ficou sozinha.

— Eu quase morri porque você estava amarrando o seu *cadarço*?

— Um cadarço desamarrado pode ser perigoso — defendeu-se Ardiloso. — Eu poderia ter tropeçado.

Ela o encarou. Um momento se arrastou.

— Estou brincando — afirmou o detetive, afinal.

Valquíria relaxou.

— É mesmo?

— Claro. Eu jamais teria tropeçado. Sou gracioso demais.

Ele passou por ela, que o olhou furiosamente, e depois o seguiu até o terceiro andar. Os dois andaram até a porta do meio e um homem pequeno com grandes óculos redondos e uma gravata-borboleta a abriu e os deixou entrar.

A biblioteca era um vasto labirinto de altas estantes de livros, um lugar onde Valquíria conseguiu se perder não menos que onze vezes. Ardiloso parecia se divertir imensamente quando ela se deparava com um beco sem saída ou, melhor ainda, de volta onde tinha começado, então ela o deixava escolher o caminho.

Porcelana Tristeza passou diante deles, usando um terno escuro com o cabelo preso para trás. Ela parou e sorriu ao vê-los. Porcelana era a mulher absolutamente mais bela que Valquíria jamais tinha visto, e tinha o hábito de fazer as pessoas se apaixonarem por ela à primeira vista.

— Ardiloso — saudou Porcelana. — Valquíria.

Tão bom ver vocês dois. O que traz os estimados investigadores do Santuário de volta à minha porta? Presumo que isto *seja* assunto do Santuário?

— Presume corretamente — concordou Ardiloso.

— E tenho certeza que você já sabe por que estamos aqui.

O sorriso da mulher se tornou reservado.

— Deixe-me pensar. . Um certo barão re-cém-liberado? Vocês querem saber se eu ouvi algum rumor particularmente suculento?

— Você ouviu? — indagou Valquíria.

Porcelana hesitou, olhou ao redor e sorriu novamente para eles.

— Vamos conversar com privacidade — disse, guiando-os para fora da biblioteca até seu luxuriante apartamento no outro lado do corredor. Depois que Ardiloso fechou a porta, a mulher se sentou.

— Diga-me, Valquíria — começou ela —, o quanto você sabe sobre o Barão Vingança?

Valquíria se sentou no sofá, mas Ardiloso permaneceu de pé.

— Não muita coisa. Ele é perigoso. Isso eu sei.

— Ah, sim — concordou Porcelana, com os olhos azuis cintilando sob a luz elétrica. — Muito perigoso. Ele é um seguidor fanático dos Sem-Rosto, e não há nada mais perigoso que um fanático religioso. Junto com Nefasto Serpênteo e Lorde Vil, Vingança era um dos generais de confiança de Malevolente. Era designado para as operações mais secretas. Já ouviu falar no Grotesqueiro, querida? — Valquíria balançou a cabeça.

— Antes de ser capturado, o Barão Vingança recebeu a tarefa de ressuscitar um Sem-Rosto a partir dos restos encontrados numa tumba há muito

esquecida.

Valquíria franziu o cenho.

— Isso é possível? Trazer um deles de volta à vida depois de tanto tempo?

Foi Ardiloso que a respondeu.

— Trazer um Sem-Rosto de volta *inteiro* foi algo que estava além das habilidades dele, portanto Vingança combinou os restos com partes e órgãos de outras criaturas, formando um híbrido, que ele chamou de Grotosqueiro. Mas ainda assim havia um ingrediente faltando.

Porcelana assumiu a dianteira.

— Dois ingredientes, na verdade. Primeiro, o Barão precisaria do poder de um Necromante para revivê-lo e então, uma vez que estivesse vivo, ele precisaria de algo para mantê-lo assim.

— Quando Lorde Vil morreu, Vingança pensou que poderia controlar o poder dele. Vil era um necromante, um praticante de magia da morte; magia das sombras.

Um dos costumes dos necromantes é colocar a maior parte do seu poder num objeto, uma arma ou, neste caso, na sua armadura.

— Então, se Vingança vestisse essa armadura — comentou Valquíria —, ele teria todo o poder de Vil. .

— Mas o Barão não encontrou a armadura — afirmou Ardiloso. — Lorde Vil morreu sozinho, e sua armadura se perdeu.

— E quanto ao outro ingrediente que faltava? Ele descobriu o que seria?

Porcelana respondeu.

— Pelo que fiquei sabendo, sim, ele descobriu.

— Então o que é?

— Ele sabe. Nós não.

— Ah.

— Felizmente para nós, e para o mundo em geral, Ardiloso estava na área para frustrar esses planos antes que Vingança pudesse encontrar a armadura e recuperar esse ingrediente misterioso. Ele seguiu o Barão até um esconderijo inimigo conhecido e o trouxe à justiça, naquela que se tornou uma das batalhas mais comentadas de toda a guerra. Ardiloso ficou gravemente ferido na luta, se me lembro corretamente.

Valquíria olhou para Ardiloso, que cruzou os braços.

— Isso virou uma aula de história — afirmou ele.

— Por que estamos falando disso?

— Porque — Porcelana respondeu com um sorriso — ouvi falar que esse ingrediente final desconhecido, seja lá o que for, foi finalmente recuperado, ou pelo menos localizado, pelos associados do Barão.

A cabeça de Ardiloso se inclinou.

— Quem *são* esses associados?

— Nem eu sei.

— Então, se Vingança agora tem o ingrediente secreto — perguntou Valquíria, preocupada —, ele pode reviver o, ahn, Grotos Coisa?

— Grotosqueiro — corrigiu Porcelana.

— E a resposta é não — afirmou Ardiloso. — É

impossível. Ele precisaria da armadura de Vil, coisa que ele não tem.

— Mas e se ele *tivesse*, e revivesse essa coisa, o que ela poderia fazer? A gente seria capaz de derrotá-la?

Ardiloso hesitou por uma fração de segundo.

— A ameaça que o Grotosqueiro ofereceria seria um pouco maior que isso. Teoricamente, ele seria capaz de invocar os Sem-Rosto de volta a este mundo ao abrir um portal entre as realidades.

— Um portal? — indagou Valquíria, sem acreditar muito.

— Sim, mas o Grotosqueiro teria de estar com força total para fazê-lo, e isso não vai acontecer.

— Por que não?

— Foi necessário providenciar um coração para ele, mas o único que serviria era o coração de um Ku Gealach.

— Como?

— Kú na Gealaí Duibhe — pronunciou Porcelana —, para lhe dar seu título completo em irlandês. Eles *ainda* ensinam gaélico nas escolas?

— Sim, isso quer dizer. . É Cão Negro de alguma coisa, certo?

— Quase. Cão da Lua Negra. Criaturas terríveis.

Estão praticamente extintos agora, mas eram coisas implacáveis, selvagens.

— Coisas implacáveis e selvagens — continuou Ardiloso — que só eram implacavelmente selvagens por uma noite a cada tantos anos, durante um eclipse lunar.

Então não importa quanto poder Vingança enfiar naquela coisa, o Grotosqueiro não será poderoso o bastante para abrir um portal até que a Terra, a Lua e o Sol se alinhem, o que não acontecerá pelas próximas...

— Duas noites — completou Porcelana.

Ardiloso fraquejou e sua cabeça se inclinou para a frente.

— Bem, isso é *ótimo* — murmurou ele.

Mais tarde, na estrada de volta a Haggard, Valquíria se virou para Ardiloso.

— Então, uma batalha lendária, hein? Ardiloso virou a cabeça para a menina.

— Como?

— A batalha entre você e Vingança, a batalha lendária. O que aconteceu?

— Nós lutamos.

— Mas por que essa foi uma das batalhas mais comentadas da guerra?

— Não sei — respondeu Ardiloso. — Talvez as pessoas não tivessem mais nada do que falar.

— Porcelana disse que você foi ferido gravemente.

É por isso que você não gosta dele? Só porque você foi ferido?

— Eu não gosto dele porque ele é mau.

— Então não tem nada a ver com ele ter ferido você? — Ele é mau — afirmou Ardiloso, ranzinza.

Eles ficaram na autoestrada por mais cinco minutos, e em seguida pegaram uma estrada secundária. As vias ficaram mais estreitas e cheias de curvas entre os campos escuros e as casas solitárias, e então as luzes alaranjadas dos postes apareceram dos dois lados e eles estavam entrando na cidade de Haggard. Eles alcançaram o píer, e o Bentley parou.

— Amanhã será um grande dia — afirmou Valquí-

ria. Ardiloso deu de ombros.

— Talvez sim. Talvez não. Se pudermos manter Vingança fora do país, não teremos nada com que nos preocupar.

— E se não pudermos?

— Então teremos muito com que nos preocupar, e vou precisar de você descansada e alerta.

— Senhor, sim, senhor — respondeu ela, erguendo uma sobrancelha zombeteira. Abriu a porta e saiu e, momentos mais tarde, as lanternas traseiras do Bentley desapareceram na escuridão.

Valquíria ficou parada junto ao píer por um momento, observando o mar negro se chocando contra as pedras e brincando com os barquinhos atracados por perto. Ela gostava de observar o mar. Seu poder fazia com que ela se sentisse segura.

No tempo em que Valquíria Caos ainda se chamava Stephanie Edgley, ela não sabia muito sobre a vida fora de Haggard. Era uma cidade pequena, entocada na costa leste da Irlanda, e as coisas por lá eram sempre quietas e pacíficas e muito, muito *chatas*.

Tudo aquilo mudara quando Nefasto Serpênteo assassinou seu tio. Gordon era um escritor de sucesso, um autor de livros de terror e fantasia, mas era também um homem que conhecia o Grande Segredo. Ele sabia da subcultura de feiticeiros e magos, das guerrinhas silenciosas que eles travavam. Gordon sabia dos Sem-Rosto — os terríveis deuses das trevas exilados deste mundo — e das pessoas que queriam que eles retornassem.

Nos dias que se seguiram, Stephanie conheceu o detetive-esqueleto e descobriu que vinha de uma linhagem sanguínea que podia ser ligada aos primeiros feiticeiros do mundo, os Antigos. Também teve de encarar a tarefa de escolher um novo nome. Todo mundo, Ardiloso explicou, tinha três nomes; o nome com o qual você nascia, o nome que lhe era dado e o nome que você escolhia. O nome com o qual se nasce, seu nome verdadeiro, jaz enterrado profundamente no seu inconsciente. O nome dado, geralmente

pelos pais, é o único que a maioria das pessoas chegará a conhecer. Mas esse nome pode ser usado contra a própria pessoa, então os feiticeiros precisam escolher um terceiro nome para se proteger.

E assim Stephanie Edgley se tornou Valquíria Caos e se iniciou na longa estrada para se tornar uma Elemental — ela começou a aprender mágica.

Valquíria se esgueirou por trás da própria casa, parou diretamente abaixo da janela do seu quarto e se concentrou. Até algumas semanas atrás, ela precisara de uma escada para subir até o quarto, mas, a cada lição que recebia de Ardiloso, ela adquiria mais controle sobre os poderes.

Ela não se apressou, sentindo a calma fluir pelo seu ser. Valquíria flexionou os dedos, sentindo o ar tocando sua pele, sentindo as linhas de falha entre os espaços. Sentiu como eles se conectavam e reconheceu como cada um afetaria o outro quando a quantidade certa de pressão fosse aplicada. .

Valquíria abriu todos os dedos para baixo, o ar ondulou, e ela foi lançada para cima, agarrando o parapeito da janela por pouco.

Ainda errava a pontaria ocasionalmente, mas estava melhorando. Abriu a janela e, grunhindo com o esforço, se puxou para dentro. Movendo-se o mais silenciosamente possível, fechou a janela atrás de si e acendeu a luz.

Ignorou a garota que estava sentada na sua cama, aquela que era uma réplica exata de si. Valquíria foi até a porta, encostou a orelha e escutou. Segura de que os pais estavam profundamente adormecidos, Valquíria tirou o casaco quando a réplica se levantou.

— Seu braço — disse a coisa. — Está com um ro-xo.

— Tive uma pequena escaramuça com um vilão — respondeu Valquíria, mantendo a voz baixa. — Como foi o seu dia?

— A escola foi legal. Fiz todo o dever de casa, menos o último problema de matemática. Eu não sabia como fazer aquilo. Sua mãe fez lasanha pro jantar.

Valquíria tirou as botas com um chute.

— Nada de estranho aconteceu?

— Não. Um dia bem normal.

— Ótimo.

— Está pronta para continuar sua vida?

— Estou.

O reflexo assentiu com a cabeça, foi até o espelho de corpo inteiro e entrou, em seguida se virando e esperando. Valquíria tocou o espelho e um dia inteiro de memórias invadiu sua mente enquanto o reflexo se alterou, com as roupas que Valquíria vestia aparecendo nela, e então ela não era nada além de uma imagem refletida num espelho.

Valquíria repassou as novas memórias, organizando-as ao lado das memórias que formara sozinha. Houve uma aula de orientação vocacional na escola. A professora tentara fazer os alunos declararem o que queriam ser quando saíssem da escola, ou pelo menos o que gostariam de estudar na faculdade. Ninguém fazia idéia, é claro. O

reflexo também ficara calado.

Valquíria pensou nisso. Ela não *precisava* realmente de uma carreira normal, afinal de contas. Iria herdar os bens de Gordon e todos os direitos autorais quando completasse dezoito anos, de qualquer maneira, então nunca ficaria sem dinheiro. Além disso, que tipo de carreira a interessaria fora da magia? Se tivesse estado naquela aula, sabia o que teria respondido. *Detetive*. Aquilo teria provocado algumas risadas ocultas pela sala, mas ela não teria se incomodado.

A grande diferença entre Valquíria e seus amigos não era a magia, ela sabia; e também não era a aventura.

Era o fato de que ela sabia o que queria fazer da vida, e já estava fazendo.

Valquíria se despiu, colocou a camisa do time de futebol de Dublin e se deitou. Vinte segundos depois, estava adormecida.

O TERROR DE LONDRES

Uma silhueta sombria esvoaçou alto sobre as ruas de Londres, movendo-se de telhado em telhado, girando e se torcendo e saltando no ar. Não usava sapatos e seus passos eram leves, sua passagem não mais que um sussurro, carregado pela brisa noturna. Cantava para si mesmo enquanto se movia, e ria uma risada aguda. Estava vestido de preto, com uma cartola gasta que permanecia empoleirada na sua cabeça, não importando quais feitos acrobáticos executasse. Seu terno estava rasgado, velho e bolorento, e os longos dedos das mãos terminavam em unhas longas e enrijecidas.

O ser aterrissou sobre uma perna só na beirada de um telhado e ali ficou, com o corpo magricelo encolhido.

Olhou para baixo, para a Charing Cross Road, para as pessoas que caminhavam abaixo, para os carros que passavam velozes. Com os lábios rachados fazendo bico e os pequenos olhos em movimento, o ser examinou as pessoas em oferta, fazendo uma escolha.

— Jack.

O ser se virou rapidamente e viu a jovem mulher que caminhava na sua direção. Seu longo casaco estava fechado e a brisa brincava com seus cabelos louros emaranhados, puxando alguns fios para a frente do seu rosto.

E que rosto lindo. Jack não via um rostinho tão belo havia anos. Seus lábios se abriram, mostrando pequenos dentes amarelos, e ele mostrou seu melhor sorriso.

— Tanith — disse o ser numa voz aguda e forçada, num sotaque que era uma mistura do leste de Londres com . alguma outra coisa, uma coisa irreconhecível. — Você está linda.

— E você está repulsivo.

— Você é muito gentil, tenho certeza. O que lhe traz ao meu cantinho da floresta?

Tanith Low balançou a cabeça.

— Não é mais o seu cantinho da floresta, Jack. As coisas mudaram. Você não deveria ter voltado.

— E pra onde eu iria? Lar dos Idosos? Retiro dos Artistas? Sou uma criatura da noite, meu amor. Sou Jack Saltador, não sou? Meu lugar é aqui fora.

— Seu lugar é numa cela. Jack riu.

— Eu? Aprisionado? Por qual crime?

— Você quer dizer, fora assassinato?

Jack virou a cabeça de modo a olhar para Tanith com o canto do olho.

— Isso ainda é ilegal, então?

— Sim, ainda é.

Tanith abriu o casaco, revelando a espada ao lado da perna.

— Você está preso.

Jack riu novamente, deu um salto mortal, aterrissou sobre o pé direito e sorriu maliciosamente para Tanith.

— Agora *isso é* novidade. Você estava sempre metendo o nariz onde não era chamada, sempre distribuindo o que pensava que era justiça, mas você nunca *prende* ninguém. Você é uma tira de verdade, agora, é isso? Entrou pra polícia?

— Desista, Jack.

— Com os diabos, você é tira mesmo. Estou impressionado. O ser inclinou a cabeça, olhando para Tanith com aqueles olhinhos dele.

— O que você costumava dizer, antes que as coisas ficassem bem violentas?
“Venha me encarar. . “

— Se você acha que é durão o suficiente. Jack sorriu maliciosamente.

— Você acha?

Tanith tirou a espada da bainha. A arma foi banhada pela luz da Lua e reluziu, e Tanith encarou Jack sem expressão.

— Vou deixar que você decida isso. E Jack Saltador *saltou*. Ele girou sobre Tanith, que se virou, desviando do ataque das unhas endurecidas, movendo-se novamente ao aterrissar, mal evitando o golpe de retorno e girando para encarar Jack, no que ele atacou novamente.

Jack afastou a espada com uma pancada para o lado e seu pé direito acertou a coxa de Tanith, com as unhas se cravando, e ele continuou subindo, se ajoelhando nos ombros dela. Tanith agarrou o pulso do ser para evitar as unhas. Ela cambaleou, incapaz de suportar o peso, mas Jack saltou antes que sua oponente se chocasse contra o telhado, aterrissando graciosamente enquanto Tanith rolava, ficando de cócoras. Ele saltou para atacá-la novamente.

Os dois rolaram juntos. Jack ouviu a espada retinir ao se soltar da mão de Tanith e sentiu o pé dela no estô-

mago quando ela chutou. O ser deu um salto mortal e pousou, mas o punho da guerreira estava lá, acertando-o direto no rosto. Jack cambaleou para trás, com luzes brilhantes dançando diante de seus olhos. Tanith chutou seu joelho e ele uivou de dor, em seguida algo segurou seu pulso e o torceu. Jack empurrou Tanith para trás, com a visão clareando.

— Você devia me deixar em paz! — Ele cuspiu. — Sou único, eu! Eles não têm nem um nome para o que eu sou! Eu devia estar na lista de espécies em perigo! Você devia estar me protegendo!

— Você sabe como eles protegem espécies em perigo, Jack? Eles os trancam em recintos especiais, onde ninguém poderá machucá-los.

O rosto do monstro se retorceu.

— *Recinto* é só uma palavra bonita pra jaula, né? E

você não vai me levar pra nenhum lugar *perto* de uma maldita cela.

Foi nesse momento que algo flutuou até eles, o som de um bebê chorando. A expressão de Jack se suavizou e ele sorriu novamente.

— Nem pense nisso — avisou Tanith.

O sorriso de Jack ficou malicioso e se tornou uma olhadela de esguelha, muito maldosa.

— Quer apostar corrida? — indagou ele.

Jack correu para a beirada do prédio e então não havia mais nada sob seus pés além de ar, e o telhado do prédio seguinte arremeteu para recebê-lo. O ser aterrissou e continuou correndo sem perder um passo. Jack olhou para trás, por sobre o ombro, e viu Tanith Low tentando acompanhá-lo. Ela era boa, aquela garota, mas isto era al-go para o qual Jack fora feito. Ele era o príncipe de Londres. A cidade o deixava ir aonde não deixava mais ninguém. O ser a conhecia como conhecia o próprio rosto.

O choro do bebê soou novamente e Jack mudou de direção, se afastando das áreas mais movimentadas, seguindo o som pelas ruas e becos. Suas poderosas pernas o impulsionavam através das trevas e ele girou e cravou os pés em tijolos. Jack correu de lado pelo comprimento do prédio. Viu Tanith movendo-se num curso paralelo, saltando de telhado em telhado, tentando interceptá-lo antes que atingisse seu objetivo.

Com o último choro do bebê, Jack localizou uma janela aberta, bem acima do nível da rua. Deu uma série de pequenos saltos, ganhando impulso. Jack viu Tanith com o canto do olho, saltando para alcançá-lo. *Lenta demais*, pensou ele com seus botões. Saltou de um lado da rua ao outro e mergulhou direto para dentro, passando pela janela e atacando o berço.

Mas o berço continha apenas cobertores e o quarto estava escuro e vazio, completamente diferente de um quarto de criança, e por que a janela estivera aberta? Não estava quente o bastante para se deixar a janela aberta. .

O choro do bebê, muito mais alto, estava vindo de um pequeno dispositivo colocado próximo à janela.

Era uma armadilha. Tanith o enganara.

Jack se moveu na direção da janela, mas Tanith tinha caminhado pela lateral do prédio e estava entrando por ela.

— Lá fora — começou Tanith —, ao ar livre, eu não tinha a menor esperança de capturá-lo. Mas aqui dentro, num espaço confinado? Você é todo meu, feioso.

Jack entrou em pânico e foi até a porta, mas esta não se moveu; havia um lustro nela que ele pôde ver, mesmo na escuridão, e o monstro soube que ela aguentaria o que quer que ele jogasse nela. Jack rodopiou. A única saída era a janela; a janela que Tanith Low agora guardava.

A mulher deitou a espada no chão e tirou o casaco. Sua túnica não tinha mangas e seus braços eram fortes. Tanith girou o pescoço, relaxando os ombros, e acenou para Jack com a cabeça.

— Agora — falou a guerreira —, finalmente. Venha me encarar se você acha que é durão o bastante.

Jack rugiu e saltou em Tanith, que o chutou. Ele golpeou e ela se abaixou e o acertou no queixo. Jack tentou dar um mortal por sobre a oponente, mas como o teto era baixo demais o monstro deu uma barrigada nele, perdeu o fôlego e caiu no chão. Depois disso, tudo o que registrou foi um montão de punhos e cotovelos e joelhos e uma parede que não parava de se chocar contra a cara de-le.

Jack desabou. Respirava com dificuldade e grunhia de dor. Olhou para o teto. Podia ver as rachaduras, até mesmo na escuridão. Tanith entrou no seu campo de visão, olhando para baixo, para ele.

— Está pronto para a sua jaula quentinha agora?

Jack choramingou.

6

BOLAS DE FOGO NO PARQUE

Valquíria acordou cedo. Pegou uma pedrinha na mesinha-de-cabeceira e se sentou no chão, de pernas cruzadas.

A pedrinha era achatada e lisa na sua mão. Valquíria se concentrou nela como Ardiloso tinha lhe ensinado. Ela se concentrou até que pôde sentir o ar na sua pele, e se concentrou em como tudo aquilo se conectava. Lentamente, a pedrinha começou a se erguer da sua palma, sustentada pelo próprio ar. Uma parte da menina estava empolgada ao ver isso, mas ela manteve essa parte de si abafada. Para usar mágica, Valquíria não podia permitir que nada arruínasse sua calma.

E então surgiu aquela voz, subindo as escadas co-mo o ganido de uma broca de dentista, e a pedrinha caiu de volta na mão da menina. Resmungando para si mesma, Valquíria se levantou e foi até o banheiro, encerrando os exercícios daquele dia. Ela tomou um banho e vestiu o uniforme escolar antes de descer para a cozinha.

Sua mãe estava lá, e sentada ao seu lado estava a tia com voz estridente e feições angulosas de Valquíria, Beryl.

— Bom dia — cumprimentou Valquíria ao passar pelas duas mulheres, indo direto até o armário.

— Oi, querida — respondeu sua mãe.

— Bom dia, Stephanie — disse Beryl afetadamente.

— Beryl — respondeu Valquíria, à guisa de saudação.

— Como vai indo a escola?

Valquíria serviu-se de cereal numa tigela e acrescentou leite. Não se deu ao trabalho de sentar.

— Você está estudando bastante? Minhas meninas estão sempre estudando. Elas puxaram isso do meu lado da família, devo dizer. É uma ética de trabalho valiosa que eu instilei nelas.

Valquíria murmurou alguma coisa e enfiou uma colherada de cereal na boca, duvidando da validade de mais ou menos tudo o que Beryl tinha acabado de dizer.

Sua tia não gostava de Valquíria, que, por sua vez, também não gostava dela. Beryl não gostava da menina porque ela tinha herdado todo o espólio de seu falecido tio Gordon, e Valquíria não gostava da tia nem do tio Fergus porque eles eram pessoas desagradáveis.

O pai de Valquíria entrou na cozinha, vestindo calça social, colete e uma gravata ao redor do pescoço nu.

Ele piscou para a filha e então percebeu a cunhada.

— Beryl — pronunciou ele, incapaz de esconder o desgosto.

— Desmond, bom dia.

— Beryl, o que você está fazendo aqui? Não são nem oito horas da manhã. Você sabe que não gosto de vê-la antes da minha primeira xícara de café.

Beryl deu aquela horrível risada falsa dela.

— Ah, Desmond, você é tão brincalhão! Estou aqui apenas para falar com Melissa, só isso. Temos muito a organizar para a noite de amanhã.

— Ah, meu Deus, aquela coisa de reunião de família.

— Vai ser maravilhosa!

— Mas você vai estar lá — disse o pai de Valquíria, perplexo, e a menina quase se engasgou com o cereal.

Sua mãe olhou para o marido.

— Você esqueceu da camisa.

— Ah, sim, o motivo para eu estar aqui. Eu não tenho uma limpa.

— Atrás da porta.

O homem se virou, viu a camisa branca fresquinha pendurada no cabide de casacos e esfregou as duas mãos.

Ele a tirou do cabide e a vestiu, deslizando o colarinho por sob a gravata enquanto a abotoava. Desmond não gostava de vestir gravatas; era dono de uma empresa de construção, então sempre pensara que estaria de botas e calças jeans. Mas muito de vez em quando ele tinha de se arrumar e fingir, como ele costumava dizer, que era civili-zado.

— Então, Steph — falou o pai da menina. — Empolgada com mais um grande dia na escola?

— Ah, sim — respondeu Valquíria, fingindo entusiasmo.

— O que você acha que vai aprender hoje?

— Nem imagino. Talvez aprenda a subtrair.

O homem acenou com uma das mãos, desmere-cendo aquilo.

— Subtrações são supervalorizadas, é como somar, só que ao contrário. Você nem vai precisar disso.

— Desmond! — exclamou Beryl severamente. — Você não deveria assumir essa atitude. Stephanie está nu-ma idade muito influenciável, e precisa entender que tudo que se ensina na escola é valioso. Fazer piadas é muito legal, mas algumas coisas devem ser levadas a sério. Como você pode

esperar que Stephanie seja responsável quando tudo que você faz é dar um mau exemplo?

— Não sei — respondeu o pai de Valquíria. — Sorte, eu acho.

Beryl suspirou exasperada e parecia que ia lhes passar um sermão. Valquíria e o pai aproveitaram a mesma oportunidade antes que Beryl pudesse pronunciar uma palavra.

— Vou pra escola — anunciou Valquíria rapidamente, enfiando a última colherada de cereal na boca.

— Vou trabalhar — disse o pai, apenas um milissegundo depois. Valquíria colocou a tigela na máquina de lavar louça e foi até a porta.

— Mas, Desmond, você ainda não tomou o café-da-manhã — protestou a mãe de Valquíria, franzindo o cenho.

— Comerei alguma coisa no caminho — respondeu Desmond, seguindo a menina para fora da cozinha.

Eles chegaram ao corredor e Valquíria se virou para as escadas enquanto o pai pegava as chaves na mesinha. Eles se entreolharam e se despediram com acenos silenciosos.

Ambos sorriram, e Desmond saiu quando a filha foi para o quarto.

Não foi a primeira vez que Valquíria se perguntou como seu pai reagiria se soubesse que as lendas da família eram verdadeiras, que eles *eram* descendentes dos Antigos, que seu avô e seu falecido irmão tinham razão. Mas a menina não lhe contou. Se Desmond soubesse a verdade, tentaria impedi-la de sair todos os dias, tentaria protegê-la de gente como Serpênteo e Vingança, e quem mais quisesse matá-la. Ou, pior, talvez ele quisesse se envolver.

Valquíria não achava que seria capaz de aguentar se o pai se colocasse em perigo. Queria que a família fosse normal.

Normal era bom. Normal era seguro.

A menina fechou a porta, tirou o macacão da escola e colocou-o sobre a cama. Tocou o espelho e, um momento depois, seu reflexo saiu. Valquíria se esquecera da regra sobre logotipos *uma vez* e a reflexão tinha ido para a aula com o escudo da escola no lado errado e o lema escrito de trás para a frente. Valquíria jamais repetira aquele erro novamente. Esperou o reflexo vestir o macacão e então lhe entregou a mochila.

— Divirta-se — despediu-se, e o reflexo assentiu e saiu apressadamente do quarto.

Não pela primeira vez, Valquíria sorriu consigo mesma. A menina mal tinha ido à escola desde que Ardiloso fizera o feitiço naquele espelho, entretanto estava em dia com todas as aulas, todas as fofocas, todos os acontecimentos cotidianos de uma garota de treze anos comum, ordinária, como todas as outras. Sem ter precisado botar o pé numa sala de aula.

Claro, havia momentos em que ela desejava ter estado lá para experimentar alguma coisa em vez de revivê-lo pelos olhos da reflexão. Não era a mesma coisa meramente ter as memórias de, digamos, uma piada sendo contada, em vez de realmente ter estado presente. Apenas mais um preço a ser pago, reconheceu Valquíria.

Movendo-se rapidamente, Valquíria tirou o restante do uniforme, escondeu as roupas debaixo da cama e se vestiu com as roupas negras que tinham sido feitas especialmente para ela. Crescera um pouco depois que Medonho Reservado fizera aquelas roupas, mas elas ainda serviam, e por isso ela lhe era grata. Essas vestimentas tinham salvado a vida de Valquíria em mais de uma ocasião, e ela não podia pedir a Medonho que lhe fizesse outra.

Numa luta com o Talhador Branco, o alfaiate tinha usado o poder da terra como defesa final e havia se transformado em pedra. A menina não o conhecera muito bem, mas sentia saudades do homem e sabia que Ardiloso sentia o mesmo.

Valquíria vestiu o casaco e abriu a janela. Respirou lenta e profundamente. Depois de verificar que não estava sendo vigiada, subiu no parapeito e parou ali por um momento, concentrando a mente. Então pulou da beirada, deslocando o ar sob si mesma para aparar a queda. Não foi gracioso e a

aterrissagem foi um pouco dura demais, mas já foi muito melhor que as descidas anteriores.

A menina se apressou pela rua abaixo até o píer.

Quando era mais nova, costumava se encontrar com os amigos lá. Eles costumavam correr até a borda e saltar o mais longe que pudessem sobre as pedras diretamente abaixo, mergulhando nas águas cintilantes. Sim, isso era perigoso e, sim, o pobre J. J. Pearl um dia arrebentou o joelho naquelas pedras, mas o perigo dava uma emoção a mais ao exercício. Naqueles dias, J. J. andava mancando de leve e Valquíria há muito tinha se afastado dos amigos de infância. No entanto, sentia saudades de nadar. Não nadava muito, atualmente.

O Bentley estava esperando por ela, estacionado ao lado de um velho e enferrujado Fiat. O carro chamava muita atenção ali; na verdade, chamava atenção aonde quer que eles fossem.

— Bom dia — disse Ardiloso quando Valquíria entrou no carro. — Descansou bem?

— Tive duas horas de sono — respondeu ela.

— Bem, ninguém disse que ser um grande detetive levando uma vida cheia de ação era fácil.

— *Você* disse que era fácil.

— Eu disse que era fácil para *mim* — corrigiu o detetive. — Foi o carro da sua querida tia que eu vi diante da sua casa?

— Foi — confirmou Valquíria, e contou ao esqueleto sobre o rápido encontro com Beryl.

— Reunião de família? — indagou Ardiloso quando a menina terminou o relato. — Você vai?

— E deixar você derrotar os vilões sem mim? Sem chance. Vou mandar meu reflexo no meu lugar, muito obrigada.

— Uma reunião poderia ser divertida.

— Certo. Divertida. Porque eu me divirto muito com esse lado da família. Não me importaria tanto se fosse a família da mamãe; eu me divirto com eles. O lado do papai é apenas... esquisito, sabe?

— Sei. Gordon falava deles frequentemente. Nunca se esqueça, porém, que você também é esquisita.

Valquíria encarou o detetive.

— Não sou esquisita como eles. Sou esquisita do bem. Esquisita legal.

— Sim — disse Ardiloso, duvidoso. — Você é.

— Cale-se. Mas, de qualquer maneira, todos os primos do papai estarão lá, com suas famílias, gente que eu mal conheço e, é claro, Beryl e Fergus com as Gêmeas Nojentas, e com certeza vai ser horrível, então não há a menor chance de eu ir.

— Bem, isso é bom o bastante para mim.

Ardiloso ligou o motor e Valquíria se afundou no banco quando eles saíram da vaga e seguiram pelas ruas.

— Então, descobriu alguma coisa sobre Vingança?

— Um de nossos agentes nas docas não entrou em contato ainda — revelou Ardiloso. Estava usando o disfarce de costume: chapéu de aba larga, óculos de sol enormes, peruca descabelada e um cachecol enrolado na metade inferior do rosto. — Pode não ser nada, mas...

— Mas Vingança pode já estar aqui?

— Bem, sim.

— Isso é mau.

— Isso não é bom.

Estavam passando pela rua principal e Valquíria deu uma olhada quando passaram pelo ponto de ônibus.

Cinco adolescentes com cara de entediados estavam lá, de uniforme escolar.

— Meu reflexo não está lá — disse ela, com o cenho franzido.

— Talvez tenha se atrasado. Valquíria balançou a cabeça.

— Saiu antes de mim.

O Bentley reduziu a marcha.

— O que quer fazer?

— Provavelmente não é nada. Ele poderia ter cortado caminho pelo Green. . mas mesmo assim já deveria estar aqui agora. Mas não, não deve ser nada.

Ardiloso parou o carro no acostamento e inclinou a cabeça para a menina.

— Você usa aquele reflexo muito mais do que o recomendado — afirmou o esqueleto. — Você deveria esperar comportamentos estranhos ocasionalmente.

— Eu sei. .

— Mas você quer sair e procurar por ele, não quer?

— Só quero ver se está tudo bem. Vou descer aqui e atravessar o Green.

— Vou fazer o retorno, voltar para o píer, e encontro você lá.

Valquíria assentiu, se assegurou de que não havia ninguém olhando, saiu do carro e correu por entre dois prédios. Escalou a cerca e se deixou cair na grama do outro lado. O Green era, na realidade, um pequeno parque, um oásis de árvores e canteiros de flores e uma fonte, escondido por detrás da rua principal. Tinha sido o local de muitos jogos de futebol quando Valquíria era mais nova.

Ela poderia estar exagerando. Seu reflexo provavelmente tinha se encontrado com algumas pessoas que Valquíria conhecia. De fato, a própria Valquíria poderia ser aquela que iria arruinar as coisas, ao correr direto para uma situação que o reflexo estava resolvendo com sua costumeira eficiência. E então a menina ouviu o próprio grito.

Valquíria deixou o caminho principal, correndo na direção de um pequeno grupo de árvores. Além das árvores, perto da fonte, havia duas figuras lutando. Era seu reflexo, tentando se libertar de um homem vestido de preto.

— Ei! — gritou Valquíria.

O homem de preto olhou na sua direção. Era páli-do e estranhamente bonito, e calmo até demais.

— Aí está você — falou o homem. — Eu quase fui enganado. Quase. Mas esta aqui não sente medo. E eu posso *sentir* o cheiro de medo. — Ele jogou o reflexo para longe de si, que caiu de joelhos.

— Vá para a escola — instruiu Valquíria. O reflexo assentiu, pegou a mochila caída no chão e correu, passando pela menina e atravessando o grupo de árvores, sem nem dar uma olhada para trás, para o atacante.

Valquíria olhou fixamente para o homem.

— Quem é você? Como descobriu onde eu vivo?

— Eu segui você — afirmou o homem. — Perdi você de vista quando chegamos na cidade, então decidi esperar até que você aparecesse de novo. Eu até fiz alguns novos amigos.

Agora Valquíria os viu, um jovem casal, caminhando na direção dela. Não sabia seus nomes, mas já os tinha visto por ali, de mãos dadas, rindo. Eles não estavam rindo agora. Estavam pálicos, como o homem de preto.

Pareciam doentes e havia manchas de sangue nas suas roupas. Eles a observavam com olhos escuros e mortiços.

Valquíria olhou para o homem de preto, lembrando-se da maneira graciosa com a qual ele se movia.

— Você é um vampiro — concluiu.

— E você é Valquíria Caos e virá conosco.

Ela não podia lutar com eles. Não havia a menor chance de estar pronta para enfrentá-los. Então Valquíria correu.

O jovem casal correu atrás dela, em disparada, com os pés pisando ruidosamente na grama. A menina se manteve à frente deles. Não precisava nem olhar para trás, pois podia ouvir o quão perto estavam. Mas ela não podia ouvir o *vampiro*. O homem de preto estava correndo ao lado dela, movendo-se sem fazer esforço. Valquíria tentou se abaixar, mas o homem estendeu a mão pre-guiçosamente, fechou os dedos ao redor do braço dela e parou de repente. A menina foi obrigada a parar por causa da dor. Valquíria deu um soco, mas o homem se moveu levemente e o punho dela atingiu apenas o ar. Tentou chutá-lo e ele deu um passo, com a expressão facial permanecendo entediada, em seguida agarrando o braço da menina e colocando-o numa chave detrás das costas dela.

Valquíria caiu de joelhos.

— O Barão quer você viva — afirmou o homem.

— Mas, veja bem, ele não especificou *ilesa*. Não tente me bater de novo.

— E quanto a mim? — perguntou Ardiloso enquanto corria vindo detrás do vampiro. — *Eu* posso bater em você?

O homem de preto soltou Valquíria e se virou, tarde demais para impedir que o punho de Ardiloso atingisse seu queixo. Ele cambaleou e Ardiloso estendeu os dedos.

O ar se chocou contra o vampiro e lançou-o para trás. Em vez de se esborrachar na grama, entretanto, o corpo dele se moveu com agilidade inumana, e o monstro se virou de lado e aterrissou de pé.

— Detetive — murmurou ele.

— Crepúsculo — respondeu Ardiloso. — Já faz algum tempo. Você ainda é maligno?

O homem chamado Crepúsculo sorriu.

— Quando me dá vontade. — Ele indicou o jovem casal. — Permita-me apresentar meus amigos. Gosto de chamá-los de Assecla Um e Assecla Dois. Vocês podem decidir entre vocês quem é quem.

O jovem casal atacou. Ardiloso se esquivou das tentativas desajeitadas de agarrá-lo e jogou-os um contra o outro. Crepúsculo tornou-se um borrão e em um piscar de olhos estava ao lado de Valquíria, puxando-a para o chão.

Ardiloso saltou em Crepúsculo e os dois caíram, e Ardiloso perdeu o chapéu e o cachecol. Valquíria cambaleou para trás. Assecla Um, o rapaz, rosnou e atacou-a.

Parecia ainda pior de perto. Seus olhos estavam sem brilho e avermelhados, e a menina podia ver a mordida no pescoço dele, sob o colarinho da camisa. Não eram as delicadas picadas gêmeas dos filmes; o pescoço do rapaz tinha sido violentamente rasgado. Valquíria podia sentir o cheiro do sangue seco na pele dele: tinha cheiro de cobre.

Por um momento, a menina entrou em pânico. As mãos do Assecla estavam agarrando o colarinho dela, empurrando-a para trás, e ele era forte. Sua namorada, Assecla Dois, estava logo atrás dele, empolgada para causar algum estrago por conta própria. Valquíria se obrigou a relaxar, lembrando-se das sessões de treinamento que tivera com Ardiloso e Tanith, condicionando o corpo a relaxar quando cada parte do seu ser queria gritar.

A menina deixou que a empurrassem para trás. A mão esquerda agarrou o pulso do Assecla Um e a mão direita subiu por entre os braços dele, até o seu rosto. Valquíria plantou o pé esquerdo no chão, apoiando o corpo, girou os quadris na direção do oponente, e o Assecla Um se chocou contra ela e foi jogado no chão.

Assecla Dois rosnou e socou, e o mundo de Valquíria balançou. A menina desviou a tentativa de agarrá-la que se seguiu, tentou aplicar uma chave que não deu certo e em seguida pisou no joelho da Assecla Dois, empurrando-a para longe.

Valquíria viu Ardiloso e Crepúsculo. Agora que não poderia mais ser pego de surpresa, a graça sobrenatural e as habilidades atléticas de Crepúsculo o estavam mantendo longe dos golpes de Ardiloso.

O vampiro se movia para fora do alcance dos socos e chutes e conseguia se livrar de cada chave que Ardiloso tentava aplicar antes que este conseguisse completá-las.

Crepúsculo chutou Ardiloso e se moveu para trás e, ao fazê-lo, algo caiu do seu bolso. Ele deu uma olhada para a coisa e avançou para recuperá-la, mas Ardiloso estendeu a mão e ela voou para sua palma. Era uma seringa, preenchida com um líquido incolor. Crepúsculo deu de ombros.

— Pode ficar com isso — dispensou ele. — Tenho muito mais. Os Asseclas estavam se reagrupando, e Valquíria estalou os dedos, fracassando na tentativa de acender uma fagulha. Tentou novamente, e desta vez sentiu o calor da fricção. A menina se concentrou, curvou os dedos e deixou a energia fluir do centro do seu corpo até o braço, até a palma da mão. E ela transformou a fagulha numa chama.

— Para trás — avisou Valquíria. Os Asseclas não responderam. Ela não sabia nem se eles eram *capazes* de responder.

A chama se expandiu até se tornar uma bola de fo-go na mão da menina, que a atirou nos adversários. Ardiloso estava gritando alguma coisa e correndo para a frente, com os braços fazendo um movimento para cima, e uma rajada de vento atingiu a bola de fogo, tirando-a de curso enquanto as chamas se apagavam. Em seguida, o detetive estava ao lado de Valquíria, segurando seu braço, caminhando para trás com a menina enquanto os Asseclas os seguiam.

— Eles foram infectados — explicou o esqueleto —, mas não estão perdidos. Ainda não. Não queremos matá-los.

Crepúsculo caminhou casualmente na direção da dupla. — Não é culpa deles que eu os tenha escolhido, afinal de contas. Ardiloso olhou rapidamente para Valquí-

ria.

— Leva duas noites para que um Infectado se transforme num vampiro. Até lá, são vítimas inocentes.

— Mas, em duas noites — acrescentou Crepúsculo —, tudo isso estará terminado.

Ardiloso puxou a arma e apontou-a diretamente para Crepúsculo. Os Asseclas pararam e rosnaram. O sorriso de Crepúsculo jamais deixou seu rosto.

— Esta é sua chance de ir embora — afirmou Ardiloso.

— E por que faríamos isso? *Vocês* é que estão recuando. *Vocês* não podem matar meus amigos. *Vocês* estão perdendo esta pequena escaramuça.

Ardiloso engatilhou o revólver com o dedão.

— Eu disse que nós não *queremos* matá-los. Não disse que *não vamos* fazê-lo.

— Se você disparar essa arma — argumentou Crepúsculo —, vai fazer a cidade inteira vir correndo para ver o que está acontecendo, e perderá seu disfarce.

— Esse é o único motivo que me impede de dar um fim em você aqui e agora.

Crepúsculo considerou as opções e deu de ombros.

— Asseclas — chamou ele —, estamos de saída. — O casal infectado rosnou para indicar seu desprazer, mas cumpriram a ordem. Eles se juntaram a Crepúsculo e recuaram.

Ardiloso não baixou a arma.

— Diga a Vingança que eu esperava mais dele. Ir atrás da minha colega para me pegar é o tipo de truque que Serpênteo tentou. Diga a ele que, se quiser me pegar, que seja homem e venha atrás de mim.

— O Barão é um homem honrado.

— O Barão é um covarde.

Crepúsculo sorriu, mas não respondeu. Valquíria permaneceu de pé ao lado de Ardiloso, e os dois observaram enquanto Crepúsculo e seus Asseclas desapareceram por trás das árvores.

VISITANTES INDESEJADOS

O cinema Hibernian erguia-se como um homem velho, com ombros caídos e um rosto cinzento, espremido dos dois lados por prédios mais altos, mais largos e mais saudáveis. Sua fachada era um resquício decadente de um tempo esquecido, e a maioria das vogais estava ausente do seu nome. Cinquenta anos antes, este cinema fora um sucesso, com o público de Dublin enchendo suas fileiras todos os fins de semana. O próprio Ardiloso tinha visita-do o Hibernian pela primeira vez para ver *Alta sociedade*, e desenvolveu uma paixão por Grace Kelly desde então.

O detetive estacionou o Bentley na rua de trás, e Valquíria o seguiu para dentro do cinema. O ambiente a-carpetado abafava o som dos seus passos. A dupla passou por pôsteres enquadrados de filmes obscuros, estrelados por atores já mortos. Nenhum cliente pagante tinha entrado naquele prédio havia décadas.

O cinema estava silencioso, como de costume, e vazio. Eles desceram os degraus por entre as fileiras de assentos. A tela estava encoberta por uma pesada cortina vermelha, bolorenta com a idade. No momento em que eles se aproximaram, a cortina se abriu e a tela se acendeu, mostrando um velho filme em preto e branco. O filme mostrava uma parede de tijolos e uma porta aberta. A trilha sonora era de uma cidade à noite. Valquíria seguiu Ardiloso até o pequeno palco e eles andaram até a porta com suas sombras sendo projetadas na imagem. Então a dupla atravessou a tela.

Subiram as escadas que estavam do outro lado e gradualmente a luz artificial eliminou as trevas. Ardiloso e Valquíria chegaram ao andar superior, onde todos os vestígios do velho cinema tinham sido substituídos por corredores reluzentes e laboratórios. O dono do Hibernian tinha passado muito tempo reformando o prédio, transformando-o na instalação mágico-científica com a qual sempre sonhara. Por causa da natureza delicada das pesquisas sendo desenvolvidas nas várias seções — o posto médico, o necrotério novo em folha, o Departamento (Pesquisa & Desenvolvimento) de Mágica Teórica —, não havia janelas, e a temperatura era cuidadosamente controlada.

Apesar de ter o edifício inteiro ao seu dispor, com-partilhando-o apenas com dois assistentes, o proprietário ainda assim preferia trabalhar no laboratório menor e mais escuro, e foi lá que a dupla o encontrou.

O professor Conspícuo Lamento olhou ao redor quando Ardiloso chamou seu nome.

— Você de novo — reclamou, numa voz que não estava nem um pouco carregada de calor e hospitalidade.

— O que você quer? — Conspícuo era um homem idoso e pequeno, com uma massa de cabelos brancos e pouquíssima paciência.

— Temos algo para o senhor, professor — explicou Ardiloso, mostrando a seringa que tinha caído do bolso de Crepúsculo. — Estávamos nos perguntando se o senhor teria tempo para analisá-la.

— Ah, como se eu já não estivesse ocupado o bastante — resmungou Conspícuo. — Valquíria, não vejo você há semanas. Tem se mantido longe de encrencas?

— Na verdade, não — admitiu a menina.

— Não que eu esperasse que você o fizesse — disse o velho com um suspiro exasperado. Apesar de seu comportamento excêntrico e de suas más maneiras, o cientista idoso parecia ter uma certa afeição por Valquíria.

— Então, para o quê ele arrastou você desta vez?

— Eu não a arrastei para coisa nenhuma — retrucou Ardiloso, na defensiva.

Valquíria sorriu.

— Lutas, tentativas de sequestro, mais lutas. Os negócios de sempre, você sabe como é. — O telefone de Ardiloso tocou e ele se afastou para atender.

Agora que Ardiloso estava fora do alcance auditivo, Conspícuo deixou sua voz assumir um tom mais suave.

— Como está o machucado do ombro que você fez mês passado?

— Muito melhor — respondeu a menina. — Eu mal fiquei com um roxo.

Conspícuo acenou a cabeça positivamente.

— Usei uma mistura nova. Os ingredientes são um pouco mais difíceis de se encontrar, mas para os meus pacientes favoritos eu gosto de garantir que o processo de cura seja tão indolor quanto possível.

— Eu estou nessa lista de favoritos? — indagou Valquíria, com o sorriso ainda mais largo.

Conspícuo fungou.

— Você é a lista. — Valquíria riu. — Seu parceiro certamente não está nela — continuou Conspícuo, voltando sua atenção para Ardiloso, agora que o telefonema tinha acabado. — Deixe-me ver a seringa. — O detetive entregou o objeto ao cientista.

— Onde você a conseguiu?

— Caiu do bolso de um vampiro.

Conspícuo segurou a seringa contra a luz, examinando o líquido que continha.

— Criaturas fascinantes, os vampiros. Duas camadas completamente separadas de epiderme, a camada superior, que se regenera quando o sol está no céu. Humanos de dia, privilegiados com velocidade e força um pouco melhoradas, mas essencialmente mortais. Mas, à noite..

Valquíria assentiu com a cabeça.

— Eu sei como eles ficam à noite.

— Hum? Ah, é verdade. Você tem conhecimento em primeira mão, não tem? Como você conseguiu isso?, eu me pergunto. Ah, sim. — O cientista olhou

irritado para Ardiloso. — Alguém sem absolutamente nenhum senso de responsabilidade arrastou você para encarar um *vampiro* e quase a matou.

Ardiloso inclinou a cabeça.

— Você está falando de mim? — indagou o esqueleto, inocentemente.

Conspícuo fez uma careta e voltou a examinar a seringa.

— Já vi isto antes — afirmou o cientista. — Mas só uma vez. É uma rara preparação de cicuta e acônito. Seria usada por um vampiro para suprimir sua natureza bestial à noite. — Faz sentido — murmurou Ardiloso. — Crepúsculo não será nada útil para Vingança se perder o controle toda vez que o sol se puser.

Conspícuo afrouxou a gravata e abriu o botão mais alto da camisa.

— Tive um desentendimento com um vampiro na minha juventude e mal escapei com vida. É por isso que carrego isto comigo aonde quer que eu vá. — O cientista mostrou-lhes um frasco de vidro que estava pendurado no seu pescoço.

— Isso é água benta? — indagou Valquíria, um tanto quanto duvidosa.

— Água benta? Não, não, *não*, Valquíria. É *água do mar*.

— Certo — disse a menina lentamente.

— A água benta não funciona — explicou Conspí-

cuo. — E estacas atravessadas no peito não os matam. A decapitação é eficiente, mas, de qualquer maneira, decapitação é eficiente contra quase todas as coisas. A única lenda sobre vampiros que *tem* algum mérito, entretanto, é a água corrente.

Valquíria franziu o cenho.

— Certo, e essa parece ser a única lenda de que eu nunca ouvi falar.

Ardiloso resolveu participar.

— Há um velho mito que diz que os vampiros não podem passar sobre a água corrente, então não poderiam cruzar uma ponte que atravessasse um rio, por exemplo. Agora, mesmo que atravessar pontes seja algo que não os incomoda nem um pouco, a verdade por trás do mito parece vir da água salgada. Vampiros têm uma reação extremamente alérgica a isso — Conspícuo afirmou. — Se ingerida, ela faria a garganta de um vampiro inchar, bloqueando a passagem do ar. O que é o exato motivo pelo qual eu carrego um pouco de água do mar comigo o tempo todo.

— Mas eles não teriam de engoli-la? — inquiriu Valquíria.

— Bem, sim. .

— E como você faria um vampiro engolir a água antes que ele o matasse? — Conspícuo piscou os olhos e não disse nada. — Deixe para lá — disse Valquíria rapidamente. — Tenho certeza que você encontraria uma forma. Tipo, poderia jogar a água na boca do vampiro quando ele estivesse, hum, prestes a mordê-lo.

Os ombros de Conspícuo afundaram subitamente, e Valquíria sentiu-se incrivelmente culpada por ter encontrado um furo no plano dele.

— Deixem-me — disse o cientista, um tanto quanto pesaroso.

— Me desculpe. . — Valquíria começou a falar, mas o homem ergueu a mão.

— Não há necessidade de se desculpar. Sou um gênio

da *medicina* e um gênio *científico*, mas obviamente não um gênio *tático*. E pensar que, pelos últimos cento e oitenta anos, eu não tive medo de vampiros porque tinha um frasco de água do mar pendurado no pescoço. Que idiota.

Conspícuo saiu arrastando os pés e Ardiloso deu tapinhas nas costas de Valquíria.

— Parabéns — congratulou ele. — Você acabou de reforçar uma neurose de trezentos anos. Nosso trabalho aqui está encerrado.

Sentindo-se absolutamente terrível, Valquíria seguiu o detetive de volta pelo caminho que eles usaram para entrar. A dupla passou pelos dois assistentes, vestidos de ja-lecos brancos, Estentor e Algálio, praticando luta livre numa sala vazia. Valquíria tinha estado aqui mais vezes do que poderia contar, e ver coisas assim não era incomum.

Os assistentes acenaram e voltaram a lutar.

Valquíria foi a primeira a descer as escadas, andando até os fundos da tela e passando através dela. A menina pulou do palco, virou-se e esperou por Ardiloso. Observou enquanto o detetive atravessava a imagem da porta, e um momento depois o filme tremeluziu, a tela ficou em branco e a penumbra tomou conta de tudo. Ardiloso deixou o palco e as cortinas se fecharam atrás dele.

— Quem foi que ligou? — perguntou Valquíria, tentando esquecer o que tinha feito a Conspícuo.

— O Grande Mago — revelou Ardiloso —, verificando nosso progresso mais uma vez. Sua ânsia em recuperar o Barão o está deixando bastante.. irritável.

— Ele está sempre irritável.

— Obviamente ele decidiu elevar isso a um nível mais alto.

— Eu queria que Meritório ainda estivesse vivo.

Ele era um bom Grande Mago. Grêmio é. . Ele é como um político, como se tivesse de agradar certas pessoas.

A dupla deixou o cinema e caminhou para a brilhante luz do sol, e Ardiloso não disse nada até que eles chegaram ao Bentley.

— Temos de nos encontrar com Tanith na biblioteca, então vou deixar você lá e nos encontramos mais tarde, está bem?

— Aonde você vai?

— A nenhum lugar especial. Só tenho algumas...

coisas a fazer.

— Por que você hesitou?

— Como?

— Você fez uma pausa. Você tem algumas... coisas a fazer. Por que hesitou?

— Nenhum motivo, eu só. .

— Você está aprontando alguma.

— Não. .

— Então por que hesitou?

— Entre no carro. — Valquíria entrou. Ardiloso entrou. — Cinto de segurança — falou o detetive.

— Por que você hesitou?

A cabeça do esqueleto se inclinou para a frente.

— Porque eu estou aprontando alguma.

— E por que eu não posso ir com você?

— Porque é uma coisa sorrateira.

— Promete me contar mais tarde?

— Prometo.

— Tudo bem, então. — A menina atou o cinto de segurança. — Vamos lá.

Valquíria entrou no prédio de apartamentos e subiu as escadas, passando por um homem que não projetava sombra. A menina chegou ao terceiro andar exatamente quando Porcelana Tristeza estava indo da biblioteca para seu apartamento.

— Valquíria — disse Porcelana. — Que bom vê-la novamente assim tão cedo. — A mulher vestia uma saia verde-claro e sua jaqueta era de um verde mais profundo do que mil esmeraldas esmagadas. Seu colar era lindíssimo.

— Que coisa bonita — elogiou Valquíria, olhando para o objeto.

— Não é? Este colar custou as vidas de dois grandes homens. Às vezes eu o uso como uma homenagem ao sacrifício deles. Outras vezes, eu o uso porque fica bem com esta saia. Você gostaria de entrar?

— Claro — concordou Valquíria seguindo Porcelana. A menina fechou a porta depois de entrar. Valquíria jamais admitiria isso, mas amava o apartamento de Porcelana. O carpete era delicioso, a decoração era elegante e discreta, e tinha uma vista de Dublin que fazia a cidade parecer mais bonita e romântica do que jamais poderia ter sido. — Alguma novidade? — indagou Porcelana, pegando uma pilha de cartas e verificando cada uma delas.

— Nada de mais. Só fui atacada hoje mais cedo.

— É?

— Por um vampiro e seus asseclas.

— Não suporto essas criaturas — comentou Porcelana. — Uma vez que eles a tenham mordido, a pessoa infectada tem de aguentar duas noites de escravidão sem mente e, se não for tratada, se transforma em um vampiro de verdade. Uma situação horrível. Você conseguiu descobrir o nome dele?

— Crepúsculo.

— Sim, eu conheço Crepúsculo. Ele tem o hábito de guardar rancor. Tive um associado que se meteu com ele. Levou anos, mas Crepúsculo finalmente

conseguiu rastreá-lo e a morte que o vampiro lhe proporcionou não foi nada rápida. Houve muito sangue e gritos e . .

Porcelana se controlou e sorriu.

— Peço desculpas. Devo confessar que tenho andado num péssimo humor ultimamente. Por causa dessa questão do Grotesqueiro, tudo pelo qual eu trabalhei com tanto afinho, minha biblioteca, minhas coleções, minha influência, tudo isso poderia ser apagado num piscar de olhos indiferentes.

— Junto com o resto do mundo — lembrou Valquíria.

— Sim. Isso seria muito desagradável também. — Porcelana pousou a correspondência. — Você já o viu? O

Barão?

— Não. Ainda não.

Porcelana sentou-se no sofá luxuoso, porém de bom gosto.

— Um homem incomum. Ele gosta de se considerar uma pessoa direta. É tudo menos isso. Compartilha da mesma atitude elitista de Nefasto Serpênteo, mas, enquanto Serpênteo era independente e egocêntrico, o Barão cumpre seus deveres com abnegação e com uma fé cega e resoluta. O que Serpênteo começou, Vingança busca completar. Para ele, o retorno dos Sem-Rosto é a única coisa que realmente importou um dia.

— Parece que você o conhece bem.

— Ah, sim, conheço. Ardiloso não lhe contou? Eu também costumava adorar os Sem-Rosto.

Valquíria sentiu o rosto empalidecer.

— O quê? Porcelana sorriu.

— Obviamente ele não lhe contou. Êxtase e eu fomos criados numa família que idolatrava os deuses das trevas. Meu irmão rejeitou os ensinamentos da

nossa família quando ainda era jovem, mas eu levei algum tempo para fazer o mesmo. Enquanto ainda era uma das adoras, entretanto, me juntei a um pequeno grupo de pessoas com o mesmo ponto de vista, e o Barão era um deles. Lembra-se de quando eu lhe disse que não há nada mais perigoso que um fanático religioso? Nós éramos perigosos até mesmo pelos padrões de um fanático.

— Eu. . Eu não sabia disso. Porcelana deu de ombros.

— Eu era jovem e tola e arrogante. Eu mudei. Não sou mais tola. — A mulher riu. Valquíria se forçou a sorrir.

— E agora — continuou Porcelana — você está se perguntando, mais uma vez, se pode confiar em mim. Afinal de contas, quando Ardiloso falou de mim para você pela primeira vez, o que ele disse?

— Ele. . ele disse para não confiar em você.

— Porque eu não sou digna de confiança, Valquí-

ria. Coloco as pessoas próximas de mim em perigo para meu ganho próprio. Não sou uma boa pessoa, minha cara.

Não sou. . um dos mocinhos.

— Então por que ele ainda conta com você?

— Porque ele mesmo passou por mudanças e não é hipócrita. Ele não vai me condenar pelas minhas ações no passado, desde que eu não volte a ser a pessoa que fui um dia. A guerra com Malevolente mudou todos aqueles que lutaram nela. Cada um de nós viu coisas no âmago do próprio ser que não gostaria de admitir.

— E o que Ardiloso viu?

— Fúria. A família dele foi assassinada diante dos seus olhos, e quando ele retornou da morte, sua fúria voltou junto com ele. Para a maioria das pessoas, uma raiva tão feroz só pode queimar por determinado tempo. Ardiloso, sendo Ardiloso, é a exceção natural. Sua fúria continuou.

— Então o que aconteceu?

— Ele desapareceu. Se você quiser a minha opini-

ão, acho que ele viu do que era capaz e soube que tinha uma escolha: deixar aquela fúria consumi-lo ou lutar contra ela. Então ele partiu. Ardiloso se foi por cinco anos.

Quando voltou, a fúria ainda estava lá, mas havia algo mais; uma nova compreensão, eu acho. Um novo propó-

sito. Ele era capaz de fazer piadas novamente, o que era um retorno bem-vindo, pois ele é um dos raríssimos homens capazes de me fazer rir. Logo depois, ficamos sabendo que Lorde Vil tinha tombado, e então o próprio Ardiloso derrotou o Barão, e os planos de Malevolente começaram a desmoronar.

— Aonde ele foi? Durante esses cinco anos?

— Não sei. Todos pensamos que ele estava morto.

Morto *de novo*, sabe. Mas Ardiloso voltou bem quando precisávamos dele. Isso é uma coisa na qual você sempre poderá contar com ele: o resgate no instante exato. Ele é muito bom nisso.

Houve uma batida à porta. As duas se levantaram e ouviram uma voz abafada e um baque alto vindos do corredor. Porcelana olhou para Válquíria.

— Vá para o quarto — disse ela rapidamente. — Não discuta comigo. Vá para o quarto e feche a porta. — Válquíria obedeceu às instruções, mas deixou uma fresta na porta pela qual poderia ver. A menina viu Porcelana pegar o telefone, e em seguida a porta do apartamento foi arrombada e o homem magro de gravata-borboleta voou para dentro. Ele aterrissou num canto e não se moveu mais. Um vulto entrou. Ele parecia ter cinquenta anos, com cabelos grisalhos e uma barba cortada bem rente.

Suas roupas eram escuras e vagamente militares, e suas botas brilhavam de tão polidas. O homem tinha um alfanje preso ao cinto.

— Olá, Porcelana — falou o homem. — É bom vê-la novamente.

— Barão Vingança — disse Porcelana lentamente, pousando o telefone. — Eu realmente gostaria de poder dizer o mesmo. Por que está aqui?

— Quer dizer que não sabe?

— Se você veio devolver um livro atrasado, a biblioteca fica do outro lado do corredor. Acho que você descobrirá que a multa é severa, mas razoável.

— Estou aqui por sua causa, Porcelana. Dentro de algumas horas, eu terei a armadura de Lorde Vil, e o ingrediente perdido estará ao meu alcance. Está na hora de despir essa máscara que você veste, de acabar com esse fingimento. Você precisa assumir o seu lugar.

— Meu lugar é bem aqui.

— Nós dois sabemos que isso não é verdade. Você seria tão capaz de dar as costas aos Sem-Rosto quanto *eu* seria. Já testemunhei sua devoção.

— Minha devoção, como você chama, minguou.

Vingança balançou a cabeça.

— Você jurou sua obediência aos deuses das trevas.

Não pode simplesmente mudar de idéia.

— Claro que posso, e foi o que fiz.

Pela fresta da porta, Valquíria podia ver a raiva se infiltrando no rosto do Barão.

— Você é uma serva dos deuses sombrios — continuou o Barão, com a voz grave e ameaçadora. — Se *you* não vai respeitar o voto que fez de vontade própria, então *eu* o farei por você. Você *vai* estar presente quando os Sem-Rosto voltarem, mesmo que seja apenas para ser a primeira traidora que eles matarão.

O Barão estendeu o braço para ela. Porcelana colocou a mão esquerda sobre a barriga e fez um gesto com a direita, e todos os móveis da sala voaram na direção de Vingança.

Valquíria observou, boquiaberta, enquanto as mesas e cadeiras e estantes de livros se chocaram contra Vingança com uma velocidade terrível. Os objetos caíram no chão em seguida e o vilão cambaleou e caiu, com o sangue escorrendo pelo rosto. Porcelana tocou a barriga duas vezes e fez um gesto com a mão direita, fazendo com que tudo — a mobília e Vingança — deslizesse pelo chão e se chocasse contra a parede. Então mais um toque na barriga e um golpe da mão e a mobília se afastou, limpando o espaço ao redor do Barão.

— Não me ameace na minha própria casa — disse Porcelana e lançou a mobília de volta contra o invasor.

Mas Vingança era rápido e se lançou para a frente, e seus olhos tinham um brilho amarelo. A mesa, que vinha direto contra ele, subitamente explodiu em centenas de milhares de fragmentos e o homem mergulhou através deles, escapando do resto da mobília que se chocou contra a parede atrás dele. Vingança acertou Porcelana no peito com a mão e ela foi arremessada para trás. A mulher acertou a parede e caiu sobre um dos joelhos.

Valquíria segurou a porta, prestes a abri-la, mas Porcelana ergueu o olhar para Vingança e seus olhos se estreitaram.

— No que minhas palavras se cerram, o círculo ata, prendendo-o ao seu destino.

Vingança estendeu o braço para atacá-la novamente, mas acertou alguma coisa, uma parede invisível. Ele tentou recuar, mas deu apenas dois passos antes de atingir outra barreira. O vilão olhou para baixo, olhou para o elaborado tapete e viu o círculo escondido no desenho.

— Garota inteligente..

— Você não achou que eu iria instalar algumas medidas de segurança? — indagou Porcelana.

— Muito, muito inteligente. — Seus olhos emiti-ram um clarão amarelo.

— Isso não vai funcionar, meu caro Barão. Símbolos são o meu poder. *Seus* poderes não podem quebrar es-se escudo. Você não pode me ferir. Mas eu posso feri-lo.

— Vingança olhou para o tapete novamente, para os complexos padrões ocultos, símbolos tecidos na própria trama ao redor do círculo, símbolos que agora estavam pulsando com uma energia azul. Sangue começou a escorrer do seu nariz.

— Porcelana — começou ele, lutando para manter a voz estável —, é melhor você não fazer isso.

— A quem você se aliou? — inquiriu a mulher. — Quem deu a ordem para que você fosse libertado? Quem está por trás disso tudo?

O Barão soltou uma risada desesperada que foi interrompida pela dor.

— Você escolheu o lado. . errado aqui, mulher. Eu queria que pudesse. . queria deixar você viver o bastante para se arrepender. .

Vingança caiu no chão.

— Eu queria ter tempo. . para fazer você implorar. .

para você me pedir perdão. Eu teria. . eu teria feito você *gritar*. .

— Muito bem — disse Porcelana, indo até o telefone. — Acho que vou chamar os profissionais.

— Porcelana. . — Vingança ofegou. A mulher se virou para ele.

— Sim, meu caro Barão?

— Você não. . você não achou mesmo que seria tão fácil, achou?

Crepúsculo entrou na sala. Um homem o seguiu. O

estranho tinha cabelos louros e vestia um terno marrom, uma camisa branca e óculos bem escuros. Suas botas de caubói eram velhas e gastas e ele sorria maliciosamente. O

tapete aos seus pés se desfez e rasgou, e o homem afundou, desaparecendo no chão. Porcelana mergulhou para o telefone, mas Crepúsculo correu e empurrou-a para trás.

Valquíria observou enquanto a mão do estranho atravessou o chão aos pés de Vingança, agarrou-o e puxou-o para baixo. O chão se fechou depois da passagem deles e os símbolos pulsaram uma última vez antes de voltarem ao normal.

Um momento depois, Vingança e o estranho atravessaram a parede ao lado de Porcelana.

— Sua hospitalidade costumava ser muito melhor — comentou Vingança. Seus olhos relampejaram e Porcelana cambaleou. Crepúsculo a levantou.

— Não deixe que ela toque em nada — Vingança instruiu Crepúsculo. — Ela tem símbolos por todos os lados. Alguns são invisíveis. Outros estão até gravados no seu corpo. Não deixe que ela toque em *nada*. — Crepúsculo agarrou os dois pulsos de Porcelana e segurou seus braços nas costas dela.

Vingança puxou um lenço e usou-o para limpar o resto do sangue.

— Eu esperava mais de você, Porcelana. Quando nos deixou, eu achei que voltaria. Ninguém poderia fazer as coisas que você fez e depois dar as costas. Não achei que isso fosse possível.

A mulher olhou para o seu algoz, sorrindo para afastar a dor que estava prendendo seus braços nas suas costas. — Descobri outros interesses. Você também pode fazer isso. Colecionar selos, talvez. — Crepúsculo torceu os braços dela, e Porcelana ofegou. O homem de óculos escuros riu.

Vingança guardou o lenço.

— Eu ainda posso ser misericordioso, mesmo que os meus deuses *não* o sejam. A garota, Porcelana. Valquíria Caos. Diga-me onde ela está, e eu deixarei você viver.

— Ardiloso não se importa com ela — afirmou Porcelana por entre dentes cerrados. — Ela é um hobby, nada mais. Você não conseguirá atingi-lo através dela.

— Minha misericórdia tem hora para acabar. Diga-me onde posso encontrá-la ou eu a torturarei até que você me *implore* para me contar.

— Está bem — respondeu Porcelana. — Está bem, eu lhe direi. — A mulher indicou o quarto com a cabeça. — Ela está lá dentro. — Valquíria gelou, mas Vingança apenas balançou a cabeça tristemente.

— Porcelana, eu não gosto desse lado seu, dessas *piadas*.

— Tenho passado muito tempo perto de Ardiloso.

Você se lembra das piadas *dele*, não lembra, Barão? Do que mais você se lembra? Dele capturando você?

— Eu me lembro de quase tê-lo matado.

— “Quase” não foi o suficiente — retrucou Porcelana e conseguiu rir de verdade. — Ele está vindo atrás de você, sabe? Espero estar lá quando ele o pegar. — Crepúsculo torceu o braço de Porcelana novamente, e a mulher gritou de dor.

— Diga-me onde está a garota — exigiu Vingança — ou eu mandarei que ele quebre seus braços.

— Estou aqui — anunciou Valquíria, chutando a porta enquanto o fogo se acendia nas suas mãos.

8

BILLY-RAY SANGUÍNEO

A menina não mirou a primeira bola de fogo muito bem e não conseguiu acertar Crepúsculo. A segunda bola de fo-go, entretanto, foi bem na mosca, e teria acertado o Barão Vingança se ele não tivesse saído da frente no último segundo. Ele era rápido. Talvez até mais rápido que Ardiloso.

— Caos — rosnou ele.

— Corra! — gritou Porcelana e Valquíria obedeceu.

A menina estava fora, no corredor, antes de dar uma olhada para trás, em tempo de ver Porcelana acenando com uma das mãos. A porta se fechou com força, selando os homens dentro do apartamento.

Valquíria foi até as escadas e começou a descer, quando algo agarrou seu tornozelo e a menina quase caiu.

Ela continuou avançando, olhando para trás a tempo de ver a mão desaparecendo dentro dos degraus. Valquíria chegou ao segundo andar, se chocou contra a parede e continuou descendo. A parede abaixo dela rachou e se desfez, e o homem de óculos escuros saltou para fora.

Valquíria agarrou o corrimão e saltou, usando seu impulso para dar força ao chute. Sua bota acertou o peito do homem, que atingiu a parede com força e quicou para a frente.

No primeiro andar, Valquíria quase tropeçou nos próprios pés, com o homem vindo logo atrás. Ela saltou os últimos degraus e correu para a rua. Carros passavam e pessoas andavam. Eram muitas pessoas inocentes que poderiam ser envolvidas numa batalha para a qual não estavam preparados. A menina disparou para dentro de um beco ao lado do prédio de apartamentos. Era

estreito e a luz do sol não entrava ali. A outra saída levava a uma rua mais vazia.

O homem de óculos escuros estava logo atrás dela, diminuindo a distância entre eles para o comprimento de um braço. A menina mal conseguia se manter fora de alcance.

Valquíria se abaixou e as pernas do homem trope-

çaram nela e ele voou por cima da menina, perdendo os óculos escuros no processo. O sujeito atingiu o chão espatifado, e quando virou a cabeça para a menina, ela pôde ver que ele tinha dois pequenos buracos negros onde seus olhos deveriam estar. Valquíria deu meia-volta, correu novamente por onde tinha vindo e olhou por sobre o ombro bem a tempo de ver o homem afundando no chão, direto para baixo, como se estivesse num elevador invisí-

vel. Faltando cinco passos para o fim do beco, o chão diante da menina explodiu e um homem saltou para cima.

Valquíria caiu para trás, tentando limpar os olhos das pedrinhas e terra.

— Não vejo motivo para tanta confusão — disse o homem. Ele era americano e falava com um profundo sotaque sulista. — Você é só uma garotinha.

Valquíria estalou os dedos, mas o homem deu um tapa na sua mão antes que a menina pudesse conjurar uma chama, e em seguida a agarrou. Ela sentiu algo frio e afiado na garganta.

— Não tente isso outra vez — avisou o homem.

Segurava uma navalha reta com um cabo de madeira, e no que a sua visão clareou, ela pôde ver as iniciais B-R. S. en-talhadas nela. A menina ergueu os olhos. Adiante, estacionada na lateral da rua calma, havia uma motocicleta negra. A motocicleta negra de Tanith.

Uma velha de rosto enrugado e dentes estragados entrou no beco. Olhou para eles, em seguida deu meia-volta e se apressou em ir embora.

O homem balançou a cabeça.

— Viu, esse é o problema com o pessoal normal, ordinário. Eles vêem alguma coisa estranha, alguma coisa assustadora, e correm para o outro lado. Você sabe o que isso quer dizer, não sabe? Quer dizer que ninguém virá ajudá-la. Quer dizer que você está sozinha.

Então alguém tossiu logo atrás deles. O homem olhou ao redor e Tanith chutou-o na cara. Ele cambaleou e Valquíria se libertou, girando para mantê-lo em seu campo de visão enquanto recuava até uma parede. Seria um homem bonito se não fosse por aqueles horríveis buracos negros.

Ele sorriu.

— Quem é você?

— Você primeiro. Ele riu.

— Muito bem. Bil y-Ray Sanguíneo, mestre de todo tipo de morte desagradável e fornecedor de punições cru-

éis e incomuns, ao seu dispor.

— Você é um matador?

— Não um mero matador, querida. Sou um matador *deluxe*. Também sou capanga-de-aluguel e faço uns ótimos bicos como mercenário. Sou muito, muito caro e sou muito, muito bom. E você é?

— O seu fim — retrucou Tanith.

Sanguíneo riu.

— Ah, percebo. Já me perguntei muitas vezes co-mo seria o meu fim. Nunca imaginei que seria uma coisi-nha tão bonita.

Tanith abriu o casaco e revelou a espada, ainda na bainha. — Você virá comigo sem criar confusão, Sr. Sanguíneo, ou eu terei de machucá-lo?

O rosto de Sanguíneo se entristeceu.

— Ah, fala sério! Olha o tamanho da sua e olha o tamanho da minha! Eu só tenho esta navalhinha aqui! Não é justo! — Mas sua lâmina estava no pescoço de uma garota desarmada. *Isso é justo?*

Sanguíneo hesitou, recuando enquanto Tanith se aproximava.

— Me pareceu justo — justificou-se ele. — Naquele momento. Na atual conjuntura, olhando para trás, talvez *tenha* sido um pouco unilateral. Sabe como é, em retrospecto, tudo fica mais claro.

Tanith tirou o casaco e deixou-o cair. Seus músculos se moviam por sob a pele dos braços. A mulher de-sembainhou a espada enquanto andava na direção de Billy-Ray.

— Ah — exclamou o homem. — *Agora* está ficando interessante.

Tanith atacou e Sanguíneo se abaixou, a espada as-soviando acima de sua cabeça. Tanith girou o pulso e a lâmina voltou a mover-se na direção dele, mas Sanguíneo saltou novamente para fora de alcance, dando uma risada.

— Isso é divertido! Dois adultos se conhecendo à moda antiga. O romance está no ar.

— Você não faz o meu tipo.

— Você não sabe qual é o seu tipo, querida.

— Eu sei que não é você, Sr. Sanguíneo, tenho alguns grilhões com o seu nome neles.

— Grilhões não podem me segurar, moça bonita.

Sou imune a praticamente qualquer feitiço de atamento de que imagino que você tenha ouvido falar, e a mais alguns que você não conhece. É isso que

me faz especial.

— Isso e as suas tendências psicopatas.

— Ah, elas não me fazem ser especial, elas me fazem ser *divertido*. Desta vez foi Sanguíneo que se moveu primeiro, fazendo uma finta para a direita para afastar a espada para longe e então pulou na direção de Tanith, com a navalha cortando o ar enquanto subia. Tanith ergueu o cotovelo, atingindo o antebraço do oponente e fazendo-o errar o golpe, e em seguida chutou seu joelho e deu um contragolpe com a espada. Sanguíneo teve de mergulhar para evitar ser atingido. Rolou desajeitado e se levantou, esfregando o joelho.

— Isso doeu — reclamou com um sorriso.

— Posso facilitar as coisas para você.

— Vai me dar essa sua espada?

— Não, mas se você me disser o que o Barão Vingança está planejando, deixarei você sair daqui andando.

Sanguíneo franziu o cenho.

— Mas eu cheguei aqui de carro.

— Esta é uma oferta de tempo limitado, Sr. Sanguíneo. — E de muita consideração também. Infelizmente eu sou um profissional, sou pago para executar um serviço e pretendo fazê-lo; tenho uma reputação a proteger e coisa e tal. Então que tal isso: você fica bem paradinha e me deixa matá-la, e então eu levo essa garota aqui e vamos cuidar dos nossos assuntos. Parece bom?

— Não.

— Diabos. Bem, de volta ao básico, acho.

Sanguíneo sorriu novamente e ficou parado com os dois pés juntos. Valquíria observou a superfície sob ele começar a rachar e quebrar, e, quando estava

solta o suficiente, Sanguíneo afundou direto no chão e desapareceu de vista.

Tanith segurou a espada em posição de combate. O

chão tinha se fechado atrás de Sanguíneo, deixando apenas centenas de pequenas rachaduras para marcar o que tinha acontecido. Valquíria ficou completamente imóvel.

Os segundos se passaram. Tanith estava franzindo o cenho, provavelmente se perguntando se o oponente tinha simplesmente fugido. A guerreira deu uma olhada para Valquíria, prestes a falar, e então a parede atrás dela ruiu e Billy-Ray Sanguíneo mergulhou em Tanith.

Tanith, por sua vez, parecia ser impossível de ser pega de surpresa e simplesmente saiu da frente, com sua espada casualmente abrindo um corte no antebraço de Sanguíneo. Coberto de terra, ele uivou de dor e a navalha caiu no chão. O homem recuou dançando, tentando es-tancar o fluxo de sangue. Valquíria olhou para o chão ao lado dos seus pés.

— Não ouse! — avisou Sanguíneo, olhando furiosamente para a menina com aqueles buracos negros, mas ela o ignorou. Valquíria se abaixou e pegou a navalha e isso o enfureceu ainda mais.

— Qual é o problema de vocês, mulheres? — gritou Sanguíneo, chutando o ar. — Vocês entram na nossa vida e tomam tudo! Ao longo dos anos, vocês tiraram pedacinhos de mim, da minha própria *alma*, e *agora*? Agora vocês pegaram a minha maldita navalha! Como eu vou poder matar pessoas? Como eu vou poder até mesmo me *barbear*?

Atrás de Sanguíneo, o Barão Vingança surgiu vindo da rua e parou na entrada do beco. Valquíria ficou tensa.

— Faça o seu serviço — ordenou Vingança, irritado. — Sim, senhor — respondeu Sanguíneo e em seguida falou mais baixo. — Estão vendo? Vocês estão me criando problemas com o patrão. É melhor você me entregar a garota neste exato segundo. — Uma porta lateral se abriu, uma porta que Valquíria não tinha percebido antes.

— Lamento — falou Porcelana quando saiu. — Isso não vai acontecer. — Tinha um corte recente na testa, mas, fora isso, estava ileso. Um jipe preto parou ao lado de Vingança, e Crepúsculo desceu do carro.

Valquíria viu algo, bem alto, um vulto no telhado.

Por um instante, pensou que fosse mais um dos vilões de Vingança, e então o vulto se deixou cair do alto, e o Sr.

Êxtase pousou ao lado deles. O homem se endireitou.

Valquíria viu o Barão fazer uma careta de raiva.

— Sanguíneo — comandou ele. — Há muitos deles. Vamos embora.

— Já estou indo, Barão.

Mas Vingança não iria esperar. Ele entrou no jipe, Crepúsculo voltou ao banco do motorista, e os dois foram embora. Subitamente sozinho, Sanguíneo abrandou sua expressão furiosa. Olhou para os adversários e lambeu os lábios. Ainda estava segurando o braço ferido, com o sangue escorrendo por entre seus dedos.

— O que o Barão Vingança está planejando? — inquiriu o Sr. Êxtase, com a voz terrível e baixa.

— Não sei — afirmou Sanguíneo. — Não, esperem, estou mentindo. Eu sei, mas não vou contar.

Valquíria observou o homem juntar os pés e o chão abaixo dele começou a se fragmentar.

— Parem ele! — gritou ela.

Tanith saltou, mas era tarde demais, e Sanguíneo afundou na terra novamente.

— Droga — praguejou Tanith, com uma expressão zangada. — Grande “matador deluxe” *ele* provou ser.

Nada mais que um covardezinho furtivo.

— Eu ouvi isso! — O grupo ficou tenso, pronto para lutar, olhando para baixo, para o pedaço de chão rachado; e para Sanguíneo, que tinha metido a cabeça pela superfície. Eles relaxaram a postura.

— Eu não sou covarde — retrucou Sanguíneo e-xaltado, olhando para todos eles. — Só fui momentanea-mente superado. O sujeito tem de ser macho para admitir que foi derrotado.

— Você deve ser muito macho, então — comentou Valquíria, o que atraiu um olhar furioso do americano.

— Ninguém gosta de sarcasmo, Srta. Caos. Eu simplesmente atrasei minha saída para lhe prometer uma coisa. Você me tomou a navalha, queridinha. Eu vejo isso como uma ofensa imperdoável. Então, quando o momento chegar, depois que você tiver servido ao seu propósito, juro que vou matá-la de *graça*. — E, com isso, Billy-Ray Sanguíneo desapareceu no chão. Então sua cabeça surgiu novamente. — Ou pelo menos pela metade do preço. — E se foi novamente.

O APOSENTO OCULTO

Depois que Valquíria desligou o telefone, usou o banheiro da biblioteca para limpar a sujeira do rosto. A menina en-xugou as mãos e viu que estavam tremendo. Suas mãos sempre tremiam depois de uma luta, quando a adrenalina restante aproveitava a chance para atacar aleatoriamente pelo seu corpo.

Tanith estava esperando pela menina do lado de fora, e juntas desceram as escadas. A dupla estava indo à casa de Gordon, para ver se o escritório do falecido tio de Valquíria continha algum livro sobre o Grotesqueiro, e estavam deixando Êxtase para ajudar Porcelana a restaurar alguma ordem no apartamento. Valquíria nunca tinha visto um irmão e uma irmã se vigiarem com tanta atenção quanto eles.

— Como estava Ardiloso? — indagou Tanith.

— Bravo — respondeu Valquíria. — E preocupado. Só acha legal quando eu sou atacada por gente que ele conhece. Nunca nem *ouviu* falar desse cara, o Sanguíneo.

— Ainda assim, pelo menos já sabemos como Vingança saiu da cela.

Valquíria assentiu com um aceno da cabeça.

— Esse truque da escavação é útil, de verdade. Eu só queria que ele não o estivesse usando para *me* pegar.

Não gosto muito da idéia de ser refém. Não me parece divertido.

Elas emergiram do lado de fora e foram até a motocicleta de Tanith.

— Então, como vai o treinamento? — perguntou Tanith.

— Vai muito bem. Quero dizer, vai quase muito bem. Há alguns movimentos que eu meio que. . . perdi.

— Perdeu?

— Esqueci. Tanith sorriu.

— Quando isso tudo terminar, a gente repassa eles todos. Você vai pegar o jeito, não se preocupe. Como vão seus pais?

Valquíria deu de ombros.

— Meus pais vão bem.

— Você tem ido à escola com frequência?

— Ah, Ardiloso me obriga a ir quando não estamos no meio de uma crise. Mas essa é a melhor coisa de se ter um reflexo: eu não tenho de lidar com aquilo tudo.

Tanith vestiu o capacete e levantou o visor, de modo a poder lançar um olhar estranho para Valquíria.

— Eu não ficaria muito dependente disso, se estivesse no seu lugar. Você pode até absorver todas as me-mórias, de maneira que *se sente* como se estivesse indo à escola, mas não está. Você está do lado de fora, olhando para uma parte importante da própria vida. Você tem treze anos, Val. Deveria passar mais tempo com gente da sua idade. — Tanith montou na moto.

Valquíria ergueu uma sobrancelha enquanto colo-cava o capacete reserva.

— As pessoas da minha idade não lutam com monstros, Tanith. Se lutassem, eu passaria muito mais tempo com elas. — Ela subiu na moto atrás de Tanith.

Na primeira vez que Valquíria andou na moto de Tanith, começou segurando os lados do casaco da mulher, mas conforme a moto acelerou mais e mais, suas mãos se aproximaram cada vez mais, até que estavam firmemente enlaçadas em volta da cintura de Tanith. Depois que a menina superou o medo inicial — o medo de estarem voando por estradas e de que uma curva malfeita as lan-

çasse para uma morte dolorosa que poderia arrancar a pele —, começou a gostar da sensação. Agora Valquíria amava ser transportada de moto. Era *divertido*.

Tanith costurou em meio ao trânsito e fez curvas numa velocidade alarmante, e Valquíria começou a rir sob o capacete. Pegaram uma saída da estrada e tomaram uma trilha, e o passeio ficou decididamente mais esburacado.

Eram apenas os reflexos superiores de Tanith que as sal-vavam de bater em uma das árvores que voavam por elas.

A dupla emergiu das árvores e disparou acima de um morrinho, voando pelo ar por alguns segundos e aterrissando suavemente numa estrada estreita, depois cruzando uma ponte corcunda. Momentos depois, as duas estavam passando pelos imensos portões que levavam à casa de Gordon Edgley. Valquíria *ainda* pensava nela como sendo a casa do seu tio. O fato de que ela a herdara não mudara absolutamente nada.

Tanith freou e deixou a roda de trás derrapar de lado um pouco, lançando uma chuva de pedrinhas. Desligou o motor, apoiando a moto no descanso. As duas saltaram e tiraram os capacetes.

— Gostou do passeio? — perguntou Tanith, com um sorriso maroto.

Valquíria devolveu o sorriso, com os olhos brilhando. — Eu vivo dizendo pro Ardiloso que ele deveria comprar uma moto.

— E o que ele diz?

— Diz que pessoas que vestem couro, como você, devem andar de moto. E pessoas que vestem lindos ternos, como ele, devem dirigir Bentleys.

— É, faz sentido. — Tanith olhou para a casa. — Afinal, vamos entrar ou não?

Valquíria riu, tirou a chave do bolso e abriu a porta da frente.

— Ainda acho difícil de acreditar que você seja uma fã.

As duas entraram. O hal era enorme, com pinturas góticas nas paredes. Elas passaram por ele, chegando à sa-la de estar.

— Seu tio era o melhor escritor de *todos os tempos* — retrucou Tanith. — Por que eu *não seria* uma fã?

— Você só, não sei, você não me parece desse tipo.

É como quando seu amigo acha que seu pai é o cara mais legal do mundo, sabe? Parece meio bobo.

— Bem, não havia nada de bobo nos livros do seu tio. Eu já lhe contei que um dos contos dele foi baseado em algo que aconteceu *comigo*?

— Você me contou. Muitas vezes.

— Eu nunca me encontrei com ele, mas ele deve ter ouvido falar no que aconteceu de alguma forma. Talvez Ardiloso tenha ficado sabendo e contou para Gordon.

Tanith parou no meio da sala de estar, olhando ao redor, com uma expressão levemente desejosa no rosto.

— E era aqui que Gordon vivia. Era aqui que ele escrevia suas obras-primas. Você é uma garota de sorte, Val. Como era isso, ter um tio como Gordon Edgley?

— A gente não vai começar essa conversa — respondeu Valquíria. — De novo não. — A menina foi até a estante, tirou um livro encapado em preto e entregou a Tanith. A mulher mordeu o lábio.

£ as trevas choveram sobre eles foi a última coisa que Gordon Edgley escreveu. O livro estava programado para ser publicado em alguns meses, mas Valquíria deixara Tanith ler a cópia de revisão. Cada vez que Tanith ia àquela casa, devorava alguns capítulos até que fosse hora de ir embora. Ela amava visitar aquela casa e aproveitava todas as chances que apareciam.

Sem dizer mais nada, Tanith levou o livro até o so-fá, deitou-se confortavelmente e continuou a ler. Valquíria tentou não rir. Deixou a sala de

estar e subiu as escadas, andando até o escritório de Gordon e fechando a porta depois de entrar.

Ao contrário do restante da casa, o escritório de Gordon era um lugar caótico, uma massa de estantes so-brecarregadas e pilhas de manuscritos empilhados. Valquí-

ria foi até a estante que cobria a parede oposta, lendo os títulos dos livros. Era ali que o escritor tinha guardado seu material de pesquisa. Muito ocasionalmente, Valquíria encontrava livros sobre magia naquela sala que não tinha sido capaz de achar nem na biblioteca de Porcelana Tristeza.

Valquíria passou o dedo pelas lombadas dos livros.

Se algum indivíduo poderia ter reunido informações sobre um ser tão bizarro e único quanto o Grotisqueiro, esse indivíduo teria de ser Gordon. Era o tipo de coisa que o interessava.

A ponta do seu dedo parou num livro grosso e encapado de couro sem nenhum título na lombada. A menina o tinha visto antes, mas nunca prestara muita aten-

ção. Tentou deslizá-lo da prateleira, mas o volume não se moveu. Franzindo o cenho, Valquíria o segurou com for-

ça e puxou. O tomo saiu até a metade e ficou preso, e em seguida a parede começou a se mover.

— Não acredito — exclamou Valquíria, no que a prateleira se abriu diante dela, revelando um aposento escuro como a noite.

Uma sala secreta. Uma sala secreta de verdade.

Sem se importar em controlar o sorriso empolgado que se espalhou pelo rosto, Valquíria entrou. A sala imediatamente se iluminou com velas.

Assim como o escritório, a sala secreta tinha as paredes cobertas de estantes, e nas prateleiras existiam tanto objetos exóticos quanto familiares. Dentre aqueles que a menina poderia categorizar, havia caixas de música

ornadas, estatuetas intrincadas, adagas de prata e cálices dourados. Diante dela estava uma mesa, e na mesa havia uma joia azul, aninhada numa garra de ouro. Uma luz suave começou a brilhar dentro da joia quando Valquíria se aproximou, e um homem se materializou do nada do outro lado da sala.

Corpulento. Vestia calças marrons e um colete da mesma cor sobre uma camisa com mangas enroladas até os antebraços. Cabelo cor-de-areia, empoleirado no topo da cabeça como um fardo frouxo de palha, riscado de grisalho. Ele se virou e seus olhos se arregalaram ao vê-la.

— Stephanie — exclamou o homem. — O que está fazendo aqui?

A menina o encarou.

— Tio Gordon?

O tio morto colocou as mãos nos quadris e balançou a cabeça.

— O que você está fazendo se esgueirando pela casa? Eu sempre disse que você era curiosa demais para o seu próprio bem. Devo admitir que é um traço que compartilhamos, mas não dispense uma demonstração ocasional de hipocrisia para comprovar um argumento.

Valquíria simplesmente ficou ali, parada, boquiaberta.

— É realmente.. É realmente você?

Gordon parou, como se tivesse sido flagrado numa mentira, e então começou a acenar com as mãos e balan-

çar a cabeça de um lado para o outro.

— Este não sou eu — afirmou. — Isto é tudo um sonho. .

— Pare com isso.

— Volte por onde você veio — continuou Gordon, falando arrastadamente.
— E tente acordar. Lembre-se, isto é tudo um soooooonho.

— Estou falando sério, Gordon. Pare com isso. — O homem parou de balançar a cabeça e deixou as mãos descaírem ao lado do corpo.

— Está bem — admitiu Gordon. — Então prepara-se para um choque, Stephanie: o mundo não é o que você pensa que é. Há magia aqui, magia de verdade, e ela é.

— Eu sei sobre a magia — interrompeu a menina.

— Apenas me diga o que está acontecendo. Como você está aqui?

— Você sabe sobre a magia? Quem lhe contou?

— Vai responder à minha pergunta?

— Acho que sim. Qual foi mesmo?

— Como você está aqui?

— Ah, bem, não estou. Não de verdade. Isto não sou eu. Quero dizer, sou eu, mas não sou. Está vendo a joia azul? É muito rara, chama-se Pedra Eco, e geralmente é usada.

— Eu sei sobre as Pedras Eco.

— Você sabe?

— As pessoas dormem junto com a pedra por três noites para gravar suas idéias e memórias.

— Ah. Sim, você está bem correta — aprovou Gordon, parecendo um tanto quanto desapontado. — Geralmente é usada por aqueles que estão morrendo, e depois é dada aos seus entes queridos para ajudar a confortá-los pelo seu período de luto. Para mim, porém, era mais como uma ferramenta de auxílio à escrita.

— Auxílio à escrita?

— Eu gravei a minha consciência na pedra. Ou melhor, o *verdadeiro* Gordon *me* gravou na pedra. Ele aparece sempre que está empacado num ponto da trama ou quando precisa de uma nova perspectiva para alguma história, ou quando quer apenas conversar com alguém que pode realmente desafiá-lo intelectualmente. Temos algumas conversas bem interessantes, posso lhe contar.

— Isso é. . Isso é tão. .

— Narcisista?

— Eu ia dizer esquisito, mas, tudo bem, vamos com a sua palavra. Quanto tempo temos antes que você fique sem energia?

Gordon, o Eco-Gordon, balançou a cabeça e indicou o objeto que continha a pedra.

— Quando a Pedra Eco está na base, está se recarregando constantemente. Eu poderia ficar aqui fora para sempre; desde que houvesse alguém por perto, é claro. Seria muito chato se fosse só eu.

“Tenho de lhe dizer, Stephanie, mesmo que eu fique grato pela chance de conversar com você — e eu lhe daria um abraço só que aí eu lhe atravessaria e isso seria estranho —, Gordon vai ficar um tanto quanto irritado quando souber que você descobriu como entrar aqui.

— Bem, na verdade. . Não acho que ele vá ficar.

Você se lembra da última vez que falou com Gordon; o *outro* Gordon, o Gordon *real*?

Os olhos do Eco-Gordon se estreitaram.

— Por quê? Stephanie, o que há de errado? A menina hesitou.

— Meu nome é Valquíria.

— Valéria?

— Valquíria. Com Q. Valquíria Caos. Você me deixou esta casa no seu testamento.

A imagem a encarou.

— Ah. Ah, não.

— Sim.

— Ah, meu Deus, eu estou. . Eu sabia, quero dizer, eu sabia que poderia estar em perigo depois que consegui o Cetro dos Antigos, mas, mas... Diga-me a verdade, está bem? Apenas seja totalmente, brutalmente honesta, apenas me diga. . Estou morto?

— Sim. — Eco-Gordon cobriu o rosto com as mãos. A menina esperou que o eco do seu tio erguesse o olhar. Como isso não aconteceu, procurou palavras que pudessem preencher o silêncio.

— Eu entendo que isso deve ser um choque para você. . Finalmente, ele ergueu a cabeça.

— Como eu morri?

— Nefasto Serpênteo matou você — contou Valquíria, tão gentilmente quanto pôde, dadas as circunstâncias. — Bem, matou *Gordon*. Matou *você*, eu acho. .

— Serpênteo me matou? Então ele tem o Cetro!

Rápido, Stephanie, não temos tempo a perder. .

— Não se preocupe, ele está morto. Ardiloso o matou ano passado.

— Ah — disse Eco-Gordon, com seu ímpeto interrompido. — Entendo. Você conhece Ardiloso, então?

— Ele tem sido meu professor.

— E o Cetro?

— Não é mais uma ameaça para ninguém.

— Vocês decifraram as pistas que eu deixei? O broche e as cavernas?

— Sim, deciframos. Isso foi muito inteligente da sua parte.

— A adivinhação foi idéia minha — disse o eco, orgulhoso. — Gordon, o Gordon real, queria apenas deixar instruções claras para o caso de alguma coisa ruim lhe acontecer, mas eu o convenci a fazer tudo na forma de uma charada. Tornou a coisa toda muito mais estilosa, não acha? — Seu lábio inferior tremulou por um momento.

— Você está bem? — indagou Valquíria.

— Não muito. Sou as memórias de um homem morto. Estou lutando para encontrar um propósito para minha existência. Houve muito tumulto? Quando eu morri, quero dizer? Houve um dia nacional de luto?

— Ah. . Não um dia, acho. . Eco-Gordon franziu o cenho.

— Mas eu fui autor de best-sellers. Quero dizer, eu era *amado*. E quanto a um minuto de silêncio, observado no país inteiro?

Valquíria esfregou o braço.

— Um minuto? Não tenho certeza sabe, se foi um minuto *oficial*, mas tenho certeza que observei que as pessoas estavam. . Mais quietas que o normal. .

— E quanto às vendas?

— Ah, bem, seus dois últimos livros voltaram direto para a lista dos dez mais vendidos.

— E quanto ao meu livro final? O que está acontecendo com ele?

— A data de lançamento é daqui a três meses.

— Esse vai vender bem — disse o eco, acariciando o próprio queixo. — Agora que estou morto.

— Havia um montão de gente no seu funeral — contou Valquíria. — Chorando, dizendo como você era ótimo, o quanto se sentirá a sua falta.

Eco-Gordon digeriu isso e assentiu com a cabeça.

— Eles *sentirão* a minha falta. E eu *era* realmente ótimo. — Seu rosto subitamente tornou-se azedo. — Beryl estava lá?

Valquíria riu.

— Estava, e fazendo o máximo para espremer algumas lágrimas e roubar todos os pêsames.

— Jamais gostei daquela mulher, sempre achei que Fergus poderia conseguir algo melhor. Não muito melhor, claro, porque o homem tem a personalidade de uma toalha molhada. Mas qualquer mulher seria melhor que Beryl.

Ah, Gordon lhes deixou um barco no testamento, não deixou? Como eles reagiram a isso?

— Fergus ficou todo quieto e Beryl começou a guinchar Eco-Gordon riu e bateu palmas.

— Ah, eu queria poder ter estado lá. Com certeza teria sido algo ótimo de se ver. Temos uma família *da pesada*, hein?

— Nem me fale nisso. Aliás, vai acontecer uma reunião em família amanhã à noite.

— É mesmo? Ah, isso é incrível! Você pode me levar?

— Ah, o quê? Gordon, você está morto.

— Apenas ponha a pedra no seu bolso, e depois me deixe numa sala vazia para que eu possa espiar todos os Edgley e rir. Ou talvez eu possa fingir que sou um fan-tasma e assombrar Beryl.

— Isso é algo incrivelmente maduro da sua parte, mas acho que não vou. Tenho de salvar o mundo amanhã à noite, então. .

— Ah, é claro. Mas se você mudar de idéia. . A menina sorriu maliciosamente.

— Eu levarei você, prometo. Então, o que é esta sala? O que são essas coisas todas?

Subitamente, o peito dele se estufou.

— Estes, minha cara sobrinha, são objetos de grande relevância mágica e histórica. Os itens que você vê nas prateleiras à sua volta são tão raros que muitos colecionadores matariam para botar as mãos neles. E eu falo sério, muito sério. Há uma mulher. .

— Porcelana Tristeza?

— Você a conheceu, então. Sim, Porcelana. Se ela soubesse da existência desta pequena horda, não mediria nenhum esforço para consegui-la. Então provavelmente não seria uma boa idéia mencionar essas coisas a ela. Sabe, eu fui apaixonado por ela durante muito tempo.

— Todo mundo é apaixonado por Porcelana.

— Ah, sim, mas meu amor foi mais forte e verdadeiro. Acho que ela sabia disso, e acho que, da sua própria maneira, ela me amou tanto quanto eu a amei. Ou amou Gordon tanto quanto ele a amou. . Não, tanto quanto eu amei. . Ela amou Gordon tanto quanto eu a amei. Ou coisa assim.

— Você. . tem certeza de que está tudo bem?

— Só estou tendo uma pequena crise existencial, nada para se preocupar. — Eco-Gordon fez uma pausa, parecendo refletir por um momento, e então se iluminou.

— Então, Ardiloso resolveu ser o seu mentor? Você estará segura com ele. Ele é um dos mocinhos.

— É. Estou aprendendo todo tipo de magia e ele está me ensinando a lutar. É perigoso, mas estou me divertindo muito.

— Eu costumava ajudá-lo em alguns casos, sabe?

Nada de mais, só alguns mistérios ocasionalmente. Eu não era realmente um tipo de herói de ação que dava socos, entretanto. Estava mais interessado na pesquisa, em localizar coisas, pessoas. No que vocês estão trabalhando agora? — Estamos tentando localizar esse maluco que escapou da prisão, Barão Vingança.

— Vingança? — exclamou Eco-Gordon. — Ele saiu?

— Achamos que ele quer trazer o Grotesqueiro de volta à vida. Os olhos de Eco-Gordon se arregalaram.

— O Grotesqueiro? Isso é muito injusto! Eu estava querendo escrever um livro sobre essas coisas todas e agora estou morto!

— Isso é bem injusto — comentou Valquíria, as-sentindo sua concordância com um aceno da cabeça. — Então, você sabe alguma coisa sobre ele?

— Um pouco, eu acho. Não tenho nenhum livro sobre ele, mas sei que foi reconstruído usando pedaços e partes de algumas criaturas bem impressionantes. Não achei que fosse possível lhe dar vida, porém.

— Estamos tentando entender isso também. E-co-Gordon balançou a cabeça, impressionado.

— Inacreditável. Genuinamente inacreditável. Ele tem um ferrão, aparentemente, de um Helaquin, e partes de um Shibbach foram costuradas nele. Pelo que eu li, o Barão Vingança teve de reorganizar as entranhas do monstro completamente, lhe dando um conjunto inteiramente novo de órgãos internos. O coração que Vingança lhe deu, de um Kú na Gealaí Duibhe, fica

do lado direito, e mais baixo que o normal, mais ou menos aqui. — E-co-Gordon indicou as próprias costelas.

— Se ele realmente voltar, destruir seu coração seria o bastante para matá-lo?

— Ah, sim, morto como pedra.

— Então. . é assim que a gente mata ele? Simples.

— Nem tanto. Como a maior parte dele é compos-ta de um Sem-Rosto, ele vai se curar rapidamente. Quanto mais forte ele ficar, mais rápido vai se curar, até o ponto em que não sofrerá nenhuma ferida. Seria necessário algo com grande poder de destruição para ferir o Grotosqueiro quando ele estiver com força total, acredito. Vocês já o encontraram?

— Não, nem sabemos por onde começar a procurar.

— Vocês deveriam perguntar ao Tormento.

— Quem?

— Há alguns anos, ouvi um rumor que dizia que um homem chamado O Tormento poderia saber onde o Grotosqueiro está escondido.

— O Tormento? Não tipo, Joey Tormento ou Sam Tormento? Um O de verdade?

— Um O de verdade, sim. Ele provavelmente está morto agora, se é que existiu mesmo. Era só um rumor.

Você deveria perguntar a Équus Meritório se ele o conhece. — Hum, na verdade, Meritório está morto. Assim como Morvena Corvo. Tomo Sagaz também, mas ele traiu os outros, então não lamento que *ele* esteja morto.

— Oh, céus, Meritório e Corvo? Isso é um monte de gente morta. Sobrou alguém que *não* tenha morrido?

— Hum, Medonho Reservado virou uma estátua.

— Bem, isso já é alguma coisa, pelo menos. Valquíria deu uma olhada no relógio.

— É melhor eu ir. Tanith está esperando no térreo.

— Tanith?

— Tanith Low.

— Ah, eu ouvi falar nela. Nunca a conheci pessoalmente, mas ouvi falar nela. Você conhece o meu conto *O show de horror de uma noite inteira*, da minha coletânea de histórias curtas? Foi inspirado em algo que ouvi falar dela.

Valquíria sorriu.

— Acho que ela ficará muito feliz em saber disso.

Eco-Gordon olhou carinhosamente para Valquíria.

— Você é apropriada para isso tudo, sabe? Eu aju-dei Ardiloso por algum tempo até que percebi que não gostava de colocar a minha vida em perigo. Às vezes eu me arrependo de ter me afastado. Mas você. . Eu sempre soube que você seria perfeita para este tipo de aventura. É

por isso que deixei tudo para você no testamento.

— Obrigada por isso, aliás. É.. incrível.

— Não há de quê. Por falar nisso, como Serpênteo morreu?

— Dolorosamente. Eco-Gordon sorriu maliciosamente. — Ah, ótimo.

O Bentley parou diante da casa de Gordon bem quando Valquíria estava fechando a porta da frente.

— Está tudo bem com você? — perguntou Ardiloso assim que saiu do carro.

— Eu lhe disse no telefone, estou bem. Tanith chegou bem a tempo de salvar o dia.

Ardiloso olhou para Tanith.

— Obrigado.

— Val estava cuidando de tudo — respondeu Tanith, dando de ombros.

— Como foi seu assunto sorrateiro ultrassecreto?

— indagou Valquíria, ansiosa para mudar de assunto.

Ardiloso hesitou.

— Este é um assunto delicado.

— Somos todos amigos aqui, não somos? Então, aonde você foi?

— Bem, eu. . Eu invadi o Santuário.

— Como é? Você o *quê*?

— Aquilo que você disse mais cedo, sobre Túrido Grêmio ser um político com pessoas a agradar. Isso me fez pensar. Então invadi seus aposentos privados. Segui minha intuição.

Tanith olhou fixamente para o detetive.

— Isso é. . Isso é bem perigoso, Ardiloso. Se os Talhadores tivessem flagrado você. .

— Eu sei. Teria sido uma luta interessante. Mas tive de correr esse risco, de verdade. Eu estava curioso.

— Sobre o quê? — indagou Valquíria.

— Pode haver motivo para se acreditar que Túrido Grêmio esteve envolvido na fuga de Vingança.

— Envolvido como? — inquiriu Valquíria, estrei-tando os olhos. — Ele é um traidor?

— Minha investigação ilícita está apenas começan-do, é cedo demais para. .

— Que nem o Tomo Sagaz — interrompeu Valquíria. — E Porcelana!

Ardiloso inclinou a cabeça.

— Porcelana não é uma traidora.

— Mas ela costumava adorar os Sem-Rosto, certo?

— Bem, sim, mas todos nós fizemos coisas das quais não nos orgulhamos.

— Até você? — Ardiloso olhou para a menina, mas não disse nada.

— Como poderia um traidor ser eleito Grande Mago? — questionou Tanith, e o esqueleto balançou a cabeça.

— Essas são as minhas suspeitas, nada mais. Libe-rei alguns arquivos pertencentes ao Grande Mago. .

— *Liberou?*

— E precisarei de algum tempo para examiná-los.

Até lá, Túrido Grêmio é inocente até que se prove o contrário. Isso dito, obviamente nós ainda não confiamos ne-le. Isso seria ridículo.

— Claro — concordou Tanith.

— Absolutamente — acrescentou Valquíria.

— Muito bem, então, alguma de vocês duas conseguiu descobrir algo que possa nos ajudar?

Valquíria olhou para Tanith, que subitamente baixou o olhar para as próprias botas.

— Eu andei. . lendo.

— Pesquisando? — indagou Ardiloso. Tanith ficou um pouco vermelha e Ardiloso inclinou a cabeça.

— Você andou lendo o livro de Gordon novamente, não foi?

— Mas é uma emoção incrível da primeira à última página — resmungou a guerreira.

O esqueleto suspirou e se virou para Valquíria.

— E você?

Eco-Gordon pediu à menina que não contasse a ninguém sobre sua existência, pelo menos até que ele tivesse se acostumado à idéia de que era a única versão de Gordon Edgley que restava no planeta. Valquíria tinha concordado com relutância.

— Descobri algo em um dos cadernos do tio Gordon — mentiu a menina. — Aparentemente, alguém chamado O Tormento pode saber onde Vingança escondeu o Grotesqueiro.

— O Tormento?

— Não sei se ele é real ou não.

— Ele é real.

— Você o conhece?

— Não — respondeu Ardiloso. — Mas sei de al-guém que conhece.

A ARMADURA DE LORDE VIL

Bil y-Ray Sanguíneo não gostava dos Infectados. Ele olhou para as criaturas enquanto elas passavam, olhou para seus rostos vazios e olhos mortiços. Metade deles cavava, metade deles retirava pedras e ninguém fazia uma pausa. O comando de Crepúsculo sobre eles era absoluto.

Sanguíneo os deixou trabalhando. Ao caminhar, sentiu a faca no cinto. Era grande e pesada e desajeitada. Ele preferia muito mais sua navalha degoladora, mas aquela menina a tinha tomado dele. Sanguíneo aguardava com muita expectativa a chance de se re-encontrar com ela.

As cavernas eram grandes, e as luzes que tinham sido instaladas mal conseguiam afastar as trevas, através das quais o Barão Vingança agora caminhava.

— Os Infectados já terminaram de buscar nas câmaras a leste — informou Sanguíneo. — A armadura não está lá. Eu busquei nas câmaras a oeste, e não encontrei nada. Escavei através de algumas passagens desabadas ao norte, e ainda nada. Parece que, se a armadura está mesmo aqui, deve estar numa das câmaras ao sul.

— Está aqui — disse Vingança, confiante. — Lorde Vil morreu nestas cavernas, eu sei. E quanto aos meus trajes?

De modo a vestir a armadura, Vingança precisaria de trajes especiais para protegê-lo do poder de Necromancia que o artefato continha. Fora tarefa de Sanguíneo consegui-los.

— Estarão prontos ao anoitecer — assegurou Sanguíneo.

— Conforme prometido.

— É melhor que estejam.

Sanguíneo olhou para o Barão, mas não disse nada. Aquele não era um homem para se desafiar, principalmente numa ocasião como aquela. Outra pessoa de quem Sanguíneo não gostava era Crepúsculo. Em geral já não gostava de vampiros, mas realmente detestava Crepúsculo, especialmente da maneira como ele conseguia chegar se esgueirando sem fazer ruído. Vingança era a única pessoa que Sanguíneo encontrou que podia ouvir quando Crepúsculo se aproximava. Era por isso que, quando Crepúsculo falava bem ao lado de Sanguíneo, este dava um pulo enquanto Vingança permanecia perfeitamente imóvel.

— Barão — disse Crepúsculo. — Nós a encontramos.

Os olhos de Vingança cintilaram à luz dos lampiões. Eles seguiram Crepúsculo para as profundezas do complexo de cavernas.

Água escorria pelas paredes de pedra, tornando o piso escorregadio.

O trio caminhou na direção de um grupo de Infectados, que recuou para deixar o Barão Vingança entrar na câmara recém-descoberta.

Sanguíneo foi até a frente e parou ao lado de Crepúsculo.

Os lampiões lançavam longas sombras em paredes irregulares. No centro da câmara havia uma grande mesa de pedra circular e nessa mesa jazia a armadura. Era fosca, negra e simples, sem entalhes ou pinturas. Para o Barão Vingança, deveria ser a coisa mais bela que ele jamais vira.

A armadura de Lorde Vil.

A ATERRORIZANTE SUGADORA DE

CÉREBROS DE LONDRES

Vaurien Patifê sentou-se à mesa do lado oposto de Ardiloso. Tanith ficou logo atrás do vilão e Valquíria se encostou no canto ao lado da porta, de braços cruzados. Ardiloso ergueu o olhar da pasta que estava lendo.

— Vaurien, você não tem sido muito cooperativo com seus interrogadores, certo?

— Não sei do que nenhum deles estava falando.

— Você é um associado conhecido de um homem que chamam de O Tormento.

O sujeito deu de ombros.

— Isso é novidade para mim.

— O que é novidade?

— Que eu o conheço.

— Conhece quem?

— O quê?

— Que você conhece O Tormento?

— É.

— Então você o *conhece*?

— É. — E logo em seguida: — Não.

— Você não o conhece?

— Eu, não, eu, não. Nunca ouvi falar dele.

— Odeio dizer isto, Vaurien, mas isso é incrivelmente pouco convincente.

Patife balançou a cabeça.

— Quem é ele? Nunca ouvi falar dele. Tormento quem?

— Você reconhece a moça bonita atrás de você?

Patife tentou se virar na cadeira, mas os grilhões permitiam apenas que ele entortasse o pescoço.

— Eu deveria?

— Aquela ali é Tanith Low. Talvez você tenha ouvido falar dela. Tanith é uma interrogadora renomada, conhecida no mundo inteiro pelos seus cem por cento de sucesso em conseguir a informação necessária. — Valquí-

ria viu Tanith arquear uma sobrancelha, sem dizer nada.

— Ah, é? — indagou Patife. Ele parecia um tanto quanto preocupado. — E como ela consegue isso?

— Bem, para ser delicado, ela tem o poder de sugar os cérebros das pessoas.

Patife olhou fixamente para o esqueleto e Tanith teve de cobrir a boca com a mão para não rir. Valquíria lutou para não sorrir, e desejou realmente estar em qualquer lugar fora da linha de visão de Patife.

— Ela não pode fazer isso — afirmou o prisioneiro. — Isso é ilegal!

— Claro que não. É um furo na lei que ela vem ex-plorando há anos. Ela suga o cérebro e o engole, digerin-do-o e absorvendo o conhecimento.

— Mas isso é horrível — comentou Patife, baixinho. — Você nos deixou sem muita escolha. Tanith, quer fazer as honras?

Da sua posição atrás de Patife, Tanith levantou as mãos num gesto *o-que-você-espera-que-eu-faça?* Suas mãos desceram quando Patife tentou olhar para trás, para ela, e a guerreira ficou absolutamente séria. No momento em que o prisioneiro tirou os olhos dela, Tanith voltou a pedir ajuda com gestos.

Patife se endireitou na cadeira, cerrou os punhos e fechou os olhos com força.

— Você não vai sugar o *meu* cérebro! — gritou.

Ardiloso se reclinou e não ofereceu ajuda alguma a Tanith. Esta apontou um dedo para o esqueleto, balan-

çou-o de leve e então voltou sua atenção a Patife. Tanith suspirou, foi até Patife e colocou as mãos sobre a cabeça dele. Os olhos do prisioneiro ainda estavam fechados com força.

Tanith mudou de idéia sobre esse lance de mãos e se inclinou para a frente, colocando a boca bem ao lado da orelha de Patife. O corpo dele se enrijeceu. Os lábios de Tanith se separaram, e o leve som da pele descolando da pele fez Patife gritar e se atirar para trás e cair de lado com a cadeira. Ele se espatifou no chão.

— Eu lhe contarei! — guinchou Patife. — Eu lhe contarei tudo que sei! Só mantenha ela longe de mim, ouviu? Mantenha ela longe do meu cérebro!

— O Tormento ainda está vivo? — inquiriu Ardiloso, de pé ao lado de Patife.

— Sim!

— Quando foi a última vez que você teve contato com ele?

— Dois anos atrás, eu juro!

— Qual foi a natureza desse encontro?

— Eu só queria falar com ele!

— Sobre o que vocês conversaram?

Patife olhou para cima, se assegurando de que Tanith não estava para começar com a sugação de cérebros.

— Nada. Ele foi embora. Não queria conversar.

Acho que ele não gosta de mim.

— Por que ele não gosta de você?

— Eu não sei. Talvez seja o meu cheiro.

— O que você sabe sobre o Grotosqueiro? — perguntou Valquíria.

— Nada, nadinha, honestamente.

— Tanith — chamou Ardiloso, entediado — Sugue o cérebro dele.

— Não! Espere! Eu não sei nada, mas *ele* sabe! Durante a guerra; a guerra contra Malevolente. O Tormento estava rastreando o Barão Vingança.

— Por quê? — indagou Ardiloso.

— Ele iria matá-lo. Durante aquela coisa toda, durante a guerra, ele estava do *seu* lado. *Eu* também estava do seu lado.

— Jamais vi você lutando.

— Eu estava em algum lugar mais para o fundo — disse Patife fracamente.

— Mas o fato é que nós estávamos todos lutando contra o mesmo inimigo; isso conta para alguma coisa, certo?

Ardiloso inclinou a cabeça.

— O inimigo do meu inimigo não é necessariamente o meu amigo.

— O Tormento, ele me contou uma vez que estivera vigiando Vingança, e que estava a ponto de atacá-lo quando . . . quando *você* apareceu. Vocês lutaram e você levou Vingança embora, e O Tormento decidiu que era hora de se aposentar. Ele é um cara velho. Já estava por aí muito antes que Malevolente nem sequer tivesse aparecido na cena. Mas ele me contou que, enquanto estava vigiando Vingança, viu onde o bandido escondeu o Grotesqueiro.

— Onde?

— Bem, isso ele não *me* contou. Disse alguma coisa sobre eu ser incapaz de guardar segredo ou coisa assim.

— E onde ele está?

Patife virou-se para cima, de olhos arregalados.

— Você jura que vai manter ela longe do meu cérebro?

— Tem a minha palavra.

— Roarhaven — revelou Patife, depois de alguma hesitação. Valquíria tinha ouvido falar em Roarhaven. Era um vilarejo de feiticeiros, uma cidadezinha sombria que não era simpática com estranhos. — Ele está em Roarhaven.

Patife estava sentado no banco de trás do Bentley, com pulsos e tornozelos agrilhoados e uma mordaca na boca. O prisioneiro tinha entrado no carro com os grilhões, mas a mordaca era uma novidade. Ardiloso se cansara da conversa dele.

O trio se dirigiu para o leste, saindo da cidade, trocando as ruas do centro pelos subúrbios, e então trocando os subúrbios pelos campos. Depois de meia hora dirigindo por estradas estreitas e cheias de curvas, eles chegaram a uma pequena cidade na margem de um lago escuro que cintilava sob a luz do sol da tarde.

O Bentley parou sob a sombra de uma grande árvore localizada nos limites da cidade, e Valquíria e Ardiloso saltaram. Estava quente e estranhamente silencioso.

— Nenhum pássaro está cantando — observou Valquíria.

— Roarhaven não é o tipo de cidade que inspira canções — respondeu Ardiloso. — A não ser que sejam canções fúnebres.

A menina podia ver pessoas andando nas ruas, mas elas passavam umas pelas outras sem dizer uma palavra.

Ardiloso puxou Patife para fora e removeu a mordaca.

— Onde encontramos O Tormento?

— Me dê um momento, está bem? — retrucou Patife, observando a cidade.
— Não venho aqui há anos.

Estou em casa novamente, sabia? É algo importante para mim, emocionalmente.

Ardiloso suspirou.

— Ou você começa a ser útil ou a gente vai enfiar você no porta-malas e procurar por conta própria.

— Não há necessidade de me ameaçar — reclamou Patife, amuado. — Vocês estão com pressa, eu entendi.

Isso não é desculpa para ser rude comigo na minha própria cidade.

— Você vai ser útil?

Patife encarou-o com cara de raiva.

— Vou, sim.

— Ótimo.

— Mas você poderia pelo menos tirar os meus grilhões?

— Não.

— Nem ao redor dos meus tornozelos? É a primeira vez que volto para casa em vinte anos; não quero que todo mundo pense que sou algum tipo de criminoso.

— Você é algum tipo de criminoso — comentou Valquíria.

— Sim, mas...

— Os grilhões continuam.

Patife resmungou, mas seguiu as ordens. Com as correntes tilintando enquanto andava, dando passos curtos para não tropeçar e cair, o prisioneiro os guiou vilarejo adentro, se mantendo longe da rua principal e se aproveitando dos becos estreitos entre os prédios.

— Onde ele mora? — inquiriu Ardiloso.

— Bem ali na frente.

Patife indicou o prédio diante deles com a cabeça.

Valquíria franziu o cenho.

— Num pub? O Tormento mora num pub?

— Não é um pub qualquer — retrucou Patife rispidamente. — É o *meu* pub. Bem, *era* o meu pub antes de eu perdê-lo. Percebi isso como um sinal, sabe? Um sinal para seguir em frente, para ver o que mais o mundo tinha a oferecer. Às vezes eu me arrependo disso, de ter deixado tudo isto para trás, de ter ido aonde não tinha família, não tinha amigos. Houve momentos em que eu me senti tão, tão solitário. .

— Deve ter sido horrível para você — afirmou Valquíria. — É claro, talvez, se você não tivesse saído por aí tentando matar as pessoas...

— Sou um artista — anunciou Patife, orgulhoso.

— Quando eu mato, faço uma arte bagunçada.

Os dois o ignoraram e foram até a porta lateral. Ardiloso se abaixou para arrombar a fechadura com uma gazua.

— Tanith poderia abrir essa porta apenas com um toque — ralhou Valquíria.

Ardiloso virou lentamente a cabeça para a menina, e um momento depois a tranca fez um clique e se abriu. O

esqueleto guardou a gazua no bolso.

— Eu prefiro fazer à moda antiga.

— Só porque você não tem escolha.

— Sou um Elemental — Ardiloso explicou a Valquíria. — Tanith é uma Adepta. Gostaria de vê-la jogando uma bola de fogo.

Patife tossiu nervosamente.

— Ela não vai estar lá, vai? Aquela mulher, Tanith?

— Não se preocupe — tranquilizou-o Valquíria. — Seu cérebro está seguro. Por enquanto.

Ardiloso abriu a porta e espiou para dentro, em seguida pegando Patife pelo cotovelo e puxando-o para dentro. O corredor do pub estava escuro e cheirava a cer-veja choca e toalhas molhadas. Havia algumas vozes vindo da parte da frente.

— Onde ele fica? — perguntou Ardiloso em voz baixa.

— No subsolo — respondeu Patife. — Eu converti o porão em moradia, e ele fez suas próprias alterações. — O trio se moveu para o fundo do prédio.

— Naquela época — continuou Patife —, eu era cheio de idéias. Ia reformar toda a fachada do pub e ex-pandir para oeste, talvez investir num sistema de som, numa pistazinha de dança. No fim, decidi não fazer nada disso. Muito caro, sabe. E, tipo, havia o fato de que ninguém queria dançar, então. .

Valquíria ficou de olho na retaguarda do grupo, pa-ra garantir que ninguém se esgueiraria por trás deles.

— Mas foi uma época legal — afirmou Patife, com a voz marcada pelo arrependimento. — Todo o pessoal dos velhos tempos costumava vir e se reunir no meu pub.

Dave Relâmpago, Pete Nonsense, Hierônimo Cilada Mortal. Costumávamos beber, conversar e rir. Nos velhos tempos.

Ardiloso inclinou a cabeça.

— Vaurien, se você está tentando nos matar, há meios mais rápidos do que nos contar a história da sua vida. — E menos dolorosos também — acrescentou Valquíria.

— Eu só achei que vocês iriam gostar de saber — respondeu Patife, indignado. — Achei que poderia ajudar se eu lhes contasse a história deste lugar e a minha relação com ele.

— Algum motivo em particular para *achar* que esse conhecimento poderia ser útil? — indagou Ardiloso.

— Se você me deixar terminar, eu lhe direi.

— Certo, então. Termine.

— A razão pela qual eles frequentavam o *meu* pub em particular era porque, numa cidade que está cheia de feiticeiros, não havia muitos lugares onde você pudesse se reunir com os amigos e se sentir especial, sabe? Mas eu

cuidei disso. Então, enquanto a frente do pub atendia ao restante dos magos de Roarhaven, havia também uma se-

ção privada só para mim e para os meus amigos; para sentarmos, conversarmos e planejarmos.

— É mesmo? — Ardiloso perguntou, enquanto Valquíria abria a porta.

— Sim — disse Patife com um aceno da cabeça. — Uma seção privada bem aqui nos fundos.

O trio entrou. Dois homens estavam sentados diante do balcão. Mais dois jogando sinuca numa velha me-sa. Um barman mal-humorado e, de pé num canto, um gigante, cuja cabeça calva tocava o teto. Todos pararam e olharam para os recém-chegados. Valquíria e Ardiloso ficaram paralisados.

Patife sorriu maliciosamente.

— Oi, pessoal.

BRIGANO BAR

Uma mosca voava ruidosamente. Ela batia numa janela encardida que tinha vista para uma árvore morta. O barman saiu de detrás do balcão e os dois homens se levantaram dos bancos.

— Patife — disse o barman, mastigando o nome ao dizê-lo. — Você tem muita coragem de mostrar sua cara feia no meu pub.

— *Seu pub?* — indagou Patife com uma risada carregada de desprezo. — Você ganhou este lugar num jogo de golfe no qual trapaceou.

— Você também — retrucou o barman. — Eu só trapaceei melhor. Por que você voltou?

— Não podia ficar longe para sempre, podia? Esta cidade me traz muitas memórias felizes. Na verdade, Hierônimo, estava torcendo para que sua irmã estivesse na área; ela está aqui?

Hierônimo Cilada Mortal parecia estar a ponto de explodir.

— Não ouse *mencioná-la*, está me ouvindo?

Patife deu de ombros.

— O que você vai fazer quanto a isso?

— Creio que houve um mal-entendido — Ardiloso tentou interromper, mas foi ignorado.

Cilada deu um passo à frente, com os punhos cerrados dos dois lados.

— Que tal eu terminar o que comecei vinte anos atrás, hein? Patife riu.

— Você quer me matar, é isso?

— Ah, não sou só eu, parceiro. Qualquer um presente que queira matar este pedaço de escória, dê um passo à frente.

Todos deram um passo à frente.

— Então é assim, não é? — comentou Patife, agindo como se estivesse chateado. — Depois de toda aquela conversa de amizade, depois de todos aqueles anos, de tudo pelo que passamos... vocês todos querem me matar?

— Matar você — disse um dos jogadores de sinuca — de modo horripilante.

— Eu adoraria ajudá-los, rapazes — disse Patife, erguendo as mãos e mostrando os grilhões. — Mas, como vocês podem ver, estou meio enrolado agora. Ainda assim, acho que, se vocês conseguirem matar essas duas ótimas pessoas que entraram comigo, poderão conseguir o que desejam.

Cilada estreitou os olhos.

— Matar uma garotinha? É, acho que talvez possamos executar essa tarefa *gigantesca*. E quanto a você, magricelo? Quem diabos é você?

— Não estamos procurando confusão — respondeu Ardiloso.

— Então a confusão chegará como uma bela surpresa — disse o homem à esquerda de Cilada. A eletricidade estalava na sua mão aberta. Dave Relâmpago, sem dúvida.

— Estamos aqui numa missão para o Santuário — anunciou Ardiloso.

O homem à direita de Cilada se eriçou, e Cilada sorriu maliciosamente.

— Ouviu essa, Pete? Eles estão com o Santuário.

Pete Nonsense rosnou.

— Eu *odeio* o Santuário.

— Ah — disse Ardiloso.

— Nós *todos* odiamos o Santuário.

— Ah. Então não estamos aqui numa missão para o Santuário. Estava só fazendo uma piada.

— Então você vai morrer rindo — zombou Cilada.

— A não ser que vocês nos digam quem são neste exato segundo.

Ardiloso observou o homem por um momento e em seguida removeu o disfarce, colocando-o na mesa de sinuca. Olhos se arregalaram. Bocas se abriram. Passos foram dados para trás.

— O detetive-esqueleto — um dos jogadores de sinuca reconheceu.

— Não vou encarar o *esqueleto* — afirmou o amigo dele. — Sem chance.

— O que há de errado com vocês? — latiu Cilada.

— Este é o *meu* pub, estão me entendendo? Este é o *meu* território. Sou a única pessoa com quem vocês deveriam se preocupar aqui dentro. É um homem morto; qual é a grande coisa? Podemos derrotá-lo. Há seis de nós e só um dele. Ah, e uma garotinha. Isso é muita coisa para vocês, durões? — Os jogadores de sinuca se entreolharam nervosamente, e em seguida balançaram as cabeças.

— Bem, aí está, então — concluiu Cilada. — Estamos de acordo. Matamos esses dois e então matamos o nosso caro e velho amigo Patife.

— Isso vai ser divertido — afirmou Patife, arrastando os pés até um dos bancos para se sentar. — Então, como vão conseguir isso?

— Já faz um tempo que Brobding não se exercita — disse Cilada, e o gigante deu um passo à frente.

Valquíria deu uma olhada para Ardiloso.

— Pode ficar com esse — sussurrou a menina.

— Vou matar vocês — anunciou Brobding, o gigante, numa retumbante voz grave. — Quero que saibam que não é nada pessoal.

— Bom saber — retrucou Ardiloso. — Neste caso, vou derrubar você e acertá-lo com a mesa de sinuca, mas também não é nada pessoal. — Brobding riu. Todos eles riram. Ardiloso deu um passo à frente e abriu as duas mãos, e Brobding, o gigante, foi atirado para trás, se chocando contra a parede oposta. Valquíria catou um taco de sinuca na mesa e quebrou-o na cara do primeiro jogador de sinuca. Ele capotou para um canto e o segundo jogador correu na direção da menina.

Pete Nonsense correu para a frente e tentou um soco que Ardiloso nem se deu ao trabalho de bloquear. O

esqueleto simplesmente avançou, desviando-se do golpe, e empurrou, e Nonsense se chocou contra Cilada.

O corpo inteiro de Dave Relâmpago estalava com eletricidade, fazendo seus cabelos ficarem em pé e enchendo o aposento com um cheiro de ozônio. O sujeito atacou e Ardiloso chutou um banco do bar. O objeto atingiu as pernas de Dave Relâmpago, que xingou e caiu.

O segundo jogador de sinuca estava tentando agar-rar a garganta de Valquíria. A menina chutou a canela do adversário e meteu um dedo no seu olho, e ele gritou. O

homem golpeou com selvageria e o bloqueio da menina não pôde conter a força, e o punho do jogador atingiu o lado da cabeça dela. Ardiloso chutou Dave Relâmpago enquanto este tentava se levantar, e então Cilada pulou em cima do esqueleto. Ardiloso agarrou o homem e girou, e Cilada gritou com uma voz surpreendentemente aguda enquanto era jogado no chão sujo e grudento com um golpe de judô.

O jogador de sinuca levantou Valquíria e atirou-a na mesa. A menina perdeu o fôlego com o impacto. O

sujeito levantou-a novamente e atirou-a mais uma vez.

Valquíria agarrou a bola oito e, quando seu adversário a ergueu mais uma vez, ela acertou a bola na orelha dele. O

homem berrou de dor e a soltou.

Ardiloso acertou os punhos em Pete Nonsense, em seguida torcendo seu braço e jogando-o de cara na parede.

Pete Nonsense caiu no chão desacordado. Cilada rugiu enquanto Ardiloso virava para encará-lo. O dono do bar parecia estar fazendo força, com os músculos do pescoço saltando. O rosto ficou vermelho e os punhos cresceram, ficando distorcidos e se transformando em marretas. O

cuspe voou quando ele riu, triunfante.

Do outro lado da sala, Valquíria estava encarando o jogador de sinuca. O homem esfregava a orelha e andava mancando. Encarava a menina com apenas um olho, a-pertado.

— Vou matar você — ameaçou o sujeito, de maneira nada impressionante. Valquíria ainda estava com a bola oito na mão, então a jogou. A bola acertou o jogador bem no meio dos olhos e depois foi quicando pelo chão.

O jogador de sinuca ficou ali, parado, com uma expressão de confusão no rosto, e em seguida caiu, anestesiado.

Valquíria observou Cilada bater com um dos punhos de marreta no flanco de Ardiloso, e o detetive cambaleou para trás, até a parede. Cilada tentou golpear sua cabeça, mas Ardiloso se abaixou, e o punho acertou o revestimento de madeira da parede, atravessando-o. Cilada tentou puxar o punho para fora, mas não conseguiu se soltar. Ardiloso o golpeou. E golpeou de novo.

Cilada se retorceu e virou e golpeou com o outro punho. Este também acertou o painel de madeira e ficou preso.

— Ah, não — choramingou Cilada.

Ardiloso fez pontaria cuidadosamente e deu um soco. A cabeça de Cilada caiu para trás e seu corpo ficou caído contra a parede. Ele teria desmoronado no chão se não fossem seus punhos de marreta cravados na parede.

— Ardiloso — avisou Valquíria. Brobding, o gigante, estava se levantando, e parecia bravo.

— Mais uma vez — disse Ardiloso ao gigante —, nada pessoal. Brobding grunhiu e Ardiloso correu na di-reção dele e saltou, girando o corpo e estendendo o pé direito. A voadora acertou Brobding bem na junta da mandíbula. Ardiloso aterrissou e o gigante girou e caiu sobre um joelho. Valquíria olhava fixamente para Ardiloso.

— O que foi? — indagou o esqueleto.

— Você deu uma voadora nele — exclamou a menina. — Mas você não dá voadoras. *Tanith* é quem dá esse tipo de chute.

— Você está impressionada, não está? — O detetive pôs as duas mãos abertas contra a lateral da mesa de sinuca. — Eu provavelmente sou o seu herói.

— Ah, cale-se.

Brobding, o gigante, olhou em volta e, em seguida, o ar ondulou e a mesa de sinuca voou através da sala e atingiu o monstro. A mesa virou com o impacto, lançando as bolas pelo ar, e Brobding se estatelou. Ele não se levantou.

— Bem — admitiu Valquíria —, você realmente o *avisou*.

— Isso eu fiz — concordou Ardiloso, saindo pela porta pela qual tinham entrado. Um momento depois, o detetive voltou, empurrando Patife diante de si.

— Ei, calma aí — gritou Patife. — Estes grilhões não me ajudam a andar, sabia?

Valquíria olhou para o prisioneiro.

— Você não chegou muito longe, não é?

Patife olhou ao redor, para todos os corpos imó-

veis. — Ah, ótimo — disse, sem entusiasmo algum. — Vocês derrotaram eles.

— Bela tentativa.

O prisioneiro deu de ombros.

— Eu tinha me esquecido que Cilada era dono do lugar, honestamente.

— O porão — intimou Ardiloso.

— Detrás do bar — grunhiu Patife. Valquíria foi até o bar e espiou por sobre o balcão, vendo o alçapão.

Ela assentiu com a cabeça para Ardiloso.

O detetive prendeu as correntes de Patife a um ca-no que corria junto à parede, para impedir que ele se ar-rastasse para longe. Valquíria abriu o alçapão e Ardiloso desceu primeiro, sacando o revólver. Valquíria o seguiu pelos degraus de madeira, fechando a porta do alçapão depois de passar.

O porão era mal-iluminado e frio. Os degraus os levaram até um corredor com um papel de parede muito mal-aplicado. O carpete era gasto, como uma trilha numa floresta. Uma porta levava à direita deles e outra, um pouco mais para a frente, levava à esquerda. Uma pequena pintura estava pendurada num ângulo estranho. Era a imagem de um barco num porto. Não era muito boa. No fim do corredor ficava uma sala de estar. Música tocava.

The End of the World, dos Carpenters. Segurando o revólver com as duas mãos, Ardiloso assumiu a liderança.

O primeiro quarto tinha uma cama de solteiro e uma cômoda. Ardiloso entrou, atravessou até a cama e verificou embaixo dela. Satisfeito com a

constatação de que o quarto estava vazio, juntou-se a Valquíria no corredor.

O segundo aposento tinha uma privada, uma pia e uma banheira. Nenhum desses itens estava particularmente limpo, e não havia nenhum lugar para alguém se esconder.

A dupla se dirigiu à sala de estar.

Havia uma luminária, que estava ligada, mas a lâmpada estava se apagando. Quanto mais perto eles chegavam, mais Valquíria conseguia ver. A menina podia ver que o tapete não combinava com o papel de parede, e que as cortinas, que devem ter sido instaladas por motivos puramente estéticos, pois não havia nenhuma janela ali embaixo, não combinavam com nada.

Ardiloso mantinha as costas contra a parede do corredor e deslizava silenciosamente mais para perto.

Valquíria fez a mesma coisa na parede oposta, obtendo uma vista da sala que Ardiloso não poderia ter. A menina viu dois aquecedores antiquados, e nenhum dos dois estava ligado. Viu outra pintura, esta de um navio num mar tempestuoso. Sob o quadro, havia uma poltrona e uma mesinha ao lado. Nenhum sinal do Tormento, porém. Eles pararam de se mover e Valquíria balançou a cabeça para Ardiloso. O detetive compreendeu o sinal e entrou na sala de estar, apontando a arma de um canto do aposento ao outro. Ardiloso olhou atrás da poltrona. Nada.

Valquíria o seguiu. Do outro lado da sala havia um rádio, uma TV portátil com a tela rachada e o toca-discos que estava tocando os Carpenters. A menina afastou as cortinas, que levavam a nada mais interessante que uma parede, e virou para dizer a Ardiloso que Patife deveria, de alguma forma, ter avisado ao Tormento, quando ela viu o velho olhando com raiva para ela do teto.

O homem tinha cabelo e barba longos e sujos. Ele se deixou cair das vigas acima de Ardiloso e o derrubou no chão. A arma voou da mão do detetive e o velho a agarrou. Valquíria se atirou para o lado quando o homem atirou. A bala acertou o toca-discos e a música foi interrompida. Ardiloso virou e empurrou o ar, mas o velho já estava correndo pelo corredor. Ardiloso se

levantou rapidamente e deu um passo para o lado quando o homem atirou mais duas vezes. O detetive espiou pela porta para ver se o terreno estava limpo e então correu atrás dele.

Valquíria não tinha plena certeza de que suas roupas blindadas eram à prova de bala. E quanto à sua cabe-

ça? Pela primeira vez, desejou que o casaco tivesse um capuz. A menina correu atrás de Ardiloso, bem quando ele se abaixou ao entrar no quarto. Valquíria entrou no aposento, ergueu uma sobancelha ao ver que a parede oposta tinha se aberto para revelar um corredor de pedra, e disparou pela entrada. Podia discernir Ardiloso a sua frente, movendo-se rapidamente na escuridão. A menina viu uma luz surgindo e a silhueta do detetive atirando uma bola de fogo.

Valquíria continuou correndo, consciente de que o piso agora estava num aclave. Suas pernas estavam ficando cansadas. Seus passos no chão de pedras soavam descon-fortavelmente altos aos seus ouvidos. Não podia ver nada agora. Estava escuro como breu. Valquíria se concentrou na energia dentro de si, em seguida estalando os dedos e gerou uma fagulha. A chama cresceu e tremeluziu na palma de sua mão, e ela esticou o braço para iluminar o caminho. Valquíria não gostava da idéia de que aquilo a tor-nava um alvo fácil, mas também não gostava da idéia de cair num fosso cheio de estacas metálicas ou algo igualmente ruim. E então chegou a uma encruzilhada.

— Ah, fala sério — murmurou, entre respirações ofegantes.

Valquíria podia seguir em frente ou virar tanto para a esquerda quanto para a direita. Não fazia idéia de qual direção Ardiloso tinha escolhido. A menina tentou não imaginar armadilhas mortais, ou a idéia de ficar perdida num labirinto de corredores e morrer lá embaixo, na escuridão e no frio.

Valquíria praguejou. Tinha de dar meia-volta. A menina decidiu subir e procurar pela cidade, tentar descobrir aonde estes túneis poderiam dar. Era melhor que ficar por ali sendo inútil, concluiu.

Foi neste exato momento que ela ouviu um es-trondo. O caminho para o porão começava a se fechar. As paredes estavam se juntando novamente. Direita, esquerda ou em frente. A menina escolheu seguir em frente e *correu*.

13

ROARHAVEN

As paredes estavam se fechando cada vez mais rápido.

Valquíria olhou para trás enquanto a encruzilhada se fechava. Se ela tropeçasse ou caísse, as paredes dos dois lados se juntariam com aquele barulho retumbante e a esmagariam, transformando-a em algo ainda menos consistente que uma pasta.

Os pulmões da menina ardiam como quando ela nadava na praia de Haggard. Valquíria gostava de nadar.

Era muito melhor que ser esmagada. Foi então que surgiu uma luz mais adiante, uma chama trêmula na mão de Ardiloso Cortês.

— Seria um tanto quanto redundante — gritou o detetive por sobre o barulho das paredes — encorajar vo-cê a se apressar, não seria? — A menina deixou o fogo na própria mão se apagar e concentrou-se em correr. — Faça o que fizer — continuou Ardiloso, gritando — não caia.

Cair, eu acho, seria a decisão errada a se tomar agora.

A menina estava perto, perto de Ardiloso, perto do espaço aberto onde ele estava. As paredes diante de Valquíria tremeram e retumbaram e começaram a se fechar, e a menina mergulhou por entre elas, atingiu o chão e ficou de pé num rolamento no momento em que o corredor se fechou atrás dela e o barulho parou. Valquíria caiu de joelhos e ficou ofegando.

— Bem — disse Ardiloso, animado. — Essa foi por pouco.

— Odeio. . — ela ofegou.

— Sim?

— Odeio. . você. .

— Respire mais um pouco; a falta de oxigênio está provocando alucinações.
— Valquíria se levantou, mas continuou inclinada para a frente enquanto controlava a respiração.

— É melhor a gente tomar cuidado — avisou o detetive. — O Tormento pode ser velho, mas é rápido, ágil e ainda tem a minha arma.

— Onde. . . estamos?

— Um dos aspectos mais desagradáveis do passado variado de Roarhaven foi uma tentativa, há alguns anos, de derrubar o Conselho dos Anciãos e estabelecer um novo Santuário aqui. Estamos naquele que deveria ter sido o prédio principal.

Valquíria viu um interruptor na parede e o acionou.

Algumas luzes tremeluziram acima. A maioria delas permaneceu apagada. Ardiloso deixou que a chama na sua mão se apagasse e em seguida os dois seguiram um corredor, viraram à direita e continuaram caminhando. Passaram por alguns trechos de luz e outros, mais longos, de treva. O piso estava coberto de poeira. O detetive virou a cabeça levemente. A menina o conhecia bem o suficiente para saber que alguma coisa estava errada.

— O que foi? — indagou.

— Continue andando — disse o esqueleto baixinho. — Não estamos sozinhos.

A boca de Valquíria ficou seca. A menina tentou ler o ar, como Ardiloso estava fazendo, mas mesmo nos seus melhores dias ela só conseguia sentir alguns metros em qualquer direção. Ela desistiu e resistiu ao impulso de olhar em volta.

— Onde ele está?

— Não é ele. Não sei o que são, mas há dezenas deles, relativamente pequenos, movendo-se em grupo.

— Podem ser gatinhos — afirmou Valquíria, esperançosa.

— Estão nos seguindo furtivamente.

— Podem ser tímidos.

— Não acho que sejam gatinhos, Valquíria.

— Cachorrinhos, então? — Alguma coisa rastejou na escuridão ao lado deles.

— Continue andando — instruiu Ardiloso. Havia algo rastejando atrás deles agora.

— Continue olhando para a frente.

Foi então que elas surgiram das trevas adiante, na luz: aranhas, negras e peludas e inchadas, grandes como ratos, com patas que terminavam em garras.

— OK — disse Ardiloso. — Acho que podemos parar de andar agora.

As aranhas surgiram de rachaduras nas paredes, movendo-se pelo teto, estalando enquanto se aproxima-vam. Valquíria e Ardiloso ficaram encostados um no outro de costas. Cada uma das criaturas tinha três olhos, grandes, famintos e que não piscavam.

— Quando eu contar até três — disse Ardiloso baixinho —, a gente corre, está bem?

— Está bem.

As aranhas produziam estalos enquanto se moviam, se aproximando, chegando mais perto, com os estalos se fundindo num ruído alto.

— Na verdade — continuou Ardiloso —, esqueça a contagem. Apenas corra.
— Valquíria disparou e as aranhas atacaram.

A menina saltou por sobre as aranhas da frente, aterrissando e chutando uma delas que chegou muito perto.

A criatura pareceu pesada contra a bota, mas Valquíria não esperou para ver se tinha provocado algum dano.

Continuou correndo enquanto Ardiloso atirava bolas de fogo. A dupla desviou do curso quando o corredor adiante ganhou vida com corpos peludos e inchados, correndo para dentro de uma sala com uma grande mesa de reuni-

ões no centro, enquanto a massa rastejante atrás deles crescia rapidamente.

Uma aranha escalou a mesa e saltou em Valquíria quando esta passou. O bicho caiu nas costas da menina e ali ficou, tentando rasgar o casaco com as garras. Valquíria gritou e girou, tropeçando ao fazê-lo, rolando e sentindo a aranha sob si mesma. Quando a menina se levantou, a aranha ainda estava se segurando. A criatura escalou até o ombro, em direção ao rosto, e Valquíria viu presas. Ela agarrou o bicho, soltou-a de si e jogou-a para longe. Ardiloso puxou Valquíria e a menina logo estava correndo de novo.

A dupla correu para as portas duplas à frente, e Ardiloso estendeu a mão, o ar ondulou e as portas foram arrancadas das dobradiças. Eles dispararam através do vão e seguiram em frente, para dentro de uma sala que deveria ser o vestíbulo. Ardiloso atirou mais algumas bolas de fogo e Valquíria chegou à porta principal, empurrou-a com o ombro e irrompeu no calor da luz do sol. A luminosidade atingiu os olhos da menina e a cegou momentaneamente. Ela sentiu que Ardiloso estava ao seu lado, puxando a manga de seu casaco, e o seguiu. Valquíria podia ver bem agora, podia ver o lago escuro adiante e o céu azul acima.

Os detetives pararam de correr. Ouviram as aranhas, o click-clack das suas garras, o rastejar frenético na porta, mas as criaturas não estavam dispostas a deixar as trevas pela luz do dia e os barulhos acabaram cessando.

Alguns momentos se passaram e Valquíria voltou a respirar normalmente, percebendo pela primeira vez que Ardiloso estava olhando para alguma coisa sobre o ombro esquerdo dela.

— O que foi? — indagou Valquíria, mas Ardiloso não respondeu. Ela virou. O Tormento estava bem ali, com seu longo cabelo emaranhado na longa

barba, apontando a arma de Ardiloso direto para ela.

— Quem são vocês — inquiriu O Tormento numa voz que não era usada havia anos — para virem atrás de *mim*, para *me* incomodarem, depois de todos esses anos?

— Estamos aqui para tratar de um assunto do Santuário — afirmou Ardiloso.
— Somos detetives.

— Ela é uma criança — disse O Tormento. — E
você é um homem morto.

— Tecnicamente falando, você pode estar certo, mas somos mais do que parecemos. Acreditamos que vo-cê tem informações que poderão ajudar em nossa investigação.

— Você diz isso como se eu tivesse alguma obrigação de ajudar — respondeu o velho, com a arma firme na mão. — Por que me importaria com as suas investiga-

ções? Por que me importaria com detetives e com assuntos do Santuário? Eu odeio o Santuário e o Conselho dos Anciãos, e odeio tudo que eles representam. Somos feiticeiros. Não deveríamos estar nos *escondendo* dos mortais, deveríamos estar *governando*.

— Temos de descobrir como impedir que o Grotesqueiro volte — disse Valquíria. — Se ele conseguir abrir o portal e trazer os Sem-Rosto de volta, todos sofrerão, não só. .

— A criança está falando comigo — observou O

Tormento. — Faça ela parar — Valquíria estreitou os olhos, mas se calou.

Ardiloso inclinou a cabeça.

— O que ela diz é verdade. Você não gostava de Malevolente quando ele estava vivo, e tenho certeza que não quer ver os Sem-Rosto retornando. Se

— você nos ajudar, pode haver alguma coisa que possamos fazer para lhe ajudar. O Tormento riu.

— Favores? Você quer trocar favores?

— Se isso fará com que você nos ajude, então sim.

O Tormento franziu o cenho subitamente e olhou para Valquíria.

— Você. Criança. Você tem sangue maculado.

Posso sentir o gosto daqui. — A menina não disse nada.

— Você está conectada com eles, não está? Com os Antigos? Eu desprezo os Antigos quase tanto quanto desprezo os Sem-Rosto, sabe. Se qualquer uma dessas raças voltasse, eles governariam o mundo.

— Os Antigos eram os mocinhos — retrucou Valquíria. O Tormento fez uma cara de raiva.

— Poder é poder. Feiticeiros têm poder para controlar o mundo; a única razão pela qual não fazemos isso é nossa liderança fraca. Mas, se os Antigos retornassem, você realmente acha que eles cometeriam o mesmo erro?

Seres de tamanho poder não têm lugar nesta terra. Eu tinha esperanças de que o último da sua raça tivesse morrido.

— Lamento desapontá-lo.

O Tormento olhou novamente para Ardiloso.

— Esta informação, homem morto, deve valer muito para você. E esse favor que está prometendo também teria de ser algo igualmente substancial.

— Suponho que sim.

O Tormento sorriu, e não foi uma visão agradável.

— Do que você precisa?

— Precisamos saber onde o Barão Vingança vem guardando o Grotesqueiro desde sua captura, e precisamos saber como ele pretende revivê-lo.

— Tenho a informação que você procura.

— O que você quer em troca?

— Minhas necessidades são modestas — afirmou O Tormento. — Eu gostaria que você matasse a criança.

JACK SALTADOR

Jack não podia saltar. Mesmo se pudesse, mesmo que esta cela, com sua cama estreita e sua privada e sua pia, fosse grande o bastante, ele ainda não seria capaz de saltar. A cela continha feitiços que diminuían seus poderes.

Jack Saltador sentou na cama e contemplou a vida sem saltos. Também contemplou uma vida sem matar, o que o estava retorcendo por dentro, sem suas comidas favoritas, sem dançar pelos telhados e sem tudo que ele amava. Eles tinham jogado a chave fora, Jack sabia disso.

O Conselho Inglês, uma vez que finalmente conseguiu a chance de prendê-lo, não seria leniente. Seu julgamento acabaria num instante e ele teria centenas de anos de cadeia pela frente.

Jack deitou, apoiando o antebraço sobre os olhos para bloquear aquela horrível luz artificial. Nada mais de céu aberto para ele. Nada mais de estrelas. Nada mais de lua.

— Você é mais feio do que eu me lembrava.

Jack se catapultou para fora da cama. Um homem estava dentro da cela, encostado na parede, sorrindo mal-dosamente.

— Sanguíneo — exclamou Jack, com a própria boca se retorcendo. — Veio aqui se gabar, foi? Gostaria de dizer que estou surpreso, mas não, esse tipo de comportamento é bem o que eu aprendi a esperar de você.

— Jack, meu velho amigo, suas palavras machucam.

— Você não é meu amigo — retrucou Jack. Sanguíneo deu de ombros.

— Tivemos nossas diferenças ao longo dos anos, mas, do meu ponto de vista, isso tudo está no passado agora. Estou aqui para ajudá-lo. Estou aqui para soltá-lo — Sanguíneo tocou a parede rachada. Pedacos soltos ruí-

ram e caíram, deixando um rastro de poeira.

Jack franziu o cenho.

— Como assim?

— Só quero que você me faça um favorzinho, é só.

— Não gosto muito da ideia de fazer um favor pra *você*.

— Prefere ficar sentado numa cela pelo resto da vida? Jack não respondeu.

— Só um favorzinho. Uma coisa que você vai gostar de fazer, na verdade. Quero que crie problemas.

— Por quê?

— Não se preocupe com isso. Acha que vai poder me ajudar?

— Depende. Que tipo de problema?

— Ah, nada demais. Só queria que você matasse umas pessoas. Jack não pôde evitar. A criatura sorriu.

— É mesmo?

— Coisa muito fácil para alguém com seus talentos.

Se concordar comigo, levo você embora agora mesmo e damos o fora daqui.

— Matar, é?

— E um monte de mortes.

— É só isso? Depois que eu fizer isso a gente tá resolvido? Porque eu sei pra quem você trabalhou no passado, Tex, e não quero começar a trabalhar pros Sem-Rosto ou coisa assim.

— Eu mencionei os Sem-Rosto? Não, não mencionei.

— Não vai ter nada a ver com eles?

— Juro pela minha própria alma. Então, está dentro? Jack colocou o casaco e pegou sua velha cartola.

— Vamos lá.

À QUEIMA-ROUPA

Apoiando a mão esquerda na parede e segurando a corrente com a direita, Patife fez força. O cano estava pe-dindo para se soltar. Ele podia senti-lo. Podia ouvi-lo.

Todos os outros canos naquele lugar já teriam se partido por agora; Patife tinha de saber disso, já que foi ele quem instalou todos. Era bem a sua sorte que o esqueleto fosse prendê-lo ao único cano *bem instalado* do prédio.

Patife trincou os dentes. Seu rosto estava vermelho com o esforço e realmente precisaria começar a respirar em algum momento em breve. E então o cano arrebentou e Patife voou para trás, seu *uhu* de triunfo interrompido quando bateu com a cabeça no chão. O prisioneiro ficou ali deitado por um momento, livre enfim e tentando não chorar, e então se levantou, com a corrente pendurada no pulso. Não havia nada que ele pudesse fazer quanto aos grilhões dos tornozelos, então saiu rapidamente arrastando os pés.

Assegurando-se que o esqueleto e a garota não estavam por perto, ele saiu. Seus passos eram ridiculamente curtos, e ele provavelmente parecia algum tipo de pinguim demente enquanto fugia do pub. Patife teria de achar alguém para ajudá-lo, alguém que conseguisse tirar aqueles grilhões. Afinal, a população *inteira* de Roarhaven não poderia querer vê-lo morto, certamente.

Patife virou uma esquina, perto do Santuário de Roarhaven, e ficou paralisado. Por um momento, ficou surpreso demais até mesmo para sorrir. Mas então o sorriso apareceu e iluminou o seu dia. O Tormento estava apontando uma arma para Cortês e Caos.

Rindo, Patife arrastou os pés até lá. O crânio do esqueleto estava inexpressivo como sempre, mas a garota estava olhando para O Tormento

como se não pudesse acreditar no que ele tinha acabado de dizer. Ninguém prestou a menor atenção em Patife.

— Você não pode estar falando sério — disse Caos.

Patife adorou a maneira como O Tormento a ignorou, e falou apenas com o esqueleto.

— Mate a criança — estava dizendo. — Atire nela, se quiser. Toque fogo nela. Estrangule-a. Eu não me importo. — Patife estaria fazendo uma dancinha ali mesmo, se pudesse.

— Não vou matar Valquíria — respondeu Cortês.

— Homem morto, o que é uma vida comparada a bilhões? E se os Sem-Rosto voltarem, bilhões *vão* morrer.

Você sabe disso.

— Isso pode ser verdade, mas não vou matá-la.

— Essas são as minhas condições.

— Deve haver alguma outra coisa — argumentou Ardiloso. — Alguma coisa razoável que eu possa fazer.

— Vou tornar isso fácil para você.

O Tormento jogou o revólver de volta ao detetive.

O esqueleto pegou a arma e apontou-a direto entre os olhos do Tormento. Patife perdeu o sorriso. As coisas tinham subitamente mudado para pior.

— Ninguém morrerá aqui — afirmou Cortês. — Exceto *you*, talvez. Onde está o Grotesqueiro?

— Sou O Tormento, homem morto. Você realmente acha que tenho medo da morte?

Por mais alguns segundos, a arma não vacilou, mas então Cortês abaixou o braço. Patife pôde respirar novamente e O Tormento assentiu com a cabeça, satisfeito.

— Você precisa da minha ajuda — afirmou. — Já sabe minhas condições. Mate a criança.

— Você não pode apenas...

— Seu tempo está acabando.

— Escute o que estou dizendo, isto é *loucura*. Ela não fez nada. .

— *Tique* — disse O Tormento. — *Taque*.

O esqueleto olhou para a menina e Patife viu a dúvida nos olhos dela. Caos apontou para O Tormento.

— Espanque-o. Espanque-o ou, ou *alguma coisa*.

Atire no pé dele. O Esqueleto balançou a cabeça.

— Ameaças não vão funcionar.

— Ameaças *vazias* não vão funcionar, mas se você *realmente* atirar no pé dele. .

— Valquíria, não. Já conheci pessoas como ele antes. Todos têm um limite, mas não temos tempo para descobrir qual é o dele. — Cortês deu as costas para O

Tormento. — Como posso saber que você tem a informação de que preciso?

— Porque estou lhe dizendo que tenho — respondeu O Tormento. — E você não pode se dar ao luxo de duvidar de mim. A esta altura, o Barão Vingança já terá recuperado a armadura de Lorde Vil. O tempo que lhe resta é como areia agarrada por um punho cerrado. Está escorrendo pelos seus dedos, homem morto. Vai matar a criança?

— Ele não vai! — disse Caos, desafiadora. — Diga a ele, Ardiloso! — O coração de Patife quase explodiu de alegria quando Cortês permaneceu em silêncio.

Caos encarou o Esqueleto e deu um passo atrás.

— Não me diga que está realmente *considerando* is-so? — Está com o seu celular?

— O quê?

— Você precisa ligar para os seus pais. Tem de dizer adeus. Um momento se passou, e Caos virou para correr, mas Cortês foi rápido demais. Agarrou o pulso de-la e torceu, e a menina caiu de joelhos, por causa da dor.

— Seja corajosa — falou o esqueleto.

— Me solta! — gritou Caos. Cortês olhou para O

Tormento.

— Nos dê um minuto.

— Um minuto — respondeu O Tormento. — Nada mais. Patife assistiu enquanto o esqueleto fez Caos se levantar, com sua mão ainda segurando o braço dela, levando-a para longe. As palavras do detetive foram baixas demais para escutar, e Caos balançou a cabeça e tentou se soltar novamente. Eles chegaram à esquina do Santuário de Roarhaven e finalmente a garota começou a acenar positivamente com a cabeça. Ela puxou o celular.

— Isso é brilhante — disse Patife para o Tormento.

O Tormento virou a cabeça para ele e franziu o cenho.

— Quem é você?

— Como. . . é? Sou *eu*, Vaurien. Vaurien Patife. Eu. .

construí o porão para você.

— Ah — respondeu o Tormento. — *Você*. Por que voltou? Achei que estivesse morto. Teria sido bom se vo-cê estivesse morto.

Mesmo que Patife nunca tivesse visto o Tormento fazendo uma piada antes, decidiu que ele estava fazendo uma piada agora, então riu.

— Isso é brilhante — repetiu Patife. — Fazê-lo matar Caos. Quero dizer, é simplesmente brilhante. É *ge-nial*. Eu jamais teria pensado em alguma coisa assim.

— Eu sei.

— Você se importaria em me contar onde arranja suas ideias? Elas vêm até você num sonho ou é apenas, você sabe, instinto? Estou mantendo um, tipo um diário, onde anoto todas as minhas ideias e pensamentos e. . — O Tormento olhou para Patife novamente e este se calou.

— Você me irrita — disse O Tormento.

— Desculpa.

O Tormento voltou a ignorá-lo.

— Homem morto — disse bem alto. — Seu minuto acabou.

Cortês colocou as mãos nos ombros de Caos. Falou com a menina e tentou abraçá-la. Ela virou e se separou do esqueleto, empurrando-o para trás. Por um momento, ela ficou encoberta, mas quando Cortês se moveu novamente, Patife pôde ver as lágrimas nos seus olhos. Cortês segurou-a pelo braço e os dois voltaram.

— Vai matá-la? — indagou Tormento. Cortês descaiu.

— Vou.

Patife olhou para Caos. A menina estava em silêncio, tão apumada quanto possível, tentando não demons-trar medo, apesar das lágrimas.

— Então, por favor — disse O Tormento —, ma-te-a. Cortês hesitou e tirou a arma do paletó.

— Me desculpe, Valquíria — disse Cortês, suavemente.

— Não fale comigo — retrucou Caos. — Apenas faça o que tem de fazer.

— Aquilo parece ser uma roupa protetora — comentou O Tormento. — Tome cuidado para acertar na carne, você não vai querer que eu pense que trapaceou, afinal de contas.

Caos abriu a túnica e Patife sorriu. Queria que essa coisa toda estivesse sendo gravada para que pudesse rever no futuro, repetidamente. O momento em que Ardiloso Cortês matou Valquíria Caos.

— Por favor, me perdoe — pediu Cortês, e então apontou a arma para a garota e puxou o gatilho.

O som do tiro feriu os ouvidos de Patife. O corpo de Caos sofreu um espasmo e seus olhos se arregalaram.

A menina deu um passo atrás e caiu desajeitada de joelhos, agarrando a ferida. Sangue escorria por entre seus dedos. Valquíria Caos caiu para a frente, seu rosto batendo no chão.

Cortês olhou para baixo, para ela.

— Era uma menina inocente — sussurrou.

— Ela tinha sangue dos Antigos nas veias — respondeu O Tormento — e, portanto, foi um pagamento justo pela informação que você quer. O Grotesqueiro está escondido nas ruínas do castelo, no morro em Bancrook.

Detetive? Está me ouvindo? — Cortês levantou a cabeça lentamente. — Me pergunto se você poderá chegar lá antes de Vingança — continuou O Tormento. — O que você acha?

— Se você estiver mentindo. . — Cortês começou a dizer.

— Por que mentiria? Eu lhe pedi para matar a criança e você o fez. Cumpro meus acordos.

Cortês parou ao lado do corpo morto de Valquíria Caos. Depois de um momento, o esqueleto se abaixou e o pegou.

— Patife — chamou. — De volta para o carro. Patife riu.

— O quê? Você acha que eu sou maluco? Vou ficar aqui. — Não, vou levá-lo de volta.

Patife sorriu maliciosamente e olhou para O Tormento.

— Por que está olhando para mim? — indagou O

Tormento. O sorriso de Patife desapareceu.

— O quê?

— Não havia nada em nossa barganha que lhe dissesse respeito.

— Mas eu não posso voltar! — gritou Patife. — Ele vai me colocar numa cela!

— Você parece achar que eu me importo.

— Patife — disse Cortês, numa voz completamente desprovida de qualquer emoção humana. — Volte para o carro. Comece a andar.

Patife olhou em volta desesperado, mas não havia ninguém para ajudá-lo. Tentando não chorar, o prisioneiro saiu arrastando os pés.

— Gostaria de lhe agradecer, detetive — falou O

Tormento. — Olho ao redor, para este mundo, para o que ele se tornou, para os meus companheiros feiticeiros que se ocultam nas sombras e percebo agora que estive esperando. Você não vê? Estive esperando uma razão para viver novamente, para emergir do meu porão úmido e es-quálido. Tenho uma

razão agora. Tenho um propósito agora. Durante anos eu dormi, mas agora estou acordado.

Você me despertou, detetive. E vamos nos encontrar novamente.

— Pode contar com isso — respondeu Cortês. O

Tormento sorriu, deu as costas para eles e se afastou.

Patife foi traído. Decepcionado. Abandonado.

Cortês andou ao seu lado, carregando a garota morta nos braços. Patife duvidava que iria sobreviver à jornada de volta ao Santuário. Tinha ouvido narrativas sobre a fúria do Esqueleto Detetive, e não havia mais ninguém por perto em quem ele pudesse descarregá-la. Patife não poderia argumentar com ele, não poderia barganhar com ele.

Não havia mais esperança. Nenhuma esperança restava.

Eles chegaram ao carro e Cortês colocou o corpo da menina cuidadosamente no porta-malas e olhou de volta para a cidade. O Tormento tinha saído de vista e o vilarejo parecia vazio agora, com o cair da noite.

— Bem, conseguimos — comentou Cortês, parecendo aliviado. Patife franziu o cenho, mas não disse na-da. — Este está sendo um bom dia até agora, considerando tudo o que aconteceu — continuou Cortês. — Consegui descobrir a localização do Grotesqueiro e pude matar Valquíria, o que, devo admitir, era algo que queria fazer desde que a conheci. Ela pode ser incrivelmente irritante, já percebeu isso?

— Hum.

— Praticamente nunca calava a boca. Eu fingia ser amigo dela, mas, honestamente, só sentia pena da pobre garota. Não é a mais brilhante das meninas, sabe?

— Você é tão malvado — disse uma voz atrás deles, e Patife deu meia-volta e soltou um gritinho ao ver Valquíria Caos se aproximando, com as mãos nos bolsos e um sorriso no rosto.

A TROCA

Valquíria sabia que era um blefe, ela tinha certeza, e Ardiloso confirmou isso quando disse o código que eles tinham combinado.

— Seja corajosa.

O detetive segurava seu braço com força. Seus joelhos estavam doloridos da queda. Sua performance de atriz estava bem impressionante, Valquíria tinha de admitir.

Só esperava que também estivesse realista.

— Me solta! — gritou a menina.

Ardiloso olhou para o Tormento. Patife estava ao lado do homem, se deliciando com cada momento do que achava que estava acontecendo.

— Nos dê um minuto — pediu Ardiloso.

— Um minuto — respondeu o Tormento. — Nada mais. Valquíria deixou Ardiloso erguê-la, ficando de pé novamente, e puxá-la para longe do Tormento.

— Continue balançando a cabeça — disse o detetive, baixinho.

— O que vamos fazer? — perguntou a menina. — A única maneira de ele nos dizer o que queremos saber é você me matar.

— Não vou matar você.

— Ah, bom.

— Vou matar seu reflexo. A outra Valquíria.

— O quê? Como?

— Onde ela está agora?

— Hoje era só meio período na escola, então ela deve estar em casa.

— Ligue para ela, mande-a voltar para o espelho.

Para manter a encenação, Valquíria tentou se soltar e não conseguiu. Quando Ardiloso a puxou de volta para perto de si, a menina continuou.

— Mas e se você matá-la, o que vai acontecer? Ela vai, tipo, morrer de verdade?

— Aquilo não está vivo — lembrou Ardiloso à menina. — Então aquilo não pode morrer. Poderá, entretanto, *parecer* que está morta. Acho que, se devolvermos o reflexo ao espelho depois, porém, você deve ficar bem.

— Você *acha*?

— Isso nunca foi feito antes. Ninguém jamais se deu ao trabalho, simplesmente porque feiticeiros podem distinguir um reflexo de uma pessoa real com facilidade.

Isso só vai funcionar se o Tormento estiver tão fora de forma quanto a gente espera que ele esteja.

A dupla chegou à esquina do Santuário de Roarhaven e Valquíria pegou o celular. Ardiloso dobrou a esquina e se abaixou, fora de vista. Começou a cavar um buraco com as mãos.

Valquíria ligou para casa e atenderam depois de dois toques.

— Alô — disse sua própria voz.

— Você está sozinha? — indagou Valquíria.

— Estou — respondeu o reflexo. — Seus pais ainda estão trabalhando. Estou sentada no seu quarto, fazendo o dever de casa.

— Preciso que entre no espelho, está bem? Nós vamos tentar uma coisa.

— Tudo bem.

— E deixe um bilhete para mamãe. Diga a ela que vou passar a noite na casa de uma amiga.

— Que amiga?

— Não sei — retrucou Valquíria, impaciente. — Escolha uma.

— Mas você não tem nenhuma amiga. Valquíria ficou irritada.

— Diga que vou dormir na casa de Hannah Foley.

— Hannah Foley não gosta de você.

— Apenas faça o que estou mandando! — estourou Valquíria, e desligou. Ardiloso estava escavando pu-nhados de terra, fazendo um buraco raso de mais ou menos um metro de diâmetro.

A menina hesitou.

— Ela vai ficar bem, não vai? Quando a pusermos de volta no espelho, ela vai voltar à vida, certo? Sei que não é “*vida*”, vida, mas...

— Valquíria, quando eu atirar no reflexo, será a mesma coisa que rasgar uma foto sua. Não há absolutamente nenhuma diferença.

A menina assentiu com a cabeça.

— Está bem. Sim, eu sei. Está bem.

O detetive alisou o fundo do buraco e, com o dedo, traçou um grande círculo na terra, e nesse círculo dese-nhou um olho com uma linha ondulada no meio.

— Eles estão olhando? — indagou.

Valquíria levou uma das mãos ao rosto, como se estivesse chorando, e deu uma olhada para trás.

— Não, estão conversando. O Tormento parece estar irritado. Ardiloso se levantou e estendeu uma das mãos. O ar ao redor dele tornou-se úmido, e gotinhas de água começaram a se formar. Um arco-íris surgiu nessa névoa e nuvem, e abruptamente desapareceu quando Ardiloso fez tudo se juntar e deixou que caísse, como chuva, no buraco.

Então o detetive disse:

— Superfície fale, superfície sinta, superfície pense, superfície viva — e em seguida dobrou os dedos. A poça tornou-se um minirredemoinho que apagou o desenho no fundo. Ardiloso acalmou a água e assentiu para Valquíria.

A menina parou bem ao lado da poça e olhou para baixo, tocando em seguida a água com o dedão. A poça se ondulou, obscurecendo sua visão. E então a mão atravessou a superfície. A dupla assistiu enquanto o reflexo, tra-jando as mesmas roupas negras que Valquíria vestia, lentamente subia para fora da poça. Não, Valquíria se corrigiu, ela não estava subindo para fora da *poça*, pois a menina ainda podia ver o fundo do buraco. Em vez disso, seu reflexo estava subindo para fora da *superfície* da poça, e se transformando de uma imagem bidimensional para uma pessoa tridimensional diante dos olhos de Valquíria.

Ardiloso segurou sua mão e a ajudou a terminar de sair; e ela ficou ali, parada, sem falar. Não estava nem curiosa para saber por que tinha sido invocada.

— Vamos matar você — anunciou Valquíria. O reflexo fez que sim com a cabeça.

— Tudo bem.

— Você pode chorar?

Ela começou a se debulhar em lágrimas. A transformação súbita foi surpreendente.

— Homem morto — chamou O Tormento. — Seu minuto acabou.

Ardiloso apoiou as mãos nos ombros de Valquíria.

— Me empurre para trás — instruiu.

O detetive tentou abraçá-la e Valquíria virou, para que ele a escondesse da visão do Tormento, em seguida o empurrando para trás e trocando de lugar com o reflexo.

A menina se encostou na parede do prédio e não se moveu, esperando ouvir um grito de alarme. Mas nenhum grito veio. Eles não perceberam a troca.

Ardiloso e o reflexo caminharam de volta virando a esquina, e Valquíria correu para a cobertura das árvores. A menina se moveu silenciosamente, mantendo-se abaixada, e não olhou para trás nenhuma vez. Primeiro pensou que não queria correr o risco de ser descoberta, mas sabia que não era isso.

A verdade era que não queria se ver morrendo.

Valquíria estremeceu ao ouvir o tiro. Sua pele ficou fria e arrepiada. A menina esfregou o braço por sobre o casaco. Alguns minutos depois, ouviu Ardiloso e Patife se aproximando. Valquíria observou os dois indo até o Bentley. Ardiloso colocou o corpo do reflexo no porta-malas.

O corpo parecia tão *flácido*. Valquíria respirou fundo. Rasgar uma fotografia. Era só isso. Só isso.

O Tormento tinha desaparecido de volta na cidade, tendo subitamente perdido todo o interesse. Patife provavelmente estava esperando que Ardiloso o rasgasse em pedaços, mas Ardiloso estava ocupado demais provocando Valquíria. Ela saiu do esconderijo e caminhou casualmente até eles, com seu desconforto desaparecendo. Se o detetive estava fazendo piadas, era porque o plano tinha funcionado.

— Ela praticamente nunca calava a boca. Eu fingia ser amigo dela, mas, honestamente, só sentia pena da pobre garota. Não é a mais brilhante das meninas, sabe?

— Você é tão malvado — afirmou Valquíria, com um sorriso malicioso se formando no rosto, e Patife virou e deu um gritinho. A menina o ignorou.

— Conseguimos o que queríamos?

— Bancrook — respondeu Ardiloso. — Vingança provavelmente já está com a armadura de Vil agora, mas o Grotosqueiro deve estar em Bancrook. Conseguimos o que queríamos.

— Você está morta — afirmou Patife numa vozi-nha. — Você. . você está morta no porta-malas.

— Lamento desapontá-lo, mas o meu *reflexo* está morto no porta-malas.

— Não — retrucou Patife. — Não, eu já vi reflexos, dá para *ver* quando uma coisa é um reflexo. .

— Não essa coisa — explicou Ardiloso. — Valquí-

ria a usa praticamente todos os dias. Ao longo do último ano ela meio que. . cresceu, então, se eu fosse você, não me sentiria mal por ter sido enganado. Se eu fosse você, *escolheria* muitas outras coisas para me sentir mal.

— Tipo como você poderia ter se safado — observou Valquíria. — Se tivesse simplesmente continuado andando, em vez de ter vindo se gabar.

— Eu poderia ter me safado?

— Livre e solto.

— E.. e agora?

— Agora nós vamos para Bancrook — afirmou Ardiloso. — vamos deixá-lo numa cela no caminho.

— Vou voltar para a prisão?

— Vai.

Patife descaiu miseravelmente.

— Mas eu não gosto da prisão.

Ardiloso prendeu os grilhões de volta no pulso de Patife.

— Hoje não é um bom dia para ser vilão.

ROUBANDO TÚMULOS

Os restos do Castelo de Bancrook se erguiam no alto de uma pequena colina. Valquíria seguiu Ardiloso pelo buraco na parede que servia como porta. Acima deles o sol estava se pondo, e um tom de laranja surpreendente tinha tomado os céus.

Não tiveram tempo para passar por Haggard depois de deixar Patife no Santuário, então o corpo do reflexo ainda estava no Bentley. Era uma sensação arrepiante olhar para ela, vê-la deitada ali, fria e imóvel. Valquíria continuava esperando ver uma respiração, ou uma tremulação das pálpebras, como se estivesse apenas dormindo. Mas o reflexo só jazia ali no portamalas, uma coisa, um cadáver com o seu rosto.

Ardiloso ergueu a mão e leu o ar, em seguida acenando com a cabeça, satisfeito.

— Ninguém esteve aqui em um longo tempo. O

Grotesqueiro ainda deve estar aqui em algum lugar.

Eles entraram cada vez mais nas ruínas, estalando os dedos e invocando chamas em suas mãos. A luz tre-meluzia nas pedras cobertas de musgo que compunham as paredes. Eles desceram pelos degraus até ficarem abaixo do nível do solo. Era frio, lá embaixo, e úmido. Valquíria apertou o casaco mais um pouco.

Ardiloso se agachou, examinando o chão, procurando algum sinal que indicasse que o Grotesqueiro estava enterrado debaixo dali, e Valquíria foi até uma parte da parede e raspou o musgo que a recobria.

— Alguma coisa suspeita? — indagou Ardiloso.

— Isso depende. Estamos tratando paredes ordinárias como suspeitas?

— Não particularmente.

— Então não achei nada.

A menina abandonou a raspagem de musgo e olhou para o relógio. Hora do jantar em casa. Deus, ela estava faminta. Valquíria pensou no seu reflexo, em todas as vezes que havia se sentado à mesa, fingindo ser parte da família, comendo o jantar de Valquíria e falando com a voz de Valquíria. A menina se perguntou se os pais estavam começando a amar o reflexo mais do que a amavam. Perguntou-se se chegaria a um ponto em que ela seria uma estranha na própria casa.

Valquíria balançou a cabeça. Não gostava de ter esses pensamentos. Surgiam regularmente, visitantes indesejáveis na sua mente, ficavam por um tempo longo demais e deixavam muita bagunça. A menina se concentrou no lado positivo. Estava vivendo uma vida de aventuras. Estava vivendo a vida que sempre quis. Era perfeitamente compreensível que, ocasionalmente, sentisse saudades dos pequenos e simples luxos para os quais não tinha mais tempo.

A menina franziu o cenho e virou-se para Ardiloso.

— Provavelmente é um mau sinal quando você começa a pensar nos seus pais como luxos levemente dis-trativos, não é?

— É de se imaginar que sim. — O detetive olhou para Valquíria.

— Você gostaria de poder ir à reunião de família?

— O quê? Não, sem chance.

— Você andou pensando nisso?

— Não tive muito tempo, na verdade, com esse lance de o mundo estar em perigo e tal.

— Um tanto quanto compreensível. Mas, mesmo assim, essas coisas são importantes. Deveria tentar aproveitar a oportunidade de se reconectar com as pessoas que mais importam para você.

Valquíria quase riu.

— Estamos falando da mesma família?

— Família é importante — insistiu Ardiloso.

— Diga-me, e seja honesto, você algum dia já teve uma tia tão ruim quanto Beryl?

— Bem, não. Mas eu tive um primo que era cani-bal. — É mesmo?

— Ah, sim. Quando eles o pegaram, ele devorou a si mesmo para esconder as provas.

— Ele não poderia ter feito isso, é impossível.

— Bem, ele não se comeu *inteiro*, obviamente. Ele deixou a boca.

— Ah, meu Deus, você poderia calar a boca, está sendo. . Carro.

— Estou sendo carro?

— Não — sussurrou a menina, deixando a chama se apagar.

— Um carro está se aproximando. — Ardiloso apagou a própria chama e segurou a mão da menina. Os dois correram até os degraus, se abaixando de volta quando a luz das lanternas do carro varreu aquela área, e então correram. Havia outra escadaria que levava para cima, através do teto desabado, no topo das ruínas.

Os degraus estavam cobertos de musgo e eram escorregadios, mas essas coisas não pareciam importar para Ardiloso.

A dupla emergiu no reluzir do entardecer, quando o sol estava finalmente derretendo no horizonte. Os dois se encostaram no que havia restado das

ameias do castelo e espiaram. O jipe negro estava estacionado diretamente abaixo deles. Os detetives observaram uma van branca se aproximar e parar. Sete pessoas desceram, vestindo roupas manchadas de sangue. Os Infectados.

Barão Vingança e Crepúsculo desceram do jipe.

Vingança ainda trazia o alfanje pendurado na cintura, mas, se tinha encontrado a armadura de Lorde Vil, não a estava vestindo.

Crepúsculo falou com Vingança, distribuindo em seguida ordens para os Infectados, e estes tiraram um longo caixote de madeira da van branca. Todos menos Crepúsculo seguiram Vingança para dentro das ruínas.

Valquíria mudou de posição e espiou o castelo pela escada que descia com degraus despedaçados. Vingança se aproximou da única parede que ainda estava intacta e a menina pôde ouvir sua voz, mesmo que não pudesse compreender as palavras. A poeira começou a se erguer da parede, que começou a tremer. A pedra mais alta se soltou e caiu. Em instantes, a parede estava desabando, suas pedras caindo umas sobre as outras e rolando para as sombras, e a pequena sala que havia do outro lado foi revelada. Valquíria estava num lugar alto demais para poder ver dentro dessa sala, mas a menina sabia o que havia ali.

Vingança mandou os Infectados para dentro.

Valquíria espiou Crepúsculo por sobre a ameia, e o vampiro estava encostado no jipe, fazendo papel de vigia.

Em seguida a menina virou-se para Ardiloso.

— Sanguíneo não está aqui — sussurrou.

— Não, ainda não.

— *Por favor*, me diga que chegou a hora de chamar reforços.

— Chegou a hora de chamar reforços.

— Ah, ótimo.

Valquíria tirou o telefone celular do bolso, discou e esperou. Quando o Administrador do Santuário atendeu, Valquíria transmitiu as informações em tons sussurrados.

A menina então desligou e assentiu para Ardiloso, esticando as duas mãos para a frente com os dez dedos estendidos. Dez minutos até que os Talhadores chegassem.

Os Infectados re-emergiram, carregando uma figura. Parecia uma múmia, toda enfaixada em bandagens sujas, mas era enorme, e a julgar pela dificuldade que os Infectados enfrentavam para se mover, era bem pesada. Eles a carregaram até o caixote aberto. Um dos Infectados fraquejou e o corpo do Grotosqueiro quase caiu. Vingança ficou enfurecido, jogando o Infectado culpado no chão e olhando fixamente para ele, com seus olhos brilhando em amarelo por um instante. O Infectado tentou se levantar, mas algo estava claramente errado. Seu corpo começou a tremer, chacoalhando incontrolavelmente. Mesmo de onde estava, Valquíria podia ver o pânico no seu rosto.

E então ele explodiu numa nuvem de sangue e pedaços de carne.

— Ah, meu Deus — sussurrou Valquíria.

— Fique aqui — disse Ardiloso e começou a se mover. A menina franziu o cenho.

— Aonde você está indo?

— Tenho de atrasá-los até que os Talhadores cheguem. Não podemos nos dar ao luxo de perdê-los de vista; não agora.

— Bem, vou com você.

— Não, não vai. Você é importante para Vingança e não sabemos por quê; e até que a gente saiba, você vai ficar fora de vista.

— Então vou ficar aqui em cima e, não sei, jogar pedras, e quando você terminar eu descerei e ajudarei.

O detetive olhou para a menina.

— Para poder terminar, terei de derrotar seis Infectados, Crepúsculo e o próprio Vingança.

— Sim, e daí?

— Dos Infectados eu dou conta. Valquíria franziu o cenho novamente.

— E Vingança? Quero dizer, você *pode* derrotá-lo, não pode?

— Bem, eu certamente posso tentar — informou Ardiloso. — E tentar é metade da batalha.

— Qual é a outra metade? O detetive deu de ombros.

— Acertá-lo mais vezes do que ele conseguir me acertar. — Ardiloso foi até as ameias. — Se tudo der errado, eu os atrairei para longe. Quando a área ficar limpa, volte para o carro. Se não me vir em cinco minutos, eu provavelmente terei morrido de maneira muito corajosa e heróica. Ah, e não toque no rádio; acabei de conseguir sintonizá-lo bem do jeito que eu gosto e não quero que você bagunce isso.

E então Ardiloso pôs a mão em cima do parapeito, pulou por sobre ele e desapareceu.

VELHOS INIMIGOS

Valquíria se esgueirou até o parapeito, espiando para baixo enquanto Ardiloso aterrissava suavemente. Crepúsculo virou a cabeça como se tivesse ouvido alguma coisa, mas olhou para o outro lado. Ardiloso se esgueirou por detrás do vampiro e aplicou-lhe uma chave no pescoço com o braço, puxando-o para trás. Crepúsculo lutou, tentando se soltar, mas Ardiloso estava cortando o suprimento de oxigênio para o seu cérebro, e Valquíria sabia que a luta acabaria em alguns instantes. Quando Crepúsculo des-maiou, Ardiloso o deitou no chão. Tudo aquilo aconteceu em completo silêncio.

Ardiloso se esgueirou até a entrada do castelo e Valquíria se moveu para a beirada do telhado desabado, deitando-se e espiando por sobre a borda. Os Infectados conseguiram colocar a figura mumificada no caixote sem derrubá-la de novo. Valquíria viu que as criaturas estreitaram os olhos quando Ardiloso apareceu. Vingança ainda estava de costas para o detetive.

— Olá, Barão — chamou Ardiloso. A menina viu que Vingança se enrijeceu levemente e depois virou.

— É claro — falou Vingança. — Quem eles mandam para tentar me derrotar? Algo que não chega nem a ser um homem. Não chega a ser um monstro. Eles mandam *você*.

Ardiloso deu de ombros.

— Como vai, Barão?

— Você me macula — disse Vingança, com nojo na voz. — Até estar na sua presença me deixa maculado.

Posso sentir no ar. E esses Infectados, esses meio-mortos-vivos, até eles são mais merecedores do meu tempo do que você jamais será.

Ardiloso concordou com a cabeça.

— Então, você se casou ou coisa assim? Eu poderia estar ouvindo os passos de pezinhos maléficos?

— Vou destruí-lo.

— Você ainda está chateado por causa daquela vez em que eu fiz você explodir, não está? Estou vendo que sim.

— Você nunca pára de falar, não é?

— Eu não *tenho* de falar — retrucou Ardiloso. — Posso ficar quieto. — Um momento se passou. — Então, quem você colocou no caixote? Seria o cadáver de retalhos, enrugado e sem vida do Grotesqueiro? Estou certo?

Porque, se for, eu não poderei deixar você levá-lo. Eu poderia, sabe, lhe dar o dedão do pé dele ou coisa assim, como lembrança, mas isso é tudo.

— O que você está dizendo, Esqueleto, é blasfêmia.

— Foi você quem desencavou seu próprio deus.

Vingança deu um passo à frente, tirando o alfanje da bainha.

— Eu queria não ter de matá-lo agora. Queria poder ver a fúria que ele liberaria sobre você por esta blasfêmia.

— Você percebe que não tenho pele para ser cortada, não percebe?

Vingança sorriu enquanto o detetive se aproximou.

— Esta espada é feita de navalha tecida, o mesmo processo usado para criar as foices dos Talhadores. Ela vai cortar seus ossos.

— Ah — exclamou Ardiloso, dando um passo a-trás. Vingança tinha quase chegado até o detetive.

— O que é isso? Nada de piadas? Nada de provocações? Deixe-me ver o quão confiante você está, abomi-nação. A mão de Ardiloso entrou no paletó e saiu com o revólver. O detetive apontou a arma direto para o rosto de Vingança. O vilão parou.

— Pois é — disse Ardiloso depois de um momento de consideração. — Ainda estou bem confiante.

— Você vai atirar em mim? — escarneceu Vingança.

— Não ficaria surpreso. O que uma coisa como você poderia saber sobre honra? Só um herege poderia trazer uma arma para uma luta de espadas.

— E só um imbecil poderia trazer uma espada para um tiroteio. Vingança fez uma careta de desprezo.

— Como você pode ver, está numa minoria esma-gadora. — Eu geralmente estou.

— Sua situação se tornou bastante insustentável.

— Ela geralmente se torna.

— Você está a alguns instantes de ser atacado em massa por essas imundas criaturas mortas-vivas, e despedaçado num furacão de dor e fúria.

Ardiloso fez uma pausa.

— Está bem, isso é novidade para mim.

— Matem-no! — ordenou Vingança.

Os Infectados avançaram. Valquíria viu Ardiloso abanar os braços e uma rajada de vento ergueu uma nuvem de poeira para obscurecer a visão dela. A menina pôde ver Vingança recuando, protegendo os olhos. Houve tiros, flashes de fogo e rosnados guturais de raiva, e os Infectados voaram para trás pelo ar. Quando a poeira as-sentou, apenas Ardiloso e Vingança ainda estavam de pé.

— Seis tiros — afirmou Vingança. — Eu contei.

Sua arma está vazia.

— Você está presumindo que eu não a recarreguei em meio a toda aquela confusão.

— E você o fez? Ardiloso hesitou.

— Não — admitiu e guardou a arma. Vingança aproveitou para olhar em volta.

— A garota — indagou ele. — Caos. Onde está e-la?

— Teve de ficar em casa, infelizmente. Amanhã é dia de aula, então. .

— Que pena. Teria sido um prazer que ela assistis-se à sua morte pelas minhas mãos. — Vingança colocou o alfanje no chão. — E não vou precisar de uma espada pa-ra matá-lo.

O vilão caminhou na direção de Ardiloso, que ergueu a mão.

— Hum, já que você não vai usá-la, posso pegar emprestada?

Vingança quase riu. Ele socou e Ardiloso se abaixou rapidamente para o lado, mas seu oponente estava esperando a manobra e acertou o punho fechado na o-moplata do detetive. Ardiloso tentou avançar e atirar Vingança no chão com um golpe de judô, mas o Barão recuou um pouco e esticou o pé para a frente, e Ardiloso tropeçou. Sua perna bateu no caixote e ele caiu em cima do Grotosqueiro.

Vingança rugiu e agarrou o esqueleto, puxando-o para fora. Ele deu um gancho de direita que acertou o os-so da mandíbula de Ardiloso. O soco foi seguido de um cruzado de esquerda, mas o detetive conseguiu erguer o braço para se defender. O bloqueio se transformou num ataque à garganta, tão súbito e selvagem quanto uma cobra. Vingança tossiu e cambaleou para trás, e Ardiloso chutou o lado de dentro da sua perna.

Vingança manteve a guarda cerrada, protegendo a cabeça, mas abaixou-a quando Ardiloso chutou suas costelas. O chute foi uma finta que se transformou num passo à frente, e Ardiloso deu um soco, mas Vingança o interceptou com sua mão esquerda se fechando em volta do pulso direito do esqueleto. Vingança lançou-se para cima e para a frente, com o cotovelo direito acertando o ombro direito de Ardiloso como uma bala de revólver. Vingança girou o corpo e levantou Ardiloso, jogando-o no chão e caindo pesadamente sobre ele.

A mão esquerda de Ardiloso surgiu diante do rosto de Vingança, com os dedos flexionados, e o vilão afastou a mão com um tapa antes que Ardiloso pudesse empurrar o ar. Vingança socou repetidamente e sorriu com malícia para o detetive.

— Eu odiaria ser você — provocou Vingança. — Um esqueleto que sente dor. Nenhuma das vantagens de um corpo de carne e sangue, e todas as fraquezas. Quem quer que tenha lhe trazido de volta deveria tê-lo deixado onde você jazia.

Ardiloso grunhiu. Alguns dos Infectados estavam de pé novamente e olhavam para Ardiloso ali caído no chão. Vingança se levantou e limpou a poeira das roupas.

Em seguida pegou o alfanje.

— Vou cortá-lo — afirmou Vingança. — Em pedaços bem pequeninos. Vou pegar uma pequena parte do seu crânio e fazer alguns dados. Talvez eu use o resto dos ossos como teclas de um piano. Me pergunto, esqueleto, você ainda estaria vivo? Você estaria consciente se fosse dados ou teclas de um piano?

— Sempre quis viver na música — resmungou Ardiloso. Valquíria não podia mais assistir. Ela se levantou.

— Ei! — Vingança olhou para o telhado desabado e a viu.

— Fiquei sabendo que você estava me procurando — gritou a menina.

— Srta. Caos — respondeu Vingança com um sorriso. — Então você *está* aqui.

— Aquela garota — murmurou Ardiloso. — Jamais faz o que a gente manda.

— Você me quer, Barão? — gritou Valquíria. — Venha me pegar! Então voltou para dentro e Vingança subiu as escadas correndo atrás dela, e a menina foi até o parapeito e se atirou.

EM FUGA

Isso é tão estúpido, pensou Valquíria consigo mesma enquanto corria. Seu pé bateu numa pedra e ela quase caiu. A menina não sabia para onde estava indo ou o que iria fazer. Não tinha plano algum.

Valquíria ignorou a trilha e correu cada vez mais para dentro das trevas. Podia ouvir os perseguidores agora, as ordens sendo gritadas para os Infectados. Podia ouvir a van e, quando olhou por sobre o ombro, pôde ver os faróis acesos, balançando loucamente sobre o piso irregular.

Então o mundo a deixou e ela estava caindo. Valquíria atingiu o declive do morro e começou a rolar. O

chão se nivelou e a menina caiu num espinheiro que tentava perfurar suas roupas. Os faróis viraram a curva e a menina colou no chão, com os espinhos rasgando suas mãos e se prendendo nos cabelos. Valquíria se arrastou enquanto os faróis vinham rapidamente na sua direção.

Passando a um palmo de distância dela, a van seguiu rugindo adiante. Valquíria ficou parada um instante para recuperar o fôlego, em seguida arrancando os ramos espinhentos e se levantando. Havia gritos vindo de todas as direções. Os Infectados tinham praticamente cercado a menina, e a única razão pela qual ela ainda estava livre é que eles não tinham percebido isso até agora. Valquíria se pôs a andar, mancando um pouco. Havia uma estrada adiante. Se pudesse chegar à escuridão total do outro lado, talvez pudesse ter uma chance de escapar.

Mas agora havia outro par de faróis. O jipe negro.

Valquíria tinha de atravessar a estrada antes que essa rota fosse bloqueada. E então havia alguém no seu caminho.

Crepúsculo a agarrou e a menina tentou acertá-lo, mas ele a jogou no chão.

— Finalmente — comentou o vampiro, como se estivesse entediado com um jogo. Estava a ponto de continuar falando, mas Valquíria viu seu rosto se retorcer e sua mão ir até a barriga. Os dedos de Crepúsculo entraram no casaco e tiraram a seringa.

Esta era a sua chance, e a menina não poderia perdê-la.

Obrigando o medo e o pânico a saírem da sua mente, Valquíria estendeu os dedos. O ar reluziu e a seringa voou da mão dele, desaparecendo nas trevas. Crepúsculo xingou, tentando correr atrás dela, mas perdeu o equilíbrio e caiu. Valquíria estava de pé, correndo na outra direção.

— Isso foi um erro — ouviu o vampiro murmurar.

— Aquele soro era a única coisa que me mantinha sob controle. .

A menina olhou para trás quando Crepúsculo segurou a sua forma humana e a arrancou, como uma cobra trocando de pele. O vampiro sob a carne e as roupas, a criatura dentro do homem, era careca e branca como ala-bastro, com olhos negros e presas afiadas. Valquíria sabia que Crepúsculo não mentira; aquilo *tinha* sido um erro.

Valquíria disparou, e o vampiro saltou atrás dela.

Os Infectados estavam por todo lado, e o jipe negro a estava iluminando com os faróis. O Barão Vingança podia vê-la claramente, mas Valquíria não se importou.

Vingança a manteria viva até que decidisse que era hora de matá-la. O vampiro, por outro lado, a faria em pedaços ali e agora mesmo.

O monstro estava saltando atrás dela e se aproximava rapidamente. Mais um pulo e estaria em cima dela.

Valquíria não podia se dar ao luxo de tentar nada, não podia se dar ao luxo de usar os poderes. A adrenalina corria pelas suas veias. Seus poderes provavelmente nem *funcio-nariam*. A menina tirou a navalha de Bil y-Ray Sanguíneo do bolso, abrindo-a enquanto corria. Mais alto que o som do jipe

que se aproximava, ela ouviu Vingança tentando mandar o vampiro parar, mas Valquíria sabia que o monstro não ouviria. Um vampiro, depois que arranca a pele, não tem mestre. Ardiloso os tinha chamado de “os matadores mais eficientes do mundo”. A única coisa que importava para um vampiro era sangue.

Os saltos pararam e Valquíria sentiu que ele estava no ar, sentiu-o descendo, e então virou e golpeou. A navalha abriu o rosto do vampiro enquanto a menina caía para trás. O vampiro que uma vez fora Crepúsculo rugiu de dor, caiu no chão e saltou sobre ela novamente antes que tivesse tempo de ficar de pé com um rolamento.

O jipe ainda estava se aproximando, e não reduzia a velocidade. O carro derrapou e deslizou de lado numa nuvem de poeira, acertando o vampiro em cheio e o atirando para longe. A porta do carona se abriu.

— Para dentro! — gritou Ardiloso. Valquíria pulou para dentro e o jipe saiu em disparada.

— Cinto de segurança — instruiu Ardiloso. A menina estendeu a mão para pegá-lo enquanto o detetive virou o volante, e ela bateu com a cabeça na janela.

— Ai!

— Desculpa. Use o cinto de segurança.

A van estava logo atrás deles, preenchendo o interior do jipe com luz amarela. Ardiloso freou e virou, acelerando, e a luz amarela sumiu rapidamente enquanto a van perdia a curva oculta. Eles deixaram a van comendo poeira e seguiram uma trilha pelas colinas.

Valquíria agarrou o cinto de segurança e teve de dar alguns puxões até conseguir fazê-lo correr. A menina se acomodou no banco e encaixou a ponta na fivela, bem quando Ardiloso freou.

— OK — disse ele. — Para fora. — O detetive abriu a porta e desceu, se apressando até o Bentley. Xingando o companheiro, Valquíria o seguiu.

O silêncio da noite era sinistro. E então o chão diante deles rachou e se desfez, e Ardiloso puxou a arma no momento em que Billy-Ray Sanguíneo emergiu na superfície.

— Bem, aí estão — disse Sanguíneo sorrindo. — O

grande detetive-esqueleto em carne e osso; bem, figurati-vamente, claro.

Ardiloso encarou o homem cuidadosamente.

— Sr. Sanguíneo, andei ouvindo tantas coisas sobre você.

— É mesmo?

— Você é um tremendo de um psicopata, não é?

— Eu tento.

— Então me diga uma coisa; por que esperar oitenta anos para ajudar seu velho chefe a escapar? Por que não o libertou no dia seguinte à sua captura?

Sanguíneo deu de ombros.

— Eu acho que tive o que vocês podem chamar de crise de fé, e a fé perdeu. Esses últimos oitenta anos vivendo sozinho até que foram bons, mas alguma coisa estava faltando, sabe?

— Você está preso.

— Falando nisso, e eu não tenho a intenção de ser rude, mas só apareci para capturar esta queridinha aqui.

Largarei do seu pé num instante; mais uma vez, figurati-vamente — Sanguíneo submergiu no chão com um sorriso no rosto.

— Ah, raios — disse Valquíria e Ardiloso tentou pegá-la, mas era tarde demais. O chão explodiu e Sanguí-

neo a agarrou, e Valquíria não teve nem tempo de gritar antes que ele a levasse de volta para o chão consigo.

20

DEBAIXO DA TERRA

Valquíria ofegou tentando respirar enquanto mergulhava nas trevas. O solo se movia ao redor. Arranhava suas costas e se desfazia a seus pés. A terra entrava nos seus olhos e o som de um deslizamento de rochas rugia nos seus ouvidos. A menina se agarrou em Sanguíneo enquanto eles se moviam.

— Assustada? — disse o homem no seu ouvido. — E se eu simplesmente.. largasse você?

Sanguíneo estava bem diante dela; Valquíria podia sentir sua respiração no rosto; mas não conseguia vê-lo.

Estava incrivelmente escuro, o túnel que eles estavam escavando se fechava acima deles conforme se moviam. Su-as entranhas se torceram enquanto um terror real e puro se espalhou pelo seu corpo.

— Vou queimá-lo — disse ela, mas o som do deslizamento afogou a sua voz fraca. — *Vou queimá-lo!* — gritou a menina. Ela o ouviu rindo.

— Se você me queimar o bastante poderá me matar, e então o que vai fazer? Ficaria presa aqui, enterrada viva debaixo da terra com apenas o meu cadáver para confortá-la.

Eles reduziram a velocidade, o deslizamento diminuiu e eles pararam. Valquíria estava tremendo. O suor a encharcava. O pânico se entalou na sua garganta.

— Eu posso ver, sabe? — afirmou Sanguíneo. — Meus olhos foram tirados de mim, mas minha visão permanece. E aqui, no escuro? É onde posso ver melhor.

Posso ver o medo no seu rosto. Você não pode escondê-lo de mim. Então, eis aqui o que vai acontecer. Vou colocar umas alginhas chiques em você e então vamos fazer uma visita ao Barão Vingança. Isso lhe parece uma boa maneira de passar o resto da vida?

Valquíria sentiu o gosto de terra na boca, mas não respondeu. Estava escuro demais. Podia sentir as pedras à sua volta. Apesar do seu ódio por ele, a menina percebeu que o estava agarrando com força, aterrorizada com a possibilidade de ele soltá-la e deixá-la ali. Valquíria sentiu que ele se mexeu, ouviu a terra sendo deslocada e sentiu algo frio e metálico se fechando sobre seus pulsos.

— Ah, mais uma coisa — acrescentou Sanguíneo.

— Minha navalha. Cadê ela?

— Bolso do casaco — sussurrou a menina.

Suas mãos entraram no bolso do casaco, retirando a navalha.

— É muito bom tê-la de volta. É como uma parte de mim, sabe? Como um pedacinho da minha alma. .

Sanguíneo podia ver no escuro, então Valquíria se assegurou de que ele pudesse ver o desprezo no seu rosto.

— Há algum lugar aonde precisamos ir ou você vai nos manter aqui embaixo e me entediar até a morte?

Sanguíneo riu, as pedras se deslocaram e eles se moveram novamente, bem rápido. Valquíria tentou entender como Sanguíneo conseguia fazer aquilo, mas era como se o chão simplesmente se abrisse para ele e então se fechasse depois que ele tinha passado. Era impossível saber em que direção estavam indo ou mesmo se estavam subindo ou descendo, e então subitamente a terra cedeu e o impulso os levou para o ar livre.

A lua, pesada e baixa no céu escuro. Árvores e cercas e grama. Valquíria caiu de joelhos, cuspiendo terra e ofegando com força. O suor que recobria seu corpo agora a gelava, mas o chão era sólido e o rugido não preenchia mais seus ouvidos. A menina ergueu a cabeça e olhou para trás.

— Vossa carruagem a espera, madame — zombou Sanguíneo, abrindo a porta do carro que estava estacionado ali. Valquíria testou as algemas, mas

elas estavam apertadas. Ela estalou os dedos, mas não surgiu nenhuma fagulha. Seus poderes estavam atados.

Sanguíneo ajudou-a a entrar no carro, segurando sua nuca e empurrando-a para dentro. Mesmo se conseguisse escapar, não tinha para onde fugir. Havia prados para todos os lados. Sanguíneo fechou a porta, contornou o carro e entrou pela porta do motorista.

— É divertido? — perguntou o homem subitamente. — Brincar de detetive? Sempre quis ser detetive.

Eu *fui* um, por mais ou menos um ano. Gostava do romantismo da coisa toda. Os ternos, os chapéus, os becos escuros, a *femme fatale*, toda aquela conversa dura. Mas eu não podia deixar de *matar* pessoas. Quero dizer, eles me contratavam, eu tentava resolver os mistérios deles, mas no meio do caminho eu ficava entediado e acabava matando eles, e então o caso era encerrado e acabou. Resolvi apenas um assassinato naquele ano inteiro, mas não acho que realmente conte, considerando que eu fui o assassino.

Acho que isso é trapacear, de certa forma.

— Por que está fazendo isso? — deixou escapar Valquíria. — Por que ele ainda me quer? Ardiloso não vai desistir só porque eu estou aprisionada.

Sanguíneo encarou a menina.

— Está falando sério? — Ele riu. — Queridinha, você não é *refém* coisa nenhuma, nunca foi!

— O quê?

— Essa coisa toda, tudo que está acontecendo, é tudo *por sua causa*.

— Do que você está falando?

— Você ouviu falar no ingrediente que faltava, certo? A única coisa que Vingança não conseguiu achar oitenta anos atrás. Ouviu falar nisso?

— É claro. O que isso tem a ver comigo?

— Docinho, é você. *Você* é o ingrediente que falta.

— Valquíria o encarou e o sorriso dele aumentou. — Você é descendente direta dos Antigos, não é? O quê, você achou que essa informaçãozinha não ia se espalhar?

Quando ouvi falar nisso, soube que tinha chegado a hora de libertar o Barão.

— Você está mentindo. .

— Palavra de escoteiro. A única coisa que estava faltando era sangue com algum tipo de poder. Considerando que não era provável que ele tirasse o sangue de outro Sem-Rosto tão cedo, a melhor coisa que se poderia conseguir era o sangue de um dos caras que conseguiu *matar* um Sem-Rosto. Era o último ingrediente para o co-quetel “fim do mundo como conhecemos” que o Barão estava preparando. Deve fazer você se sentir bem especial, não é?

Valquíria não conseguiu responder. A menina sentiu a cor sendo drenada do seu rosto.

— Isso é bom — exclamou Sanguíneo, claramente deliciado, enquanto ligava o carro. — Isso é *ótimo*.

TRAJANDO TREVAS

Chegara a hora. Vingança sentiu seu poder, sentiu o poder perfurar sua pele e se enrolar em suas entranhas. Mesmo que quisesse, mesmo que mudasse de ideia quanto aos seus planos, agora era tarde demais. Aquilo o estava puxando para a frente. Como Vil poderia ter sido vencido com um poder daqueles?

Os Infectados tinham colocado a armadura numa mesa, numa pequena sala nos fundos da igreja. De origens tão humildes, Vingança pensou consigo mesmo, e sorriu.

O homem se aproximou da mesa, estendeu os braços mas parou, com as mãos sobre as manoplas. Seus dedos trilhavam o ar, movendo-se sobre a couraça peitoral, as botas. A primeira parte da armadura que ele tocou foi a máscara. Vingança ergueu-a cuidadosamente, segurou-a, sentiu-a mudar e se alterar sob seu toque.

As roupas que ele vestia — negras e simples à primeira vista — foram especialmente tecidas para garantir uma ligação bem-sucedida. Vingança estaria vestindo a armadura de Lorde Vil; seu corpo precisaria de isolamento contra o poder puro contido naqueles objetos, um poder capaz de queimar sua carne e ferver seu sangue. Naquele momento, Bily-Ray Sanguíneo já teria localizado a menina Caos e a estaria trazendo para a igreja. O próprio Barão tinha subjugado Crepúsculo e injetado o soro nele. Ao abandonar sua pele, Crepúsculo tinha fracassado para com seu mestre, quase pondo tudo a perder. Mas Vingança o puniria mais tarde. Porque, naquele instante, todos os seus sonhos estavam a ponto de se realizar.

Quando o Barão Vingança trajou a armadura, as sombras se ergueram dela como vapor.

SANGUE E SOMBRAS

O carro foi na direção do interior, onde as estradas se estreitavam e serpenteavam como cobras. Finalmente, eles pararam diante de uma velha e sombria igreja e Sanguíneo desceu, foi até o lado do carona e abriu a porta, puxando a menina para fora em seguida. Ele a segurou pelo braço e a levou pelo caminho rachado e coberto de ervas daninhas.

Trepadeiras escalavam as paredes semidesabadas e os pequenos vitrais estavam cobertos de fuligem e poeira.

O homem abriu as antiquíssimas portas duplas e guiou a menina para dentro da igreja fria e úmida. Ainda havia alguns bancos que não tinham apodrecido, e havia centenas de velas acesas que faziam as sombras dançarem e piruetarem pelas paredes. O altar tinha sido saqueado e retirado, substituído por uma grande laje, sólida e imponente, e sobre a laje jazia o corpo enorme e enfaixado do Grotosqueiro, coberto por um lençol.

O Barão Vingança estava esperando por eles, vestindo a armadura negra de Lorde Vil. Não era o que Valquíria tinha esperado.

A armadura não fazia barulhos, não chacoalhava e não reluzia. Parecia estar viva, subitamente movendo-se e mudando de forma, mesmo enquanto a menina a observava.

Havia outros na igreja, homens e mulheres Infectados, com o vírus do vampirismo correndo pelos seus corpos, mudando-os mais a cada momento que passava.

Eles permaneciam nas trevas tanto quanto podiam.

Valquíria podia ver Crepúsculo agora. Sua forma humana tinha crescido novamente, mas tinha mantido a cicatriz no rosto. Era funda e feia, e o vampiro olhava pa-ra ela com cada grama de ódio que sua alma de trevas era capaz de produzir.

— Valquíria Caos — disse Vingança, com a máscara distorcendo sua voz num sussurro rouco. — Tão gentil da sua parte se juntar a nós nesta mais auspiciosa das noites. A criatura nesta mesa abrirá o portal para a passagem dos seus irmãos e este mundo será purificado.

Os indignos serão dizimados e nós vamos promover um novo paraíso, e será tudo graças a você.

Sanguíneo segurou Valquíria pelo cotovelo e levou-a até o banco da frente, onde a obrigou a sentar ao seu lado. Os dois assistiram enquanto Vingança abaixava a cabeça, com as mãos erguidas sobre o corpo na laje.

Sombras começaram a se mover ao redor do Barão. As velas estavam tremeluzindo como se um forte vento estivesse soprando, mas o interior da igreja estava mortal-mente calmo.

— O Grotesqueiro vai se alimentar de você — sussurrou Sanguíneo, quase casualmente. — O garotão está nocauteado há muito tempo; vai precisar do seu sangue nas veias dele. Vai ter uma bela refeição. Você se importa se eu tirar fotos? Trouxe minha própria câmera e tudo.

— Pode fotografar até se arrebentar.

— Obrigado.

— Não, estou falando sério, é melhor você se arrebentar logo, porque estou lhe dizendo: é melhor estar inconsciente quando Ardiloso chegar aqui.

Sanguíneo sorriu e se reclinou.

— Posso dar conta do Sr. Engraçadinho, não se preocupe com isso. Preste atenção agora, querida, é a hora em que as coisas ficam interessantes.

Valquíria olhou de volta para o altar bem quando as sombras tinham se reunido atrás de Vingança e descido sobre ele como uma mortalha. O homem se enrijeceu e seu corpo sofreu um espasmo, como se estivesse sendo atravessado por correntes elétricas. As sombras começaram a fluir pelas pontas dos seus dedos, descendo e atravessando o lençol.

— Sr. Sanguíneo — sussurrou Vingança.

Sanguíneo levantou Valquíria e a arrastou até a laje.

O homem sorriu maliciosamente ao mostrar a navalha à menina, e em seguida agarrou o pulso dela. Valquíria tentou lutar, mas Sanguíneo era forte demais, e a menina gritou quando ele passou a lâmina fria ao longo da palma da mão direita dela. Mas, em vez de escorrer pela sua mão e pingar no lençol, seu sangue flutuou até o fluxo de sombras, se misturando a elas, girando através e em volta delas, alimentando o corpo do Grotesqueiro.

E foi então que as portas duplas se abriram e Ardiloso Cortês entrou na igreja.

Os Infectados rosnaram e Valquíria se libertou da mão de Sanguíneo. Vingança ergueu o olhar do seu trabalho de trevas e sua armadura criou pontas raivosas, enquanto Ardiloso andou até o fim da nave e sentou no banco da frente. O detetive cruzou as pernas, acomodou-se numa posição confortável e acenou com a mão no ar.

— Não parem por minha causa — falou.

Valquíria franziu o cenho. Não era bem com esse resgate que ela estava contando.

Os Infectados se moveram para a luz, se aproximando de Ardiloso, que estava agindo como se tivesse aparecido só para bater um papo. Vingança terminou de transmitir o fluxo de sombras para o Grotesqueiro e recuou. Valquíria o viu descair um pouco.

Vingança levou as mãos até o rosto e soltou os fechos da máscara, erguendo-a. Seu rosto estava pálido e brilhante de suor. Seus olhos estavam estreitos e frios.

— Abominação — começou o Barão. — Você veio até aqui sozinho? Nenhum Talhador com você? O

Sr. Êxtase não está ao seu lado?

— Você me conhece, Barão, gosto de resolver as coisas sozinho. Além disso, quando você me espancou, quebrou meu celular, então. .

Um sorriso agora, se espalhando pelos lábios de Vingança.

— Você veio até aqui testemunhar o começo do seu fim?

— Não, na verdade, não. Só vim aqui fazer isto.

Ardiloso pôs a mão no bolso de dentro do terno, puxou um pequeno embrulho negro e jogou-o na laje. O

objeto caiu sobre o lençol, em cima do peito enfaixado do Grotosqueiro. Vingança olhou para o embrulho e estendeu a mão para pegá-lo. .

— Não faria isso se eu fosse você — afirmou Ardiloso, segurando um pequeno dispositivo. — Basta aper-tar este botão para decorar esta igreja com pedacinhos do seu deus.

— Uma bomba? — exclamou Vingança, com raiva crescente na voz. Sua armadura inchou e engrossou pro-tetoramente. — Você acha que explosivos podem ferir um Sem-Rosto?

— Mas isso não é um Sem-Rosto, é? Pelo menos não um Sem-Rosto *inteiro*. Imagino que esteja um tanto quanto frágil, na verdade, depois de passar tanto tempo trancado numa parede. E estou apostando que tudo isso também tenha desgastado muito *você*. Aquela bombinha poderia acabar com vocês dois ao mesmo tempo. Bem, eu disse bombinha, mas é na verdade quinze vezes mais poderosa que a *última* que joguei em você, e acho que se lembra do quanto *aquilo* doeu.

Sanguíneo empurrou Valquíria para mais perto da laje. — Você matará *ela* junto com o restante de nós.

— Não preciso fazê-lo — explicou Ardiloso pacientemente. — Ou eu aperto este botão e derroto seu plano maligno e mato minha amiga ao mesmo tempo, ou não aperto, e nós dois vamos embora e você apenas terá de esperar mais três anos pelo próximo eclipse lunar. Depende da sua decisão, Barão.

Vingança o observou.

— Leve a menina. Crepúsculo deu um passo à frente. — A garota tem de morrer!

— Silêncio! — rugiu Vingança. O Barão encarou Crepúsculo até que o vampiro recuou, com a luz tremeluzente das velas brincando na sua cicatriz.

Vingança olhou de volta para Ardiloso.

— Leve a menina — escarneceu. — Você não chegará longe.

— Chegaremos longe o suficiente. Valquíria? — A menina estendeu as mãos atadas para Sanguíneo.

O homem a olhou com raiva, e então pôs a navalha na laje e resmungou. Soltou as algemas e recuou. Valquíria se juntou a Ardiloso quando ele foi até a nave, mas não antes de pegar a navalha.

— Ei! — gritou Sanguíneo.

— Quietos! — estourou Vingança.

— Ela levou minha lâmina.

— *Eu mandei ficar quietos!*

Sanguíneo se calou. Valquíria fechou a navalha e guardou-a no bolso. A menina recuou, ao lado de Ardiloso, e os Infectados se moveram com eles.

— Você só está atrasando o inevitável — afirmou Vingança. — Com esta armadura, sou o ser vivo mais poderoso neste mundo.

— Mas você está *feliz*? — indagou Ardiloso, estalando os dedos da mão livre e invocando uma chama. O

detetive jogou a bola de fogo atrás de si, no chão junto à porta. Os Infectados rosnaram para as chamas. Vingança ainda não tinha se aproximado nem um pouco do emburalhado de explosivos.

— Vou deixá-lo em pedaços, criatura abominável.

— Então pelo menos eu terei algo para esperar — retrucou Ardiloso. — Vocês não vão querer fazer nenhum movimento súbito até que a gente chegue à estrada; eu saberei se vocês moleques perturbarem o ar ao redor da bela bolsa de explosivos.

— Mande tudo pelos ares — murmurou Valquíria com o canto da boca.

— Não posso fazer isso — respondeu Ardiloso com um sussurro. Ele moveu a mão e então as chamas se abriram na entrada e a dupla recuou através dela, fugindo para o ar da noite.

— Por que não?

— Não é uma bomba — respondeu o detetive, baixinho. — É uma bolsa com um macaco dobrável, para trocar pneus.

— E quanto ao controle remoto?

— Ele abre a porta da minha garagem. Não diga nada a eles, mas não tem nem pilhas nele — Ardiloso acenou com a mão e as chamas se juntaram novamente para bloquear a saída. A dupla continuou andando de costas até o Bentley, mantendo contato visual com os Infectados através do fogo, se assegurando que ninguém iria trapacear e correr para fora cedo demais.

— A gente tem um plano? — perguntou Valquíria enquanto eles recuavam da igreja.

— Precisamos tirar o Grotesqueiro de perto dos bandidos — afirmou o detetive. — Para isso, teremos de nos separar. Eu vou embora, você vai se esconder debaixo da van, esperar até que eles coloquem o Grotesqueiro nela e então você vai sair dirigindo, bem debaixo dos narizes deles. — *O quê?*

— Vai ser bem engraçado, confie em mim.

— Ardiloso, tenho treze anos, não sei dirigir. O

detetive olhou para a menina.

— Como assim, não sabe dirigir?

— Estou falando em código? *Eu não sei dirigir*, Ardiloso.

— Mas você já viu outras pessoas dirigindo, não viu? Você *me* viu dirigindo. Ouso dizer que viu seus pais dirigindo também. Então sabe o básico.

A menina encarou o detetive.

— Sei que a grande coisa redonda espetada no painel vira as rodas. Isso é básico o bastante para você?

— Aquela van ali tem câmbio automático. Você coloca a alavanca em “drive” e a van anda. Você pisa num pedal e anda mais rápido; pisa no outro e para de andar.

Fácil.

Valquíria continuou encarando Ardiloso.

— Ah, com mil demônios — resmungou a menina e disparou para a van, deslizando para baixo dela enquanto Ardiloso pulava para dentro do Bentley.

O motor do Bentley rugiu, os pneus giraram e o carro disparou para longe da igreja enquanto uma onda de trevas irrompeu da porta, apagando as chamas. Crepúsculo liderou os Infectados enquanto eles saltaram para a noite, seguidos pelo Barão Vingança, com tentáculos de sombras se enrolando e espiralando ao seu redor, como cobras furiosas. O vilão atirou o embrulho no chão e o macaco quicou para a grama. O Barão chicoteou uma mulher Infectada com trevas, e ela foi atirada longe pelo impacto, voando pelo ar.

Valquíria continuou embaixo da van, mantendo-se muito, muito quieta. A menina viu Bil y-Ray Sanguíneo se aproximando.

— Ela levou minha lâmina — exclamou o homem.

— *De novo.*

— Eu não me importo com a sua *lâmina* — estourou Vingança. Em seguida, virou-se para um dos Infectados.

— Você. Coloque o Grotesqueiro dentro da van.

Este lugar logo estará cheio de Talhadores, e não posso correr o risco que eles o danifiquem.

Os Infectados correram para a igreja e então saíram de novo, carregando o caixote. Tomando um cuidado especial, eles o colocaram na van. O bando voltou à igreja, esperando por mais ordens, e Valquíria saiu de seu esconderijo e se levantou. A menina podia ouvir Vingança dando ordens do outro lado da van; respirou fundo e abriu a porta.

Esta se abriu com um leve clique e Valquíria entrou lentamente, mantendo-se abaixada. A chave estava na ignição. A menina olhou em volta para se orientar, arriscou uma olhada para fora da janela, para os bandidos, e então virou a chave. O motor ganhou vida. Vingança virou a cabeça e franziu o cenho, movendo-se para onde poderia ver quem estava detrás do volante.

Valquíria puxou a alavanca para baixo, até a posição “drive”, e meteu o pé no acelerador. A menina deixou escapar um ganido quando a van disparou para a frente, lutando para controlar a direção. Aquilo não era divertido.

Ela virou bruscamente o volante para a direita para evitar uma árvore, tentando ao máximo manter a van na estradinha estreita. Valquíria viu os Infectados correndo atrás dela, mas não podia se dar ao luxo de lhes dispensar muita atenção. Estava terrivelmente escuro do lado de fora, e ela não sabia qual botão acenderia os faróis.

Valquíria tirou uma das mãos do volante por tempo suficiente para acionar uma alavanca, e os limpadores de para-brisa se arrastaram contra o para-brisa seco. A menina passou por cima de uma pedra e quicou no assento.

Tentou outra alavanca e um ponteiro começou a piscar.

Xingando Ardiloso, Valquíria moveu a alavanca para cima, para baixo, para o lado e então tentou torcê-la, e subitamente os faróis iluminaram a estrada à

frente, bem a tempo de gritar quando a van derrapou para fora da trilha e voou colina abaixo.

Valquíria foi atirada de um lado para o outro no banco do motorista. Mantendo uma das mãos apertada no volante, a menina agarrou o cinto de segurança, puxando-o para o outro lado do seu corpo. Ela olhou para baixo, tentando achar a fenda onde a fivela do cinto se encaixava. A base da colina se encontrou com a estrada novamente e a menina tentou virar a van para seguir o caminho, mas a van simplesmente seguiu em frente, se atirando pela próxima colina abaixo.

Valquíria agarrou o cinto de segurança novamente, desta vez encontrando a fenda, e o cinto se fechou com um clique, e a menina pôde voltar sua atenção completa à direção, no momento em que a van acertou uma pedra, girou de lado e rolou. Valquíria bateu com a cabeça na janela enquanto o mundo girava ao seu redor. Ouviu vidro se quebrando e metal se esmagando. A menina protegeu a cabeça ao se inclinar para a frente, e seus braços bateram no volante, tocando a buzina. A van rolou até outra estrada e parou em cima das quatro rodas.

— Ai i — gemeu Valquíria. Olhou para o pa-ra-brisa rachado. Faróis. Um carro e uma motocicleta estavam se aproximando rapidamente.

Valquíria puxou o trinco da porta e teve de bater com o ombro na porta para que ela se abrisse. Tentou sair, mas o cinto de segurança não deixou. A menina mexeu no botão laranja e o cinto se recolheu. Valquíria cambaleou para fora enquanto a moto de Tanith cantou pneus até parar.

O Bentley freou com força e Ardiloso pulou para fora, correu até a menina e a aparou quando suas pernas fraquejaram. Palavras foram trocadas, mas Valquíria não conseguia entender a maioria delas. Sua cabeça zumbia enquanto Ardiloso a carregava até o carro. Seu braço doía.

Valquíria abriu os olhos e viu Tanith colocando a moto na parte traseira da van branca, ao lado do caixote, em seguida assumindo o lugar do motorista.

Ardiloso disse alguma coisa numa voz distante e Valquíria tentou responder, mas sua língua estava pesada demais e toda sua força abandonou seu corpo.

ELEFANTES E COELHINHOS

Conspícuo cutucou o braço da menina.

— Isso doeu?

— Não — respondeu Valquíria. O cientista assentiu com a cabeça e rabiscou alguma coisa no caderno.

— Você comeu?

— Um dos seus assistentes me trouxe um hambúrguer no café da manhã.

Conspícuo suspirou.

— Quero dizer, você comeu *direito*?

— Eu comi o hambúrguer direitinho, não errei a boca *nem uma vez*.

O cientista cutucou a menina novamente.

— E quanto a isso? Isso doeu?

— Ai.

— Vou considerar isso um sim. Com alguma sorte, a dor vai ensiná-la a não se arrebentar quando a van bater.

— Conspícuo escreveu mais alguma coisa e Valquíria olhou em volta. Não havia janelas ali, mas a menina podia adivinhar que tipo de manhã estava fazendo. Brilhante, com céu azul, ensolarada e quente.

Conspícuo fechou o caderno e assentiu novamente com a cabeça.

— Você está se recuperando de maneira excelente — falou. — Dentro de mais uma hora, o osso estará curado.

— Obrigado, Conspícuo.

— Não há de quê.

— E, sabe, me desculpe pelo que eu disse ontem, sobre a água salgada e os vampiros...

Conspícuo deu uma risadinha.

— Não se preocupe *comigo*, Valquíria. Sou mais du-rão do que pareço. Ontem à noite, quando os pesadelos vieram, eles não foram tão ruins. Eu me lembrava de se-rem *terríveis*. Agora, deite-se aí e deixe o emplastro fazer seu trabalho.

Sentindo-se mais culpada que nunca, Valquíria se acomodou na cama. A mistura que recobria seu braço direito inteiro era fria e gosmenta. Tinha de ser reaplicada a cada vinte minutos para que suas propriedades mágicas fossem absorvidas pela pele.

A menina ouviu Ardiloso entrar na enfermaria. Sua luta com Vingança tinha resultado numa clavícula quebrada e algumas costelas rachadas. Valquíria olhou para o parceiro e riu.

Ardiloso encarou a menina. Estava vestindo uma camisola de hospital de um rosa brilhante, decorada com elefantes e coelhinhos. A roupa servia nele como um len-

çol num cabideiro.

— Por que ela está usando a camisola de hospital *azul*? — perguntou o detetive a Conspícuo.

— Hum? — resmungou o professor.

A cabeça de Ardiloso se inclinou, infeliz.

— Você disse que as únicas camisolas que ainda tinha eram essas rosas com coelhinhos, mas Valquíria está vestindo uma camisola de um *azul* perfeitamente respeitá-

vel. — E o seu argumento é que. .

— Por que eu estou vestindo essa camisola ridícu-la?

— Porque isso me diverte.

Conspícuo saiu da enfermaria e Ardiloso olhou pa-ra a menina.

— O mais importante — falou — é que eu posso vestir esta camisola e ainda manter minha dignidade.

— Sim — respondeu Valquíria automaticamente.

— Pode mesmo.

— Você pode parar de sorrir quando quiser, está bem?

— Estou tentando, juro.

Ardiloso foi até Valquíria e, quando falou, sua voz mudou um pouco, tocada pela preocupação.

— Está se sentindo melhor?

— Estou.

— Tem certeza?

— Tenho. Não. Eu não sei. O que quer que aconteça com o Grotesqueiro, é culpa minha.

— Bobagem.

— Mas eu sou o ingrediente que falta.

— Isso não faz com que tudo seja culpa sua, Valquíria. Entretanto, se você insistir em assumir a responsabilidade por algo que sempre esteve fora do seu controle, pode usar isso para se tornar mais forte. Vai precisar de toda força que possa reunir, especialmente quando Crepúsculo a alcançar.

A menina franziu o cenho.

— Por que Crepúsculo?

— Ah, sim, algo que eu talvez devesse mencionar.

Crepúsculo estará esperando para matar você. Ele tem um histórico de vinganças. Ele guarda rancor e não esquece do assunto até que tenha derramado sangue.

— Só porque eu cortei o rosto dele?

— Você cortou o rosto dele com a navalha de Sanguíneo, cujas cicatrizes jamais se curam.

— Ah. Isso iria. . deixá-lo com bastante raiva, não é?

— Eu só achei que você gostaria de saber.

— Então, o que vamos fazer quanto a Grêmio? Já que ele está trabalhando com os vilões e tal?

— Bem, não temos certeza disso. Não é fato. Ainda não. — Ardiloso ficou calado por um instante. — Mesmo assim, seria tolice não ter cuidado. Vamos nos reportar a Grêmio se e quando isso for necessário. Em nenhum momento vamos contar a ele o que estamos planejando, aonde vamos ou quem esperamos socar em breve. De acordo?

— De acordo. Então ele não sabe que temos o Grotesqueiro?

— Posso ter esquecido de contar isso a ele. Mas eu *realmente* me lembrei de contar ao Sr. Êxtase, porém, então ele conseguiu organizar três Talhadores para ficarem de seguranças. Mais que do que três, infelizmente, a gente chamaria a atenção do Grande Mago.

— Só espero que você perceba que, depois de To-mo Sagaz e agora Grêmio, eu jamais serei capaz de confiar em alguém numa posição de autoridade de novo.

A cabeça de Ardiloso se inclinou.

— Você não *me* considera uma figura de autoridade? A menina riu. Depois parou.

— Ah. Me desculpe. Você estava falando sério?

— Isso é adorável, é sim — disse o detetive quando Conspícuo entrou.

— Detetive, você indubitavelmente ficará feliz em saber que meus assistentes estão movendo o Grotosqueiro para meu necrotério particular novinho em folha, onde ele será mais um entulho quando eu finalmente conseguir arrumar tudo. Valquíria franziu o cenho.

— Para que você precisa de um necrotério particular? — Experiências — respondeu Conspícuo. — Experiências tão bizarras e anormais que certamente fariam você vomitar.

— Professor Lamento — falou Ardiloso —, trou-xemos o Grotosqueiro para cá não apenas porque suas instalações são mais avançadas que as do Santuário, mas também porque você é o maior especialista em ciência da magia. — Hum — respondeu Conspícuo rudemente. — Elas são. E eu sou.

— Precisamos da sua ajuda. Temos uma chance de dismantelar o Grotosqueiro e espalhar os pedaços pelo mundo inteiro, para que ele jamais seja montado novamente, e precisamos que você faça isso.

— Está bem — concordou Conspícuo. — Mas você, Valquíria, precisa descansar. E você, Detetive, não pode colocá-la em perigo por pelo menos, digamos, mais uma hora. Estamos de acordo?

— Posso descansar — afirmou Valquíria.

— E posso esperar uma hora — concordou Ardiloso.

— Tudo bem então — concluiu Conspícuo. — Se vocês me dão licença, tenho um monstro para desmontar.

ARGUS

O velho hospital estava mergulhado em terror mórbido e lágrimas bolorentas. Quantas pessoas tinham dado seus últimos suspiros deitadas naquelas pequenas camas?

Quantas pessoas dormiram suas últimas noites naqueles quartos minúsculos, mal descansando enquanto pesadelos devasta-vam as paisagens de suas mentes? Quando o Barão Vingança caminhou por aqueles corredores, achou que poderia contar cada uma delas. A ala psiquiátrica era a melhor de todas. Aqui, mesmo sem a sensibilidade trazida pela sua nova armadura, ele poderia sentir os ecos de medo, loucura e desespero. Mas, com a armadura, tais ecos eram absorvidos por ele, tornando-o mais forte. Vingança sentia a armadura florescendo depois de tantos anos negligenciada naquela caverna.

Aquele seria o lugar perfeito para o Grotosqueiro derrubar as fronteiras entre as realidades, abrir o portal e convidar os Sem-Rosto a voltarem. Agora tudo que era preciso era o próprio Grotosqueiro; mas isso não seria um problema. Apesar dos ataques de raiva e do temperamento assustador, Vingança era um militar em primeiro lugar e acima de tudo. Verdade, ele tinha sofrido um revés, mas já havia iniciado um plano para retificar a situação.

Um dos Infectados estava mais adiante, e abriu a porta conforme o Barão se aproximou. Vingança pôde ver pelos olhos da criatura que ela estava próxima de se tornar um vampiro verdadeiro. Já tinha ordenado a Crepúsculo que matasse todos antes que isso acontecesse. Crepúsculo, por causa dos soros que usava, controlava sua parte vampiro, mas os Infectados seriam imprevisíveis demais para manter por perto.

Vingança se concentrou na armadura, recolhendo suas extensões. Tinha deixado que ela se retorcesse e deliciasse na angústia re-unida no velho prédio, mas agora era hora de trabalhar.

Bil y-Ray Sanguíneo estava esperando por ele. Havia um homem atado a uma mesa de cirurgia, e, quando Vingança entrou na sala, os olhos do homem se arregalaram.

— Impossível — ofegou. — Você está morto. Você está. .

Não pode ser você, você está morto! — Vingança percebeu que, com o elmo obscurecendo seu rosto, o homem pensou que ele era Lorde Vil, renascido do túmulo para cobrar uma vingança terrível. Ele não disse nada. — Isto é um truque! — disse o homem, forçando as algemas. — Eu não sei o que você acha que está fazendo, mas come-teu um grande erro! Você sabe quem eu sou?

— Claro que sabemos — retrucou Sanguíneo, de forma arrastada. — Você é um feiticeiro amarelão que conseguiu sobreviver porque fugiu de todas as batalhas imagináveis. Por que acha que nós escolhemos você?

— Me escolheram? — repetiu o homem. — Me escolheram para quê?

— Para nos dar uma resposta rápida — disse Vingança, consciente de que o elmo o fazia até soar como Vil.

O homem empalideceu. Já estava suando.

— O quê.. O que vocês querem saber?

— Como você provavelmente pode ver — comentou Sanguí-

neo —, não sou dessas paragens. E o cavaleiro que está fazendo você sujar as calças agora mesmo. . Bem, ele esteve fora por algum tempo. Então precisamos que você, risadinha, nos diga aonde alguém poderia ir com o cadáver inanimado de um semideus para, ah, não sei, destruí-lo.

O homem lambeu os lábios.

— E.. E então vocês vão me deixar ir?

— É, por que não?

Vingança sentiu a armadura se enrodilhar. O medo desse homem era potente demais para se ignorar. Vingança estreitou os olhos, controlando a armadura com pura força de vontade.

— Eles foram para o Santuário — afirmou o homem.

— Não é isso que estamos procurando — revelou Sanguí-

neo. — Temos gente de olho no Santuário e eles não apareceram por lá. A gente está procurando alguém um pouco mais especializado, sabe?

O homem franziu o cenho.

— Então. . Então talvez eles tenham ido até Lamento.

— Conspícuo Lamento? — inquiriu Vingança.

— Hum, é, ele trabalha para o Santuário. Levariam qualquer coisa esquisita para ele.

— Onde?

— Num velho cinema, fechado hoje em dia, o Hibernian.

Vocês vão me soltar agora? — Sanguíneo olhou para Vingança, e este olhou para o prisioneiro.

— O que você fez durante a guerra? — indagou Vingança.

— Hum. . Bem. . Não muito.

— Conheço você, Argus.

— Não. Quero dizer, não, senhor, nós nunca nos encontramos. Fiz alguns trabalhos para o Barão Vingança, mas..

— Você supriu o Barão Vingança com a localização de um esconderijo, quando ele precisou se ocultar por alguns dias.

— *Eu. . Sim. . Mas como você. . ?*

— *Ardiloso Cortês o rastreou até aquele esconderijo, Argus.*

A informação que você forneceu levou diretamente à captura do Ba-rão.

— *Isso não foi culpa minha. Isso. . Aquilo não foi culpa minha.*

— *O esconderijo era conhecido dos nossos inimigos, mas, na sua burrice, você não se deu conta disso.*

— *Está bem — respondeu Argus rapidamente. — Está bem, eu cometi um erro e Vingança foi preso. Mas, Lorde Vil, o que isso importa ao senhor?*

— *Não sou Lorde Vil — disse Vingança. Em seguida levantou a mão e removeu o elmo, que se derreteu nas luvas e fluiu para dentro do resto da armadura.*

— *Ah, não — sussurrou Argus ao ver o rosto de Vingança.*

— Ah, por favor, não.

Vingança o encarou com raiva e Argus tremeu descontroladamente, e então foi como se seu corpo tivesse se esquecido de tudo que sabia sobre permanecer inteiro. Seu torso explodiu e seus membros foram atirados para os cantos da sala. Sua cabeça estourou co-mo uma bola de chiclete e suas entranhas escorreram pelas paredes.

Vingança virou-se para Sanguíneo.

— *Para o cinema Hibernian. Partimos imediatamente.*

O texano limpou um pedaço do cérebro de Argus do casaco.

— *E se acontecer de a gente se encontrar com quaisquer jovens garotas de cabelos negros no caminho?*

— *Você tem minha permissão para matar quem quer que considere necessário.*

Bil y-Ray Sanguíneo sorriu.

— *Sim, senhor. Obrigado, senhor.*

25

UM FARTO MASSACRE

Nova York, 7h37

Um homem que não estava lá deixou o conforto das sombras e caminhou atrás de três homens de negó-

cios. Atravessou a Bleeker Street, seguiu-os até o rio Hudson, três passos atrás deles o caminho inteiro, e eles nem sequer sentiram sua presença. Estavam falando de assuntos do Santuário, recorrendo a códigos sempre que algum civil passava por perto. Eram feiticeiros, esses homens de negócios, e eram muito importantes.

O homem que não estava lá os seguiu até um estacionamento na West 13th Street, até o carro, e quando julgou que o momento tinha chegado, atacou. Os homens de negócios, os feiticeiros, viram o ar se abrir e uma figura borrada surgir, mas era tarde demais para dar o alarme, e tarde demais para se defenderem.

Bolonha, 10h51

Cinco deles: jovens, poderosos e ansiosos para provar seu valor. Vestiam roupas negras, casacos de couro e óculos escuros. Seus cabelos eram espetados e sua pele, cheia de piercings. Os cinco jovens gostavam de considerar que eram gótico-punks. Ninguém discutia com eles.

Ninguém discutia e depois continuava *vivo*, pelo menos.

Itália em abril. Estava quente e ensolarado. Os gó-

tico-punks esperaram em volta da estátua de Netuno, es-pantando o tédio pregando sustos no transeunte ocasional.

Um deles, uma garota sem cabelo algum e olhos selvagens, localizou o alvo deles quando este atravessou a praça. O grupo se moveu na direção dele como uma matilha, sorrindo de ansiedade pelo que viria.

O alvo os viu e franziu o cenho, e seus passos fraquejaram. O homem começou a recuar. Ele trabalhava no Santuário de Veneza; os jovens sabiam que ele não usaria seus poderes aqui fora, em plena vista do público.

O homem começou a correr. Os jovens o perseguiram, e a emoção da perseguição os fez rir.

Tóquio, 19hl8

A mulher de tail eur risca de giz estava sentada no saguão do hotel, lendo o jornal. O tail eur era de um azul-marinho profundo, a saia terminava logo abaixo dos joelhos, e sob o paletó ela vestia uma blusa branca. Os sapatos combinavam com o tail eur. O esmalte de unha combinava com o batom. Era uma mulher muito elegante, muito precisa.

O telefone celular, impossivelmente lustroso e fino, bipou uma vez, alertando-a da hora. A mulher dobrou o jornal e o colocou no assento enquanto se levantava.

Dois homens, um jovem, o outro idoso, entraram no saguão do hotel. A mulher apreciou a pontualidade deles.

Ela se juntou aos dois diante do elevador. Os homens não falaram um com o outro. Enquanto esperavam a chegada do elevador, um jovem casal estrangeiro chegou, de férias no Japão, talvez. A mulher não se importou.

Aquilo não alteraria o plano nem um pouco.

O elevador chegou, as portas se abriram e todos entraram. O jovem casal apertou o botão do oitavo andar.

O homem idoso apertou o botão da cobertura. A mulher não apertou botão algum.

As portas se fecharam, o elevador começou a se mover e as unhas da mulher cresceram e seus dentes ficaram afiados. Ela matou todos e pintou as paredes do elevador com sangue.

Londres, 9h56

Jack Saltador olhou para baixo, para o homem que estava prestes a matar, e, pela primeira vez na vida, se perguntou *por quê*.

Jack não estava subitamente comovido com os próprios pecados. Não estava tendo um ataque de consciência ou qualquer coisa trivial assim. Não estava tendo uma daquelas tais *iluminações*. Era apenas uma voz, só isso, uma voz no fundo da mente dele mandando-o perguntar alguma coisa. Mas perguntar o quê? Jack jamais sentira o impulso de perguntar *nada* a nenhuma de suas vítimas antes. Não sabia nem por onde começar. Ele deveria simplesmente puxar uma conversa?

— Olá — disse Jack, da maneira mais simpática que pôde.

O homem era um feiticeiro, mas não era um bom lutador. Estava caído no canto de um beco e tinha uma expressão assustada no rosto. Jack sentiu-se constrangido.

Aquela era uma situação nova, e ele não gostava de situa-

ções novas. Gostava de matar pessoas. De provocá-los, com certeza. Talvez de fazer um comentário mordaz. Mas não. . Não de *falar* com elas. Não de lhes *perguntar* alguma coisa. Jack culpava Bily-Ray Sanguíneo. Sanguíneo

tinha tirado Jack de sua cela, levado-o através da parede, através do chão até o ar livre. Bil y-Ray falou um pouco, mencionou um hospital na Irlanda chamado Clearwater, alguma coisa assim, e ficou com cara de quem tinha falado demais, por isso ficou calado. Jack não se importara no momento. Tinha sido libertado, afinal de contas, e tudo que teria de fazer em troca seria matar alguém. Mas aquele pensamento o estava incomodando; *por quê?* Por que Sanguíneo queria este sujeito morto?

Jack tentou soar casual.

— Se alguém quisesse você morto, hipoteticamente falando, quais seriam as razões para isso, na sua opinião?

— Por favor, não me mate — sussurrou o homem.

— Não vou matar você — mentiu Jack, e deu uma risada reconfortante. — Por que você pensaria que eu ia matá-lo?

— Você me atacou — explicou o homem. — E me arrastou para este beco. E.. e você *disse* que ia me matar.

— Jack xingou em voz baixa. Este cara tinha uma boa memória.

— Esqueça isso tudo — afirmou. — Alguém quer que você morra. Estou curioso para saber por quê. Quem é você?

— Meu nome é. .

— Eu sei a droga do seu nome, camarada. O que você faz? Por que é tão importante?

— Não sou importante, nem um pouco. Trabalho para o Conselho de Anciãos aqui em Londres. Sou apenas... eu ajudo a coordenar as coisas.

— Tipo o quê? O que você está coordenando agora, por exemplo?

— Estamos... mandando ajuda para a Irlanda. O

Barão Vingança fugiu da. .

— Maldição!

O homem berrou e se encolheu, mas Jack estava ocupado demais ficando com raiva para se preocupar em atacá-lo. Então Sanguíneo estava trabalhando com aquele maluco do Vingança de novo, executando suas ordens como de costume. Só que, desta vez, ele conseguiu colocar Jack para fazer parte do trabalho sujo.

— Fui ludibriado — afirmou Jack. Olhou para baixo, para o homem. — Se Vingança está envolvido, isso quer dizer que tudo tem a ver com os Sem-Rosto, certo?

— S-sim.

— Fui ludibriado. Isso é. . pouco profissional, é is-so.

— Então vai me deixar ir? Não quer ajudar os Sem-Rosto, certo? Então você vai me deixar ir?

Jack se agachou.

— Eu adoraria, meu camarada. Realmente adoraria.

Mas, veja bem, fui surrupiado da cadeia e sempre pago minhas dívidas.

— Mas... mas ao me matar, você estará ajudando a eles!

— Só terei de encontrar alguma outra maneira de me vingar deles, então. Nada pessoal.

A conversa chegou à conclusão natural com o homem implorando mais um pouco e então Jack matou o cara, e isso também terminou.

Jack endireitou a cartola e foi embora. Ainda tinha alguns amigos que poderiam transportá-lo aonde ele queria ir. E já fazia muito tempo que não ia à Irlanda.

ASSASSINATO NO NOVO

NECROTÉRIO

Estentor e Algálio se esforçaram para mover o Grotosqueiro da maca para a mesa de operações. O monstro era grande, pesado e desengonçado, mas, acima de tudo, grande e pesado. Tinham acabado de conseguir arrastar a metade superior para a mesa quando a maca guinchou e se moveu, e o Grotosqueiro começou a cair. Algálio tentou segurá-lo, mas foi parar embaixo da criatura, e o Grotosqueiro caiu, bem devagar, em cima dele.

— Socorro! — gritou Algálio.

O professor Lamento entrou, furioso.

— O que diabos vocês estão fazendo?

— Ele, ele caiu — afirmou Estentor, ficando em posição de sentido.

— Posso ver isso! — latiu Lamento. — Esse espé-

cime é uma rara oportunidade de estudar uma forma hí-

brida, seu imbecil. Não quero que seja danificado.

— Sim, professor, me desculpe.

— Por que estava tentando movê-lo sozinho? On-de está Algálio? Algálio conseguiu erguer uma das mãos.

— Estou aqui, professor.

— O que diabos você está fazendo aí embaixo, Al-gálio? — Tentando respirar, senhor.

— Bem, levante-se!

— Eu o faria, senhor, mas ele é muito pesado. Se você pudesse talvez segurar um braço ou coisa assim.

— Sou um homem idoso, seu idiota. Você espera que eu erga essa monstruosidade de cima de você?

— Não sozinho, mas talvez se Estentor ajudar, então eu poderia me arrastar para fora. Está ficando realmente difícil respirar aqui embaixo. Acho que meu pulmão está sendo esmagado.

Lamento fez um gesto.

— Estentor, me ajude a levantar.

— Sim, professor.

Juntos, eles puxaram o Grotesqueiro para trás o suficiente para que Algálio pudesse se arrastar para fora.

— Eu nunca deixei um espécime cair — disse Lamento enquanto eles grunhiam e faziam força. — Nunca fui soterrado por um cadáver também, Algálio. Lembre-se disso.

— Sim, senhor — disse Algálio, quando finalmente conseguiu se libertar.

Lamento se agachou ao lado do Grotesqueiro, em seguida pegando uma tesoura e cortando cuidadosamente algumas das bandagens, revelando a carne cheia de cicatrizes que escondiam.

— Impressionante — murmurou. — Tantas partes de criaturas diferentes, todas unidas em um só ser. Um ser nascido de horrores impossíveis.

Estentor concordou com um gesto da cabeça.

— Seria ainda mais impressionante se *funcionasse*, porém. — Menos conversa — estourou Lamento. — Mais levantamento. Coloquem-no na mesa. E nada mais de estragos, ouviram? Juro, vocês têm sorte de eu ser tão

tran-quilo. Estentor, dobre os joelhos ao fazer esforço para levantar, seu idiota.

— Desculpa, senhor.

Eles fizeram força e levantaram, e subitamente Al-gálio largou o monstro e pulou para trás. Estentor continuou segurando, mantendo o Grotesqueiro metade em cima e metade fora da mesa.

— O que está errado agora? — inquiriu Lamento.

— Professor — perguntou Algálio nervosamente —, tem certeza de que essa coisa está morta?

— Não é uma coisa, é um espécime.

— Desculpa, senhor. Tem certeza de que esse espécime está morto? Eu. . Eu acho que ele se moveu.

— É claro que se moveu. Você o moveu.

— Não, senhor. Quero dizer, acho que se moveu sozinho.

— Bem, não vejo como isso poderia acontecer. O

ritual para trazê-lo de volta foi interrompido; só uma pequena porção do sangue de Valquíria Chaos foi transferida.

Algálio hesitou e então segurou um braço enorme e ajudou Estentor a empurrá-lo mais para cima da mesa. O

assistente saltou novamente.

— OK! — gritou. — Ok, desta vez eu *definitivamente* senti ele se movendo!

— Muita energia foi passada para ele — afirmou Lamento, franzindo o cenho. — Talvez possa ser apenas um espasmo residual. Os músculos podem estar apenas reagindo a um estímulo.

— Não foi um espasmo — afirmou Algálio. — Eu juro. Lamento olhou para o corpo enfaixado. Era grande, frio e imóvel.

— Muito bem — concedeu. — Quantos Talhadores estão postados aqui?

— Três.

— Está bem, então. Rapazes, quero que vocês dois subam, digam aos Talhadores para descerem para cá, digam a eles que talvez a gente possa ter uma. .

E então o Grotesqueiro se sentou e Algálio gritou e pulou para trás, mas Estentor foi lento demais e a criatura agarrou sua cabeça na sua grande mão e a esmagou como se fosse um ovo fresco.

ASCENÇÃO DO GROTESQUEIRO

Valquíria abriu os olhos. Isso foi um grito? A menina sentou e olhou para o corredor. As luzes estavam piscando.

Ouviu passos de alguém correndo. Em seguida, nada. Alguma coisa estava errada. Alguma coisa estava muito errada. A menina se levantou, com seus membros protes-tando e o braço ferido doendo. Os pés descalços tocaram o piso frio. Valquíria foi até o pequeno armário embutido na parede, onde encontrou as meias e botas. Calçou-as rapidamente no quarto escuro, e estava terminando de ajus-tar o casaco quando ouviu alguém gritando por socorro.

Então houve um *baque* e os gritos pararam.

Valquíria meteu a cabeça para fora da porta, olhando na direção do necrotério, e viu a figura se movendo pelo corredor, na penumbra, como algum tipo de ma-riquete com metade dos fios cortados. Ela se mexia de maneira espasmódica, rígida e descoordenada, mas enquanto a menina observava, a criatura pareceu se mover um pouco mais suavemente, como se estivesse se acostu-mando com o próprio corpo. O ser entrou numa poça de luz. O Grotesqueiro. Estava vivo.

Valquíria viu as bandagens (tão velhas que poderiam ter se transformado em poeira com um simples olhar) que tinham sido usadas para manter o monstro inteiro.

Viu a carne entre as bandagens, e as cicatrizes, e os pontos. Sua caixa torácica parecia ter sido quebrada e aberta, de modo que, agora, cada costela perfurava a pele e aparecia do lado de fora do torso.

Ele tinha algo que parecia ser uma pústula gigantesca crescendo no topo do pulso esquerdo, e na parte de baixo disso havia uma grossa borda de carne. Seu braço direito era enorme, com músculos se envolvendo impossivelmente uns nos outros, descendo pelo braço inteiro até a mão gigantesca. Seus dedos eram grossos, cada um terminando numa garra. As bandagens cobriam seu rosto completamente, sem nem uma fresta para os olhos. Aqui e ali um sangue negro tinha encharcado as faixas.

Por que não havia alarme? O Grotosqueiro estava vivo, mas não havia alarme algum. Valquíria recuou, pegou uma cadeira e ficou em cima dela. A menina estalou os dedos, mas nada aconteceu. Seus olhos se estreitaram.

Ela se concentrou e estalou os dedos novamente até que conseguiu criar uma fagulha, cultivá-la numa chama e er-guê-la até os detectores de fumaça. Depois de um momento, o sistema de sprinklers se ativou e o alarme perfurou o silêncio.

Valquíria correu até a porta quando três Talhadores passaram. Só quando eles se aproximaram do monstro a menina percebeu o quanto o Grotosqueiro era enorme.

Ele se erguia sobre o mais alto deles. Aqueles soldados estavam acostumados a lidar com ameaças sérias. Mas nunca tinham visto nada como aquilo.

O Grotosqueiro desviou um golpe de foice com um tapa e agarrou o primeiro Talhador pela garganta. O

monstro ergueu o soldado bem alto acima da cabeça enquanto atirava o segundo Talhador contra a parede com um golpe. O terceiro Talhador atacou com a foice e o Grotosqueiro o atingiu com o corpo do seu colega. Valquíria ouviu ossos se quebrando.

Três segundos. O Grotosqueiro tinha matado três Talhadores em três segundos.

Valquíria voltou para dentro do quarto. Os sprinklers a estavam encharcando. Ela poderia correr para longe. Sair pela porta, virar para a

direita, correr pelo corredor inteiro até a Área de Pesquisa e chegar às escadas.

Passaria pela tela e estaria correndo para longe do cinema antes mesmo que o Grotesqueiro a visse. O monstro ainda era lento, não seria nem mesmo capaz de pegá-la se *de fato* a visse. A menina podia fugir. Então por que não estava correndo?

Valquíria recuou. Podia ver a sombra na parede diante da porta aberta, se aproximando. Suas pernas estavam trêmulas e seu braço ainda doía. O medo se enrolava e se remexia na sua barriga. Sentiu a parede atrás de si e se encostou nela. A escuridão do quarto não parecia escura o suficiente. O monstro a veria. Não, ele não precisaria vê-la. Não tinha olhos.

E então ficou tarde demais para fugir, porque o Grotesqueiro estava passando pela porta, com a água escorrendo pelo seu corpo. Valquíria podia sentir seu cheiro agora; ele cheirava a formol e mofo. A menina prendeu a respiração e não se moveu.

O Grotesqueiro parou. Valquíria se preparou. Se o monstro virasse na sua direção, ela se lançaria para a frente, o acertaria com tudo que tinha, jogaria bolas de fogo suficientes para incendiar aquelas bandagens. Como se is-so fosse o bastante para impedi-lo. Como se fosse o bastante para salvá-la.

O monstro virou a cabeça um pouco, mas não na direção de Valquíria, como se estivesse tentando escutar algo além do alarme. A menina subitamente pensou em um radar que o monstro poderia usar para senti-la, mas um radar que caíra em desuso por tanto tempo não seria tão preciso quanto poderia ser.

Valquíria sentiu os músculos se enfraquecendo e um frio que varreu sua mente. O terror estava roubando sua força. O pensamento de que ela ficaria incapaz de se mover se infiltrou, cresceu e infestou. As coisas que a menina tinha aprendido não significavam nada. As habilidades, os poderes, a magia; para o Grotesqueiro, ela seria mais inoperante do que os Talhadores que tinha acabado de matar. Algo menor do que uma ameaça. Algo mais insignificante que um inseto.

Mas o monstro se moveu. Deu mais um passo, e mais um, e logo estava fora de vista, seguindo adiante pelo corredor. Valquíria sentiu as lágrimas se misturando com a água que escorria pelo seu rosto. Piscou para que sumissem. Ela não ia morrer. Hoje não.

Valquíria se afastou da parede, se equilibrando em pernas trêmulas. Esperou alguns instantes e em seguida foi até a porta, com os pés chapinhando levemente na á-

gua que se acumulara no chão, enquanto ela avançava. A menina chegou até a porta e espiou para fora, e dedos se fecharam ao redor da sua garganta. Ela foi arrancada para o corredor, com os pés saindo do chão, se engasgando e cuspidando e tentando respirar.

O Grotesqueiro estava com a cabeça levantada, olhando para Valquíria sem olhos, examinando-a. As mãos da menina estavam batendo no punho monstruoso da criatura, batendo naqueles dedos, tentando se soltar.

Algo mais insignificante que um inseto.

Valquíria chutou, suas botas atingindo aquela coisa.

Socou o antebraço do monstro com os punhos. Não fez a menor diferença. O bater do seu coração trovejava em seus ouvidos. As trevas encobriram sua visão. Não conseguia respirar. Precisava respirar. Ela ia morrer.

Valquíria estalou os dedos, conseguiu invocar uma chama e pressionou a mão contra as bandagens do Grotesqueiro. As bandagens instantaneamente pegaram fogo e instantaneamente se apagaram. Nada mais de truques. Estava acabada.

Então houve movimento atrás do Grotesqueiro; Ardiloso e Tanith correndo. O Grotesqueiro não precisou virar. Quando eles estavam logo detrás dele, o monstro golpeou com o punho esquerdo para trás. Ardiloso se esquivou por baixo e Tanith saltou para o teto, com sua espada reluzindo, e agora Valquíria estava caindo. Ardiloso avançou, pegou a menina no ar e continuou correndo, com Tanith ao lado.

O Grotesqueiro encarou a mão ferida com algo que se aproximava da curiosidade. Eles pararam e olharam para trás, enquanto a carne do monstro se fechava e se curava.

Algo se moveu na porta ao lado deles e Conspícuo entrou mancando no corredor.

— Fique atrás da gente — comandou Ardiloso.

Conspícuo grunhiu uma resposta.

— Planejo fazê-lo.

Eles sentiram a pressão do ar mudando e os ouvidos de Valquíria estalaram.

— O que está acontecendo? — gritou a menina acima do barulho do alarme.

— O poder dele está retornando — afirmou Conspícuo sombriamente.

Ardiloso tirou a arma do paletó.

— Esta é a nossa última chance de pará-lo antes que fique forte demais.

O esqueleto andou até o Grotesqueiro, atirando seis vezes enquanto avançava, e seis pequenas explosões de sangue negro irromperam no peito do monstro, mal fazendo com que cambaleasse.

Ardiloso guardou o revólver, estalou os dedos e projetou dois jatos contínuos de fogo, transformando o espaço entre eles dois em vapor. As chamas atingiram o Grotesqueiro, mas não o incendiaram.

Ardiloso empurrou o ar com as duas mãos e o ar ondulou. O Grotesqueiro foi empurrado para trás. Ardiloso repetiu o gesto e o monstro lutou para resistir. O detetive ia empurrar o ar uma terceira vez, e o Grotesqueiro estendeu seu enorme braço direito, que se desenrolou.

Longas tiras de carne, cada uma com uma garra na ponta, laceraram o ar ao redor de Ardiloso. Este gritou de dor e caiu para trás, e as tiras recuaram,

enrolaram-se umas nas outras e reformaram o braço. O Grotosqueiro acertou Ardiloso, que foi atirado para trás pelo ar.

Tanith avançou correndo, com o cabelo colado à cabeça e a espada dardejando para a frente. O Grotosqueiro tentou agarrá-la, mas a guerreira era rápida demais.

Ela rolou e cortou a perna do monstro, em seguida saltando e rasgando o braço. Ambas as feridas se fecharam.

O braço direito da criatura se desenrolou novamente e Tanith se abaixou e se esquivou, então pulou e inverteu sua posição; agora estava de cabeça para baixo no teto. A guerreira avançou, mas o Grotosqueiro manteve distância. O monstro ergueu o braço esquerdo.

Conspícuo gritou uma advertência, mas o alarme de incêndio encobriu sua voz. O tumor no topo do pulso esquerdo do Grotosqueiro, aquilo que Valquíria tinha achado que era um enorme furúnculo, subitamente se contraiu e um líquido amarelo esguichou. Tanith teve de se atirar de lado para evitar o jorro e caiu no chão. O líquido atingiu o teto e o corroeou num instante, deixando um enorme buraco.

Ardiloso correu para se juntar a ela e Tanith se levantou, e mesmo que a pústula agora estivesse vazia, o Grotosqueiro ainda mantinha o braço esquerdo levantado.

Ardiloso estendeu o braço para Tanith, mas chegou tarde demais por um segundo.

Um ferrão fino emergiu da borda de carne na parte inferior do pulso do Grotosqueiro e se cravou no flanco de Tanith. Esta gritou e o ferrão se recolheu, voltando à bainha. Ardiloso pegou Tanith quando ela caiu. O detetive recuou.

O Grotosqueiro olhou para as mãos e flexionou os dedos, como se estivesse descobrindo o que era capaz de fazer a cada momento que passava.

Valquíria e Conspícuo correram até Ardiloso. Tanith estava inconsciente. Suas veias estavam visíveis sob a pele e tinham uma cor verde doentia.

— Ela foi infectada — explicou Conspícuo. — Veneno de Helaquim. Talvez tenha vinte minutos até a morte. — E como curamos isso? — indagou Ardiloso.

O alarme choramingou e se calou, e os sprinklers se desligaram.

— Não vejo esse veneno há cinquenta anos — afirmou Conspícuo. — Não tenho o antídoto aqui. Tem um pouco no Santuário, se pudermos chegar lá a tempo.

— Vou atrair o Grotesqueiro para longe — decidiu Valquíria. — Encontro vocês no carro.

Ardiloso ergueu o olhar bruscamente.

— O quê? Não! Você leva Tanith. .

— Não diga isso a ela — interrompeu Valquíria —, mas ela é pesada demais para eu carregar. — A menina saiu correndo antes que Ardiloso pudesse impedi-la.

— Valquíria! — rugiu o detetive.

Suas botas chapinhavam enquanto a menina corria.

O Grotesqueiro abriu bem os braços, recebendo-a. Não havia como passar por nenhum dos lados, e a menina não tinha a habilidade de andar no teto como Tanith, então, quando o Grotesqueiro tentou pegá-la, Valquíria deu um carrinho, deslizando pelo piso molhado por entre as pernas do monstro. Depois de passar por ele, se levantou rapidamente e continuou correndo. A menina olhou para trás. O Grotesqueiro estava virando para segui-la.

Então funcionou, pensou Valquíria consigo mesma.

Agora o que diabos eu vou fazer?

Bem quando ela virou uma esquina, Ardiloso gritou alguma coisa, algo como *arroz do desfalecimento*. Valquíria continuou correndo. Passou pelos elevadores, desativados por causa do alarme de incêndio, e foi em direção às escadas dos fundos. O Grotosqueiro não tinha nem alcan-

çado a esquina ainda. Valquíria reduziu a velocidade, recuperando o fôlego, ficando de olho na esquina. Arroz do desfalecimento. O que Ardiloso quis dizer?

O Grotosqueiro virou a esquina. As escadas dos fundos, que se juntavam às escadas principais atrás da tela, estavam logo atrás da menina, que se preparou para dar um pique na corrida se a monstruosidade remendada aparecesse com mais alguma surpresa.

E então a criatura desapareceu, como se tivesse si-do engolida pelo espaço vazio ao seu redor. Valquíria piscou. Mais uma de suas habilidades híbridas, como o ferrão, o ácido e o braço extensível. Teleporte.

Ardiloso não tinha dito *arroz do desfalecimento*; ele dissera *A noite do desaparecimento*. Este era o título de um dos primeiros best-sellers de Gordon. Contava a história de uma criatura, um Shibbach, que poderia aparecer em qualquer lugar, cometer um assassinato bem nojento e extremamente detalhado, e desaparecer e ressurgir a centenas de quilômetros de distância. Valquíria se lembrou de Gordon agora, do Gordon na Pedra Eco, contando a ela dos pedaços de Shibbach que Vingança tinha enxertado.

Valquíria não precisou nem olhar em volta para saber que o Grotosqueiro estava atrás dela. Tentou correr, mas sua bota escorregou no chão molhado, bem quando a mão direita do monstro tentou agarrá-la. Ela caiu de lado, entendeu a cabeça enfaixada do Grotosqueiro e capotou escada abaixo. Valquíria se estatelou de maneira dolorosa no final da escada, agarrou o corrimão e se levantou. Estava na escadaria principal agora, e desceu dois degraus de cada vez, indo perigosamente rápido.

Valquíria chegou ao térreo e correu para a tela, passou através desta e saltou do palco. Correu para a saí-

da, se chocou contra a porta e o sol do meio-dia a atingiu como um punho.

— Valquíria! — gritou Ardiloso. O Bentley estava adiante, com o motor ligado, e além do carro o Barão Vingança estava atravessando a rua na direção deles, seguido de Sanguíneo e Crepúsculo e sua matilha de Infectados.

O Grotosqueiro saiu do nada com um leve barulho.

Valquíria se esquivou do monstro e correu quando o Bentley começou a se mover. A menina saltou para a janela aberta e Conspícuo a agarrou e puxou para dentro enquanto Ardiloso pisou fundo. Tanith estava no banco de trás, ainda inconsciente, e quando Valquíria se endireitou, olhou para trás e viu o Barão Vingança se aproximando do Grotosqueiro.

O monstro virou a cabeça, mantendo o olhar sem olhos fixo no carro.

— Cinto de segurança — falou Ardiloso.

OS MOCINHOS SE REÚNEM

Êxtase, flanqueado por Talhadores, estava esperando nos fundos do Santuário. O Bentley parou num tranco e Êxtase abriu a porta com força, erguendo Tanith para fora.

Suas veias eram teias de aranha amarelas doentias que se espalhavam sob a pele opaca, e a mulher mal respirava.

— Fora do meu caminho, fora do meu caminho — murmurou Conspício, empurrando as pessoas para o la-do. Êxtase deitou Tanith no chão e entregou a Conspício três folhas de cores diferentes. O professor enrolou-as uma em volta da outra, bem apertadas, e então segurou-as entre as mãos unidas e fechou os olhos. Uma luz brilhou, forte o bastante para deixar as mãos do homem translúcidas. Valquíria podia ver os ossos dos seus dedos.

A luz se apagou. Êxtase pegou um tubo transparente e o segurou sob as mãos de Conspício, que as abriu levemente. Deixou uma poeira fina e multicolorida — os restos das folhas — escorrer gentilmente para o tubo. Êxtase acrescentou algumas gotas de um líquido profundamente vermelho que cheirava a enxofre, e Conspício pegou o tubo e balançou, misturando o conteúdo. Êxtase lhe entregou uma pistola-seringa e Conspício carregou o tubo nela.

— Segurem-na — instruiu o professor.

Êxtase colocou as mãos nos ombros de Tanith, Ardiloso segurou um dos braços e Valquíria prendeu o outro. Os Talhadores seguraram suas pernas. Conspício pressionou a pistola contra o pescoço de Tanith e o equi-pamento chiou com ar comprimido. O preparado foi injetado na sua corrente sanguínea.

Tanith sofreu convulsões e Valquíria deixou seu braço escapar. A menina agarrou o braço de novo, lutou para segurá-lo contra o chão, e acabou tendo de se ajoelhar em cima dele para mantê-lo no lugar. Tanith pinoteou e se contorceu enquanto o antídoto trabalhava dentro do seu corpo. As veias amarelas tornaram-se subitamente vermelhas, e seus músculos se contraíram com força.

— Tentem evitar que ela engula a própria língua — recomendou Conspício.

E então Tanith relaxou e as veias não estavam mais visíveis. A cor retornou ao seu rosto.

— Ela vai ficar bem? — indagou Valquíria. Conspício ergueu uma sobrancelha.

— Eu sou um gênio mágico-científico ou não sou?

— Você é.

— Então é claro que ela vai ficar bem — concluiu o professor. — O que é mais do que eu posso falar dos meus assistentes. Você faz ideia de como é difícil encontrar bons assistentes hoje em dia? É verdade, nenhum deles era bom, mas... — Conspício esfregou as mãos e balançou a cabeça. — Eram bons rapazes. Não mereciam morrer assim. — Olhou para Ardiloso. — Vocês vão derrotar aquele monstro, então?

— Nós vamos derrotá-lo.

— É o suficiente. — Conspício se levantou. — Vamos levá-la para dentro.

Valquíria estava dolorida. Seu braço estava enrijecendo, e seu corpo estava coberto de hematomas. Tinha cortado o lábio sem perceber e, por algum motivo, tinha um olho roxo, provavelmente resultado da batida com a van ou da queda pelas escadas.

Tanith estava sentada ao lado de Valquíria e parecia amuada. Tanith sempre ficava amuada quando perdia uma luta. Depois de enfrentar o Talhador

Branco, no ano passado, a guerreira passou a maior parte do tempo da recuperação olhando pela janela, de cara amarrada.

O antídoto neutralizara os efeitos do veneno de Helaquim, e a ferida que o ferrão fizera já estava fechada, suturada e sarando. No momento em que pôde se levantar, Tanith foi afiar a espada. A arma jazia na mesa diante delas, na sua bainha negra.

Estavam todos na sala de reuniões do Santuário. O

Sr. Êxtase estava sentado no lado oposto da mesa e Ardiloso estava de pé, encostado na parede, de braços cruzados e imóvel. As portas se abriram. Grêmio entrou.

— Quem eu devo culpar? — trovejou o Grande Mago. — Digam-me, quem? Nós tínhamos o Grotesqueiro sob nossa *custódia*? Nós o tínhamos e eu não fui *informado*?

— Assumo total responsabilidade — falou Ardiloso.

— Você assume, é? Isso teria sido muito nobre se eu já não estivesse culpando você *de qualquer maneira*! Você agiu pelas minhas costas, detetive. Requisitou três Talhadores para serviço de guarda e não seguiu os procedi-mentos. Onde estão esses Talhadores agora?

Ardiloso hesitou.

— Mortos.

— Bem, essa é uma notícia maravilhosa, não é? — estourou Grêmio. — Diga-me, houve alguma parte desta operação na qual você não tenha fracassado?

— A operação ainda não terminou. Grêmio o encarou com raiva.

— Tem sorte de eu até mesmo deixar você entrar aqui, detetive. Não sei como Équus Meritório cuidava das coisas, mas seu comportamento desregrado não será tole-rado pelo novo Conselho.

— Conselho de um conselheiro só — murmurou Tanith. Grêmio girou para encará-la.

— Como? Não ouvi direito. Você poderia repetir o que disse para que todos possamos escutar?

Tanith olhou para o homem.

— Claro. Eu disse “conselho de um conselheiro só”, me referindo ao fato de que o Conselho não é um Conselho até que tenha três integrantes.

O Mago Ancião se eriçou.

— Sua opinião é de mínima importância *neste* país, Srta. Low. Você trabalha para o Santuário de Londres, nem deveria *estar* aqui.

— Na verdade eu sou *freelance* — explicou Tanith.

— E eu pedi a ajuda dela — acrescentou Ardiloso.

— Parece-me que será útil. Você não disse que íamos receber reforços? — O rosto de Grêmio ficou vermelho, mas Êxtase falou antes que o Grande Mago pudesse co-meçar a gritar de novo.

— Todas as ofertas de ajuda internacional foram suspensas. Nas últimas horas houve ataques a funcioná-

rios de quase todos os Santuários do mundo.

— Distrações — afirmou Ardiloso. — Para manter todo mundo ocupado. Nós ficamos isolados.

— De fato, ficamos.

— Mas quem seria poderoso o suficiente para organizar tudo isso? — indagou Valquíria. — Vingança?

— Isso certamente exigiu muito planejamento — explicou Ardiloso. — Vingança não teve tempo para tanto.

— Não é nisso que deveríamos nos concentrar agora — disse Grêmio rispidamente. — Temos de encontrar o Grotesqueiro e derrotá-lo. *Esta é a nossa primeira e única preocupação.*

— O eclipse lunar acontecerá à meia-noite e dez minutos da noite de hoje — disse Êxtase. — Isso nos deixa com nove horas até que o Grotesqueiro esteja forte o bastante para abrir o portal.

Grêmio apoiou as duas mãos espalmadas na mesa.

— Então, o que estamos fazendo quanto a isso?

Por favor, me digam que não vamos ficar todos aqui sentados *esperando* que alguma coisa aconteça!

— Colocamos todos os sensitivos de alerta — falou Ardiloso. — Todos os paranormais e videntes que conhecemos estão à procura.

— E se eles não acharem nada, esqueleto?

Ardiloso, que ainda estava encostado na parede com os braços cruzados, inclinou a cabeça ao olhar para Grêmio.

— Então eu recomendo que a gente repasse o caso.

— E o que diabos isso significa? — Grêmio estava furioso. — Estamos encarando uma catástrofe global que poderia significar o fim de tudo, e você está falando em *repassar o caso*?

— Sou um detetive — retrucou Ardiloso. — É isso que eu faço.

— Bem, você não esteve fazendo um bom trabalho então, esteve? Ardiloso se endireitou agora, com as mãos paralelas ao corpo.

— Repassando do fim para o começo — começou o detetive, calmamente.

— Uma pessoa ou pessoas desconhecidas organizaram uma forma de nos isolar justo quando precisamos de reforços para derrotar o Grotesqueiro. O Grotesqueiro está vivo e livre porque Vingança finalmente pôs as mãos nos ingredientes perdidos de que precisava. Vingança está fora da prisão secreta

porque Billy-Ray Sanguíneo arrombou o lugar e o libertou. Billy-Ray Sanguíneo sabia onde essa prisão secreta estava localizada porque alguém numa posição de poder divulgou tal informação.

— Você está mudando de assunto novamente. — Grêmio fez uma carranca.

— Alguém numa posição de poder — continuou Ardiloso — divulgou essa informação, provavelmente por uma grande recompensa. Agora, é aqui que eu começo a especular. É possível que esse mesmo alguém só tenha alcançado essa posição de poder porque prometeu que, quando estivesse lá, descobriria a localização da prisão secreta e a divulgaria. Ele teria feito um acordo com uma pessoa ou pessoas poderosas desconhecidas, muito provavelmente a mesma pessoa ou pessoas poderosas desconhecidas que nos isolaram da comunidade internacional, mas, muito provavelmente, ele não deve ter sabido quem esses benfeitores misteriosos pretendiam libertar daquela prisão secreta ou, de fato, por quê.

Grêmio estreitou os olhos.

— É melhor você não estar insinuando aquilo que eu acho que você está insinuando.

Ardiloso indicou com a cabeça uma pasta de arquivo fina em cima da mesa.

— Aquele arquivo é um registro das reuniões que você teve com outros conselhos ao redor do mundo desde que foi eleito Grande Mago. Você teve aproximadamente o dobro de reuniões com o Conselho Russo do que com qualquer outro.

— Esses são assuntos oficiais do Santuário e *não são* problema seu — afirmou Grêmio com as veias do pesco-

ço inchadas.

— Três dessas reuniões foram relacionadas a assuntos de segurança derivados das atividades de Serpênteo, nas quais você ficaria sabendo de informações confi-denciais, incluindo a localização de várias prisões secretas em territórios russos, além de outros dados.

Grêmio andou até Ardiloso e, por um momento, Valquíria achou que o Grande Mago poderia bater no detetive. — Você está me acusando de ajudar numa fuga de prisão?

— Como eu disse, estou especulando. Mas, se eu fosse acusá-lo de qualquer coisa, provavelmente seria algo mais no estilo de traição.

— Você está despedido — disse Grêmio. Ardiloso inclinou a cabeça.

— Vocês não podem se dar ao luxo de me perder.

— Ah, podemos, sim — rosnou Grêmio, caminhando até a porta.

— Tenho um trabalho a fazer — afirmou Ardiloso.

— E pretendo fazê-lo. Você pode ser um traidor, Grêmio, mas não quer que os Sem-Rosto voltem tanto quanto eu.

Grêmio chegou à porta e virou, com os lábios cerrados.

— Então o faça, Esqueleto. Derrote o Grotesqueiro. Faça seu trabalho. E depois que tiver terminado, nunca mais ponha os pés aqui novamente. — Ele saiu e ninguém falou por algum tempo. Então Ardiloso assentiu.

— Eu realmente acho que ele está começando a gostar de mim.

PROCURANDO UMA PISTA

Eles deixaram o Santuário e saíram de carro pelas ruas mais estreitas de Dublin. Ardiloso estacionou o Bentley ao chegar à área de Temple Bar, e eles andaram o resto do caminho. Mesmo que estivesse vestindo seu disfarce de sempre, Ardiloso estava atraindo todos os olhares de costume dos transeuntes, que entravam e saíam dos muitos bares e restaurantes.

A dupla atravessou a praça, navegou por entre a centena de estudantes que descansavam pelos degraus.

Valquíria gostava do bairro de Temple Bar. Era vibrante e cheio de gente, e havia música e riso e conversa por todos os lados. Mas, se eles fracassassem em derrotar o Grotesqueiro, quando aquela noite acabasse, aquilo tudo não seria mais nada além de poeira e escombros e gritos.

Chegaram a uma loja com um mural de cores brilhantes na parede, e Ardiloso bateu à porta. De algum lugar do lado de dentro vieram vozes, e alguns instantes depois a porta chacoalhou como se estivesse sendo destrancada. Um homem de vinte e poucos anos a abriu. Suas sobancelhas, nariz, orelhas, lábios e língua tinham piercings, e ele vestia jeans velhos, uma camiseta da banda de rock Thin Lizzy e uma coleira de cachorro.

— Olá, Finbar — cumprimentou Ardiloso. — Estou aqui para recolher meus pertences.

— Caveirão? — disse Finbar, de uma forma tal que sugeria que estar confuso era seu estado natural. — É vo-cê? Qual é a dessa peruca e esses óculos escuros gigantes, cara?

— É um disfarce.

— Ah, é. Entendi. Legal. Então, ei, uau. Quanto tempo passou?

— Desde que nos falamos pela última vez?

— É, deve ser anos, né?

— Mês passado, Finbar.

— Hum? Ah, certo. OK. E quem é essa que está com você?

— Sou Valquíria Caos — a menina se apresentou, apertando a mão do homem. Ele usava muitos anéis.

— Valquíria Caos — disse Finbar, experimentando o nome.

— Que legal. Meu nome é Finbar Errado. Sou um velho amigo do Caveirão, não é mesmo, Caveirão?

— Não, não é mesmo. Finbar balançou a cabeça.

— Não, não diria que somos *amigos*, exatamente.

Associados ou. . ou. . não colegas, mas... Quero dizer, nós nos conhecemos, tipo, mas...

— Vou ter de apressá-lo um pouco — interrompeu Ardiloso.

— Eu lhe entreguei uma pequena caixa para guardar para mim, e preciso dela de volta.

— Uma caixa?

— Uma caixa preta. Disselhe que precisaria de um lugar para guardar alguns suprimentos, para o caso de uma emergência.

— Há uma emergência?

— Temo que sim.

Os olhos de Finbar se arregalaram e seus piercings reluziram à luz do sol.

— Ah, cara, eu não vou morrer, vou?

— Espero que não.

— Eu também, cara, eu também. Tenho tanto o que viver, sabe? Ei, eu lhe contei que eu e Sharon vamos nos casar? Finalmente, né?

— Finbar, não sei quem é Sharon e realmente preciso daquela caixa.

— Tudo bem, cara — concordou Finbar, balan-

çando a cabeça positivamente. — Vou ver se consigo a-chá-la. Tem de estar em algum lugar, certo?

— Assim sugerem as leis das probabilidades. — Finbar voltou para dentro da loja e Valquíria olhou para Ardiloso.

— O que tem dentro da caixa? — indagou.

— Minha outra arma, algumas balas, umas coisi-nhas variadas, uma bomba-estaca, um velho livro de capa mole que eu nunca li, um maço de cartas...

— Bomba-estaca?

— Hum? É.

— O que é uma bomba-estaca?

— É uma bomba com uma estaca nela.

— Você deu uma bomba para *aquela* cara? Isso é seguro?

— É uma bomba, Valquíria, claro que não é segura.

A caixa, por outro lado, é *muito* segura. Se ele a esteve usando como mesinha de café, banquinho ou se simplesmente passou os últimos anos jogando-a escada abaixo, seu conteúdo não estará de forma alguma danificado.

Contanto que ele possa *encontrar* a maldita caixa.

Finbar reapareceu.

— Estou chegando perto, cara, sei disso. Não está na parte da frente, então estou pensando que deve estar nos fundos, não é? Então vou procurar nos fundos, agora.

Vocês querem entrar?

— Estamos bem aqui fora — disse Valquíria educadamente.

— OK, legal. Tem certeza? Caveirão? Sharon está lá dentro, cara. Por que não diz oi?

— Porque eu não a conheço, Finbar.

— Certo, é. . OK. — Finbar entrou novamente.

Valquíria verificou o relógio do celular. Se estivesse em casa agora, vivendo uma vida normal, ela provavelmente estaria tentando decidir o que ia vestir na reunião.

Não que isso fosse demorar muito. Valquíria tinha apenas um vestido no guarda-roupa inteiro, que raramente vestia, e com grande relutância. A menina imaginou que as Gê-

meas Nojentas já deveriam ter começado seu regime de beleza por agora, aplicando 84 camadas de maquiagem e tentando decidir qual tom de batom faria com que elas ficassem com mais cara de vagabunda. Valquíria ficou feliz de ter o reflexo para ir no seu lugar.

— Ah, inferno — disse subitamente.

— O que houve?

— O reflexo. Ainda está no porta-malas do Bentley. Ardiloso inclinou a cabeça.

— Ah. Ah, parece que nos esquecemos disso. Valquíria fechou os olhos.

— Se eu não for à reunião, minha mãe vai ficar louca da vida.

— Veja pelo lado bom. Se o mundo terminar, nada disso importará.

A menina esperou por um instante, sem falar, e então o detetive assentiu com a cabeça.

— Isso provavelmente não é um grande consolo — admitiu. Finbar apareceu de novo, segurando uma caixa preta.

— Encontrei, cara. O motivo de eu não ter conseguido ver foi que ela estava no chão e havia alguém dormindo em cima. Você sabe, usando de travesseiro. Está em bom estado, apesar disso. Então, aqui está.

Ardiloso recebeu a caixa.

— Muito obrigado, Finbar.

— Absolutamente “no problema”, cara. Ei, essa coisa de emergência: é séria?

— Sim, é séria.

— Vocês precisam de alguma ajuda? Já faz algum tempo desde que eu, você sabe, estive em campo ou mesmo fora da loja, mas ainda levo jeito pra coisa.

— Com certeza tem, mas nós podemos cuidar disso.

— Ah, certo, OK. Provavelmente isso é uma boa coisa. Não sei se ainda levo jeito pra coisa, sabe? Não sei se algum dia levei, mas... Do que estávamos falando?

— Estávamos dando os parabéns por seu casa-mento com Sharon.

— Ah, obrigado, Caveirão.

— Tenho certeza que vocês serão muito felizes juntos.

— É, eu também. Quero dizer, eu só conheço ela há três dias, mas às vezes você simplesmente tem de . . se casar. . com alguém. . — Finbar deixou a frase morrer e parecia estar confuso. — Eu acho.

— Bem — continuou Ardiloso —, obrigado por guardar isto para mim. Mantenha-se fora de problemas.

— Pode crer. Ei, quem é a pessoa com você? Ardiloso inclinou a cabeça.

— Esta é Valquíria. Ela já se apresentou.

— Não, cara, não ela. O cara de preto. — Valquíria se enrijeceu e lutou contra o impulso de olhar em volta.

— Onde está ele? — indagou Ardiloso.

— Do outro lado da rua, fazendo um ótimo trabalho de ficar fora de vista, mas você me conhece, Caveirão.

Olhos de uma coisa com penas. Coméquiémermo? Águia.

— E ele está nos vigiando?

— É. Espera. Não. Não é você. Está vigiando *ela*.

— Como ele é? — inquiriu Valquíria.

— Cabelo preto, pele bem pálida. Cicatriz feia no rosto. Parece um vampiro.

— Você deveria voltar para dentro — sugeriu Ardiloso. — Tranque as portas.

— Falou e disse, cara pálida. Vou manter meu crucifixo por perto.

— Vampiros não têm medo de crucifixos, Finbar.

— Não planejo mostrá-lo pra ele, planejo acertá-lo com ele. É pesado mesmo. Acho que posso causar um estrago de verdade na cabeça do cara. — Finbar recuou e fechou a porta.

Ardiloso e Valquíria fizeram o caminho de volta pela área de Temple Bar até o Bentley.

— Crepúsculo ainda está nos seguindo? — perguntou Valquíria, mantendo a voz baixa.

— Acho que sim — respondeu Ardiloso. — Esta é a chance que estávamos procurando. Crepúsculo quer se vingar de você. Somos bastante sortudos, na verdade.

— Muito sortudos — concordou Valquíria seca-mente. — Muito sortudos porque um vampiro quer me matar. Vamos atraí-lo para uma cilada?

— De fato, vamos. Mas não aqui. Ele não vai se aproximar o bastante. Tem de acreditar que você está sozinha.

Valquíria estreitou os olhos.

— Suspeito que isso soa como uma sugestão para que eu sirva de isca. .

— Você tem de ir à reunião de família.

— Não não não. .

— Você não pode estar perto de mim, de Tanith ou de qualquer feiticeiro. Crepúsculo não correria esse risco. Só atacará quando achar que você está sozinha. Assim ele poderá matar você sem pressa.

— Isso não está ajudando nem um pouco.

— Você vai à reunião. Valquíria deixou os ombros caírem.

— Tanith e eu estaremos por perto. No momento em que Crepúsculo atacar, nós apareceremos.

— Mas e a minha família? Minhas tias e tios e primos e primos em segundo grau e. .

— Nós vamos protegê-los.

— O quê? Não, quero dizer que a minha família é muito, *muito* chata. Quando estão bêbados, todos come-

çam a dançar, e tudo isso é simplesmente.. é simplesmente *errado*.

— Você se divertirá muito.

— Eu odeio você.

— Eu sei.

30

LUTA

Jack Saltador estava no topo do telhado do Hospital Clearwater e olhou para baixo, para a criatura, admirando a beleza e a selvageria, o puro poder que podia sentir, mesmo daquela distância.

— É uma coisa e tanto, não é?

Jack eliminou qualquer vestígio de admiração do rosto e virou quando Sanguíneo caminhou casualmente na sua direção.

— Você mentiu para mim — acusou. Sanguíneo assentiu com a cabeça.

— Isso eu fiz. Como nos descobriu?

— Você me disse onde vocês estavam ficando, lembra?

— Eu disse? Eu e minha boca grande. Eu juro. .

Então, viu a criatura lá embaixo. O que achou?

— Isso tudo tem a ver com os Sem-Rosto — afirmou Jack e bateu em Sanguíneo. O texano cambaleou pa-ra trás, e estava se endireitando quando Jack o chutou para fora do telhado. Jack saltou, girou no ar e aterrissou no chão ao lado de Sanguíneo.

— Ai — reclamou Sanguíneo, caído de costas. Seus óculos escuros tinham caído do rosto, e Jack olhou para os buracos que ficavam onde seus olhos deveriam estar.

— Não gosto de ser usado — explicou Jack.

— Se eu tivesse me desculpado antes, você ainda teria me chutado pra fora do telhado?

— Provavelmente.

— Pensei que sim.

Sanguíneo atacou com a perna, sua bota acertando o joelho de Jack. Ele se levantou com um rolamento e se atirou para a frente, forçando Jack contra a parede e dando muitos socos. A cartola de Jack caiu.

Sanguíneo socou e Jack se abaixou. O punho de Sanguíneo acertou a parede e ele uivou. Jack o empurrou para longe, conseguindo espaço suficiente para manobrar, em seguida saltando e chutando, e Sanguíneo se estatelou no chão.

— Você não pode me vencer, iaque — rosnou Jack.

— Iaque são do norte — murmurou Sanguíneo, se levantando. — Sou um rapaz sulista. — Ele avançou novamente e Jack se abaixou e esquivou, dando um mortal de lado. Sanguíneo grunhiu de frustração. Jack bateu nele e lhe deu outro chute na cabeça, e mais uma vez Sanguíneo caiu no chão.

Jack olhou para baixo, para o adversário.

— Então onde está ele? Onde está Vingança?

— Não está aqui agora — respondeu Sanguíneo, sem tentar se levantar.

— É só você e ele, não é? Você e ele e aquela coisa?

— Temos vampiros também. Você conhece Crepúsculo?

— Me encontrei com ele em Londres uma vez. O

cara não tinha se tocado que os telhados eram a *minha* á-

rea. Nos metemos em uma leve escaramuça, pode-se dizer.

Sanguíneo se levantou e grunhiu.

— Bem, eu adoraria ver vocês dois se matando, mas ele também não está aqui. Está numa de suas vingança-

ças; foi atrás de uma garota em Haggard.

— Você me usou, Sanguíneo.

Lentamente, Sanguíneo estendeu o braço, pegou os óculos escuros e se levantou.

— Você viajou até a Irlanda para me passar um sermão, é isso?

— Eu vim aqui para descobrir o que você está aprontando.

— E então o quê?

— Se eu não gostar? Vou impedi-lo.

Os óculos de Sanguíneo estavam novamente em seu rosto, e o homem riu.

— Aquela criatura ali, é *isso* que estamos aprontando. Quer impedir aquilo? Pode ir direto em frente, meu amiguinho feioso. — O chão aos pés de Sanguíneo co-meçou a rachar. — Volte para Londres, Jack. Você não pode fazer nada para nos machucar aqui. Somos fortes demais, companheiro. O que você poderia fazer para atrapalhar nossos planos?

Sanguíneo sorriu maliciosamente, em seguida afundando no chão e desaparecendo.

31

O LANCE DA REUNIÃO DA FAMÍLIA

EDGLE Y

Valquíria verificou que seus pais já tinham ido à reunião e que a casa estava vazia, e em seguida saiu e acenou. O

Bentley veio até a casa, Ardiloso saiu e juntos os dois ergueram o corpo do reflexo para fora do porta-malas e a carregaram para a casa, subindo as escadas.

Os dois posicionaram o reflexo de pé diante do espelho e então o deixaram cair gentilmente para a frente. A imagem atravessou o vidro, caindo no chão do quarto es-pelhado. Depois de um instante, o reflexo estremeceu e se levantou. Virou para eles, com o rosto plácido e inexpressivo. Valquíria sufocou um sentimento irracional de culpa pelo que eles tinham feito o reflexo passar. A menina co-meçou a imaginar que a imagem tinha uma expressão de censura no olhar. Estendeu a mão, tocou o espelho e as memórias do seu reflexo invadiram sua mente.

Valquíria levou a mão ao peito e recuou um passo.

— Ah, Deus.

Ardiloso segurou a menina.

— Você está bem?

— Acabei de lembrar como é levar um tiro.

— Foi divertido?

— Incrivelmente, não.

Valquíria se endireitou. O reflexo no espelho estava normal agora.

— Estou melhor. Estou bem.

— Então vou deixá-la. Você terá de andar até o clube de golfe. Mas não se preocupe, estaremos vigiando.

— E se eu for até a reunião e Crepúsculo não cair na armadilha? Então estaremos apenas perdendo nosso tempo. — Esta é a única opção que nos resta, Valquíria.

Você vai usar um vestido?

— Tem certeza que não posso ir assim?

— Crepúsculo já estará cauteloso o bastante. Você terá de parecer completamente desapercibida.

— Está bem — grunhiu a menina. — Um vestido.

— Tenho certeza que você ficará linda — disse Ardiloso ao sair do quarto.

Valquíria gritou para que o detetive ouvisse.

— Se alguém começar a me elogiar com aquela vo-zinha cantante por causa deste troço, o mundo terá de se virar sozinho, está bem?

Ela ouviu a voz do esqueleto enquanto este descia as escadas.

— É justo.

Os olhos de Valquíria se estreitaram. As memórias do reflexo tinham se misturado com as suas, se encaixado nas respectivas posições como sempre faziam, mas havia mais alguma coisa desta vez. Um sentimento. A menina balançou a cabeça. O reflexo era incapaz de ter pensamentos. Era um receptáculo, uma coisa que absorvia experiências, pronta para ser “baixada”. Nunca havia um sentimento, uma emoção. Valquíria não tinha nem certeza de que a coisa nova *era* uma emoção. Ela flutuava na sua mente, logo além do seu alcance. Quando a menina tentava se concentrar nela, a coisa se espalhava.

Não, não era uma emoção, mas *era* alguma coisa.

Alguma coisa que não poderia ser fixada. Um ponto negro na sua memória. O reflexo tinha escondido alguma coisa dela.

Isso, pensou Valquíria consigo mesma, provavelmente não é um bom sinal.

Havia mais gente ali do que a menina tinha esperado. Os parentes enchiam os salões de festa quase até a capacidade máxima; gente falando e rindo e apertando mãos e se abraçando. Tias e tios e primos de todos os graus, aumentando a cacofonia de conversas que atingiu Valquíria como uma parede de som, se chocando contra ela assim que abriu a porta.

A maioria daquelas pessoas a menina não conhecia, nunca os tinha visto antes e jamais os veria novamente.

Não era algo que a enchesse de arrependimento pela sua vida, exatamente. Valquíria duvidava que estivesse perdendo qualquer coisa espetacular.

Seu vestido lhe dava uma boa aparência, a menina tinha de admitir. Era preto e bonito, mas ela não poderia ficar muito confortável. Se Crepúsculo *realmente* caísse na armadilha e tentasse atacar, Valquíria se arrependeria de não estar vestindo calças e botas, sabia disso.

— Stephanie? — Valquíria virou. Era um homem de quarenta e tantos anos. Seu penteado, que tentava encobrir a careca no topo da cabeça, não era sutil nem bem-sucedido.

— Você é Stephanie, não é? A filha de Desmond?

Valquíria se obrigou a sorrir.

— É — admitiu. — Sou eu.

— Ah! Maravilhoso! — disse o homem, puxando-a para um abraço que durou dois segundos constrangedo-res. O homem a soltou e deu um passo atrás. O movimento súbito desfez seu penteado. Valquíria achou que seria educado não mencionar o fato.

— Na última vez que a vi, você era pequena como um gafanhoto! Devia ter, não sei, quatro anos? Você era minúscula! Agora, olhe só para você! Está

linda! Não consigo acreditar que tenha crescido tanto!

— É, nove anos fazem isso mesmo.

— Aposto que você não se lembra de mim — afirmou o homem, balançando o dedo por algum motivo desconhecido.

— Tem razão — admitiu Valquíria.

— Vá em frente, tente adivinhar.

— Não faço ideia.

— Vamos lá, remexa esse cérebro, tente se lembrar!

— Eu não sei — insistiu a menina, falando lentamente e tomando um cuidado especial com as palavras, para evitar que o homem não captasse o significado.

— Vou lhe dar uma pista — disse, deixando de captar o significado completamente. — Seu avô e meu pai eram irmãos.

— Você é primo do meu pai.

— Sim! — concordou o homem. Quase gritou de alegria, na verdade. — Agora você se lembra?

A menina olhou para aquele sujeito e pensou como era incrível que ele, como a maioria das pessoas ali presentes, fosse o descendente direto de uma raça de Antigos supermágicos e, entretanto, parecia que teria dificuldades em atravessar a rua sem ajuda.

— Tenho de ir — desculpou-se Valquíria, indicando alguma coisa sobre o ombro esquerdo do homem. Ele virou para olhar e a menina saiu pela sua direita.

Valquíria conferiu a hora no celular e percebeu que estava torcendo para que a matilha de vampiros atacasse bem cedo, e não mais tarde. Era um sofrimento cruel e incomum que ela estava tendo de aguentar, e se esta

acabasse sendo sua última noite de vida, bem, isso simplesmente não era justo. A menina acenou com a cabeça para pessoas que reconheceu vagamente, mas continuou andando antes que elas tivessem a chance de lhe dizer como ela fora pequena um dia.

E então as Gêmeas Nojentas estavam bloqueando a passagem. O cabelo tingido de loiro de Crystal estava tão liso que parecia ter sido passado a ferro, e o cabelo de Carol estava arrumado em anéis que pareciam um monte de minhocas tentando escapar para a liberdade.

— Achei que você ia estar aqui — disse Crystal, muito aborrecida.

— A palavra “família” da expressão “reunião de família” lhe deu uma dica, não é?

— Fico feliz em ver que você não passou muito tempo se arrumando — comentou Carol e as duas deram risadinhas maldosas.

— Por que se deu ao trabalho de vir aqui? — inquiriu Crystal. — A gente tem outros tios ricos para você puxar o saco antes que eles batam as botas.

— Ah, legal, é bom saber que vocês finalmente su-peraram isso. As gêmeas se aproximaram e tentaram o máximo que puderam se erguer ameaçadoramente sobre Valquíria, o que era muito difícil, considerando que as duas eram quatro centímetros mais baixas.

— Você nos trapaceou da nossa herança de direito — afirmou Carol, franzindo os lábios de maneira nada a-traente. — Aquela casa que Gordon lhe deixou deveria ter sido nossa. Seus pais já tinham herdado a casa de campo na França, então *nós* deveríamos ter ficado com a mansão.

— Isso teria sido justo — rosnou Crystal. — Mas ele a deixou para *você*. Você ficou com tudo. Espera que a gente simplesmente esqueça isso?

— Olhe só para você — continuou Carol, dando um peteleco no ombro de Valquíria. — Você é uma criança, pelo amor de Deus. Para quê precisa de uma mansão? Nós temos dezesseis anos; você sabe o que poderíamos fazer

se tivéssemos aquela casa? As festas que poderíamos dar? Faz ideia de como poderíamos ter sido legais?

— Faz ideia de quanto aquele lugar vale? Nós o venderíamos e ficaríamos ricas!

— Mas nós não ficamos com a mansão, ficamos?

Você ficou com ela porque é uma puxa-saco e fingiu ser a sobrinhazinha perfeita, e agora acha que é muito importante.

— Você não é importante, sua criancinha idiota.

Não sabe de nada, ninguém gosta de você e, olhe só, nem é tão bonita assim.

Valquíria olhou para as duas.

— Sabem — começou —, estou tentando me lembrar se houve algum dia em que as coisas horríveis que vocês me dizem realmente me afetaram. Estou tentando lembrar se suas agressões amadoras alguma vez funcionaram e, querem saber de uma coisa? Acho que isso nunca aconteceu.

Carol tentou rir de maneira zombeteira.

— Querem saber por quê? Porque eu realmente e verdadeiramente não ligo. Não tenho nenhum sentimento em relação a vocês, nem bom nem mau. Para mim, vocês simplesmente.. *não estão aqui*. Sabem?

A dupla a encarou com raiva, e Valquíria sorriu graciosamente.

— Tenham uma ótima noite, está bem? — E as deixou ali.

A menina avançou por entre a multidão da melhor maneira que pôde, se espremendo por entre as mesas e evitando os agrupamentos sempre que possível. Valquíria viu sua mãe e conseguiu chegar até ela sem que ninguém tentasse abraçá-la.

— Steph — disse a mãe, sorrindo de maneira brilhante. — Você está aqui! Finalmente! Como foi a noite passada?

— Foi legal — mentiu Valquíria. — Eu e Hannah, sabe, ficamos acordadas conversando. Fofocando sobre, tipo, garotos e coisas assim. — A menina hesitou, subitamente percebendo que não fazia a menor ideia do que as garotas da sua idade conversavam.

— E você está usando o vestido — disse sua mãe.

— Ficou tão bonita.

— Beleza não vai me adiantar de nada se houver um tumulto. A mãe olhou para a filha.

— Você é tão estranha, às vezes. Então, quando chegou aqui?

— Alguns minutos atrás. Cadê papai?

— Ah, está por aí, em algum lugar. Sabe como são os Edgleys. Eles agarram qualquer desculpa para falar de si mesmos com as duas mãos. Está se divertindo?

Valquíria deu de ombros.

— Ah, está legal. Não conheço muita gente. E

quanto a você? Está se divertindo?

A mãe de Valquíria riu e se inclinou, chegando mais perto.

— Tire-me daqui — disse ela, com um sorriso cintilante. Valquíria piscou.

— Como?

A mãe acenou com a cabeça, como se estivesse concordando entusiasticamente.

— Não posso ficar aqui nem mais um minuto. Vou explodir.

— Você quer ir embora?

A mãe da menina acenou para alguém e olhou para a filha, mantendo o sorriso cintilante.

— Mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Está vendo aquela senhora ali adiante?

— Aquela com a cabeça de formato esquisito?

— Ela vai falar sobre os cachorros dela. A noite inteira. Ela tem três. São todos pequenos. Qual é o lance desses cachorrinhos? O que há de errado com cachorros grandes?

— Vamos adotar um cachorro?

— O quê? Não. O que quero dizer é que deveríamos inventar uma desculpa e ir embora mais cedo.

Com Crepúsculo e seus asseclas lá fora? Sem a menor chance.

— Estamos aqui pelo papai — disse Valquíria. — Temos de ficar aqui e apoiá-lo. Ele ficaria na *sua* reunião de família.

— Acho que sim. .

— É só uma noite, mamãe. Depois de hoje, você nunca mais terá de vê-los novamente.

— Achei que você seria a primeira a correr para a porta. Valquíria deu de ombros.

— Não sei. Às vezes acho que não passo tempo suficiente com vocês.

A mãe olhou para a filha e o tom de voz se suavi-zou.

— Você está apenas crescendo. Quero dizer, sim, seria fantástico se pudéssemos passar mais tempo juntas, como costumávamos fazer, mas você precisa do seu espaço e da sua privacidade. Entendo isso, meu amor, eu realmente entendo.

— Você sente saudades de como eu costumava ser?

— Eu estaria mentindo se dissesse que não. Mas vou aceitar o que conseguir. Você passa muito tempo no seu quarto e está. . você sabe, tudo bem. Você assume uma atitude distante, às vezes, mas tudo bem, também.

Valquíria não conseguia olhar nos olhos da mãe.

— Eu não sou distante de propósito — falou.

A mãe colocou o braço sobre os ombros da filha.

— Sei que não é. E você não age *sempre* assim, distante. Em momentos como este, é como se nada tivesse mudado. Você é a mesma Steph de sempre.

— Mas, em outros momentos... não sou, não é?

— Talvez não, mas eu ainda te amo, não importa o que possa acontecer. E seu pai e eu, nós estamos simplesmente gratos que você esteja se mantendo em segurança. Outras crianças da sua idade estão por aí se metendo em encrencas, se machucando, aprontando Deus sabe o quê. Pelo menos *nós* sabemos onde você está.

— No meu quarto — respondeu Valquíria, tentando sorrir. A menina pensou no seu reflexo, sentada no sofá enquanto seu pai contava uma piada sem graça, ou de pé na cozinha enquanto sua mãe lhe contava sobre seu dia. Isso fez a menina se sentir podre por dentro, toda re-torcida, e então ela parou.

Afinal de contas, Valquíria tinha outras coisas com que se preocupar naquela noite.

FRAGMENTOS DE SOMBRAS

Porcelana andou rapidamente pelo estacionamento sub-terrâneo, com um guarda-costas de cada lado. O lugar era silencioso e vasto, e os passos dos três ecoavam alto. Um de seus guarda-costas, um homem chamado Sev, parou subitamente e olhou para trás, para o local de onde tinham vindo. Seus olhos se estreitaram.

— Alguma coisa está errada. — Sua parceira, uma mulher de porte delicado chamada Zefir, tirou uma arma de dentro do casaco.

— Srta. Tristeza — disse suavemente. — Por favor, fique atrás de mim.

Porcelana fez como ela pediu. Os guarda-costas estavam apontando suas armas para uma parte aparentemente vazia do estacionamento. Até onde Porcelana podia ver, não havia absolutamente nada ali que pudesse representar qualquer ameaça; mas fora por isso que ela os con-tratara. Eles eram bons. Eram os melhores.

O Barão Vingança avançou até a luz. A armadura parecia fazer parte dele. Pequenas trilhas de sombras dan-

çavam nas juntas, como se ainda estivessem se acostu-mando com o novo hospedeiro. Vingança não estava vestindo o elmo, e seu sorriso era frio. O alfanje estava pendurado no cinto.

Sev e Zefir se moviam como se fossem uma coisa só. Os anos que passaram combatendo juntos tinham treinado suas habilidades e, quando estavam juntos, não havia ninguém que pudesse ficar no seu caminho.

Até esta noite.

Zefir foi atirar, mas uma sombra se ergueu e a atingiu no peito. A mulher foi atirada para trás, ficando sem fôlego. Sev conseguiu dar um tiro, e as trevas cortaram através dele, que enrijeceu e caiu. O homem estava morto antes de tocar o chão duro.

Vingança olhou para Porcelana.

— Eu *disse* que voltaria para buscar você. Mas di-ga-me, antes que eu tenha de feri-la: você reconsiderou sua posição?

Os ombros de Porcelana se endireitaram e sua voz ficou leve, e ela estava subitamente tão confiante como sempre.

— Você quer dizer, se eu voltei ao seio da seita? — indagou a mulher. — Temo que não. Minhas razões são tão complexas quanto variadas, mas podem ser, na realidade, resumidas a algo bem simples. Eu percebi que vocês todos são loucos e altamente irritantes. Você, em particular, me irritava.

— Você é uma mulher corajosa de estar me provocando.

— Não estou provocando você, queridinho, estou apenas muito entediada com esta conversa.

As sombras se moveram sob o comando de Vingança, e Porcelana se moveu para fora do caminho, com as sombras deslizando a seu lado e cortando o carro detrás dela. Sua risada era como um canto de pássaro.

— Se quer o meu conselho, desista. Tire essa armadura ridícula, dê um tiro de misericórdia naquele monstro do Grotosqueiro e volte para aquela deliciosa e pequena cela de prisão que estão guardando para você.

— Estou desapontado com você, Porcelana. Os Sem-Rosto estão a ponto de voltar, e você poderia ter escolhido o lado deles.

Zefir ergueu a mão e a arma voou até ela, e a mulher disparou, mirando na cabeça. As sombras se tornaram uma nuvem que cobriu o rosto de Vingança, absorvendo as balas e cuspidando-as novamente. Quando a arma clicou, vazia, as sombras se assentaram.

— Por favor — falou Vingança —, diga-me que você tem alguma coisa mais a oferecer.

Zefir saltou e estalou os dedos e uma bola de fogo disparou através da distância que os separava, mas uma onda de trevas se ergueu e a engoliu. Vingança fez um gesto e a onda atingiu a mulher, que cambaleou. Zefir tentou empurrar o ar, mas uma sombra se enrolou no seu pulso e a arrancou do chão. A guarda-costas se chocou contra um carro próximo e a sombra a jogou novamente, e Zefir atingiu uma pilastra e caiu no chão.

Vingança voltou-se para Porcelana como se Zefir não tivesse sido nada mais do que uma mosca irritante que ele teve de esmagar.

— Você se lembra das histórias que ouvimos quando crianças, sobre as coisas que os deuses das trevas faziam aos traidores? Todas essas histórias se tornarão verdade para você, traidora. Você será o meu presente para eles. Terá a honra de ser a primeira vida que eles consumirão.

Porcelana tirou a jaqueta e deixou-a cair. A mulher inspirou e marcas do negro mais profundo começaram a surgir na sua pele. Espalharam-se sobre seus braços nus, pelos seus ombros e pescoço, correram pelo seu peito e fizeram trilhas sob suas roupas. As marcas surgiram no seu rosto, se retorcendo e se transformando em símbolos.

Porcelana olhou para Vingança com aqueles olhos azuis, com aquelas tatuagens magníficas gravadas por todo seu corpo, e sorriu. O Barão sorriu em resposta.

Porcelana cruzou os braços e tocou símbolos cor-respondentes nos tríceps. Eles brilharam quando ela estendeu os braços e um pulso de luz azul foi lançado contra Vingança, que o desviou com um escudo de sombras.

O escudo tornou-se afiado e moveu-se como uma barbatana de tubarão pelo chão, e Porcelana entrelaçou os dedos e empurrou para a frente com as duas palmas. Os símbolos nas palmas das mãos se misturaram e se tornaram um raio de luz cegante que atravessou a barbatana, espalhando pedaços de sombra.

Vingança estendeu a mão com as trevas nas pontas dos dedos, enrolando-as num carro. Deu um passo atrás e jogou os braços para a frente e o carro foi erguido no ar.

Porcelana teve de se atirar para um dos lados. O carro errou por uma questão de centímetros.

A feiticeira avançou, usando os símbolos no seu corpo para desferir um ataque atrás do outro, mas Vingança derrubou todos. Não uma, mas duas vezes, ele disparou um tentáculo serpenteante de sombra para dar uma rasteira em Porcelana, e cada vez que ela caía, o inimigo ria. Quando estava perto o bastante, Vingança lançou uma placa de escuridão sólida contra o queixo da mulher. O

vilão sorriu. Usou as sombras para acertá-la novamente, e mais uma vez ela cambaleou. A armadura se deslocava e se alterava de acordo com as necessidades e intenções de Vingança.

O cabelo de Porcelana estava uma bagunça. A maquiagem estava manchada de sangue e fuligem e as roupas rasgadas e sujas. Vingança a agarrou e a atirou de cara numa pilastra. Porcelana a atingiu e girou, caindo no chão dolorosamente.

Vingança foi até ela, se abaixou e cutucou Porcelana com um dedo. Os olhos dela se abriram, a tempo de ver Zefir se erguendo atrás do Barão. Pelo jeito como a guarda-costas segurava o flanco, Porcelana sabia que suas costelas deviam estar quebradas. Mas ainda assim, Zefir não desistiu. Porcelana se permitiu admirar sua determinação, por mais tola que fosse.

Zefir partiu para cima de Vingança, mas as sombras tornaram-se pontiagudas, e enquanto a mulher estava saltando, as trevas perfuraram seu corpo por todos os lados.

Zefir parou subitamente, suspensa no ar por esses fragmentos de sombras que emanavam da armadura de Vingança. Porcelana viu a guarda-costas tentando respirar, mas seus pulmões estavam perfurados, atravessados. Zefir se engasgou no próprio sangue.

— Nenhum desafio — comentou o Barão. — Nenhum desafio mesmo.

As trevas se agitaram e o corpo de Zefir foi feito em pedaços.

33

A CALMARIA ANTES DA TEMPES-

TADE

Em cima, na pista de dança, um homem corpulento estava jogando a esposa de um lado para o outro com uma impulsividade contente, rodopiando e girando e se divertindo muito, enquanto a mulher parecia todo o tempo aterrorizada. Quando finalmente conseguiu se libertar, a esposa bateu no braço do marido e tentou sair batendo os pés, mas a tontura a dominou e ela cambaleou de lado e colidiu com outro dançarino, e foi como um glorioso efeito dominó em câmera lenta, com gritinhos extras.

Algo para fazer Valquíria sorrir, pelo menos. A banda anunciou, num som alto e abafado que foi completamente distorcido pela microfonia, que iriam reduzir a velocidade agora. A banda consistia em dois cavalheiros de calças pretas e paletós azuis cintilantes. Um deles tocava saxofone, e não era muito bom, e o outro usava óculos escuros e cantava e tocava teclado, e não fazia nenhuma dessas coisas particularmente bem. Isto é, não cantava ou tocava o teclado particularmente bem; o homem usava óculos escuros tão competentemente quanto qualquer outra pessoa que decidisse usar óculos escuros à noite. Nada disso parecia importar para o salão cheio de gente bêbada que dançaria ao som de qualquer coisa, desde que achassem que reconheciam a canção.

Havia uma porta que levava a outro salão, presumivelmente onde todas as mesas e cadeiras ficavam guardadas entre eventos. Estava escuro ali e Valquíria não acendeu a luz. A menina colocou o casaco na mesa que restava e tirou uma longa caixa do bolso. Pedira a Ardiloso que passasse na casa de Gordon no caminho de volta.

Disse ao detetive que havia algo que ela precisava buscar, e ele não lhe perguntou o que poderia ser. A Pedra Eco brilhou e Eco-Gordon surgiu.

— Estamos aqui? — sussurrou, empolgado.

— Cuidado, agora — avisou Valquíria. — Se alguém o vir. .

— Eu sei, eu sei — retrucou Eco-Gordon, se esgueirando até a porta. Ele espiou. — Olhe só para eles.

Faz anos desde que eu vi essa gente. Nem conheço metade deles. — Valquíria parou ao lado dele. Eco-Gordon apontou.

— Lá está sua mãe. Puxa, ela está bonita. Você po-de lhe dizer isso?

— Claro.

— E lá está Fergus. E o seu pai. Ah, e Beryl. O que ela está fazendo? O rosto dela parece forçado. Está tendo um derrame?

— Acho que ela está sorrindo.

O eco balançou a cabeça tristemente.

— Não é um bom visual para ela. E, pelo amor de Deus, de onde está vindo essa música? — Ele se moveu um pouco, para poder ver o palco e os dois imbecis de azul.

— Bem, isso é simplesmente.. Terrível. E as pessoas estão realmente dançando? Horrível. Eu não viria aqui nem morto. — O eco parou, pensou no que tinha dito e sorriu.

Valquíria foi até a janela e olhou para fora, mas estava escuro demais para ver alguma coisa.

— Assustada? — indagou Eco-Gordon, com um tom mais gentil na voz.

A menina deu de ombros.

— Não gosto de ser isca para vampiro.

— Essa é uma notícia chocante — respondeu o eco, sorrindo. — Se você mudasse de ideia, Ardiloso entenderia, sabe. Não há vergonha no medo. — A menina assentiu com a cabeça, mas não respondeu. — Eu o conheço — continuou Eco-Gordon. — Ele não quer que você se machuque, e eu *certamente* não quero que você se machuque. Stephanie, ou Valquíria, ou

qualquer que seja o seu nome. Você ainda é minha sobrinha favorita e eu ainda sou seu tio sábio.

Valquíria sorriu.

— Você é sábio?

O eco fingiu estar ofendido.

— Assim diz a garota que está fazendo papel de is-ca de vampiro.

— É verdade.

Valquíria percebeu um movimento do lado de fora da porta, alguém entrando. A menina apontou e E-co-Gordon entrou em pânico, olhou em volta, procurando um lugar para se esconder, e se meteu atrás da porta.

Carol e Crystal entraram de sopetão, abrindo ainda mais a porta. Esta girou completamente nas dobradiças até que estava colada na parede, tendo atravessado totalmente Eco-Gordon. Este agora estava ali em plena vista, com os olhos fechados. Se Carol e Crystal olhassem em volta, veriam o tio morto de pé logo atrás delas.

— Ah — disse Carol, olhando para Valquíria. — É você.

— Sim — falou Valquíria rigidamente. — Sou eu.

— Reunindo-se com todos os seus amigos, é? — disse Crystal, e as gêmeas riram.

Atrás delas, Eco-Gordon abriu um olho, percebeu que não estava mais escondido atrás da porta e começou a entrar em pânico de novo.

— Estou só dando um tempo de todo mundo — desconversou Valquíria. — Por que estão aqui?

Eco-Gordon ficou de quatro e engatinhou para baixo da mesa, passando por dentro da longa toalha sem perturbá-la.

Carol olhou para Valquíria com pálpebras semicer-radas, provavelmente tentando transmitir desprezo.

— Estamos procurando um lugar para acender — disse a gêmea, tirando um cigarro da bolsa assustadora-mente extravagante.

— Você fuma? — perguntou Crystal.

— Não — disse Valquíria. — Nunca vi graça nisso.

— Típico — murmurou Carol, e Crystal fingiu que estava tentando não rir.

— Vamos para outro lugar, então.

Ah, e é melhor você não delatar a gente, está bem? É melhor manter a boca fechada.

— Tudo bem.

As gêmeas se entreolharam em triunfo e saíram sem dizer mais nada.

Eco-Gordon se levantou através da mesa e saiu de dentro dela.

— Ah, as gêmeas. Jamais me esquecerei do dia em que elas nasceram. — E seu sorriso se desfêz enquanto falava. — Não importa o quanto eu tente..

O eco percebeu que Valquíria estava olhando pela janela novamente e disse, de modo gentil.

— Medo é uma coisa boa, sabia?

— Não é uma sensação gostosa.

— Mas é o que a mantém viva. A bravura, afinal de contas, não é a *ausência* de medo. Bravura é o reconhecimento e a *conquista* do medo.

A menina sorriu.

— Acho que li isso no verso de uma caixa de flocos de milho. Eco-Gordon assentiu com um aceno da cabeça.

— Compreensível. É de lá que eu tiro toda minha sabedoria. Valquíria saiu de perto da janela e olhou pela fresta da porta, para seus parentes que riam e falavam e bebiam e dançavam.

— Eu *estou* com medo — disse a menina. — Estou com medo de me machucar e estou com medo de morrer.

Mas, acima de tudo, estou com medo de desapontar meus pais. As outras crianças da minha idade, eu posso perceber, elas têm vergonha dos pais. Talvez a mãe não pare de se preocupar, ou o pai ache que é engraçado quando não é. Mas eu amo meus pais porque eles são boas pessoas. Se nós fracassarmos nisto, se não derrotarmos Vingança e o Grotesqueiro, então meus pais... — e subitamente, inesperadamente, a voz de Valquíria falhou —. . vão morrer.

A imagem do tio olhou para a menina e não disse nada.

— Não posso deixar isso acontecer — afirmou ela.

Eco-Gordon olhou para a sobrinha e esta viu tudo nos seus olhos, e ele não precisou dizer nada. Apenas acenou com a cabeça e murmurou:

— Bem, tudo bem, então.

O eco olhou de volta para a festa, com o largo sorriso retornando ao seu rosto, e acenou com a cabeça novamente.

— Está na hora de me colocar de volta na caixa.

Você tem coisas a fazer, não tem?

— Sim. — A menina pegou a pedra e a recolocou na caixa.

— Obrigado por isto — agradeceu Eco-Gordon.

— Foi legal estar perto da família novamente. Me lembrou do quanto eu não sinto falta deles. — Valquíria riu e fechou a caixa.

— Seja cuidadosa — disse o eco e desapareceu.

A menina voltou ao salão de festas. Viu o pai conversando com Fergus e com outro homem. Sua mãe estava sentada numa mesa, fingindo estar dormindo. Beryl estava de pé, sozinha, olhando em volta como uma garça assustada. A mulher avistou alguém com quem ainda não tinha fofocado e avançou sobre essa pessoa com zelo alarmante. Carol e Crystal entraram, vindas de outra sala. Carol parecia um tanto quanto verde e Crystal estava vermelha de tanto tossir.

Valquíria passou pelas portas de vidro, chegando à pequena sacada, sentiu a brisa fresca e olhou para o escuro campo de golfe. Além do campo estavam as dunas e a praia e o mar. Com as duas mãos sobre a balaustrada da sacada, Valquíria inspirou profundamente para se acalmar.

Algo se moveu no campo de golfe escuro. Por um momento, parecia uma pessoa, correndo e mantendo-se abaixada, mas agora não havia mais ninguém lá. Fosse qualquer outra noite, a menina poderia ter pensado que sua mente estava lhe pregando peças. Mas não era qualquer outra noite.

O vampiro estava vindo.

NEGÓCIOS INACABADOS

Tanith estava sentada no Bentley, tentando não se remexer. Seu corpo não estava acostumado a ficar sentado sem fazer nada. Ardiloso, sentado ao lado dela, era um modelo de imobilidade e paciência infinitas. A guerreira tentou relaxar, mas de vez em quando uma carga de adrenalina atravessava seu corpo e sua perna direita chutava involun-tariamente. Era muito embaraçoso.

Ardiloso e Tanith estavam estacionados no topo de uma suave encosta ao lado da área perto de um buraco do campo de golfe. De lá eles poderiam ver a sede do clube de golfe, mas estavam longe o bastante para que Crepúsculo não pudesse reconhecer o carro. Depois que vissem qualquer coisa suspeita, o Bentley poderia disparar pela estradinha estreita e a dupla poderia interceptar o vampiro antes que ele chegasse *perto* da reunião. Era um bom plano. A lua estava cheia e brilhante. Tanith conferiu o relógio. Ainda faltavam três horas para o eclipse lunar.

Tempo bastante para pegar aquilo que queriam pegar e fazer aquilo que queriam fazer. Com alguma sorte.

Alguma coisa atingiu o Bentley e o carro balançou.

Tanith agarrou a espada e saltou para fora. Ardiloso saiu pelo outro lado, de arma na mão. Um homem idoso estava de pé, sob a luz prateada da lua, olhando para eles. Tanith nunca o vira antes. Não parecia ser um dos Infectados. A guerreira começou a relaxar.

— Você mentiu para mim — acusou o homem idoso.

— Você queria ver a menina morrer — respondeu Ardiloso. — Conseguiu o que queria. — O detetive não guardou a arma. Tanith sabia quem era aquele homem agora. Segurou a espada com mais força.

Os olhos do Tormento estavam ferozes.

— Foi uma fraude. Eu sabia que havia alguma coisa errada, mas fiquei naquele porão por tanto tempo que não pude ver o que era. Era um reflexo, não era? Você fez alguma coisa com a imagem, melhorou-a, de modo que ela me enganou. Você trapaceou.

— Não temos tempo para isso. Temos uma noite agitada pela frente.

— Ah, sim — concordou O Tormento, com um sorriso. — Vocês têm.

O Tormento abriu bem a boca e um jato de trevas atingiu Ardiloso e o jogou para trás. Tanith tentou sair do caminho, mas o homem virou para ela e o fluxo de escuridão a atingiu com tanta força que foi empurrada para trás. A guerreira rolou, mantendo a boca e os olhos fechados. Ela ouviu a matéria negra, o que quer que aquilo fosse, atingindo o chão ao seu lado. Era como tinta e cheirava muito mal, mas tinha substância e, quando Tanith tentou tirá-la de si, ela saiu em tiras grossas.

Tanith abriu os olhos e viu o Tormento limpar a boca e sorrir.

A guerreira puxou mais uma tira de trevas e jogou-a no chão, onde se juntou à poça. E então a poça começou a se alterar. A matéria se aglutinou, se juntou, engrossou e criou pernas. Muitas pernas.

— Ah, inferno — murmurou Tanith quando a matéria preta se transformou em aranhas, e estas tagarelavam em estalidos.

Ardiloso estalou os dedos e atirou bolas de fogo gêmeas no lago de trevas rastejantes que estava preenchendo o chão diante deles.

A espada de Tanith estava desembainhada, reta-lhando as aranhas quando estas saltavam contra ela. A lâ-

mina cortava os corpos rígidos das criaturas, e seu sangue verde-escuro tingia a túnica da guerreira. Tanith sentiu alguma coisa na perna e golpeou, e então outra aranha saltou no seu ombro. Ela acertou o bicho com o cabo da

espada e deu um passo atrás, pisando em outra aranha, que foi esmagada sob seus pés mas a fez escorregar. O

chão sumiu e Tanith estava caindo, atingindo algo sólido e dando uma cambalhota ao rolar pela encosta abaixo.

Tanith rolou pelo capim alto, chegando ao solo plano e percebendo que estava no campo de golfe. Algumas aranhas tinham se juntado a ela na descida e Tanith ergueu o olhar quando as criaturas saltaram. A guerreira recuou de novo, virando rapidamente o pulso, refletindo o luar na lâmina da espada. Uma das aranhas guinchou. Tanith grunhiu de satisfação.

A guerreira olhou para a encosta onde o Bentley estava estacionado e viu uma onda de trevas mais escuras que a noite transbordando e descendo na sua direção.

Centenas de pernas de aranhas estalando nas pedras e na terra.

— Deixe comigo — disse Ardiloso ao lado do seu ombro. Tanith nem ouvira a aproximação do detetive.

Ardiloso deu um passo à frente e ergueu os braços, como se estivesse dando as boas-vindas à onda de matadores de oito patas. Tanith observou seus dedos se flexi-onando levemente, como se estivesse segurando um objeto invisível, e então, sempre suavemente, o detetive moveu as mãos no sentido horário. O capim alto balançou com a brisa súbita.

E então Ardiloso atacou, seus dedos se apertando, suas mãos se movendo uma sobre a outra em largos círculos, e as aranhas foram erguidas do chão. As criaturas giraram num redemoinho, e cada vez mais delas foram sugadas.

A espada de Tanith cuidou das poucas que escaparam do redemoinho, e a guerreira em seguida recuou, ma-ravilhada com o controle de Ardiloso. Suas mãos moviam-se cada vez mais rapidamente, em círculos cada vez menores, e o redemoinho se estreitava, tornando-se uma massa de corpos pretos agitados. Em seguida, Ardiloso torceu as mãos, fazendo o redemoinho se dobrar sobre si mesmo, e a noite ficou cheia de terríveis estalos. Sangue verde, espesso e pesado, espirrou no ar morno.

Ardiloso abaixou os braços e os corpos mutilados das aranhas caíram na área perto do buraco.

— Temos de ir atrás de Valquíria — disse, virando-se para o clube de golfe. Tanith ia segui-lo, mas parou quando ele parou.

O Tormento estava parado entre eles e a sede do clube, e a substância escura recobria seus olhos e escorria pelo seu rosto como lágrimas. Escorreu de suas narinas e orelhas e da boca, cobrindo as roupas e se espalhando cada vez mais. Seus braços sofreram convulsões, as mãos tornaram-se garras, e os sapatos se abriram, deixando as pernas crescerem, e a escuridão o recobriu completamente. Tormento arqueou as costas e ergueu os braços, e dois pares de gigantescas pernas de aranha explodiram do torso, se flexionaram e tocaram o solo. Seus membros continuaram crescendo, erguendo o corpo do homem do chão enquanto um terceiro olho se abriu na testa e piscou.

O Tormento parou de crescer. As oito patas estalaram e a boca estava aberta, mostrando as presas. O Tormento-Aranha olhou para baixo, para a dupla, e riu.

ATAQUE DOS VAMPIROS

Valquíria atravessou a festa e desceu as escadas, passando pelo armário de troféus e a Parede da Fama do golfe, e quando se aproximou das portas, viu alguém de pé do lado de fora. As portas eram de vidro, com maçanetas de aço inoxidável, e o estacionamento do lado de fora deveria estar iluminado; mas, naquele momento, estava no escuro.

As luzes deviam ter sofrido um curto.

O homem não estava se movendo. A menina podia ver a silhueta mas não as feições.

Valquíria reduziu o passo. Podia sentir o olhar do sujeito. Quanto mais se aproximava, mais podia ver. Havia outros lá fora com ele, simplesmente esperando na penumbra. A menina parou e olhou para o homem através do vidro.

O homem pegou a maçaneta e chacoalhou a porta, mas esta não se abriu. A essa hora da noite, a porta era controlada pelo botão que ficava do lado de dentro. Se alguém quisesse entrar, teria de falar no interfone e fazer um funcionário abrir a porta. Crepúsculo pressionou o rosto contra a porta de vidro e olhou para a menina. A cicatriz estava bem visível.

Valquíria ouviu uma janela ser quebrada em algum lugar do térreo, em seguida se virou e correu de volta às escadas, subindo-as de três em três degraus. A menina irrompeu no salão de festas, sendo atingida pela música e o barulho. Olhou em volta, procurando uma maneira de bloquear a porta, mas não havia nada. Não havia tranca.

Valquíria poderia fazer uma barricada, mas quanto tempo isso duraria? E o que ela poderia dizer a todos ali dentro?

O que diria a seus pais? E onde diabos estava Ardiloso?

Tinha de haver um jeito. Valquíria precisava impedir que as pessoas se machucassem, e precisava fazê-lo sem alertar ninguém para o fato de que estavam em perigo. A menina abriu uma fresta na porta.

As luzes estavam apagadas e os Infectados estavam subindo as escadas. Era ela que eles queriam. Os monstros ignorariam todo mundo se achassem que poderiam pe-gá-la. Valquíria se esgueirou para fora, se assegurando que a porta atrás dela estava fechada e que as pessoas na escada a viram, e em seguida correu para a escadaria, indo para o andar de cima. Houve passos atrás dela, correndo. A menina chegou ao andar de cima e olhou em volta rapidamente, se orientando.

Sua adrenalina estava a mil. O ar se deslocou e Valquíria sentiu que alguém estava quase a alcançando. A menina se abaixou e girou, estendendo o braço direito num arco bem largo para acertar o Infectado nas costas e fazê-lo tropeçar na perna esticada. Outro tentou agarrá-la, mas Valquíria afastou seus braços com golpes e acertou-lhe uma cotovelada no peito. O atacante caiu para trás. Os outros tropeçaram sobre ele e rosnaram.

Valquíria disparou pelo corredor e irrompeu numa sala vazia, quase tropeçando numa cadeira. O pátio se destacou contra as trevas ao longo da parede oposta e a menina correu nessa direção, com os Infectados vindo logo atrás. Abriu as portas da sacada com um puxão e correu para fora, saltando sobre a balaustrada.

O vento soprou nos seus ouvidos.

Diretamente abaixo de Valquíria, os Infectados estavam esperando do lado de fora das portas, esperando que seus colegas mortos-vivos pusessem a menina para fora. As criaturas olharam para cima, surpresas, e viram-na voando acima de suas cabeças.

E então a pista asfaltada começou a subir na sua direção, e Valquíria usou as duas mãos, tentando manipular o ar. A menina fez o que pôde para amortecer a queda, mas aquela não era a descida fácil da janela do quarto: era muito mais alta, em ângulo e ela não levou em considera-

ção a velocidade. .

Valquíria aterrissou e gritou de dor ao rolar, com joelhos e cotovelos atingindo a pista, o quadril ralando enquanto ela rolava, com a pele ferida sangrando. A menina sabia que deveria ter vestido uma calça.

O mundo finalmente parou com um abalo, se equi-librou e Valquíria abriu os olhos. Os Infectados estavam parados olhando para ela, e então Crepúsculo surgiu do meio deles, com os olhos estreitados e os lábios contraí-

dos de raiva. E então Valquíria estava de pé, correndo.

A menina estava dolorida, sentia o sangue escorrendo pelos braços e pernas, mas ignorou as dores. Olhou para trás e viu a massa de Infectados disparando atrás de-la.

Valquíria passou pelos portões do clube e pegou a primeira estrada à esquerda, perdendo um sapato no caminho e se amaldiçoando por não ter vindo de botas. A estrada era estreita e escura, com campos de um lado e uma fileira de quintais de fundos do outro. A menina chegou a uma interseção. De um lado ela podia ver faróis, então correu para o outro, atraindo os Infectados para longe de qualquer inocente. Valquíria saiu em disparada pela estrada, passando por trás do Pizza Palace e da loca-dora de vídeo, percebendo o erro que cometera ao ouvir vozes vindo da esquina seguinte. O pub tinha uma porta dos fundos que os fumantes usavam.

A menina desviou para a direita, correu para o muro de um jardim e saltou por cima dele. Ficou abaixada, e se perguntou por um momento se tinha conseguido des-pistar os Infectados tão facilmente. Crepúsculo caiu sobre Valquíria, que gritou e cambaleou para trás.

— Não estou mais seguindo as regras — afirmou o vampiro. A menina olhou para ele e viu que estava tremendo. Tirou uma seringa do bolso do casaco e a deixou cair. — Nada mais de regras. Nada mais de soro. Desta vez, nada vai impedir que eu arranque cada um dos seus membros — grunhiu Crepúsculo quando a dor o atingiu.

— Me desculpe por ter cortado você — tentou Valquíria, recuando.

— Tarde demais. Pode correr, se quiser. A adrenalina deixa o sangue mais doce. — Crepúsculo sorriu e a menina viu os caninos começando a crescer através das gengivas.

O vampiro levou as mãos ao peito e, como o Super-Homem, rasgou a camisa. Só que, ao contrário do Super-Homem, ele também arrancou a carne junto, revelando a pele branca como giz da criatura que havia por baixo.

Valquíria disparou na direção dele e seus olhos se arregalaram de surpresa. A menina mergulhou, agarrou a seringa do chão e cravou-a na perna do adversário.

Crepúsculo rugiu, com sua transformação interrompida, e chutou Valquíria, que caiu de costas. O vampiro tentou arrancar o resto da sua humanidade, mas a pele humana se rasgou no pescoço. Não era o descasca-mento suave que ela vira na noite anterior. Era sangrento e doloroso.

Valquíria se levantou rapidamente. Os Infectados ouviram os gritos angustiados de Crepúsculo e estavam se aproximando.

A NOITE DA ARANHA GIGANTE

A reunião da família Edgley estava utilizando o salão de festas principal, na parte da frente do prédio, deixando os fundos do clube de golfe na escuridão. Isso provavelmente era uma coisa boa, refletiu Tanith, enquanto observava Ardiloso voando para trás.

O Tormento-Aranha voltou sua atenção para a guerreira e esta se esquivou do golpe de uma das garras.

Tanith virou e correu, mas o monstro era muito mais rá-

pido. Tanith pulou para a lateral do prédio e correu para cima, um truque que a salvara de muitos problemas no passado, porém ela jamais enfrentara uma aranha gigante.

Suas garras clicaram quando ele a seguiu, chilreando enquanto avançava. A guerreira passou pela beirada, chegando ao telhado, em seguida virando e esperando que o monstro aparecesse. As pernas de aranha apareceram sobre a borda primeiro, em seguida a cabeça e o torso, e Tanith atacou. A espada reluziu com o golpe, mas acertou uma das placas blindadas que protegiam a barriga do Tormento-Aranha. Este atacou com uma das patas e acertou Tanith, que deixou a espada cair, despencou no telhado e rolou. A guerreira tentou pegar a espada, mas uma pata com garras pisou em cima dela.

Tanith recuou. O Tormento-Aranha chilreou de novo e se calou. Os três olhos, despidos de qualquer traço de humanidade, a observavam. Tanith sabia que ele poderia atacar sem que ela visse.

— Com licença — pediu a guerreira, o mais educadamente possível. — Acredito que você esteja pisando na minha espada. — O Tormento-Aranha não respondeu.

Tanith se perguntou se ele *poderia* responder, se ainda restava algo de um ser racional ali. — Não acho que isso seja inteiramente justo — continuou. — Você está bravo com Ardiloso porque ele não matou Valquíria, mas eu e

“você, nós nunca nos encontramos antes. Quero dizer, você não tem nenhum *motivo* para me atacar. Nem me *conhece*. Se chegasse a me conhecer, se passasse algum tempo comigo, tenho certeza que iria gostar de mim. Sou uma garota adorável. Todo mundo diz isso. — O Tormento-Aranha chilreou rapidamente.

“Você sabia que — e isso é um fato, aqui — a maioria dos „aranhos“ é muito, muito feia? É verdade. As aranhas fêmeas sofrem muito com isso. Vi num docu-mentário. Por que você acha que as viúvas negras matam os caras com quem elas acasalam? Vergonha, esse é o motivo. Não estou dizendo que *você* é feio. Quem sou eu para julgar? Só tenho duas pernas, certo? — O Tormento-Aranha avançou. Tanith deu mais um passo atrás.

“Não quis insultá-lo. Eu o insultei? Não foi por querer. Tenho certeza que, para uma pessoa aranha gigante, você é um ótimo partido. E, ei, aparência não é tudo, é? Você sabe do que nós, mulheres, realmente gostamos?

De senso de humor. E você parece ser um cara que está sempre pronto para rir. Estou certa? — O Tormento-Aranha chilreou nervosamente.

“Achei que sim. Então, agora que tivemos esta conversinha, o que me diz de a gente parar de embromar e você vir me encarar?” O Tormento-Aranha se calou novamente e Tanith sorriu para ele.

— Se você acha que é durão o suficiente.

Um momento se passou, e o Tormento-Aranha se empinou sobre as pernas traseiras, pronto para atacar, e Tanith disparou na sua direção, mergulhou por entre as pernas que ainda estavam suportando seu peso e catou a espada.

A aranha gigante moveu-se rapidamente, e Tanith golpeou para cima. Sua espada bateu na armadura até que encontrou o espaço entre as placas. O Tormento-Aranha guinchou e corcoveou, e Tanith saltou para a frente, saindo de baixo dele, para não ser esmagada.

A guerreira sentiu uma rajada de vento e Ardiloso pousou no telhado. O detetive estendeu as mãos e o ar pulsou, acertando o Tormento-Aranha no ventre e virando-o de cabeça para baixo. A criatura caiu de barriga para

cima, com as oito patas chutando e se agitando. Tanith saltou, aterrissou na barriga da aranha e meteu a ponta da espada entre as placas blindadas.

O Tormento-Aranha parou de se agitar imediatamente.

— Bom menino — falou Tanith.

Ardiloso deu a volta, de modo a poder ver os olhos do Tormento-Aranha.

— Estou presumindo, porque você sabe quando parar de lutar, que você ainda é capaz de pensar lógica-mente, então só vou dizer isto uma vez. Ou você entra na linha ou sai do nosso caminho. Temos um trabalho a fazer esta noite, e neste exato momento minha parceira está correndo perigo e minha paciência acabou. Então, o que quer fazer? Continuar lutando ou fazer um acordo?

Por um segundo, Tanith não achou que Ardiloso receberia uma resposta, mas então a boca se abriu e uma voz de homem idoso coachou por entre os dentes.

— Estou ouvindo.

UNHAS E DENTES

Valquíria disparou para o muro seguinte e saltou sobre ele, caindo em um jardim. Havia um muro mais alto adiante e a menina correu e estendeu as mãos para trás. O ar ondulou e ela foi lançada para o alto, agarrando o topo do muro e se projetando para cima. Quando Valquíria pousou, o quintal estava escuro, imerso na sombra profunda que o muro lançava sobre a grama. A menina correu pela lateral da casa e seguiu adiante.

Valquíria estava numa rua estreita e virou para a esquerda, com os pulmões ardendo com uma ferocidade que ela gostava, o tipo de ferocidade que sentia quando estava nadando. Sabia que poderia correr para sempre com aquele fogo dentro de si. Desviou para uma rua ainda mais estreita, mais uma travessa do que qualquer outra coisa. Podia ouvi-los atrás de si. A matilha de Infectados estava mais dispersa agora, mas os mais velozes estavam se aproximando cada vez mais. A menina passou pela própria casa.

O píer estava logo adiante e Valquíria disparou na sua direção. O mar estava agitado naquela noite, ela podia ouvir sua força, e sabia que isso não seria fácil, mas não tinha escolha. Os monstros estavam logo atrás dela.

Eles saberiam? Teria Crepúsculo lhes informado sobre a vulnerabilidade à água salgada? Um pensamento atravessou a mente da menina. Aqueles não eram vampiros completos, eram apenas Infectados. Teria a água, ainda assim, o efeito fatal? Valquíria não tinha tempo para questionar a si mesma. Aquele era o único plano que tinha e a única chance que lhe restava.

Valquíria correu para a beira do píer e saltou, exatamente como fizera em incontáveis ocasiões quando era criança. A menina caiu na água e esta a agarrou e engoliu completamente. Com uma pernada, estava de volta à superfície. Perdeu o outro sapato. Estava escuro demais para que os Infectados vissem o que havia abaixo e eles não faziam ideia de que havia apenas uma maneira segura de se pular ali. Valquíria ouviu gritos súbitos de dor misturados com baques assustadores no que eles aterrissavam, que nem J. J. Pearl, arrebatando seus ossos nas rochas.

A menina jamais nadara ali àquela hora da noite, porém, e as águas eram fortes e estranhas. Puxavam e empurravam e ameaçavam arrastá-la para baixo, ou para longe da beira, mas Valquíria as enfrentou. Mais Infectados chegaram, se atiraram na água em volta da menina e imediatamente entraram em pânico. Ela ouviu os gritos, sufocados pelas traqueias que inchavam rapidamente. Um deles, desesperado, agarrou Valquíria e puxou-a para baixo.

A cabeça de Valquíria afundou e a menina se contorceu, soltando os dedos da criatura do seu braço e chutando o Infectado para longe de si. Valquíria o perdeu de vista na fria escuridão, mas já tinha afundado demais, e o mar estava muito agitado. Iria se afogar.

Uma imagem surgiu na sua mente: há um ano, Ardiloso emergindo do mar e andando sobre sua superfície.

Seu treinamento.

Ela precisava usar o treinamento. Ardiloso tinha lhe ensinado o que precisava saber. Bastaria apenas se acalmar e se concentrar.

Ignorando a dor nos pulmões, Valquíria uniu as mãos diante de si. A menina sentiu a correnteza que estava tentando arrastá-la para o fundo, sentiu sua força e velocidade, mas parou de lutar contra ela, se rendendo à-

quela força até que se tornou parte dela. Valquíria arqueou os dedos e, pela primeira vez, ficou consciente de que a água era uma massa de forças conflitantes e opostas. A menina podia sentir tais forças sob si, sobre si e em volta de si. Conectou-se a elas e virou.

A correnteza se torceu atrás dela e agora Valquíria estava nadando, empurrada pela água. Passou pelos Infectados que se agitavam futilmente e emergiu na superfície, respirando fundo. A menina estendeu os braços e capturou a correnteza novamente, submergiu e, por um segundo terrível, achou que tinha calculado mal a coisa toda, mas recuperou o controle e guiou a correnteza o melhor que pôde na direção da praia. Em seguida abandonou o controle e a água ao seu redor tornou-se mansa — relativamente mansa — e ela nadou até que conseguiu ficar de pé.

Ofegando profundamente e inspirando grandes quantidades de ar, Valquíria olhou de volta para o píer.

Era difícil ver por causa das luzes voltadas na sua direção, fazendo que tudo diante de si parecesse uma sólida massa de trevas. Arrastou-se para fora do mar. A maré estava cheia, por isso não havia muita praia onde cambalear, mas conseguiu tropeçar na faixa de areia que restava. E então algo saiu das sombras e bateu nela e Valquíria caiu na areia.

A menina lutou e virou, mas alguém mais estava lá e um punho atingiu seu rosto. A forma de um homem, de pé sobre ela, um pouco agachado.

Crepúsculo.

A carne humana que o vampiro tentara remover ainda estava presa em alguns lugares da pele sobrenatural, e parecia ardida e vermelha e dolorosa. Os dedos da mão direita terminavam em garras, mas a mão esquerda era humana e ainda trazia um relógio no pulso. O rosto era de um homem bonito que agora tinha uma cicatriz, mas as presas de um vampiro tinham rachado as gengivas e rasgado os lábios.

Valquíria flexionou os dedos e esperou até que a cabeça estivesse desanuviada. Crepúsculo estava imóvel. A menina estendeu a mão, pronta para atacar e agora o vampiro se moveu, agarrando seu pulso antes que pudesse empurrar o ar. Crepúsculo ergueu Valquíria, girou-a no ar, agarrou-a por trás e expôs o pescoço da menina. Valquíria ficou paralisada.

O vampiro deu uma risada gutural.

— Não vou matar você. Vou transformá-la. Você será como eu. Valquíria tentou falar, tentou dizer alguma coisa, mas as palavras tinham fugido. Sentiu a respiração dele na pele.

— Sabe quem você vai matar primeiro, Caos? — provocou o vampiro. — Sabe quem você vai despedaçar, porque a sede de sangue será a única coisa importante?

Seus pais.

— Não.

— Pelo que você me fez, pela cicatriz que me deixou e a dor que está me causando *agora* mesmo, vou me assegurar de que, quando a hora chegar, você vai me *implorar* para deixá-la matar seus próprios pais.

E então uma voz.

— Crepúsculo.

O vampiro virou e havia mais alguém lá, nas trevas, saltando sobre eles. Valquíria sentiu um impacto e caiu para a frente. Ouviu o vampiro cair na areia e rosnar. Olhou para trás e viu as duas silhuetas que lutavam.

Aquele que a salvara (a menina pensara que tinha sido Ardiloso, mas agora viu que não) era rápido, tão rá-

pido quanto Crepúsculo. Vestia um terno velho e rasgado e uma cartola gasta.

Crepúsculo socou e a figura de cartola se abaixou, com as próprias unhas rasgando a barriga do vampiro, tirando sangue. Crepúsculo rugiu de raiva e a figura saltou, metendo um pé na cara dele. Crepúsculo caiu para trás e subitamente pulou. Atingiu o adversário no meio do pulo, levando os dois para a arrebentação. Garras atacaram e o homem de cartola gritou.

Valquíria agarrou uma pedra plana, mas grossa e pesada. Crepúsculo estava de pé sobre o inimigo, e Valquíria correu até ele, esmagando a pedra em sua nuca. O

vampiro se inclinou para a frente e o homem de cartola chutou, atingindo Crepúsculo bem na cara.

Valquíria sentiu o ar entre eles e estendeu as duas mãos, acertando Crepúsculo nas costas. O vampiro caiu e se estatelou nas ondas. O homem de cartola estava de pé e subitamente pulou direto para cima, desaparecendo nas trevas.

Crepúsculo estava se erguendo da água, com o rosto humano contorcido de ódio. A boca, que manteve completamente fechada para se proteger da água salgada, se abriu num rosnado. O vampiro não podia ver o homem de cartola, mas olhou com raiva para Valquíria e avançou contra ela. No último momento, olhou para o alto e viu o adversário caindo bem em cima dele. Os calcanhares do homem acertaram o rosto levantado de Crepúsculo, e o vampiro desabou na areia molhada.

Valquíria observou o homem de cartola examinar suas feridas e resmungar.

— Ele está morto? — indagou a menina.

— Nah — respondeu o homem, meio sem fôlego.

— Só dormindo. — Ele falava com um forte sotaque londrino. — Salvar pessoas não é lá o meu lance, normalmente, mas decidi que, como ele estava atrás de você, tem alguma coisa a ver com Vingança, estou certo?

— Bem. . Estou tentando impedi-lo, sim.

— Isso me basta. Veja bem, eles me enganaram e eu fiz um favor pra eles sem querer. Não gostei disso.

Então aqui estou, fazendo um favor pra *você*. Aquele cara grandalhão, o feioso? Eles estão guardando ele no Hospital Clearwater. Não sei o que você poderá fazer com essa informação, mas, se isso atrapalhar os planos de Sanguí-

neo, então estou feliz. — Ele tirou o chapéu para a menina e foi embora. Valquíria franziu o cenho.

— Você é Jack Saltador. Jack parou e virou.

— Sim, sou eu, meu amor.

— Você é um vilão.

O sorriso do ser era desagradável.

— Certa de novo. A menina recuou.

— Você deveria estar preso. Tanith prendeu você.

Jack franziu o cenho.

— Conhece Tanith Low?

— É claro.

— Ela. . ela está por perto?

— Tanith está em algum lugar por aqui, sim. Está com Ardiloso.

— Ah, com mil demônios — exclamou Jack, olhando em volta nervosamente. — Ah, isso não é bom.

Eu acabei de ajudá-los?

— Temo que sim.

— Ah, pelo. . ah, pelo amor de Deus. Bem, isso é simplesmente.. É simplesmente típico, isso é. Não diga a nenhum deles que estive aqui, certo? Eu salvei o seu pescoço. Literalmente, salvei seu pescoço. Prometa.

— Você vai deixar o país?

— Estou indo agora.

— Então eu contarei amanhã. Se qualquer um de nós ainda estiver vivo.

— Você é uma verdadeira dama, é sim. Boa noite então. E boa sorte.

E com um salto e um pulo, Jack Saltador se fora.

AQUELES QUE VÃO MORRER...

A sombra da Terra estava começando a se arrastar sobre a face da lua cheia. O comboio parou na estrada silenciosa.

Motores foram desligados e faróis se apagaram. Os Talhadores saltaram da traseira dos caminhões, não fazendo barulho algum enquanto se alinhavam e esperavam pelas instruções.

Valquíria saltou da moto de Tanith pelo lado direito e tirou o capacete. A menina estava nervosa. As palmas das duas mãos suavam e seus dentes não paravam de bater.

— Está se sentindo bem? — perguntou Tanith, em voz baixa.

— Estou bem — mentiu Valquíria. — Estou óti-ma. Nós simplesmente, sabe, estamos prestes a enfrentar um *deus*, tipo.

— Partes de um deus — corrigiu Tanith. — E partes de outras coisas também.

Valquíria olhou para a guerreira e balançou a cabeça, impressionada.

— Você realmente mal pode esperar por isso, não é?

— Pode crer. Quero dizer, enfrentar um *deus*, parte de um deus, deus híbrido, seja lá o que for. Como você disse, isto é grande. Isto é *enorme*. Lutei contra todos os tipos de criaturas ao longo dos anos, mas... um deus. Assumindo que eu sobreviva a isto, o que poderei fazer depois? O que seria maior que enfrentar um deus?

— Não sei — respondeu Valquíria. — Enfrentar dois deuses?

O Bentley estacionou e Ardiloso e o Sr. Êxtase saí-

ram. Ardiloso tirou o casaco e o cachecol e os deixou no carro. Ele e Êxtase se aproximaram dos Talhadores, que assumiram posição de sentido. Valquíria teve de controlar o impulso irracional de fazer uma continência.

— Bil y-Ray Sanguíneo e o Grotesqueiro estão num hospital abandonado logo ao norte daqui — afirmou Êxtase, falando com eles todos. — O vampiro conhecido como Crepúsculo está sob a nossa custódia, mas a localização do Barão Vingança permanece desconhecida. Podemos presumir que esteja a caminho. Não iria querer perder o retorno dos Sem-Rosto.

— Quero que vocês todos saibam — disse Ardiloso. — Que somos a primeira linha de defesa. De fato, somos praticamente a *única* linha de defesa. Se falharmos, não haverá muito que qualquer outra pessoa possa fazer.

O que estou tentando dizer é que o fracasso neste ponto não é a manobra mais inteligente. Nós *não* vamos fracassar, estou sendo absolutamente claro? O fracasso é ruim, não vai nos ajudar no curto prazo e certamente não nos fará nenhum favor no longo prazo, e eu acho que eu me perdi neste discurso, e não sei bem para onde ele está in-do. Mas sei onde ele começou e é isso que vocês precisam manter em mente. Alguém aí viu o meu chapéu?

— Você colocou no teto do carro quando tirou o casaco — informou Valquíria.

— Eu coloquei? Coloquei, sim, excelente.

— Vamos atacar em duas ondas — explicou Êxtase, trazendo a instrução de volta ao reino da relevância. — A primeira onda consistirá em Tanith Low, Valquíria Caos, Ardiloso Cortês e eu. A segunda onda serão vocês, Talhadores.

— Vamos aproveitar a nossa chance *agora* — continuou Ardiloso. — Antes que Vingança retorne e tenha-mos uma batalha em duas frentes. A primeira

onda irá enfraquecer o Grotesqueiro. Vamos atacá-lo com tudo que temos, e não lhe dar nenhuma chance para se teleportar ou se curar. Uma vez que saibamos que ele está ferido, vamos chamar a segunda onda. Alguém tem alguma pergunta? Não? Ninguém? Nenhuma pergunta? Tem certeza?

Êxtase virou-se para o detetive.

— Parece que não há nenhuma pergunta. Ardiloso assentiu com a cabeça.

— Eles são um ótimo grupo.

Êxtase fez um gesto e os Talhadores se dividiram em grupos, e Valquíria e Ardiloso se afastaram.

— Eu costumava ser tão bom nesse tipo de coisa — reclamou Ardiloso baixinho.

— Bem, a minha moral está certamente elevada — informou Valquíria.

— É mesmo?

— Claro que não, aquilo foi *terrível*.

Tanith e Êxtase se juntaram a eles e entraram no bosque. Valquíria se moveu o mais furtivamente que pô-

de, mas os outros estavam avançando em silêncio completo. A menina entreviu os Talhadores por todos os lados, os uniformes cinzentos se misturando com a penumbra e as trevas, até que eles se tornaram apenas sugestões de pessoas.

Eles pararam na beirada interna do bosque. Adiante do grupo, além de uma velha cerca de metal, estava o pré-

dio principal do hospital. O jipe preto estava parado do lado de fora e Sanguíneo emergiu pelas portas da construção, segurando um celular junto ao rosto.

— OK — disse Sanguíneo, a voz clara no silêncio da noite. — Posso ouvi-lo melhor agora, vá em frente.

Enquanto Sanguíneo ouvia o que quer que estava sendo dito na outra ponta do telefonema, Valquíria deu uma olhada nos companheiros, subitamente percebendo que Ardiloso não estava mais com eles. A menina voltou a olhar para Sanguíneo.

— Então é só isso? — O sujeito estava dizendo. — Eu simplesmente vou embora? Nah, o feioso está lá dentro, parado sem fazer muita coisa.

Valquíria estreitou os olhos, forçando a vista contra as trevas atrás de Sanguíneo. Viu algo se mover. Ardiloso.

Sanguíneo continuou falando, completamente inconsciente do detetive-esqueleto que estava se esgueirando atrás dele.

— Estou bem certo de que o vampiro já foi resolvido, não temos mais de nos preocupar com ele. E quanto ao nosso amigo, o Barão?

Valquíria franziu o cenho. Com *quem* Sanguíneo estava falando?

— Tem certeza? — indagou Sanguíneo. — Você não quer que eu. . ? Não, não, não estou questionando você, eu só. . É, eu sei quem está pagando o meu salário.

Ei, não é problema nenhum para mim, se é desse jeito que você quer. Estou pulando fora agora mesmo. — Ele pôs o celular no bolso e sorriu maliciosamente. — Tenha uma boa vida, Barão — disse baixinho e então virou e deu de cara com o punho de Ardiloso.

O homem cambaleou e tentou sacar a faca, mas Ardiloso deu um golpe de caratê no pulso de Sanguíneo e seus dedos se abriram, mandando a faca para longe. Ele tentou dar um soco, e Ardiloso o pegou e bateu com sua cabeça no jipe. Sanguíneo desabou.

Ardiloso pegou a faca e a atirou para longe, em seguida inclinando com um gesto que os outros deveriam se juntar a ele.

O grupo deixou o bosque. O grande portão já estava arrombado e eles o atravessaram, indo até o detetive.

Ele estava com o celular de Sanguíneo na mão, verificando os números.

— Quem quer que fosse — disse —, o número está bloqueado.

— Sanguíneo estava recebendo ordens de outra pessoa o tempo todo — afirmou Tanith. — As pessoas poderosas de quem você estava falando mais cedo, aqueles que puseram Grêmio no conselho, aqueles que nos tiraram todo o apoio. Ele está trabalhando para *elas*.

— E Vingança não sabe disso — concluiu Valquíria. Ardiloso guardou o telefone.

— Isso é um mistério para amanhã — falou. — Desde que *haja* um amanhã.

O detetive virou para Êxtase e assentiu com a cabeça. Êxtase deu uma corridinha e saltou, segurando a beirada do telhado e se projetando para cima sem esforço algum. Tanith ajustou seu centro de gravidade e subiu a parede andando atrás dele. Ardiloso segurou Valquíria pela cintura e o ar tremeluziu quando eles dispararam para cima, pousando gentilmente no telhado. Mantendo-se em silêncio, eles atravessaram o terraço.

Havia quatro prédios grandes e resistentes cercando um enorme pátio de concreto. O pátio tinha uma pequena ilha de verde onde uma árvore delgada tentava crescer.

O Grotosqueiro estava exatamente no centro, imó-

vel. Vestia um tipo de traje, feito de couro preto grosso, que caía da cintura e se acumulava no chão abaixo do monstro.

Ali, sob o luar, o Grotosqueiro parecia ser ainda mais errado. Nada tão horrível poderia existir numa noite tão bela. O braço direito da criatura reluzia, e a bolsa no pulso esquerdo estava cheia de ácido amarelo. A luz prateada destacava sua caixa torácica rachada e fragmentada com detalhes nojentos, e sangue negro encharcava as bandagens que envolviam seu rosto.

Valquíria e seus companheiros se agacharam. Os Talhadores ocuparam posições ao longo de todo o telhado, cercando o pátio. O estômago de Valquíria se agitou.

As pontas dos dedos estavam formigando. A menina precisava fazer alguma coisa, e logo. A ansiedade, a empolga-

ção, o terror e o medo eram fortes demais. O primeiro encontro deles com o Grotesqueiro não tinha acabado bem, mas havia mais gente agora. Eles estavam mais fortes, mas o monstro também estava. Valquíria se perguntou se eles estariam fortes o bastante para matá-lo.

Era como se Ardiloso estivesse lendo a sua mente.

— Essa coisa — disse, baixinho —, a parte dela que é um Sem-Rosto, já morreu uma vez. Pode fazê-lo de novo. — Valquíria assentiu com a cabeça mas nada disse.

Não confiava na própria voz.

Ardiloso olhou para o Sr. Êxtase e acenou com a cabeça, e então o Sr. Êxtase se levantou, andou para fora da beirada do telhado e caiu até o chão. Tanith correu pela lateral do prédio, deslizando a espada para fora da bainha.

Ardiloso e Valquíria pularam, deslocando o ar sob si mesmos para amortecer a descida. Valquíria pousou pesadamente, mas conseguiu não tropeçar.

— Achei que iríamos usar o elemento surpresa — comentou a menina enquanto eles caminhavam até o alvo.

— Nós nunca o tivemos — revelou Ardiloso, calmamente. — Ele sabia que estávamos aqui o tempo todo.

Simplesmente não se importa.

Os quatro se moveram separadamente, atacando o Grotesqueiro de quatro ângulos diferentes.

Êxtase não perdeu tempo com palavras, ameaças, votos ou exigências. Simplesmente andou até o monstro e lhe deu um soco.

Valquíria sentiu a onda de choque do ataque quando este acertou a criatura. O Grotosqueiro nem cambaleou. Em vez disso, olhou para Êxtase através das bandagens imundas, recuou o punho direito e deu um soco no homem. Êxtase foi atirado para trás e atravessou a parede do velho prédio.

Ardiloso avançou e Tanith saltou, com a lâmina reluzindo ao luar. O braço direito do Grotosqueiro se desenrolou e suas garras rasgaram o ar na direção de Ardiloso. Elas cortaram o paletó e em seguida se enrolaram no esqueleto. Este foi erguido e atirado na direção de Tanith.

A guerreira girou no ar e saltou do ombro de Ardiloso, dando um mortal sobre a cabeça do Grotosqueiro. Ardiloso se libertou, e o monstro reformou o braço e golpeou com o punho maciço. Ardiloso concentrou o ar para bloquear o ataque e Tanith abriu um corte no braço do monstro, que se curou imediatamente.

Valquíria estalou os dedos, transformou as centelhas em bolas de fogo e jogou-as no monstro. A primeira passou longe, mas a segunda explodiu contra o flanco do Grotosqueiro. O ferrão da criatura disparou e Tanith se abaixou, em seguida estocando, com a espada penetrando o peito do monstro, mas o Grotosqueiro simplesmente golpeou o braço da guerreira de cima para baixo e o osso se partiu. Tanith gritou e foi empurrada para longe. O

Grotosqueiro tirou a espada e a largou, e o ferimento se curou.

Êxtase se desembaraçou do buraco que abriu no lado do prédio. O homem espanou a poeira da roupa, como se ser atirado através de uma parede fosse uma in-conveniência menor, mas o primeiro passo que deu foi incerto. Êxtase tinha sido ferido.

Ardiloso meteu a mão no paletó e tirou o revólver.

Em seguida fez o mesmo do outro lado com a outra mão, e puxou um revólver idêntico. O detetive engatilhou os dois e disparou. Doze tiros

atingiram o Grotosqueiro com precisão perfeita, e Ardiloso largou as armas e correu para a frente. Valquíria viu algo na sua mão, um cilindro de metal preso a uma estaca de metal.

Ardiloso saltou, cravando a estaca na área onde tinha atirado. O Grotosqueiro segurou o detetive e atirou-o para longe, mas o cilindro tinha uma luz vermelha no to-po, que estava piscando. A explosão fez Valquíria se ajoie-lhar, com os ouvidos retinindo e manchas dançando diante dos olhos. A menina olhou para o monstro, esperanço-sa, mas o Grotosqueiro estava de pé, ali, como se nada tivesse acontecido. Um ferimento no seu braço se abriu por uma fração de segundo, tempo suficiente para uma gota de sangue preto vaziar, mas logo se fechou. O monstro estaria enfraquecendo?

Tanith reuniu suas forças e saltou, mas o Grotosqueiro a rebateu para longe. Seu corpo girou enquanto ela caía e, quando atingiu o chão, a mulher tentou se levantar, mas não conseguiu.

O Grotosqueiro ergueu o braço esquerdo e Valquí-

ria mergulhou. Estendeu as duas mãos para a frente na direção de Tanith, sentiu os espaços entre elas, sentiu co-mo eles se conectavam e, quando o ferrão disparou, a menina empurrou e o ar ondulou. Tanith saiu deslizando pe-lo chão e o ferrão errou o alvo. Valquíria ergueu o olhar, percebendo que agora era o centro das atenções do Grotosqueiro.

— Os Talhadores — sussurrou Valquíria. — Al-guém faça um sinal para os Talhadores...

E então Êxtase estava ali, de pé entre Valquíria e o Grotosqueiro que se aproximava. Em vez de atacar, Êxtase pressionou as duas mãos no peito do monstro e come-

çou a empurrar. A criatura continuou andando. Êxtase travou o corpo, mas estava sendo lentamente empurrado para trás. Valquíria podia ouvir o homem fazendo força.

Nem mesmo a força lendária de Êxtase poderia parar o monstro.

E então, incrivelmente, aquilo vacilou. Êxtase deu outro empurrão e o Grotesqueiro foi forçado a dar um passo atrás.

Tanith forçou-se a se levantar sobre um joelho e, finalmente, ficar de pé. O Grotesqueiro tinha parado completamente de avançar e agora parecia estar examinando Êxtase. O monstro ergueu a mão esquerda perto do peito.

— Tanith? — disse Êxtase por entre dentes trin-cados. Seu rosto estava encharcado de suor. — Se você não se importar. .

Tanith olhou rapidamente para Valquíria.

— Espada.

Valquíria estendeu a mão, sentiu o ar ao redor delas, usou o ar para segurar a espada caída e em seguida girou o pulso, e a espada voou do chão até a mão esquerda de Tanith. A guerreira já estava golpeando quando o ferrão disparou, sua lâmina interceptando-o antes que pudesse atingir Êxtase.

A ponta do ferrão caiu no chão. Valquíria e Tanith olharam para o objeto.

— Eu machuquei ele — disse Tanith, sem poder acreditar.

— Já estava na hora — murmurou Êxtase, puxando o punho direito para trás e dando um soco poderosíssimo que fez o Grotesqueiro cambalear.

— Talhadores! — rugiu Êxtase. — Ataquem!

ENFRENTANDO VINGANÇA

O Grotosqueiro agitou os braços e golpeou, e três Talhadores foram atirados para longe, mas havia mais deles para tomar seus lugares. Artiloso e Valquíria estavam juntos.

Tanith segurava o braço quebrado. Êxtase tinha recuado para recuperar o fôlego. Eles observaram os Talhadores atacando, e era uma visão impressionante. Os soldados se moviam como uma equipe perfeita, silenciosamente e sem necessidade de ordens. Sabiam o que tinham de fazer e ajudavam uns aos outros, compensando ferimentos, oferecendo reforços e criando distrações. O Grotosqueiro não recebeu o luxo de um único momento para se recuperar.

Valquíria viu o inchaço no pulso do monstro se contrair, cuspidando ácido. A substância atingiu um Talhador direto no peito e ele caiu, tentando tirar o uniforme, mas morreu antes de conseguir. O braço direito do Grotosqueiro se desenrolou de novo, e todas as cinco garras se cravaram em outro Talhador e depois se separaram. O

soldado foi atirado no ar como uma boneca de retalhos.

Um corte no tendão de Aquiles do Grotosqueiro o fez cambalear. Outro corte, nas costas do monstro, espirrou sangue negro no chão. A criatura atacou violentamente, atingindo nada além de ar e descaiu sobre um dos joelhos. Os Talhadores avançaram como um enxame enquanto ele tentava se curar.

E bem quando as coisas estavam dando certo, tudo deu errado. Ouviu-se uma voz vinda de trás deles.

— *Hereges!* — E todos se viraram. O Barão Vingança tinha retornado.

O vilão estava no mesmo telhado no qual eles tinham estado, e as sombras se agitavam furiosamente ao seu redor. Sua armadura se transformou, ficando pontiaguda, e, quando Vingança avançou, as sombras serpentearam por sobre a borda e desceram até o chão. O Barão caminhou sobre as sombras, e as trevas o baixaram até o pátio.

Os Talhadores interromperam o ataque. O Grotosqueiro estava de joelhos. Seu corpo estava tentando consertar as feridas que tinha sofrido. Não se levantou.

— Como ousam! — trovejou Vingança enquanto avançava resoluto na direção deles. — Como ousam atacar um *deus vivo!*

— Não é um deus — retrucou Ardiloso. — E não estará vivo por muito mais tempo.

Valquíria examinou cuidadosamente as sombras ao redor de Vingança. Parecia haver um amontoado de sombras sendo arrastado atrás dele. Subitamente as trevas se desembrulharam e soltaram sua prisioneira, e Porcelana Tristeza caiu no chão. Vingança a deixou no seu rastro.

Êxtase foi até o Barão.

— Você não irá mais adiante — afirmou.

— Então me impeça — rosnou Vingança.

— É o que pretendo fazer — respondeu Êxtase e socou. Vingança ergueu uma das mãos, recolhendo sombras para formar uma barreira. Êxtase atingiu a barreira e todos puderam ouvir seu punho se quebrando.

A armadura se deslocou, reforçando o punho de Vingança, que sorriu enquanto deu um soco próprio. O

golpe acertou Êxtase sob o queixo, erguendo-o do chão e atirando-o para trás.

Ardiloso ergueu a arma e atirou, mirando a cabeça.

As sombras se tornaram uma nuvem que cobriu o rosto de Vingança, absorvendo as balas e cuspiendo-as novamente. Quando a arma clicou, vazia, as sombras se assentaram.

— Bem, isso não funcionou — murmurou Ardiloso.

— Talhadores — chamou Tanith, segurando a espada. — Temos um novo alvo. — A guerreira avançou correndo e os Talhadores dispararam. Vingança levantou um dos braços direto para a frente.

— Ah, droga! — Foi tudo que Ardiloso conseguiu dizer antes que uma onda de trevas irrompesse da mão de Vingança, atingindo Tanith e os Talhadores. Ardiloso agarrou Valquíria e puxou-a para baixo, e as trevas passaram acima deles. A menina viu que todos os outros caíram no chão, inconscientes.

Houve um momento de imobilidade, e depois Vingança estendeu o braço, e uma rajada de sombras se enrolou em Ardiloso e o trouxe para perto. Valquíria sentiu algo se enrolando no seu tornozelo e logo em seguida estava sendo arrastada pelo chão, até o meio do pátio. A sombra a soltou e a menina rolou até parar ao lado de Ardiloso. Vingança olhou para baixo, para os dois.

— Estou quase impressionado. Vocês realmente conseguiram chegar a ferir o Grotesqueiro. Não achei que fossem capazes de tal feito.

— Somos cheios de surpresas — respondeu Ardiloso e saltou. Uma lâmina de sombras o derrubou de volta no chão. O detetive grunhiu e rolou, ficando de barriga para cima. — Isso obviamente não foi uma delas.

— Nenhum de vocês entendeu ainda, não é? — falou Vingança. — Vocês não são mais ameaças. Sou o feiticeiro mais poderoso deste planeta. Quando os Sem-Rosto retornarem, vou governar ao lado deles. Que esperanças vocês têm contra mim?

Ardiloso se levantou e Valquíria fez o mesmo ao seu lado.

— Barão Vingança — falou Ardiloso —, considere-se preso. Vingança riu. Valquíria olhou para além dele, para Porcelana, que estava se movendo

levemente. Sua calça branca estava rasgada e seu colete estava sujo e ensanguentado.

— Aqui estamos, no final — começou Vingança.

— E estou me perguntando se vocês teriam, ao contrário de Porcelana, aprendido a lição? Estão prontos para aceitar que o mundo pertence aos Sem-Rosto? Estão prontos para louvar seus nomes?

— Eles ainda não estão aqui, Barão — respondeu Ardiloso.

— Mas eles estão vindo. Vocês precisam perceber isso. O Grotesqueiro vai chamá-los e eles saberão o caminho de volta. E, corrija-me se eu estiver errado, mas seus reforços parecem ter acabado.

— Quem disse que precisamos deles? — indagou Ardiloso e jogou a mão para a frente. O ar ondulou e Vingança deu um passo para o lado e lançou o braço para trás. Uma onda de trevas atingiu Ardiloso e ele caiu.

Valquíria se abaixou sob um contragolpe e catou dois pequenos pedaços de entulho do chão. A menina uniu as mãos, agindo por puro instinto, sentiu o ar ao redor deles e *empurrou*, e os pedaços de entulho dispararam contra Vingança como balas de revólver. O vilão lançou sombras para interceptá-los e os pedaços explodiram em nuvens secas de poeira. Apontou para Valquíria, e a sombra se chocou contra ela.

— Muito, muito fácil — riu.

As sombras estavam sobre a menina novamente, se enrolando nela, levantando-a e movendo-a para trás, batendo com ela na parede. Valquíria sentiu a escuridão fria se infiltrando nas suas roupas e tentou se mover, mas não conseguiu.

Ardiloso se chocou contra a parede ao lado dela, aprisionado pelas sombras.

— Você não é nada sem essa armadura — afirmou o detetive. Vingança sorriu para os prisioneiros enquanto caminhava até eles.

— É esta a parte em que você me provoca? Em que insulta a minha honra? Esta armadura é uma arma, ser abominável. Acho pouco provável que eu vá abandonar minha arma logo antes do golpe mortal, só para poder dar ao meu oponente uma chance justa. Se meu inimigo está enfraquecido, então meu inimigo será destruído. Assim é o caminho dos deuses das trevas.

— Por favor, não me mate! — Valquíria deixou escapar.

— Valquíria — intercedeu Ardiloso. — Não se preocupe, vou tirar a gente desta.

— Ele não vai tirá-la de coisa nenhuma — retrucou Vingança. — Você parece ter escolhido o lado errado, minha cara.

— Então eu *mudarei* de lado! Vingança sorriu, divertido.

— Ouviu isso, ser abominável? Ao encarar a realidade da situação, sua protegida o abandonou.

Ardiloso balançou a cabeça.

— Valquíria, me escute..

— O quê?! — explodiu Valquíria. — Vai me dizer que vai ficar tudo bem? Vai pedir que eu seja corajosa?

Ele vai nos matar! Barão, por favor, não quero morrer!

Deixe que eu prove o meu valor! Deixe-me matá-lo para você!

— Você faria isso? — inquiriu Vingança. — Matar o seu mentor? Assassinar-lo a sangue-frio?

— Não é assassinato se ele já estiver morto. Vingança considerou a proposta.

— Suponho que haja uma certa poesia nisso tudo.

Muito bem, Srta. Caos. Você será aquela que o matará.

As sombras recuaram e Valquíria caiu no chão. A menina limpou os olhos com a manga da roupa e olhou para Ardiloso, que estava ali pendurado, bem flácido.

— Como pretende matá-lo? — indagou Vingança.

— Acho que sei como — respondeu Valquíria. — Foi uma coisa que ele me disse há algum tempo. Algo sobre as fraquezas dele.

Vingança indicou com um gesto que ela deveria avançar, e a menina foi, incerta, até o lado dele. Valquíria encarou Ardiloso e ergueu os braços.

— Me desculpe — falou.

Valquíria fechou os olhos, crispou a mão em garras e puxou os braços para perto do corpo, fazendo o ar tremeluzir em volta de si, e então virou para Vingança, mas o Barão desviou seus braços com um tapa e a agarrou pelo pescoço, erguendo-a do chão.

— Você realmente achou que eu fosse tão ingê-

nuo? — Ele riu enquanto a menina chutava sua armadura.

— Uma tentativa tão desajeitada. Se isso foi tudo que o ser abominável pôde lhe ensinar, então você realmente deveria ter procurado um professor melhor.

As mãos de Valquíria se fecharam em volta do pulso do Barão e a menina se ergueu, conseguindo aliviar um pouco a pressão no seu pescoço.

— Você é um militar — conseguiu dizer. — Deveria reconhecer uma finta ao ver uma.

— Ah, então é *isso* que isto é? Você me distraiu tempo suficiente para alcançar a posição perfeita, é isso?

— Precisamente — respondeu Valquíria. — E agora chegou o momento em que eu lanço o ataque e derroto você.

O Barão riu novamente.

— Bem, desculpe perguntar, Srta. Caos; mas você é que exército? Valquíria sorriu, tirou uma das mãos do pulso do vilão e apontou por sobre o ombro dele.

— Aquele ali — falou. Vingança olhou para trás enquanto Porcelana Tristeza se levantava atrás dele.

LUTA ATÉ A MORTE

O corpo inteiro de Porcelana estava coberto de um turbi-lhão de tatuagens negras. Vingança jogou Valquíria no chão e a menina viu Porcelana se esquivar de um ataque, tocando tatuagens idênticas nas pernas. Elas brilharam com uma luz verde sob as calças rasgadas e agora a mulher era um borrão, avançando por entre as sombras de Vingança.

O vilão rosnou de aborrecimento e atacou, mas Porcelana era rápida demais, e agora estava próxima. Algumas das tatuagens brilharam com uma luz vermelha, e a mulher agarrou o Barão e o socou até que foi jogado para trás.

As sombras se curvaram ao redor do Barão e o depositaram gentilmente no chão, em seguida disparando contra Porcelana. Esta juntou as mãos, e as tatuagens nas palmas se tocaram e misturaram e uma barreira amarela foi criada. As sombras atacaram a barreira e Porcelana grunhiu, mas a barreira se manteve.

As sombras ao redor de Ardiloso começaram a sumir, agora que a atenção de Vingança estava concentrada em outro lugar. Ardiloso se libertou e caiu no chão. Ele se moveu até Valquíria, segurando seu braço.

— Temos de sair daqui — disse, com urgência.

— Mas podemos ajudar. .

— Não podemos derrotá-lo, é poderoso demais.

— Vamos simplesmente bater em retirada?

— Não estamos nos retirando, estamos avançando ao contrário. Venha comigo e fique abaixada.

Eles correram para o prédio principal do hospital.

Valquíria olhou para trás, para a batalha, e viu um rastro de sombras se esgueirando para trás de Porcelana, para atacar a barreira por ali. A barreira estava se enfraquecendo. Porcelana caiu sobre um joelho, com as mãos ainda unidas como numa prece.

Valquíria se segurou em Ardiloso, o ar ondulou e eles foram atirados no telhado.

— Não podemos simplesmente deixá-la! — exclamou Valquíria enquanto eles corriam.

— De acordo — disse Ardiloso. — Mas não podemos derrotá-lo enquanto ele vestir aquela armadura, isso nós já sabemos. Precisamos encontrar alguma maneira de tirar a armadura dele.

— O quê? Mas a única maneira de fazer isso seria chegar bem perto, e nós não podemos passar por aquelas sombras!

— Exato. Então vamos precisar trapacear.

A dupla saltou do outro lado, aterrissando ao lado do jipe, e eles encontraram o que Ardiloso estava procurando.

— Ah — Valquíria entendeu. — Inteligente.

— Naturalmente.

Valquíria se esgueirou pelo telhado. A batalha tinha acabado. Talhadores inconscientes jaziam por todos os lados, o Grotosqueiro ainda estava tentando se curar, e Porcelana estava ferida e de joelhos. O Barão Vingança estava de pé atrás dela, olhando para as manoplas da armadura.

— Posso ver por que alguém escolheria a necromancia — estava dizendo o Barão. — Tem suas limita-

ções, é claro, mas a pura *empolgação* de usá-la contra os seus inimigos... é difícil de superar.

“Lutei ao lado de Vil durante a guerra. Jamais gostei dele. Era um sujeito. . diferente. Tinha segredos. Mas eu sabia que ele era poderoso. Simplesmente nunca percebi o *quão* poderoso. Nada que se compare aos Sem-Rosto, obviamente, mas ainda. . Potente. E, agora, esse poder é meu”.

— Você não está. . — murmurou Porcelana.

— Como? Não entendi direito.

Valquíria continuou abaixada e em movimento, se aproximando.

— Você não está no nível dele — afirmou Porcelana, finalmente encontrando forças para falar. — Vil. . era extraordinário. . Você apenas veste as roupas dele.

— Eu empunho seu poder — respondeu Vingança.

— Eu empunho o poder da necromancia.

— Não é seu — retrucou Porcelana, rindo em seguida, e a risada soou frágil e dolorosa. — Você tem ra-zão. Vil *era* diferente. Ele poderia ter usado tal poder pa-ra. . mudar o mundo. . mas você, Barão? Não saberia por onde começar.

O sorriso vitorioso sumiu do rosto do Barão. Ele reuniu trevas nas mãos.

— Eu deveria ter matado você anos atrás.

As trevas atingiram Porcelana e a fizeram girar e então Bil y-Ray Sanguíneo irrompeu do chão atrás de Vingança com Ardiloso Cortês agarrado nas costas, segurando uma arma contra sua cabeça.

Ardiloso jogou Sanguíneo para longe e largou a ar-ma, prendendo Vingança numa chave de estrangulamento antes que o vilão pudesse se virar. Valquíria saltou do telhado e deslocou o ar sob si mesma quando Sanguíneo se endireitou. A menina pousou e se concentrou, abrindo a mão e atirando Sanguíneo para trás.

Vingança se agitou violentamente, mas Ardiloso continuou se segurando. Valquíria ouviu um leve clique em meio a todos os xingamentos e viu a placa peitoral da armadura se abrir e uma névoa de trevas explodir.

Vingança gritou de raiva e tentou se soltar, mas Ardiloso estava segurando bem a placa peitoral. O detetive a atirou para o chão e Vingança cambaleou para a frente. As trevas vazaram da armadura e se dissiparam no ar noturno.

Vingança estendeu a mão e as sombras chicotearam na direção de Ardiloso, mas eram frágeis e fracas. Ardiloso as desfez e avançou, acertando o inimigo no esterno com a base da palma da mão. Vingança ofegou e cambaleou, tentando atacar novamente, mas as sombras erraram o alvo completamente desta vez, e o detetive se abaixou e se deslocou para o lado, acertando um cotovelo nas costelas de Vingança, em seguida atacando mais baixo, contra o rim. Os joelhos de Vingança cederam e ele sibilou de dor.

Algo se moveu no canto da visão de Valquíria, e a menina virou bem quando Sanguíneo se atirou contra ela.

Ele tirou-a do chão e Valquíria caiu. Sanguíneo estava de pé acima da menina e se abaixou para atacá-la, mas ela foi rápida e socou a lateral do seu joelho. Isso machucou seu punho, mas machucou ainda mais o joelho, e Valquíria rolou e se levantou, mas Sanguíneo a agarrou, colocando as mãos no pescoço da garota.

Valquíria o socou na barriga e no queixo, mas o oponente apenas ignorou os golpes e riu, apertando ainda mais os dedos. A menina o socou direto no nariz e ele uivou, e ela agarrou o dedo mindinho dele e torceu. Sanguíneo uivou novamente e soltou. Valquíria o chutou na virilha e Sanguíneo ofegou e tentou alcançá-la, em seguida se dobrando ao meio quando a dor o atingiu.

Vingança prendeu Ardiloso em algum tipo de chave que teria rasgado os músculos e ligamentos de um homem que tivesse músculos e ligamentos. Ardiloso se retorceu e escapou da chave e usou os cotovelos, acertando-os como balas de revólver no rosto e no corpo de Vingança.

Sanguíneo gemeu de dor e tentou se levantar, e Valquíria o agarrou por trás, apertando a própria navalha dele contra o pescoço.

— Então é aí que ela está — disse o homem, tentando se afastar da lâmina, mas Valquíria o segurava com força.

— Nem tente seu truque de desaparecimento aqui — avisou a menina. — No momento em que eu vir o chão rachando, você está morto.

Uma risada seca escapou dos lábios do sujeito.

— Você não pode me matar, queridinha. Você é um dos mocinhos. Isso seria assassinato.

Valquíria apertou a lâmina com mais força.

— E eu com isso?

A menina olhou em volta e viu Vingança puxando o alfanje. A lâmina reluziu quando Ardiloso ergueu a mão direita para se proteger, e a arma cortou seu braço abaixo do ombro. O detetive gritou e recuou, e o braço cortado caiu para o chão, ainda envolto na manga. Vingança chutou e Ardiloso caiu, e o vilão ficou sobre o detetive, com o alfanje erguido.

— Barão! — gritou Valquíria. O Barão olhou, com a arma paralisada no meio do golpe. — Abaixе a espada.

Vingança riu.

— Ou o quê? Você cortará a garganta de Sanguíneo? Vá em frente.

— Não estou brincando, eu vou fazê-lo.

— Eu acredito.

— Farei qualquer coisa — implorou Sanguíneo. — Eu irei embora, jamais voltarei, jamais verei vocês novamente, juro!

Vingança parecia um tanto enjoado.

— Tente morrer com alguma dignidade, seu verme infiel. — Cale a boca, velho! — gritou Sanguíneo. Vingança riu.

— Olhe para cima, garota, já está quase na hora.

Valquíria ergueu o olhar para a noite limpa, para a lua cheia. A sombra da Terra a estava recobrando quase completamente.

— Você pode sentir? O mundo está prestes a mudar. Valquíria sentiu a mão de alguém se fechando em cima da mão dela, e subitamente Sanguíneo deu um golpe de judô e a menina voou por sobre o ombro direito dele, caindo num rolamento, com a navalha perdida. Valquíria virou, pronta para se defender, mas Sanguíneo avaliou a situação e olhou novamente para ela, guardou a navalha no bolso e afundou no chão.

Vingança sorriu para a menina e olhou para baixo, para Ardiloso.

— O eclipse está quase completo, ser abominável.

Os Sem-Rosto estão chegando. Tudo que planejei, tudo com que sonhei está se realizando. Você fracassou.

— Ainda não, não fracassei — murmurou Ardiloso.

— O que você vai fazer? — zombou Vingança. — Tem alguma surpresa inteligente reservada para mim, um ás na manga? Cuidado, só lhe resta uma chance.

— Então, para o meu próximo truque — começou Ardiloso, mas hesitou. — Ah, dane-se, não vou conseguir pensar em nada inteligente para dizer. Valquíria.

Valquíria estalou os dedos e lançou uma bola de fogo. Atingiu Vingança no peito, e as roupas que ele vestia sob a armadura se incendiaram. Vingança xingou e usou as sombras para apagar as chamas. O revólver deslizou pelo chão até a mão esquerda de Ardiloso, que atirou.

O alfanje caiu. O sangue começou a escorrer do peito queimado de Vingança. O Barão conseguiu apenas encarar as órbitas vazias de Ardiloso.

— Mas... mas não é assim que eu deveria morrer — disse, fracamente. — Não. . desse jeito. Não pela sua mão.

Você é. . você é um ser abominável.

— Sou muitas coisas — disse Ardiloso e largou a arma. Vingança cambaleou para trás. Viu Valquíria e tentou agarrá-la. Não havia força nas suas mãos. A menina o empurrou e ele caiu.

Vingança engatinhou até o Grotosqueiro.

— Diga a eles que lamento — sussurrou. — Eu os decepcionei. . O Grotosqueiro moveu a mão para tocar o rosto de Vingança.

Parecia quase carinhoso, até que a mão agarrou e torceu e a cabeça do Barão estalou para um lado. O Grotosqueiro o soltou e o corpo desabou.

O monstro lutou para se levantar. O último brilho da lua transformou-se em sombra. O Grotosqueiro se levantou e, mesmo que parecesse instável, não caiu.

Ardiloso tentou se erguer, mas não conseguiu. Estalou os dedos, mas nenhuma fagulha apareceu.

— Bola de fogo — disse a Valquíria. Sua voz estava forçada, parecia fraca. — Atire uma bola de fogo no céu.

É a nossa última chance.

A menina franziu o cenho, sem entender o pedido, mas obedeceu mesmo assim. O polegar pressionou o in-dicador e os dois dedos deslizaram com um *clique*. A fric-

ção gerou uma centelha que Valquíria pegou na palma da mão, e então a centelha se tornou uma chama. A menina despejou a própria energia na chama, tornando-a maior, abaixou o ombro para se preparar e depois atirou. A bola de fogo subiu direto para o céu noturno, queimando mais forte no ponto mais alto, e então desapareceu. Valquíria olhou de volta para Ardiloso.

— Isso deve resolver — murmurou, em seguida se deixando desmaiar.

— O que eu faço agora? — indagou a menina, mas o detetive não respondeu.

Valquíria pegou a espada de Tanith e olhou para o Grotosqueiro.

— Ei — chamou. O monstro virou para ela, e a boca da menina secou. Todos os outros tinham caído. Ela estava sozinha.

— Eu superestimei você — afirmou uma voz e Valquíria virou. O Tormento se aproximou, passando por cima dos corpos caídos dos Talhadores. — Superestimei todos vocês. Achei que seriam capazes de resolver isso sozinhos.

A bola de fogo. Deve ter sido um sinal, invocando o último reforço que eles tinham. Valquíria tentou imaginar com o que Ardiloso teve de concordar em troca dos serviços do Tormento. Tinha bastante certeza de que não seria nada agradável.

— Vá embora — disse o homem idoso. — Não gosto de ficar tão perto de você. Deixe-me lidar com essa criatura.

— Não vou a lugar algum — retrucou Valquíria, com as palavras arranhando sua garganta.

— Então saia da frente — explodiu O Tormento.

— E deixe-me arrumar sua bagunça.

— *Minha* bagunça?

— Esta monstruosidade não estaria viva se não fosse por você e esse sangue que corre nas suas veias. Sua mera existência representa uma ameaça para todos os seres vivos neste mundo.

Era uma discussão para a qual Valquíria não teria nem tempo nem inclinação para vencer, então desistiu. A menina observou enquanto o líquido negro vazou pelos olhos, orelhas, boca e nariz do velho. Viu os braços e pernas

escurecendo e crescendo, ficando mais longos, e as pernas de aranha atravessaram a camisa já rasgada.

Valquíria observou um olho se abrir no meio da testa e o torso ser erguido do chão, e observou o Tormento-Aranha olhar para o Grotosqueiro com olhos im-piedosos.

— Olá, monstro — disse, e em seguida vomitou trevas.

As trevas atingiram o Grotosqueiro e este cambaleou enquanto as sombras cresceram e se transformaram em aranhas. O Grotosqueiro vacilou, com aranhas por todo o corpo, atacando como se fossem uma só.

O monstro pegou uma das aranhas na sua enorme mão direita e apertou, e a aranha explodiu. O Tormento-Aranha avançou, golpeando com a perna dianteira e acertando as costas do Grotosqueiro. Este caiu no chão, estourando as aranhas sob si mesmo, e o Tormento-Aranha estocou para baixo. As pontas de duas pernas perfuraram o Grotosqueiro, prendendo-o ao chão.

E então o monstro desapareceu e o ar acima do Tormento-Aranha se abriu. O Grotosqueiro caiu nas costas do Tormento-Aranha. A criatura de oito patas empinou, tentando derrubar o atacante, mas o Grotosqueiro estava segurando firme. Valquíria viu o ferrão disparar, mas sua ponta fora cortada e a arma quicou inutilmente nas placas blindadas.

O Tormento-Aranha estava xingando, e o pânico estava transformando os xingamentos em berros. O braço direito do Grotosqueiro se desenrolou, e os tentáculos se enrolaram no pescoço da besta, puxando-a para trás, fazendo-a empinar ainda mais. O Tormento-Aranha trope-

çou sobre os corpos dos Talhadores e o Grotosqueiro puxou para trás com força, e o Tormento virou. Aterrissou de costas, com as oito patas chutando o ar. O Grotosqueiro demorou para se levantar, mas estava se erguendo mesmo assim. O Tormento-Aranha, porém, foi incapaz de girar para o lado.

— Me ajude! — gritou o Tormento-Aranha.

Valquíria sentiu a espada na mão. Se pudesse chegar ao Grotesqueiro antes que ele se levantasse, teria uma chance. Mas suas pernas não se moviam.

O Tormento estava encolhendo. Suas pernas de aranha estavam se recolhendo para dentro do corpo, os próprios braços e pernas se reformando, a escuridão sendo absorvida pelos poros da pele. Valquíria assistiu à corrida entre o Tormento, tentando retornar à forma humana de modo a poder se levantar, e o Grotesqueiro, que estava agora sobre um joelho, lutando para se erguer.

O Grotesqueiro venceu a corrida por três segundos. Olhou para baixo, para o Tormento, agora um pálido e frágil homem idoso, indefeso a seus pés. Sua enorme mão direita catou o velho pelos cabelos, levantando-o do chão. O Tormento gemeu de dor.

Valquíria olhou para baixo, para a própria perna, e comandou que ela se movesse. Um passo. Tudo que precisava era dar um passo, o primeiro passo, e o resto se re-solveria sozinho.

A perna se moveu. A menina deu o passo. O Grotesqueiro girou o braço e Valquíria ouviu um barulho de algo se rasgando e O Tormento foi atirado para longe.

O Grotesqueiro largou o pedaço de couro cabeludo que tinha na mão, virando para Valquíria bem quando a menina deu o bote, golpeando com a espada e abrindo um corte no braço esquerdo da criatura. O monstro tentou agarrá-la, mas ela se abaixou e girou, usando a espada do jeito que Tanith tinha lhe mostrado, e a lâmina acertou o flanco do Grotesqueiro, rasgando-o.

Valquíria recuou num salto, segurando a espada com as duas mãos, de olho na ferida que acabara de abrir.

Observou a pele partida tentando se reformar, se curar, e então parar completamente.

O Grotesqueiro grunhiu. Seu braço direito se desenrolou e atacou a menina. Uma das tiras se enrolou no tornozelo e puxou, e Valquíria caiu. As outras

tiras darde-jaram contra ela. Uma garra rasgou um corte na bochecha da menina, que sentiu o próprio sangue quente espirrando no rosto.

Valquíria se curvou e a espada cortou a tira que lhe envolvia o tornozelo. O Grotosqueiro recuou e as tiras voltaram ao lugar, tentando reformar o braço. O dedo do meio estava faltando.

Valquíria saltou, golpeando com a espada diago-nalmente no peito do Grotosqueiro, decepando partes da caixa torácica entortada. Outro ataque arrancou a mão esquerda do Grotosqueiro, e esta caiu no chão.

O Grotosqueiro recuou, atacando cegamente para manter a menina longe. Mas ela esperou o momento certo e mergulhou. A espada deslizou por entre a caixa torácica danificada e o Grotosqueiro se enrijeceu. Valquíria agarrou o cabo com as duas mãos e inclinou a arma para baixo, na direção do coração, cravando a lâmina mais profundamente e girando. O Grotosqueiro berrou.

O grito a atingiu como um punho e as trevas verte-ram das feridas do monstro. A escuridão se infiltrou na menina, suas pernas fraquejaram e ela desabou. Sentiu as trevas movendo-se por dentro de si, torturando seu corpo com dor. A espinha de Valquíria se arqueou. Imagens lampejaram na mente, imagens da última vez em que sentira tamanha agonia. Serpênteo apontando para ela, os olhos verdes do vilão desaparecendo, o corpo dele se tornando poeira.

Os músculos de Valquíria começaram a sofrer espasmos e ela teve ânsias de vômito, se engasgou e tentou chorar. E então as trevas a deixaram, e a menina abriu os olhos, com lágrimas borrando sua visão, vendo as trevas se erguendo dela no ar e se dissipando. Valquíria inspirou fundo.

— Você está bem? — Ela ouviu Ardiloso perguntar de algum lugar muito distante.

Valquíria ergueu a cabeça. O Grotosqueiro estava no chão, imóvel. Pequenos pedaços de escuridão ainda flutuavam, saindo do seu corpo. A menina rolou, se apoiando nos cotovelos.

— Ai — grunhiu. — Isso doeu.

Ardiloso andou lentamente até a parceira. O detetive tinha pegado o braço decepado e o estendeu para a menina.

— Aqui — disse. — Quer uma mãozinha?

Valquíria decidiu não responder a essa piada absolutamente terrível, e permitiu que a ajudasse a se levantar.

A menina tocou o rosto e sentiu o sangue que ainda estava escorrendo da ferida. A bochecha estava dormente, mas ela sabia que isso não ia durar. A dor estava prestes a chegar.

— Nós não morremos — observou.

— Claro que não. Eu sou inteligente demais para morrer, e você é muito bonita.

— Eu *sou* bonita — concordou Valquíria, conseguindo sorrir.

— Puxa vida — disse uma voz familiar atrás deles.

A dupla virou.

— Vejam só o que vocês fizeram — comentou Sanguíneo, balançando a cabeça com uma severidade zombeteira. — Vocês frustraram nossa pérfida tramoia-zinha. Emergiram triunfantes e vitoriosos. Eu os amaldi-

çoo, benfeitores. Eu os amaldiçoo.

— Você não parece estar muito chateado por ter perdido — comentou Valquíria.

O homem riu e tirou os óculos escuros. Começou a limpá-los com um lenço.

— O quê, vocês acham que isso acabou? Vocês realmente acham que isso acabou? Queridinha, as coisas só *começaram*. Mas, não se preocupe, verei vocês dois muito em breve. Se cuidem, ouviram?

Sanguíneo recolocou os óculos escuros enquanto o chão aos seu pés começou a rachar, e quando afundou, jogou um beijo para Valquíria.

Depois de alguns instantes, já certos de que o homem não ia reaparecer, Ardiloso olhou para a parceira.

— Então aquele plano deu certo — concluiu.

— Ardiloso, seu plano inteiro consistiu em, e eu estou citando suas palavras, *“Vamos chegar perto e ver o que acontece”*.

— Mesmo assim — insistiu o detetive. — Acho que a coisa toda deu muito certo.

OS EMPREGADORES PRÉVIOS DE BILLY-RAY SANGUÍNEO

Bil y-Ray Sanguíneo sentou-se à sombra e observou as garotas bonitas que passavam. A praça estava viva, cheia de gente, conversa e o glorioso aroma de comida. Era um belo dia e Sanguíneo estava a meio caminho das montanhas na cidade murada de San Gimignano, se deliciando com um ótimo cappuccino.

Duas belíssimas garotas italianas passaram, olharam para ele e trocaram risadinhas. Bil y-Ray sorriu e elas deram mais risadinhas.

— Comporte-se — disse o homem sentado ao lado dele.

Sanguíneo sorriu maliciosamente.

— Estou apenas admirando a paisagem.

O homem colocou um envelope fino na mesa, colocou um de-dó com uma unha bem feita em cima e o deslizou.

— Seu pagamento — disse. — Por um trabalho bem feito.

Sanguíneo olhou dentro do envelope e, bem inconscientemente, lambeu o lábio inferior. Em seguida, guardou o envelope dentro do casaco. — Deu certo, então?

O homem fez que sim com a cabeça.

— Vingança chegou a suspeitar?

— *Ele não fez ideia — zombou Sanguíneo. — O cara estava tão impressionado consigo mesmo que jamais imaginou que estivesse sendo manipulado. Nem por um instante.*

— *Ele costumava ser um ótimo aliado — disse o homem tristemente.*

— *E mesmo assim vocês não hesitaram em deixá-lo se fer-rar por vocês e seu grupinho.*

O homem ergueu o olhar e Sanguíneo teve de se obrigar a não desviar os olhos

— *A Diablerie precisa permanecer invisível — afirmou o homem. — Temos muita coisa importante em jogo para correr o risco de sermos descobertos tão cedo. Entretanto, agora que o Grotesqueiro cumpriu seu propósito, tal necessidade está chegando ao fim.*

— *Vocês sabiam que Vingança não seria bem-sucedido, não sabiam?*

— *De maneira alguma, e fizemos tudo ao alcance do nosso poder para ajudá-lo.*

— *Não entendo — disse Sanguíneo, se inclinando um pouco para a frente.*
— *O Grotesqueiro não abriu portal nenhum.*

Nunca teve a chance de trazer os Sem-Rosto de volta. Quero dizer. .

O seu plano não fracassou?

— *O plano do Barão fracassou. Nosso plano está bem in-tacto.*

— *Eu não. . Mas como? O homem sorriu.*

— *Ele os chamou. Seu grito de morte foi um chamado aos Sem-Rosto. Nossos deuses estiveram perdidos por milênios, entrin-cheirados do lado de fora da nossa realidade, incapazes de encontrar o caminho de volta. Agora eles sabem onde estamos. — O homem se levantou e abotoou o casaco. — Eles estão vindo, Bil y-Ray.*

Nossos deuses estão voltando. Tudo que precisamos fazer é estarmos prontos para abrir a porta.

O homem se afastou da mesa e a multidão o engoliu. Alguns instantes depois, através de uma breve fresta, Sanguíneo viu o homem com uma mulher, e a fresta se fechou e eles desapareceram.

Sanguíneo deixou o cappuccino esfriar. Outrora, ele já havia adorado os Sem-Rosto, mas oitenta anos atrás, percebera que, se eles retornassem e conquistassem o mundo, ele não gostaria muito do resultado. Ainda assim, um serviço era um serviço, e Sanguíneo não deixava suas próprias crenças políticas ou religiosas interferirem.

Além disso, a Diablerie era um grupo que pagava bem. Sua mão vagou até o bolso do casaco, até o envelope fino escondido ali, e todos os receios fugiram da sua mente. Sanguíneo se levantou e deixou a mesa, andando na direção das duas belas garotas italianas que tinham passado por ele.

COISAS RUINS

O calor aliviou e a chuva veio com a noite. Valquíria se sentou junto ao píer, com seu casaco lustroso e molhado.

Não era o casaco preto, aquele que estava sempre salvando sua vida. Este era azul-marinho, com um capuz que a menina tinha puxado sobre a cabeça. Seus jeans estavam encharcados. Ela não ligava.

Dois dias tinham se passado desde que eles encararam o Barão Vingança e o Grotesqueiro no hospital Clearwater e, apesar da magia científica de Conspícuo, Valquíria ainda estava dolorida. O talho na bochecha tinha sido curado sem nem deixar uma cicatriz, e todos os outros cortes e hematomas tinham desaparecido completamente, mas seu corpo estava rígido e cansado. Valquíria estava viva, porém; então, sempre que sentia alguma dor, não reclamava; apenas se sentia feliz por ainda ser capaz de sentir *qualquer coisa*.

Haggard estava silenciosa e adormecida. O mar vinha com força até o píer e se chocava contra ele, como se quisesse tirá-lo dali, talvez agarrá-lo e puxá-lo para as profundezas. O ar estava fresco e a menina o inspirou profunda, lenta e longamente. Não fechou os olhos. Manteve o olhar na água até que ouviu o carro.

O Bentley parou e os faróis foram desligados. Ardiloso desceu e andou até a menina, com o casaco abandonando na brisa. A chuva se derramava por sobre a aba do chapéu, pingando nos seus ombros.

— Ainda mantendo guarda? — indagou. Valquíria deu de ombros.

— Nem todos os vampiros de Crepúsculo foram infectados ao mesmo tempo. Pode ter havido um ou dois, recém-infectados, que a água do mar não matou. Se nada saltar contra mim até amanhã de noite, então eu acreditarei que estão todos mortos.

— E então você dormirá?

— Prometo. — A menina olhou para o esqueleto.

— Como está o seu braço?

O detetive mostrou-lhe a mão direita e remexeu os dedos enluvados.

— Recolocado e voltando ao normal, graças a Conspícuo. Tivemos alguns dias difíceis.

— É, tivemos.

— Tanith veio vê-la? Valquíria assentiu.

— Passou mais cedo, a caminho do aeroporto.

Disse que o Sr. Êxtase estava cuidando do Grotesqueiro, desmontando ele e coisa e tal.

— Desmontando, separando-o em todos os seus componentes originais para então picar e cremar os pe-daços e espalhar as cinzas. É seguro dizer que o Grotesqueiro não retornará. Ou, se o fizer, será em pedaços bem, *bem* pequenininhos.

— E a armadura de Vil? Ardiloso hesitou.

— Túrido Grêmio está com ela. Aparentemente, planeja escondê-la onde ninguém jamais poderá usá-la pa-ra o mal novamente.

— Você acredita nele?

— Acredito que ele planeja escondê-la até que tenha alguma utilidade para ela.

Valquíria se levantou, ficando de pé ao lado de Ardiloso.

— Você ainda está demitido?

— Estou.

— Mas eles não percebem que foi a ganância *deles* e a burrice *deles* que ajudaram Vingança a escapar em primeiro lugar?

Ardiloso inclinou a cabeça.

— Quem seriam *eles*? Não *há* nenhum *eles*. Grêmio é o Grande Mago, *ele* está no comando. Não há ninguém vigiando os vigilantes, Valquíria.

— Nós estamos. O detetive riu.

— É, suponho que sim.

Uma rajada de vento derrubou o capuz da menina.

Ela não o recolocou.

— Então, o que você vai fazer?

— Vou continuar fazendo o que sempre fiz: resolver crimes e salvar o mundo, geralmente no último segundo. Mesmo assim, admito, desta vez foi *você* quem salvou o mundo. Parabéns, por sinal.

— Obrigada.

— A gente vai levando. Não será fácil, trabalhar sem os recursos do Santuário, mas vamos conseguir. Há algo grande acontecendo. Isso não acabou.

O cabelo de Valquíria estava colado no crânio, e a água da chuva escorria sobre seu rosto.

— Os chefes misteriosos de Sanguíneo.

— De fato. Alguém está trabalhando de maneira oculta, se mantendo fora dos holofotes o máximo possí-

vel. Mas acho que esse momento está chegando ao fim, e que precisamos estar prontos para qualquer coisa que aconteça depois. — O detetive olhou para a menina. — Coisas ruins estão vindo na nossa direção, Valquíria.

— Isso parece ser o que as coisas ruins fazem mesmo.

Com o vento e a chuva, ela quase não sentiu, mas viu a maneira como Ardiloso inclinou a cabeça, em seguida examinando as sensações que o ar trazia à sua pele. As correntes de ar giravam e se contorciam, mas havia um espaço entre elas que o ar atingia, da mesma forma que o mar atingia o píer.

Eles viraram lentamente e viram o vampiro. Os braços da criatura tinham tendões grossos e as veias se destacavam contra a pele branca e molhada. Estava faminto, ainda não tinha se alimentado, e tinha dificuldades para respirar. Mas aquele monstro tinha sobrevivido e agora estava procurando pela primeira presa. Exibiu os caninos afiados e os olhos negros se estreitaram. Os músculos se contraíram.

O vampiro avançou através da chuva e Ardiloso estava em movimento, tirando a arma do casaco; e Valquíria invocou uma chama na mão, se preparando, mais uma vez, para lutar.



Mais um trabalho da parceria da Papyrus Digital & Toca Digital

Digitalização: Lene

Revisão: Yuna

"Os leitores não vão comer nem dormir antes de chegar ao final."

— **Kirkus**

"Repleto de personalidade, humor negro e diversão."

— **Daily Telegraph**

"Com um detetive mordaz, traz uma originalidade necessária para os livros de fantasia."

— **New York Times**

